



ELIANE OLIVEIRA MOREIRA

“ESSENCIALMENTE AGRÍCOLA”?
PROGRESSO, MODERNIZAÇÃO E PROPAGANDA AGRÍCOLA NAS
ENTRELINHAS DA REVISTA *O AGRICULTOR* (1922-1943)

LAVRAS-MG
2018

ELIANE OLIVEIRA MOREIRA

“ESSENCIALMENTE AGRÍCOLA”?

**PROGRESSO, MODERNIZAÇÃO E PROPAGANDA AGRÍCOLA NAS ENTRELINHAS
DA REVISTA *O AGRICULTOR* (1922-1943)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, área de concentração em Desenvolvimento e Extensão, para a obtenção do título de Mestre.

Prof. Dr. Marcelo Márcio Romaniello

Orientador

Prof. Dr. Conrado Pires de Castro

Coorientador

**LAVRAS-MG
2018**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Moreira, Eliane Oliveira.

\ "Essencialmente agrícola\ "? Progresso, modernização e
propaganda agrícola nas entrelinhas da revista *O Agricultor* (1922-
1943): \ "Essentially agricultural\ "? Progress, modernization and
agricultural propaganda in between the lines of *O*
Agricultor magazine (1922-1943) / Eliane Oliveira Moreira. - 2018.
234 p. : il.

Orientador(a): Marcelo Márcio Romaniello.

Coorientador(a): Conrado Pires de Castro.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Lavras, 2018.

Bibliografia.

1. O Agricultor. 2. Especialização agrícola. 3. Modernização e
progresso. 4. Propaganda agrícola. I. Romaniello, Marcelo Márcio.
II. Castro, Conrado Pires de

ELIANE OLIVEIRA MOREIRA

**"ESSENCIALMENTE AGRÍCOLA"? PROGRESSO, MODERNIZAÇÃO E
PROPAGANDA AGRÍCOLA NAS ENTRELINHAS DA REVISTA *O AGRICULTOR*
(1922-1943)**

**"ESSENTIALLY AGRICULTURAL"? PROGRESS, MODERNIZATION AND
AGRICULTURAL PROPAGANDA IN BETWEEN THE LINES OF *O AGRICULTOR*
MAGAZINE (1922-1943)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 30 de abril de 2018.
Prof. Dr. Marcelo Sevaybricker Moreira UFPA
Prof. Dr. Paulo Henrique Martinez UNESP



Prof. Dr. Marcelo Marcio Romaniello
Orientador

Prof. Dr. Conrado Pires de Castro
Coorientador

**LAVRAS-MG
2018**

AGRADECIMENTOS

É praticamente impossível escrever agradecimentos a todos que merecem, motivo pelo qual cogitei em não escrever essa parte da dissertação. Mas seria no mínimo injusto não lembrar, pelo menos, dos mais influentes para a construção e realização dessa etapa, além dos que têm seus nomes assinados na ata da banca. Certamente não conseguirei colocar todos os nomes nesse texto, o que não significa que me esqueci.

Durante muitos anos da minha vida não havia cogitado ou passado em minha mente cursar um mestrado, aliás, eu nem sabia da existência desse curso antes de ingressar na UFLA. Durante grande parte da graduação também não pensei em cursar o mestrado, mas ao iniciar uma pesquisa com o pensamento de Celso Furtado uma centelha começa a surgir e tomar força, apesar das minhas limitações. Desse modo, os primeiros a comporem a lista de agradecimentos são: meu irmão Eduardo, por ter me dado o livro *Formação Econômica do Brasil* e o Professor e orientador Conrado que aceitou inicialmente a orientação de pesquisa na graduação sobre Furtado, em que tive oportunidade de conhecer o pensamento heterodoxo brasileiro. Agradeço-o também pelas contribuições no trabalho do mestrado e no aceite para a coorientação.

Nessa possibilidade de novos conhecimentos agradeço ao grupo de estudos Sociologia & Política, coordenado pelos professores Conrado e Marcelo Sevaybricker, composto por muitos colegas que permaneceram firmes para manter esse espaço de aprendizagem. Em especial à Tatiana, que não me deixou desistir e acreditou em meu trabalho.

Também devo agradecimentos ao GIEPHE (Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação), primeiro pela oferta e disponibilidade para o público geral do curso de preservação de patrimônio do Arquivo Público Mineiro e, segundo, pela aceitação da minha participação no grupo e a oferta de diferentes momentos para a discussão da história como ciência, da história de Lavras e da UFLA. Agradeço ao prof. Ângelo, incentivador do grupo e do meu trabalho. Também agradeço o prof. Josué Humberto, que estimulou a pesquisa e consultas ao arquivo de Campanha.

Agradeço ao Marcelo Romaniello, orientador pela liberdade em todo processo da pesquisa, onde nossas controvérsias me deram forças para aprofundar e questionar.

Agradeço à Patrícia Muniz, coordenadora de Museus da UFLA, ao questioná-la sobre a história da extensão da UFLA me apresentou o objeto de estudos desse trabalho. Deu grande estímulo e compartilhou conhecimentos da área de história. Além dessa contribuição, ainda tinha um projeto de digitalização da revista, ao qual espero ter cooperado. O auxílio com o

equipamento também foi importante.

Deixo meus agradecimento para a equipe da Biblioteca Central da UFLA, ao Nivaldo que autorizou a consulta e digitalização das revistas e, principalmente, pelo auxílio e receptividade dos que tiveram mais próximos nessa etapa: Consolação, Eduardo, Gabriela e Fernanda.

Também agradeço ao Pró-Memória do Instituto Presbiteriano Gammon e suas guardiãs D. Vandinha e D. Vanilda.

Agradeço à Coordenação do PPGDE, representado pela professora Sabrina, com auxílio da Flávia, que ajudou de diversas formas, sobretudo com o empréstimo do equipamento para a digitalização da revista.

Não poderia me esquecer da turma que me acompanhou nessa jornada e realizou o curso de mestrado comigo. Cada um tem uma contribuição fundamental nesse trabalho, se tornaram grandes amigos, acompanharam desde as primeiras aspirações e compartilharam diferentes sentimentos e conhecimentos.

Agradeço aos meus pais Joselina e Dorival, que com o passar do tempo compreenderam e compartilharam comigo esse novo universo que é o meio acadêmico. À minha futura sogra Maria Inês que incentivou a matrícula no mestrado. Ao meu companheiro Fábio que esteve sempre ao meu lado e contribuiu para minha permanência em Lavras, para que o destino me fizesse cruzar com as revistas e realizar esse trabalho. Sou grata às minhas avós Tereza e Caetana (*in memoria*), que por meio de suas histórias de vida me fizeram viajar no tempo e compreender aspectos históricos do desenvolvimento brasileiro, inclusive sobre o êxodo rural e as condições mais extremas de pobreza, mas sem desistir de seguir em frente.

Devo muitos agradecimentos ao sistema de bolsa para estudantes com vulnerabilidade socioeconômica, que sofre grandes ameaças atualmente, pois sem esse auxílio, tendo em vista que mestrado profissional não tem bolsa, não poderia estar escrevendo nenhum desses agradecimentos e muito menos realizado esse trabalho. Agradeço a existência de bolsas, aos que trabalham para ela acontecer e os que lutam para que ela continue. É pelo o investimento nos estudantes e o empenho destes que será possível gerar um impulso para mudanças estruturais e, de certo modo, caminhar para superar a cada dia os obstáculos do subdesenvolvimento.

Para muitas outras pessoas que me apoiaram meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho foi realizado com base na análise da revista *O Agricultor*, publicada pela Escola Agrícola de Lavras, em Minas Gerais, no período de 1922 a 1943. O número de revistas analisadas foram 107, que correspondem a 115 números de edição do total de 136. As etapas desse trabalho se resumem em: mapeamento, digitalização, catalogação e análise das revistas. A pesquisa foi de caráter qualitativo, sendo bibliográfica e documental. Baseou-se na concepção de documento/monumento, que, numa fragmentação da revista, se pretendeu desvendar os mitos e verdades construídos. Com este trabalho pôde-se observar que a revista tinha características comerciais e visava como público produtores agrícolas capitalizados. A influência dos EUA se demonstrou forte, principalmente, pela forma como a escola orientou o seu Serviço de Propaganda Agrícola, percebida pela revista *O Agricultor*. A revista se alinhava às ideias de modernização e progresso da época e tinha a agricultura como promotora do desenvolvimento, pautado na exportação de bens primários. Baseada em modelos estrangeiros, à luz dos países centrais, se difundia a ideia de que o Brasil era um país essencialmente agrícola. Tal preposição mantinha o Brasil em condições desfavoráveis na Divisão Internacional do Trabalho, que ao longo do tempo acentua a condição de subdesenvolvimento. A revista *O Agricultor* difundia um pensamento e comportamento que contribuí para o estabelecimento do capitalismo.

Palavras-chave: *O Agricultor*. Especialização agrícola. Modernização e progresso. Propaganda agrícola.

ABSTRACT

This work was carried out based on the analysis of the magazine *O Agricultor*, published by the Agricultural School of Lavras, in Minas Gerais, from 1922 to 1943. The number of analyzed magazines was 107, corresponding to 115 edition numbers of the total of 136. The stages of this work are summarized in: mapping, digitization, cataloging and analysis of magazines. The research was qualitative character, being bibliographic and documentary. It was based on the conception of document/monument, which, in a fragmentation of the magazine, was intended to unveil the myths and constructed truths. With this work it could be observed that the magazine had commercial characteristics and targeted as public capitalized agricultural producers. The influence of the USA was demonstrated mainly by the way the school guided its Agricultural Propaganda Service, perceived by the magazine *O Agricultor*. The magazine aligned itself with the ideas of modernization and progress of the time and had agriculture as a promoter of development, based on the export of primary goods. Based on foreign models, in the light of the central countries, the idea was spread that Brazil was an essentially agricultural country. Such a preposition kept Brazil under unfavorable conditions in the International Labor Division, which over time accentuates the condition of underdevelopment. The magazine *O Agricultor* spread a thought and behavior that contributed to the establishment of capitalism.

Keywords: *O Agricultor*. Agricultural specialization. Modernization and progress. Agricultural advertising.

LISTA DE SIGLAS

| | |
|---------|----------------------------------------------------------------------|
| ABCAR | Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural |
| ACAR | Associação de Crédito e Assistência Rural |
| AIA | <i>American International Association</i> |
| DIT | Divisão Internacional do Trabalho |
| EAB | Escola Agrícola da Bahia |
| EAL | Escola Agrícola de Lavras |
| EMBRAPA | Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária |
| EPSP | Escola Politécnica de São Paulo |
| ESAL | Escola Superior de Agricultura de Lavras |
| ESALQ | Escola Superior de Agricultura Luiz Queiroz |
| ESAM | Escola Superior de Agricultura de Mossoró |
| ESAV | Escola Superior de Agronomia e Veterinária do Estado de Minas Gerais |
| EUA | Estados Unidos da América do Norte |
| IAC | Instituto Agrônomo de Campinas |
| IIBA | Imperial Instituto Baiano de Agricultura |
| IIFA | Imperial Instituto Fluminense de Agricultura |
| IIFE | Imperial Instituto Pernambucano de Agricultura |
| IPEACO | Instituto de Pesquisa Agropecuária do Centro Oeste |
| IIRA | Imperial Instituto Rio-grandense de Agricultura |
| IISE | Imperial Instituto Sergipano de Agricultura |
| MACOP | Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas |
| MAIC | Ministério da Agricultura Indústria e Comércio |
| MAPA | Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento |
| MEC | Ministério da Educação e Cultura |
| MG | Minas Gerais |
| PCUS | <i>Presbyterian Church in the United States</i> |
| SAIN | Sociedade de Agricultura, Indústria e Comércio |
| SAL | Sociedade Agrícola de Lavras |
| SNA | Sociedade Nacional de Agricultura |
| SP | São Paulo |
| UFBA | Universidade Federal da Bahia |
| UFERSA | Universidade Federal Rural do Semi-Árido |
| UFPA | Universidade Federal de Lavras |
| UFPEL | Universidade Federal de Pelotas |
| UFRB | Universidade Federal do Recôncavo da Bahia |
| UFV | Universidade Federal de Viçosa |
| USP | Universidade de São Paulo |

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| CAPÍTULO I – A REVISTA <i>O AGRICULTOR</i> | |
| 1.1 Novos tempos: o início da revista <i>O Agricultor</i> | 18 |
| 1.2 Influentes: nomes que se destacaram..... | 22 |
| 1.2.1 Oswaldo Tertuliano Emrich..... | 23 |
| 1.2.1 Walter Wolf Saur..... | 23 |
| 1.2.3 O emblemático Benjamin Harris Hunnicutt | 24 |
| 1.3 Revista para quem? | 28 |
| 1.4 O processo de catalogação da revista <i>O Agricultor</i> | 32 |
| 1.5 Fases da revista <i>O Agricultor</i> | 40 |
| CAPÍTULO II – O ENSINO E A EDUCAÇÃO AGRÍCOLA COMO FERRAMENTA PARA A MODERNIZAÇÃO E O PROGRESSO | |
| 2.1 Modernização e progresso: observações em um contexto..... | 43 |
| 2.2 Modernização da agricultura brasileira: a institucionalização de uma ciência para o progresso..... | 46 |
| 2.3 A Escola Agrícola de Lavras e a cultura presbiteriana do sul dos EUA..... | 55 |
| 2.4 As publicações para a agricultura: até o início do século XX | 62 |
| 2.5 Choques de concepções: as práticas de extensão e de difusão de tecnologia no setor agrícola..... | 71 |
| CAPÍTULO III – DESCONSTRUÇÃO | |
| 3.1 Monumentalização: determinação de um lugar e manipulação da memória..... | 80 |
| 3.2 O Discurso Agrícola para o Progresso..... | 82 |
| 3.3 Homenagens e personificação..... | 89 |
| 3.4 A divisão de gênero e afirmação do patriarcado..... | 100 |
| 3.5 Nos dias atuais (2018)..... | 108 |
| CAPÍTULO IV - ESSENCIALMENTE AGRÍCOLA? | |
| 4.1 A Divisão Internacional do Trabalho: aspectos estruturais e o subdesenvolvimento brasileiro | 112 |
| 4.2 Especialização em produtos primários: para uma agricultura de exportação | 116 |
| 4.3 A relação Brasil e EUA..... | 121 |
| 4.4 Organização, defesa de interesses e poder..... | 125 |
| CAPÍTULO V – A DIFUSÃO: DO PENSAMENTO AO COMPORTAMENTO | |
| 5.1 O Serviço de Propaganda Agrícola da EAL | 131 |
| 5.2 A eficiência do agricultor: uma racionalização para lucro | 133 |
| 5.3 Máquinas agrícolas | 135 |
| 5.4 O consumo de insumos: venenos e adubos..... | 141 |
| 5.5 Exposição Agropecuária Regional de Lavras - MG | 146 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 149 |
| REFERÊNCIAS | 155 |
| APÊNDICE A – Lista das revistas <i>O Agricultor</i> catalogadas..... | 170 |
| APÊNDICE B - Consultas publicadas na revista <i>O Agricultor</i> * | 173 |
| APÊNDICE C – Lista catalogação dos sumários <i>O Agricultor</i> * | 176 |

INTRODUÇÃO

O nosso fim é uno, porque a causa da incúria do nosso povo pela agricultura, também é uma só - a ignorância. O nosso *desideratum*¹ é, pois, disseminar, de um modo claro e preciso, os conhecimentos indispensáveis ao inteligente aproveitando das extraordinárias riquezas com que a natureza prodigalizou o nosso torrão natal. O maior dos nossos males advém da ideia corrente, de que a rotina que tem garantido a manutenção dos nossos avós, deve ser continuada. A uberdade do nosso solo, o viço das nossas matas virgens, a amenidade do nosso clima, tudo afirma, conclama alto e bom som, que devemos ser essencialmente agricultores. [...] hoje, nós os organizadores da presente revista, vimos suplicar aos nossos compatriotas, que salvem a nossa pátria e garantam o seu futuro, pelo cultivo racional e científico dos nossos campos (O AGRICULTOR, 1922a, p. 3-4).²

Estes são alguns trechos da apresentação da revista *O Agricultor*, publicada em seu primeiro número em junho de 1922 pelo Grêmio Agrícola da EAL (Escola Agrícola de Lavras), no Estado de Minas Gerais. Devemos considerar que o texto de abertura da revista não exprime apenas os ideais de seus organizadores, mas, também uma compilação de pensamentos e reflexos de sua época. Um ideal de modernização e progresso radicados na agricultura, que espelhava na pujança de países ditos mais civilizados, os países centrais. Esse pensamento era recorrente na época e via nos países da Europa e da América do Norte o exemplo e o modelo a ser alcançado, sem considerar as especificidades de cada país.

A publicação da revista permaneceu até 1943, tendo como último número o 136, quando a EAL já havia se transformado em ESAL (Escola Superior de Agricultura de Lavras). Durante seus 21 anos de existência, a revista passou por várias fases. Com a transformação da EAL em escola superior, a revista reduziu seu ritmo de atividade deixando de ser publicada nos anos de 1939 e 1941. Nos anos de 1940, 1942 e 1943 foi lançada apenas uma revista por ano.

A compreensão do contexto de criação da revista exige uma aproximação com seu ponto de origem, a EAL. A escola tem sua história contada como materialidade das aspirações de Samuel Gammon. Este missionário presbiteriano do sul dos EUA, que desde o final do século XIX mantinha na cidade de Lavras o Instituto Evangélico, seria responsável pela criação da EAL em 1908, com o apoio da Igreja Presbiteriana do Sul dos EUA (em inglês, *Presbyterian Church in the United States* - PCUS). Nessa empreitada contou com o auxílio de Benjamin Hunnicut, também missionário, formado em Ciências Agrônômicas na Universidade do Mississippi, que iria se tornar o primeiro diretor da recém fundada EAL.

¹ Do latim: o que se deseja.

² Com adaptação ortográfica.

Com grande influência norte-americana e com o apoio do poder público ³, o ensino agrícola em Lavras foi se consolidando. Adotando um modelo de ciência e prática, na década de 1920, se instalam prédios na Fazenda Modelo da escola, onde começa uma nova fase.

Um ponto de extrema importância nesse processo foi o envolvimento do poder público, principalmente o Ministério da Agricultura, que era responsável pelo ensino agrícola. O modo como o ensino agrícola esteve envolvido com interesses econômicos é marcado pela influência de associações civis e, inclusive, estrangeiras, que, de certo modo, vão direcionar um modelo de disseminação das ciências agrárias.

Nas páginas da revista *O Agricultor* é possível notar a preocupação com uma modernidade e o progresso baseados em um modelo específico de desenvolvimento econômico, acreditando em etapas do desenvolvimento e na especialização em produtos agrícolas. A revista era um importante veículo de comunicação para a difusão de práticas que favorecessem esse modelo, visadas pelo Serviço de Propaganda Agrícola da EAL. Assim, a escola agrícola e seus alunos findam uma missão: a modernização da agricultura para o progresso, levando a instrução para além dos muros da escola.

Porém, apesar do envolvimento da escola e seu discurso para a instrução por meio da ciência, a revista *O Agricultor* se caracteriza como uma revista comercial. Essas características podem ser percebidas pelo seu preço de venda, propagandas, busca de “fidelidade do cliente” e os enunciados publicados.

Como se pode notar na citação que inicia o presente texto, para os idealizadores da revista, a agricultura carecia de conhecimentos e métodos, visto que os, até então, utilizados, não eram suficientes para trazer o tão almejado progresso. Nota-se que se pretendia causar um rompimento das técnicas que eram empregadas na agricultura brasileira, na qual o acompanhamento das tecnologias modernas era racional e quem não as dominava era “ignorante”. Porém, a tecnologia defendida pela revista era uma tecnologia industrial, a ciência era, portanto, as pesquisas e desenvolvimento da indústria, materializada em produtos e sua aplicação, que era considerada racional e inteligente.

Essa “inteligência” não era provada apenas pela aplicação de produtos, mas, sobretudo, no modo racional de atingir os maiores lucros, com referência a países centrais. Porém, essa referência não incluía uma pauta exportadora com maiores níveis de industrialização, como acontecia nos países centrais, mas uma pauta exportadora em bens

³ A pesar da EAL ter sido uma instituição privada mantida pela Igreja Presbiteriana do Sul dos EUA, o poder público contribuiu com subvenções e leis que favoreceram e mantiveram as atividades da EAL e posteriormente ESAL, até a compra da mesma pelo Governo Federal em 1963.

primários, tendo como perspectiva de mercado esses países. Desse modo, o modelo de progresso que era fomentado, com o forte apoio dos EUA, visava uma especialização em bens primários e uma definição na Divisão Internacional do Trabalho (DIT).

Sendo assim, a pesquisa parte dos questionamentos: como a revista *O Agricultor*, publicada no período de 1922 a 1943 pela EAL/ESAL, pode contribuir para a compreensão de aspectos históricos relativos ao desenvolvimento brasileiro? O que ela tem para nos contar? Que história está nela?

Porém, ciente das limitações dessa pesquisa, não é possível nesse trabalho montar o quebra cabeça que uma investigação da revista pode proporcionar, mas ao menos se procurou colocar algumas peças sobre a mesa.

A fim de aprofundar tal investigação, foi traçado como objetivo do presente trabalho a catalogação da revista *O Agricultor*, no período de 1922 a 1943, tendo como chave os seus sumários. Especificamente, os objetivos foram: analisar e descrever as principais características da revista *O Agricultor*; examinar e compreender a relação ou antecedentes da extensão rural, em seu processo histórico, ao longo das páginas da revista; identificar e desmontar os monumentos presentes na revista; indagar as motivações e função da revista como serviço de propaganda agrícola; investigar como a revista *O Agricultor* se comunicava com os produtores rurais, podendo interferir desse modo em suas decisões como agentes econômicos.

No decorrer das primeiras aproximações com a revista *O Agricultor*, foram levantadas algumas hipóteses que orientaram o desenvolvimento dessa investigação. Inicialmente, há inquietação sobre a possibilidade, ou não, do enquadramento da revista como prática de extensão da EAL, pautadas na assistência ao produtor rural segundo o modelo de difusão de tecnologia, em que a ciência e a técnica são levadas para o agricultor supostamente carente de qualquer conhecimento. Acredita-se que a extensão, e suas concepções, não eram “difundidas” durante os períodos de publicação da revista, ou não tinha a mesma integração às universidades como na atualidade.

Outra hipótese é que o ideal dos EUA, além de acentuar a especialização em bens primários, buscou a implantação de costumes, cultura e produtos norte-americanos em detrimento dos brasileiros. Com os missionários presbiterianos em Lavras e a criação da EAL, acentua a influência missionária presbiteriana do Sul dos EUA, sobretudo, na ideia de modernização da agricultura. A missão teria trago um ideal de progresso humano, o qual deveria ser realizado pelas bases norte-americanas.

Os estadunidenses não teriam considerado as especificidades brasileiras, e sua relação

com a matriz nos EUA viabilizaram uma importação de bens e produção intelectual que irão se desdobrar nas revistas, as quais buscam difundir uma tecnologia que nem sempre é a mais adequada para as especificidades dos produtores rurais, uma vez que as técnicas incentivadas podem não corresponder as suas necessidades ou as condições naturais de cada região específica. Sendo assim, os produtores eram induzidos a uma determinada tecnologia e incentivados, inclusive, ao cultivo de algumas culturas para atender os mercados de bens primários, como o milho e o algodão temas de livro escrito por Hunnicutt.

Além dos temas dos textos presentes na revista, a interferência no comportamento do produtor ocorria por meio das propagandas na revista *O Agricultor*, causando mudanças, desse modo, nas suas decisões como agentes econômicos.

Ainda, observando alguns aspectos da revista e de sua época, pressupôs-se que as publicações tinham como público-alvo grandes fazendeiros, em que o título “*O Agricultor*” correspondia aos donos de terras e de grandes vultos de capital do setor agrícola.

Como hipótese, foi levantado que os textos da revista tinham como base um pensamento positivista com ideias do liberalismo econômico e com a presença de uma representação de um homem afetuoso e com moral elevada, silenciando sobre outras camadas da sociedade. Sendo assim, se reforçariam as velhas estruturas agrárias, baseadas em concentração de renda e grandes extensões de terras.

A investigação também partiu da hipótese de que o Brasil se configurou em um extenso laboratório rural e as tecnologias aqui criadas eram apropriadas por estrangeiros. A linguagem utilizada nas publicações da revista *O Agricultor*, nas décadas de 1920 a 1940, reforçaria a relação de dependência externa, uma vez que incentivava os produtores a adquirir máquinas, equipamentos e manufaturas do exterior, sobretudo da América do Norte. Desse modo, fortalece a assimetria entre países centrais e periféricos, além da apropriação do excedente econômico e da dependência externa. O modelo de progresso incentivado pela revista estudada, complementar, assim, os problemas estruturais do Brasil, que se configuram em obstáculos ao desenvolvimento.

De acordo com o que foi exposto, essa investigação se justifica principalmente pela interpretação com uma perspectiva crítica sobre as publicações da EAL/ESAL, atualmente UFLA, na primeira metade do século XX, de modo específico, a revista *O Agricultor*, que completou 95 anos de lançamento em junho de 2017. Busca-se realizar uma análise sobre revista até o momento não existente, de modo a contribuir com o debate sobre a modernização e difusão de tecnologia na agricultura. Vale destacar a importância de recontar a história com uma nova perspectiva, para que se possam somar as interpretações sobre os acontecimentos.

Além disso, observa-se uma necessidade de realizar um levantamento e registro das primeiras formas de disseminação da “ciência” e tecnologia rural, de forma sistemática, que possa contribuir de alguma forma para o levantamento e registro da memória institucional da atual UFLA.

Sendo assim, a presente investigação se alinha ao Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão pela preocupação em resgatar, de certo ângulo, a articulação da disseminação da ciência e tecnologia por meio de publicações da EAL ao produtor rural, o que é objeto de estudo da extensão e do desenvolvimento, inclusive, por buscar informações que permitam repensar uma estrutura no Brasil para que posteriormente possa contribuir até mesmo para compreensão de aspectos do Desenvolvimento Sustentável.

A fim de dedicar-se a uma análise que possibilite a reconstrução de conteúdos históricos contidos na revista *O Agricultor*, de modo que possam ser demonstrados os acontecimentos históricos por meio de uma nova perspectiva, a pesquisa foi descritiva com abordagem qualitativa e se realizou por meio de pesquisa bibliográfica (fontes bibliográficas referentes à compreensão do contexto e auxílio na interpretação dos dados) e documental.

A lista das revistas *O Agricultor*, utilizadas como principais documentos e fontes para o presente trabalho, estão descritas no Apêndice A e compreendem o período de 1922 a 1943. Os dados amostrais para a pesquisa foram as revistas disponíveis no acervo da Biblioteca Central da UFLA e no Pró-Memória do Instituto Presbiteriano Gammon. Foram encontradas 107 revistas que correspondem 115 números de edição do total de 136, pois algumas revistas se referem a dois números na mesma publicação. A amostra equivale a, aproximadamente, 84,5% das revistas *O Agricultor* publicadas.

Alguns exemplares da revista também foram encontrados no acervo da Biblioteca da UFV (Universidade Federal de Viçosa), porém devido a falta de disponibilidade não foi possível ter acesso a esse acervo.

Como caminhos para a realização da pesquisa, inicialmente realizou-se um mapeamento para encontrar as revistas, que depois de localizadas e possíveis de serem acessadas, foram digitalizadas com o auxílio de uma máquina fotográfica. As revistas de 1 a 6 já haviam sido digitalizadas pela equipe do Museu Bi Moreira, porém faltavam as demais revistas, o que se tornou uma preocupação inicial da presente pesquisa. A digitalização realizada por esse trabalho foi disponibilizada para a UFLA e visa complementar o acervo digital da instituição.

Após a digitalização, foi iniciado o processo de catalogação, baseada nos sumários da revista *O Agricultor*, pelos quais foi possível avançar as etapas da pesquisa e identificar

autores, temas, referências e outros aspectos da revista. A lista dos sumários pode ser conferida no Apêndice C.

Realizados o mapeamento, a digitalização e a catalogação, iniciou-se a investigação, que se baseou numa análise da revista *O Agricultor* como documento/monumento.

É importante ressaltar o conceito de documento adotado pela pesquisa, que rompe com a história tradicional.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 1990, p. 545).

É preciso que o documento seja visto como monumento, em que é preciso encontrar por meio da crítica as condições de produção histórica e, assim, sua intencionalidade. De acordo com Le Goff e Toubert (1977, *apud* LE GOFF, 1990, p. 547-548), monumento é primeiramente uma roupagem, uma falsa aparência, uma montagem, em que é preciso inicialmente desmontar, demoli-lo, desestruturar tal construção e analisar as condições de produção dos documentos/monumentos. É interessante a observação que os autores fazem, na qual o historiador deve repensar a própria noção de documento, até mesmo a própria intervenção do historiador, ao selecionar um documento e não outro atribui a ele o valor de testemunho.

Sendo assim, a revista *O Agricultor* foi analisada como um documento/monumento, em que foi considerada a trama que constituiu sua produção, buscando em sua desconstrução, ou separação de suas peças, encontrar o sentido nele produzido e disseminado, buscando montar um quebra cabeça capaz de representar aspectos de sua época contidos na revista.

É importante destacar que a revista não se configura em um elemento isolado, ela está contida em um conjunto, em intersecção, que representam suas inter-relações com seu mundo, promovendo assim uma produção de sentidos. Desse modo, ela se torna um elemento que uma vez fragmentado pode revelar peças importantes do quebra cabeça.

Em um pequeno resgate do histórico da revista, pode-se observar que o contexto que envolve *O Agricultor* é marcado por diferentes acontecimentos e memórias, que soam como ecos do passado e permeiam o presente, sobretudo da cidade de Lavras (MG) e a atual UFLA (Universidade Federal Lavras).

O presente trabalho está organizado de acordo com o avanço da investigação. O Capítulo I apresenta a revista *O Agricultor* e traz a catalogação da revista, em uma análise para a compreensão do objeto em questão.

O Capítulo II descreve pontos importantes da institucionalização das ciências agrárias no Brasil até o início do século XX, de modo a compreender o contexto que permeia a revista *O Agricultor* e o seu ponto de origem, a EAL. Tendo em vista o contexto do período estudado e ocorrência da forte influência da modernização e progresso para as ciências agrárias, pretendeu-se compreender essa perspectiva. Também, há uma reflexão das concepções de extensão aplicada ao Brasil, uma vez que a revista, compreendida como propaganda agrícola, tem uma relação com as práticas de extensão.

O Capítulo III demonstra algumas características de monumentos encontrados na revista *O Agricultor*, buscando desconstruir os monumentos e identificar as peças do quebra cabeça, como proposto pela metodologia e a concepção de documento/monumento.

Já o Capítulo IV coloca a principal ideia da revista *O Agricultor*, de que o Brasil seria um país “essencialmente agrícola”, em uma escala global, olhando pela ótica histórica o processo da DIT e as relações econômicas externas, com ênfase nos EUA, país que orientou e tem destaque na revista analisada. Além disso, o Capítulo IV incluiu a relação política das associações rurais.

Por fim, o Capítulo V traz elementos identificados na revista da difusão de um comportamento e pensamento observados pelo Serviço de Propaganda Agrícola da EAL e a influência aos produtores rurais. Nesse capítulo, procurou-se demonstrar elementos da relação de empresas estrangeiras, setor agrícola exportador e a difusão de tecnologia, a partir da revista *O Agricultor*.

CAPÍTULO I – A REVISTA *O AGRICULTOR*

1.1 Novos tempos: o início da revista *O Agricultor*

A primeira metade do século XX tem grandes marcos, além das Guerras Mundiais, das tensões políticas, econômicas e sociais, vai se consolidando cada vez mais a expansão capitalista. Na década de 1920 podemos observar algumas tensões que revelam um choque de ideias sobre os próprios caminhos que o Brasil seguia, se intensificava o questionamento sobre o modelo de desenvolvimento, o progresso à luz dos países centrais e o relativo atraso dentro do país. De um lado, os movimentos de artistas e escritores buscavam uma mudança que olhasse para dentro e, de outro, um grupo que se modernizava de modo a conservar seu legado. Enquanto ocorreu a Semana de Arte Moderna em São Paulo, nos dias 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Rio de Janeiro ocorre de 07 de setembro de 1922, estendo até 23 de março de 1923, a Exposição Internacional da Independência, que é considerada um dos maiores eventos internacionais realizados no Brasil e expôs o país numa vitrine para os interesses diversos.

Esses dois eventos, a grosso modo, exprimem uma divisão de ideias e uma disputa de espaço e do modo como pensar o Brasil. Disputa que intensifica uma crescente preocupação conservadora em se reafirmar. Sendo assim, podemos notar uma movimentação de ideias modernizadoras para o progresso, defendidas desde o século XIX, e uma outra vertente defendida pelo movimento modernista do século XX.

O início do século XX representou uma nova faze para a EAL. Fundada em 1908, a escola só foi reconhecida pelo Governo do Estado de Minas Gerais em 1917, pelo Decreto 57.530. Até o início da década de 1920 a EAL funcionava nas mesmas instalações do colégio masculino do Instituto Evangélico, é em 1920 que se lança a pedra fundamental da Fazenda Modelo Ceres, atualmente Campus Histórico da UFLA, e em 1922 foram inaugurados o prédio sede da EAL, Álvaro Botelho, e o alojamento, Carlos Prestes (O AGRICULTOR, 1922b).

É também na década de 1920 que iniciou a saga da Exposição Agropecuária Regional de Lavras, organizado pela Sociedade Agrícola de Lavras (SAL), com o apoio do governo e a utilização das instalações da EAL.

A SAL, por sua vez, também marcava um novo tempo na cidade de Lavras que, assim como a EAL, tinha um ideal de progresso e de modernização da agricultura. Criada

independentemente da EAL, a SAL foi fundada em 03 de maio de 1921 por 25 pessoas ligadas ao setor agrícola. Segundo o histórico da SAL, publicado pelo então secretário da sociedade Benjamin Hunnicutt (1926), logo no primeiro ano iniciou-se a publicação do Boletim da SAL e o planejamento para a realização da Exposição Agropecuária Regional de Lavras. Além disso, a sociedade também levou para o governo uma apresentação contra a demora no despacho do café.

No final do seu primeiro ano, a SAL tinha 62 sócios. O primeiro presidente da SAL foi Custódio de Souza Pinto Filho (Herdeiro do Barão de Ingaí). Segundo o balanço de Hunnicutt em 1927, Altamiro Pinto, filho de Custódio, também foi presidente da SAL e teve dois mandatos consecutivos, sendo o 4º e o 5º presidente da sociedade. Altamiro Pinto publicou na revista *O Agricultor*, no número 32 do ano de 1927, um artigo denominado *Cultura do Café*, que produzia em sua fazenda no município de Lavras.

A nova fase da EAL e o início dessa nova década também marca a criação da associação dos membros da escola. Em 1921, no dia 29 de agosto, foi fundado o Grêmio Agrícola da EAL, associação de alunos e professores, além de contar também com fazendeiros e os chamados “amigos da lavoura” (O AGRICULTOR, 1922a). Conforme relatório anual do Grêmio Agrícola (O AGRICULTOR, 1922c), houve um crescimento no número de sócios, que se encontravam espalhados pelo país. A tabela apresentada no referido relatório (Figura 1.1) demonstra o número de sócios do ano de 1921 a 1922.

Figura 1.1- Número de Sócios do Grêmio Agrícola EAL 1921-1922

| ANOS | Fundadores | Vindos do ano precedente | Entrados durante o ano | Eliminados | | Passados para o ano seguinte | | | | | | | | | | | |
|------|------------|--------------------------|------------------------|-----------------|--------------------|------------------------------|-------------|---|-----|--------------|---|-----|-----------|------------|-----------------|----------------|-------------------|
| | | | | Por falecimento | Por outros motivos | Total | DESSES ERAM | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | Brasileiros | | | Estrangeiros | | | Efectivos | Honorarios | Correspondentes | Membros filios | Outras categorias |
| | | | | | | | H | M | Som | H | M | Som | | | | | |
| 1921 | 31 | — | 11 | — | — | 42 | 40 | — | 40 | 2 | — | 2 | 31 | — | 11 | — | — |
| 1922 | — | 42 | 117 | — | 3 | 156 | 153 | — | 153 | 3 | — | 3 | 31 | — | 125 | — | — |

Fonte: O Agricultor (1922c).

No Estatuto do Grêmio Agrícola, publicada em *O Agricultor* (1922a), são listados as finalidades do Grêmio, que consistiam na realização de seções públicas e privadas para tratar de: “temas agrícolas”, criação de uma biblioteca para uso dos sócios, manter um órgão de publicação, prestar informações aos agricultores com a consulta de “pessoas de autoridade”, quando necessário, quando possível fornecer sementes com preço de custo aos associados e

apresentar aos poderes públicos medidas para a resolução de problemas agrícolas.

Como órgão oficial do Grêmio é lançada a revista *O Agricultor* em junho de 1922. A publicação da revista durou até 1943⁴, publicando 136 números. A revista ao longo do tempo teve algumas fases, mas se manteve por 21 anos. Durante o primeiro ano, a revista era impressa pela Typografia Menecucci, a partir de 1923 a impressão passa a ser do Instituto Evangélico, onde provavelmente os alunos que tinham bolsas de estudos realizavam as impressões, pois os alunos bolsistas exerciam diferentes atividades na escola como condição para o recebimento da bolsa. Segundo Emrich (1926b), a tipografia era localizada no porão da EAL, prédio do atual Museu Bi Moreira.

No período de 1925 a 1928 não há identificação da tipografia na revista, mas em 1929 podemos identificar a impressão pela Tipografia do Instituto Gammon, anterior Instituto Evangélico. No número 132, de 1938, a revista passa a ser impressa pela Imprensa Gammon, arrendada a Antônio Augusto Pereira. Por fim, na revista de número 135, de 1942, a identificação da impressão é da Gráfica Olímpia, do Rio de Janeiro. Na revista de número 136 não há identificação do local de impressão.

Vale destacar, que apesar do trabalho de impressão realizado pelas tipografias, elas não correspondem à edição e redação da revista, que tinha uma organização e diretoria própria. As tipografias atuavam apenas como um terceiro para a impressão das revistas.

Como aponta a própria revista *O Agricultor* (1922a), seu objetivo era disseminar uma racionalidade para a agricultura, pautada em ideais de modernidade e progresso que vigoravam em sua época. Para seus organizadores, a agricultura moderna e racional era a única alternativa para o Brasil se desenvolver. Para isso, a agricultura deveria romper com os chamados modos “arcaicos e irracionais” de produção agrícola e substituí-los pela adesão das importações, morais e materiais, dos países tidos como referência, os países centrais. De acordo com os organizadores da revista, isso só poderia acontecer com o esclarecimento, baseados na luz da ciência, dos que ainda não tinham aderido o modelo proposto, devido ao que se chamava de ignorância.

A ignorância tratada pela revista *O Agricultor* ultrapassa, em alguns discursos, uma falta da busca pelo conhecimento. Ela é referida de modo a diminuir os produtores que não adotassem as novas técnicas, o que significaria conhecimento de acordo com os discursos na

⁴ Apesar de o acervo indicar o ano de 1943 como último ano da publicação da revista, não há registros que possam confirmar com certeza que o número 136, do ano de 1943, foi a última edição da revista. Entretanto, nas buscas realizadas, o número 136 foi o maior número de publicação, não tendo nenhum indício de publicação posterior.

revista. Além disso, a ignorância seria uma forma de negligência dos produtores rurais com o progresso proposto, onde a agricultura e a especialização em bens primários era a grande riqueza do Brasil. Dentro dessa perspectiva de ignorância, o empregado rural é apenas alguém sem sorte, que é prisioneiro dele mesmo, pela falta de conhecimento e de ambição.

Podemos observar que em sua própria natureza a revista já supõe que é uma forma de disseminação de discursos distribuído para o público externo, tendo em vista que o nome, *O Agricultor*, indica que aquela publicação, oriunda da EAL, é direcionada aos “agricultores”, que não seriam necessariamente pessoas acadêmicas. O trecho a seguir demonstra alguns pontos da ideia que os organizadores da revista defendiam e difundiam.

O brasileiro deve compreender, no seu solo, cultivado com inteligência, está a grandeza da pátria. É o que a presente revista pretende mostrar, nos limites das suas poucas forças. Antes os romanos foram em busca de Circinatus, para que ele, deixando a rabiça do arado, fosse salvar a pátria; hoje, nós os organizadores da presente revista vimos suplicar aos novos compatriotas, que volvem a nossa pátria e garantam o seu futuro, pelo cultivo racional e científico dos nossos campos. Assim agindo, nos tornaremos credores da gratidão dos nossos pósteros, e, não ficaremos circunscritos aos acanhados limites do presente, nem reduzidos ao ridículo círculo vicioso que o egoísmo dos nossos antepassados nos legou (O AGRICULTOR, 1922a, p. 7).⁵

A ideia mais presente e difundida na revista é a de que “o Brasil é um país essencialmente agrícola”, e para o aproveitamento dessa capacidade produtiva, deveria ser aderido e priorizado a “racionalidade” e a adoção de materiais modernos. A ciência era associada a uma importância do agrônomo e os novos produtos e métodos. Os países centrais são o grande exemplo utilizado pela revista, sobretudo os EUA. Essas ideias não eram assumidas de forma isolada, pois atribuíam ao governo grande responsabilidade, para a efetivação da modernização e do idealizado progresso.

A revista *O Agricultor* se reconhece como propaganda agrícola, um veículo para a instrução dos modos modernos e eficientes de exploração da terra. É clara a militância na revista por um modelo de desenvolvimento agrícola chamado progresso. De diferentes formas, o discurso apresentado demonstra seu objetivo de propagar um comportamento para o desenvolvimento baseado na produção agrícola.

Além disso, *O Agricultor* é uma revista com características de revista comercial, apresenta preço de venda, assinatura, propagandas, “atendimento ao cliente” e até mesmo brindes para o estímulo de sua venda e fidelidade. A partir de 1930, a revista passa a ter um representante comercial no Rio de Janeiro, Heitor Lamounier (O AGRICULTOR, 1930c).

Com a análise, podemos observar que a revista era um meio comunicação muito

⁵ Com adaptação ortográfica.

importante na época e que representava uma grande função midiática e discursiva, capaz de influenciar seus leitores e uma determinada coletividade.

No início da década de 1920, observou-se que um movimento para a disseminação de um modelo de desenvolvimento agrícola toma forma em Lavras, sobretudo na EAL. Podemos listar como exemplos a criação do Grêmio Agrícola e da SAL, o início das publicações, ampliação da EAL e a primeira Exposição Agropecuária Regional de Lavras em 1922. Sendo assim, a revista *O Agricultor* foi mais um elemento dentro dos acontecimentos e de um movimento pró-desenvolvimento agrícola desse período, fomentado inclusive pela EAL e pelos norte-americanos que a dirigiam.

1.2 Influentes: nomes que se destacaram

A revista *O Agricultor* era composta por diferentes membros da EAL entre estudantes e professores. De acordo com as revistas analisadas, foram listados 49 nomes diferentes. Apesar dos diferentes nomes que compunham a organização da revista, três nomes se destacam: Oswaldo Tertuliano Emrich, que participou de 9 composições de diretoria, Walter Wolf Saur e Benjamin Harris Hunnicutt, esses dois últimos que participaram de 8 composições de diretoria da revista.

A seleção desses três nomes primeiro teve o critério de quantidade em que seus nomes aparecem nas diferentes composições da diretoria da revista, indicando um maior envolvimento e maior tempo de participação da organização. Além disso, foram também os três nomes que mais publicaram na revista, conforme os títulos assinados, 79 títulos para Emrich, 47 para Hunnicutt e 32 títulos para Saur. Das 20 composições de diretorias apenas 03 não tinham os seus nomes, nas outras 17 pelo menos um deles estava na composição.

Houve uma dificuldade para a pesquisa sobre o histórico desses nomes, que se baseou em trabalhos publicados sobre a EAL e ESAL, texto publicado na própria revista e informações em jornais, que contribuem para montar o quebra cabeça. Deve-se destacar que esse tema ainda precisa de novas investigações e aprofundamentos, assim como os demais, que podem ter muito a revelar sobre a EAL e o cenário de suas épocas.

1.2.1 Oswaldo Tertuliano Emrich

Oswaldo Tertuliano Emrich nasceu em 1888, seu pai Julio Emrich, natural de Bom Jardim (RJ), teria se mudado com a família para Lavras por influência dos missionários que fundaram a EAL, por volta do ano de 1907 (MATOS, 2007).

Emrich foi da primeira turma da EAL, formando em 1911 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, 2008). Como grande destaque, foi o primeiro aluno a receber a bolsa de estudos para especialização nos EUA, oferecida pelo Estado de Minas Gerais, de acordo com a Lei 530 de 20 de setembro de 1910, que autorizava o Governo a conceder bolsas para o exterior aos alunos da EAL (ROSSI, 2010). Sendo assim, realizou o intercâmbio na Pensilvânia, no mesmo ano em que se formou, se especializando no *Pensylvania State College*.

A partir de 1912 começou a trabalhar na EAL (ROSSI, 2010). No período de 1930 a 1934 foi vice- diretor da EAL e no ano de 1934 deixa a escola. Emrich também trabalhou no Instituto de Laticínio Cândido Tostes em Juiz de Fora (MG), no qual foi o primeiro diretor no período de 1942 a 1943 (REZENDE, 2017).

Na revista *O Agricultor*, Emrich foi: diretor de 1923 a 1924 e redator de 1925 a 1932, posteriormente volta a ser diretor do período de 1932 a 193? ≤ 1935⁶. Além disso, publicou o livro *Suinocultura*.

1.2.1 Walter Wolf Saur

Walter Wolf Saur estudou na EAL e se formou em 1925, na 19ª turma (UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, 2008). Na revista *O Agricultor*, foi: secretário em 1924, gerente em 1929, redator-gerente de 1932 a 193? ≤ 1935, diretor de 1935 a 1937 e depois em 1938. Também publicou o livro *Publicidade Agrícola* pela EAL.

Além da revista, Saur foi diretor do jornal *Nova Lavras*, lançado em 31 de julho de 1932. A equipe de redatores do jornal era composta por Dilermano L. Corrêa, Sylvio Menicucci, José Hermeto, João B. Alvarenga e Sylvio do Amaral Moreira, estes dois últimos que também participaram como redatores da revista *O Agricultor* (JORNAL DE LAVRAS,

⁶ Devido a disponibilidade do acervo consultado para a realização da pesquisa, não foi encontrado revistas do ano de 1933 e 1934, por esse motivo não foi possível identificar o ano que a diretoria teria mudado de composição depois de 1932, mas sabe-se que em 1935 já tem outra configuração. Sendo assim, sabe-se que o ano que não foi identificado é menor ou igual a 1935.

2014).

Em 1935, atuou como Presidente da Comissão Executiva da 9ª Exposição Agropecuária de Lavras. A revista *O Agricultor* (1935c) menciona que Saur era do Serviço Técnico do Café do Ministério da Agricultura, da seção de Minas Gerais. Além disso, a revista *O Agricultor* (1935a), ao tratar sobre o aniversário do Centro-Lítero Agrícola, refere-se a Saur como Presidente de Honra, uma vez que compôs a primeira diretoria do Centro-Lítero Agrícola, em 1926, como vice presidente.

1.2.3 O emblemático Benjamin Harris Hunnicutt

Uma grande figura para a EAL e para própria revista *O Agricultor*, foi Benjamin Harris Hunnicutt. Natural de Turim no estado de Geórgia nos EUA, nasceu em 25 de setembro de 1886. Em junho de 1905 se formou em Ciências Agrícolas no *Mississippi State College*, recebendo grau de mestre em Ciências Agrícolas na Universidade da Geórgia em 1913. Sua “vocação” para a agricultura teria sido remontada de muitos anos desde seu avô. Hunnicutt era metodista, mas foi aceito pelo Comitê de Missões da PUCS. Em Lavras atuou como professor e diretor da EAL de 1908 a 1926. Além da EAL, Hunnicutt foi presidente do Mackenzie em São Paulo por 18 anos, tendo sido transferido para essa instituição no ano de 1934 (BEZERRA, 2016).

Em 1927 é publicado na revista *O Agricultor* um texto de Hunnicutt que teria sido discursado na Conferência da SNA, em 20 de setembro daquele ano. O título *Duas décadas do desenvolvimento agrícola no Brasil*, denuncia uma auto elevação de Hunnicutt, pois o texto tem o objetivo de falar da percepção e influências de Hunnicutt depois que chegou ao Brasil.

Segundo o texto, escrito pelo próprio Hunnicutt (1927), seu pai tinha grande paixão por agricultura e teria contribuído para o desenvolvimento agrícola do Estado da Geórgia, nos EUA, seu estado natal. O Pai de Hunnicutt também foi professor de latim da escola pública, soldado, comerciante, político, subsecretário de agricultura do Estado, professor de agricultura e botânica da Universidade da Geórgia, redator e proprietário da revista agrícola *Shouthern Cultivator*, pregador conferencista e fazendeiro.

Nota-se que a descrição dada por Hunnicutt de seu pai demonstra uma determinada importância e grande atuação, a qual, provavelmente, influenciou e serviu de exemplo ao filho.

Benjamin Hunnicutt (1927) relata que antes de vir para o Brasil e depois de ter se formado em 1905, foi funcionário da fazenda da família em Atlanta e posteriormente sócio na exploração de outra propriedade, tendo trabalhado nas duas ao mesmo tempo.

Ao tratar do Ministério da Agricultura, Hunnicutt (1927, p.23) escreve o seguinte:

Desejo deixar aqui o meu mais sincero agradecimento aos srs. Ministros, com os quais tenho tido relações mais de perto, e com os quais colaborei de algum modo, drs. Pereira Lima, Simões Lopes e o atual dr. Miguel Calmon. O apoio e a amizade sincera destes meus amigos muito me valeram na minha carreira, e para o desenvolvimento da Escola que dirijo em Lavras.⁷

Podemos observar no trecho acima uma aproximação do norte-americano com o Ministério da Agricultura brasileiro.

Na revista *O Agricultor*, Hunnicutt foi: gerente de 1925 a 1927, redator-gerente de 1928 a 1932, redator de 1932 a 1935 e consultor técnico de 1940 a 1943.

Primeiro diretor da EAL, contribuiu para a organização e criação da escola agrícola em moldes norte-americanos. Apesar de nos dias atuais o nome de Samuel R. Gammon ser o mais citado como criador da EAL, conforme a análise, Hunnicutt representou, em sua época, uma atuação tão forte quanto Gammon, no que se refere a EAL, inclusive pelo óbito de Gammon em 1928.

Ao analisar as revistas *O Agricultor* e outros materiais relacionados a EAL, a figura de Hunnicutt aparece de forma mais notável do que a de Gammon e é altamente elevada pela revista *O Agricultor*, que tinha Hunnicutt como um patrono.

Na Figura 1.2, publicada na revista em 1936, para a comemoração do reconhecimento federal da escola e para a lembrança do lançamento da pedra fundamental da Fazenda Modelo Ceres, pode-se observar que na imagem se destaca Hunnicutt, que segundo a legenda estaria discursando, Gammon aparece do lado direito no canto da foto, quase passa por despercebido se não fosse a legenda indicar sua presença.

⁷ Com adaptação ortográfica.

Figura 1.2 – Lançamento da Pedra Fundamental da Fazenda Modelo Ceres



Fonte: O Agricultor (1936b).

De acordo com os depoimentos de visitantes da EAL levantados por Andrade (2006), nos Cadernos de Visitas da EAL, Hunnicutt tinha um destaque para os visitantes.

Visitando a Escola Agrícola de Lavras, sob a competente Direção Técnica do Dr. Benjamim Hunnicutt, só tenho a dar parabéns a minha Pátria. Aí, nesse campo de estudo da Ciência e das Práticas Agrícolas, observei o quanto poderá, em futuro próximo ser Lavras o grande centro da moderna veia da reforma da nossa Agricultura. Ali, ante a grande força produtiva da terra brasileira, vi o espírito metódico, inteligente, disciplinado do Americano, que é Dr. Benjamim Hunnicutt, trabalhando pelo nosso progresso, tratando a face querida de nossa terra, como se fora a sua própria Pátria (LOPES, *apud* ANDRADE, 2006, p. 104).

Essa figura notável que teria sido Hunnicutt pode ser percebida inclusive pela maior disponibilidade de material encontrado com relação a Emrich e Saur.

Ao ler a revista *O Agricultor* notou-se que Hunnicutt se diferencia dos demais, tido como um grande incentivador e idealizador do Grêmio, da revista *O Agricultor*, e, até mesmo, das exposições realizadas na EAL. Entretanto não é apenas essa elevação que o distingue, a distinção está, sobretudo, por sua atuação política, que ultrapassa até mesmo a EAL.

Hunnicutt não foi apenas um dos fundadores e diretor da EAL, essa foi apenas sua porta de entrada para atuações de grande significação para o pensamento e a política agrícola do Brasil. Deve-se destacar que Hunnicutt esteve envolvido com diferentes associações agrícolas, além da educação. Com base na revista, talvez esteve mais envolvido com o desenvolvimento agrícola do Brasil do que como educador.

Hunnicuttt fez parte da fundação da SAL em 1921, participou da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA) e também foi sócio fundador da Sociedade Brasileira para Animação da Agricultura. Promoveu a criação da Associação Nacional de Criadores de Suínos em 1924, compondo a diretoria como 1º secretário, como podemos observar na publicação do jornal *Correio Paulistano* (1924, p.3).

Realizou-se no dia 12 do corrente, [...] reunião dos interessados na criação a fim de organizar uma sociedade defensora de interesses de classe. Promovida pelo dr. Benjamin H. Hunnicutt, diretor da Escola Agrícola de Lavras, com o apoio franco da liga Agrícola Brasileira, que, além de outros elementos, lhe proporcionou local para a sua sede provisória, teve a nova organização os aplausos dos poderes públicos federal e estadual, conseguindo, nessa primeira reunião a presença de um número apreciável de criadores de suínos neste e outros Estados.⁸

Além disso, foi colaborar da revista *Chácaras e Quintaes* e atuou como Diretor técnico da Exposição Nacional de Milho. No jornal *Pacotilha* (1916, p.1), ao anunciar a Exposição Nacional do Milho na capital mineira, faz o seguinte pedido para solicitação de espaço: “Depois de preenchido a fórmula, deve-se remeter para o Sr. Benjamin H. Hunnicutt, diretor da Escola Agrícola de Lavras, em Lavras, Minas Gerais”.

Em 1926, junto com a 5ª Exposição Agropecuária de Lavras, a EAL realiza também a 5ª Exposição Nacional do Milho, que iria ocorrer no Rio Grande do Sul, mas a SNA e o Ministério da Agricultura decidem pela transferência da exposição, que ocorre na EAL, dirigida por Hunnicutt.

O jornal *Correio da Manhã* (1926), anunciava que Lavras não poderia hospedar muitas pessoas devido ao seu tamanho e aos modestos recursos do município, motivo pelo qual os resultados da 5ª Exposição Nacional do Milho seriam amplamente divulgados. Com base na influência de Hunnicutt podemos perceber certa tendência na transferência da Exposição para a EAL, inclusive, porque a 4ª Exposição tinha ocorrido no Rio de Janeiro em 1918, ficando 8 anos sem outro acontecimento, sendo que já havia sido solicitado a exposição pelo o Rio Grande do Sul.

Grande incentivador da produção de milho e também de suínos, Hunnicutt publicou diversos textos sobre esses assuntos, tanto na revista *O Agricultor* quanto na revista *Chácaras e Quintaes*. Ao analisar a revista *O Agricultor*, vemos um grande volume de textos sobre milhos e porcos, temas especiais de muitas edições, essa é uma das grandes influências de Hunnicutt na revista. Foi também autor dos livros: *O milho: sua cultura e aproveitamento no Brasil*, *O algodão: cultura e commercio*, *Brazil World Frontier*, de 1949, *The story of*

⁸ Com adaptação ortográfica.

agricultural mission, de 1931, e *Brazil looks forward*, de 1945, publicado em Nova York.

Com essa pequena exposição, podemos perceber que houve uma relação de Hunnicutt com uma aristocracia agrária e o poder público do Brasil. Porém, para compreender melhor essa relação e sua influência é preciso um maior aprofundamento, para compreender, até mesmo, a que ponto essas relações teriam representação na relação Brasil e EUA. O que devemos destacar é que Hunnicutt seguiu um novo caminho para as missões presbiterianas norte-americanas, tomando outros rumos além da evangelização cristã.

1.3 Revista para quem?

As revistas como meio de comunicação possuem um mecanismo próprio e uma estrutura que permite organizar diferentes informações em uma única edição, podendo com cada artigo criar um ideário, difundindo um pensamento em seu leitor. “A ligação dialética é facilmente perceptível pela constatação da influência que a difusão da imprensa exerce sobre os comportamentos das massas e indivíduos” (SODRÉ, 1999, p. 1).

Como destaca Sodré (1999), em um estudo sobre a história da imprensa no Brasil, o controle dos meios de difusão de ideias e informações, que reflete inclusive o desenvolvimento do capitalismo, é uma luta que é travada por diferentes organizações e pessoas de diversas situações sociais, culturais e políticas, em que cada um representa uma diferença de interesses e aspirações.

Em uma análise dos Censos do Brasil do século XIX ao XX, Ferraro e Kreidlow (2004) levantam as seguintes informações: do primeiro ao segundo Censo, de 1872 a 1890, o Brasil praticamente manteve as taxas de analfabetismo, sendo de 82,3% em 1872 e de 82,6% em 1890. É só a partir de 1920 que se nota uma tendência na queda dessas taxas, que representou 71,2% em 1920. De 1920 para 1960 a taxa de 71,2% cai para 46,7%, ainda indicando que quase metade da população brasileira era analfabeta em 1960.

Essa tendência na queda do analfabetismo após 1920, pode ser entendida pela força que passa a ter nesse período um movimento em favor da educação, a Escola Nova ⁹, uma inspiração para jovens reformadores que, visavam a criação de políticas públicas para educação (BOMENY, 2003).

⁹ De acordo com Cara (2015), a Escola Nova foi um movimento que defendia uma escola pública, gratuita e laica. Ganhou força com a publicação, em 1932, do *Manifesto da Escola Nova*, também conhecido como *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*.

A tabela a seguir, retirada da Diretoria Geral de Estatística por Bomeny (2003), demonstra a estimativa do analfabetismo em diferentes estados do Brasil no início do século XX.

Tabela 1.1 - Estatística do analfabetismo no Brasil em 1906

| Estado e Distrito Federal | De 1.000 Habitantes | |
|---------------------------|---------------------|------------------|
| | Sabiam ler | Eram analfabetos |
| Alagoas | 200 | 800 |
| Amazonas | 312 | 798 |
| Bahia | 228 | 772 |
| Ceará | 218 | 762 |
| Distrito Federal | 519 | 481 |
| Espírito Santo | 269 | 731 |
| Goiás | 218 | 782 |
| Maranhão | 254 | 746 |
| Mato Grosso | 270 | 730 |
| Minas Gerais | 256 | 744 |
| Pará | 300 | 700 |
| Paraíba | 168 | 832 |
| Paraná | 239 | 761 |
| Pernambuco | 193 | 807 |
| Piauí | 173 | 827 |
| Rio de Janeiro | 231 | 769 |
| Rio Grande do Norte | 204 | 796 |
| Rio Grande do Sul | 326 | 674 |
| Santa Catarina | 257 | 743 |
| São Paulo | 247 | 753 |
| Sergipe | 254 | 746 |
| Total | 5.336 | 15.754 |

Fonte: Brasil (1916) *apud* Bomeny (2003).

Podemos notar, nessas estimativas estatísticas, que, no total da amostra, cerca de 75% dos brasileiros eram analfabetos. Em Minas Gerais de 1.000 habitantes, 744 não sabiam ler, representando assim 74,4 %. No Rio de Janeiro e São Paulo, os números são ainda maiores, cerca de 79,6% e 75,3% respectivamente. Entretanto, não foram encontradas informações que especificassem o meio rural nesse período.

Levando em consideração que a revista *O Agricultor*, em 1922, expedia 500 cópias, ampliando para 3.000 em 1923, atingindo, em 1925, cerca de 10 Estados brasileiros, publicando consultas do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e ainda considerando o corpo da revista, que é essencialmente textos, contendo poucas imagens, podemos considerar que sua repercussão foi considerável para sua época, uma vez que o número de possíveis leitores era reduzido, conforme as estatísticas apresentadas, ou seja, apesar de não representar um número expressivo do total de brasileiros, dentro de um grupo minoritário, os alfabetizados, a revista pode representar determinado volume em sua repercussão, que a torna considerável para esse pequeno grupo.

Já os dados que demonstrem os níveis salariais da época não foram encontrados de

forma objetiva. Muitos autores apontam a falta de registro e, sobretudo, a não existência de um salário mínimo por muito tempo no Brasil. Porém, um artigo na própria revista *O Agricultor*, publicado no número 11, em 1924, com a assinatura O. P., ao propor formas da divisão de lucros com o empregado da fazenda para não ocasionar a falta de braços, também faz uma denúncia às condições de trabalho do meio rural, onde ele aponta que não é possível um pai de família viver com apenas 3\$000 (três mil-réis) diários.

Conforme O. P. (1924a), podemos considerar que um trabalhador agrícola recebia cerca de 3\$000 (três mil-réis) por dia de trabalho, sendo, portanto, muito custoso e até mesmo um gasto desnecessário para esse trabalhador comprar uma revista que tinha o preço de 2\$000 (dois mil-réis) cada, preço da revista *O Agricultor*.

Partindo dessas observações podemos notar que a revista não era publicada para uma classe baixa. O trabalhador rural certamente estava, em sua maioria, dentro da taxa de analfabetismo da época, dadas suas condições de acesso à educação. O. P. (1924a, p. 15) relata sua observação sobre a agricultura do Brasil, que nos revela as relações sociais e a divisão do trabalho: “O estado atual das coisas com respeito a lavoura é este: uma classe elevada, ‘os príncipes da terra’ e do trabalhador escravizado. Ao primeiro todo os proventos e conforto; ao segundo o trabalho, a doença, a necessidade, o rancho esburacado”.

Mas, se aquele trabalhador que lidava diretamente com a terra, a plantação e criação não era o público da revista, resta-nos uma indagação: Quem era “O Agricultor”?

Essa figura, do sexo masculino, vai se revelando conforme as análises e a interpretação do discurso presente na revista. Logo na apresentação podemos observar a seguinte frase: “A **maior tarefa** que pesa sobre os nossos ombros, é exatamente esta: **trazer o** nosso **patrício** ao seu *habitat*, **tornando-o** essencialmente brasileiro, e, portanto, **agricultor**” (O AGRICULTOR, 1922a, p.3, grifo nosso)¹⁰.

Podemos observar na frase acima, que o “patrício” é um público que a revista pretende atrair e influenciar, para que ele se torne o agricultor, apostando assim na nova geração. Inicialmente cabe-nos lembrar do significado de patrício, que foi a representação da aristocracia romana, uma classe importante e que era hereditária.

Outro aspecto importante na frase citada é a expressão “essencialmente brasileiro”, que vai remeter, inclusive pela conjunção *portanto* à frase altamente reproduzida na revista, “essencialmente agrícola”. Além da proposta de DIT, em que o Brasil seria responsável por produtos primários, há na frase citada um discurso oculto de disputa com a indústria, o urbano

¹⁰ Com adaptação ortográfica.

e outras áreas do conhecimento. Os herdeiros das fazendas, os patrícios, não estavam demonstrando mais interesse pela atividade agrícola.

Nota-se o direcionamento da revista que está muito distante do trabalhador rural sem posses. É curioso observar, ao ler a revista, as denominações que os artigos dão para estabelecer diálogos com seu leitor, que são: agricultor, fazendeiro e/ou lavrador. Mas, ao analisar os discursos, podemos notar que os adjetivos se referem ao patronato agrícola, proprietários de recursos para a produção agrícola e que têm condições de implantar uma produção agrícola intensiva, com grande aplicação de capital como máquinas e insumos agrícolas.

Inicialmente, a forma como é colocada a palavra lavrador nos suscita o trabalhador direto com a terra, que poderia ser o empregado, mas ao aprofundar a análise nota-se que é mais uma forma de se dirigir ao proprietário da terra. Catão (*apud* O AGRICULTOR, 1897, p.1), já apontava: “Quando nossos antepassados queriam elogiar um homem, diziam: é um bom lavrador. Este elogio parecia o maior de todos”.

Os adjetivos agricultor e lavrador atribuíam para os proprietários agrícolas uma característica estimada em seus discursos, o labor. Assim lhes imprimia o valor da dignidade pelo trabalho.

É importante ressaltar que, em contrapartida, os trabalhadores rurais serão apresentados nos artigos como: empregado, roceiro, obreiro, camarada, operário rural e colono. A palavra camponês pode ser observada apenas duas vezes nas revistas analisadas. Uma se referia a mulher camponesa da Rússia, em um texto publicado por Lourenço (1930), para falar sobre as mulheres na agricultura. A outra referência como camponês aparece no texto sobre “socialismo agrícola”, escrito por Saur (1931), visa uma apropriação do termo para gerar melhorias de qualidade de vida no campo por meio de filantropia.

Os trabalhadores que compunham o campesinato e das lutas camponesas até a década de 1950 eram denominados no Brasil como caipira, caboclo, caiçara, tabaréu, entre outros de acordo com a região. Em outros países, como na Europa, a denominação já era camponês (Martins,1990).

O perfil da população nas épocas estudadas, em que o grau de alfabetização era muito baixo, evidencia uma seletividade de leitores da revista *O Agricultor*, podendo concluir que apenas uma parcela pequena população, que tinha acesso a educação e poder aquisitivo, poderia ser leitores da revista. Sendo assim, o público das revistas agrícolas da época estudada eram proprietários de terras capitalizados formados por um pequeno grupo.

1.4 O processo de catalogação da revista *O Agricultor*

Como objetivo central desse trabalho, a catalogação da revista *O Agricultor* foi uma etapa que exigiu grande dedicação. Inicialmente foi preciso identificar quais revistas estavam no acervo da UFLA, uma vez que elas não estavam catalogadas e tinham sido transferidas do Museu Bi Moreira para a Biblioteca Central da UFLA há pouco tempo. Antes de serem direcionadas para a coleção de obras raras da Biblioteca, as revistas estavam com as peças arquivadas do Museu Bi Moreira.

Desse modo, realizou-se um levantamento das revistas e a organização dos dados. Foram identificadas 106 revistas de números diferentes na Biblioteca da UFLA, que correspondem a 114 números de publicação, devido algumas revistas corresponderem a dois meses e, por isso, dois números de edição em uma mesma revista.

Vale ressaltar que há números com duplicatas, ou seja, revista do mesmo número repetida, que inicialmente parecia indicar uma baixa procura daquele número, porém analisando a foto da digitalização realizada nesse trabalho, pôde-se notar que alguns números chegaram a pertencer a outros estabelecimentos. Sendo assim, observa-se o retorno de alguns números da revista para a UFLA, provavelmente devido a seu valor como patrimônio histórico.

Na Figura 1.3 podemos observar o carimbo da Biblioteca do Instituto de Pesquisa Agropecuária do Centro Oeste (IPEACO – EMBRAPA), de Sete Lagoas em Minas Gerais, na revista que atualmente está na Biblioteca Central da UFLA.

Figura 1.3 - Marca da Biblioteca do IPEACO - Sete Lagoas MG



Fonte: *O Agricultor*, n. 81, 1932.

Considerando que *O Agricultor* foi publicado até 1943, totalizando 136 números, com 114 números na Biblioteca da UFLA, ficaram faltando 22 números para completar a coleção. Inicia-se aí, uma busca pelas revistas. O local mais próximo foi o Pró-Memória do Instituto

Presbiteriano Gammon, onde havia apenas um número, o 133, um dos que estavam faltando. A saga continuou em busca pela cidade de Lavras (MG), Jacareí (SP) e São João Del Rey (MG), procurando em instituições agrícolas, bibliotecas municipais, arquivos públicos, centro de memória e até mesmo sebos, mas sem sucesso.

A busca foi realizada também pela internet em consultas a acervos de bibliotecas, arquivos públicos, centro de memória e em sites de busca. Somente uma pesquisa teve resultado positivo, a Biblioteca da UFV, que tem em seu acervo 16 números que estavam faltando, desse modo, não foi possível localizar apenas 5 números de toda a coleção da revista *O Agricultor*. Essa busca ocorreu em todo processo da pesquisa, desde a definição do objeto de pesquisa até a elaboração do presente texto, mesmo já havendo realizado a digitalização e a catalogação das revistas encontradas.

A presença da revista na UFV pode ser compreendida pela relação de P. H. Rolfs e a EAL. Na época da publicação da revista *O Agricultor*, Rolfs era diretor da ESAV (Escola Superior de Agronomia e Veterinária do Estado de Minas Gerais), que anos mais tarde se tornaria UFV. P. H. Rolfs foi inclusive colaborador da Revista *O Agricultor*. Conforme as revistas analisadas, publicou 05 títulos na revista *O Agricultor*, além de pertencer ao Grêmio Agrícola e ter outras parcerias com a EAL.

Apesar de haver encontrado as revistas na Biblioteca da UFV, pela pesquisa *online* em seu acervo, não foi possível ir até a Biblioteca para digitalizar e pesquisar as revistas. A existência das revistas na UFV foi informado à UFLA, porém até o presente momento não houve disponibilidade para que a digitalização fosse realizada. O Quadro 1.1 lista as revistas que não foram consultadas pelo presente trabalho.

Quadro 1.1 – Revistas *O Agricultor* que faltaram

| Ref. | Ano | Nº da revista | Local onde foi encontrada | Ref. | Ano | Nº da revista | Local onde foi encontrada |
|------|------|---------------|---------------------------|------|-----|---------------|---------------------------|
| 01 | 1925 | 17 | Não encontrada | 12 | ? | 88 | UFV |
| 02 | 1926 | 24 | Não encontrada | 13 | ? | 89 | UFV |
| 03 | 1926 | 26 | Não encontrada | 14 | ? | 90 | UFV |
| 04 | 1927 | 33 | Não encontrada | 15 | ? | 91 | UFV |
| 05 | 1928 | 39 | Não encontrada | 16 | ? | 92 | UFV |
| 06 | 1930 | 63 | UFV | 17 | ? | 93 | UFV |
| 07 | 1931 | 65 | UFV | 18 | ? | 94 | UFV |
| 08 | 1931 | 68 | UFV | 19 | ? | 95 | UFV |
| 09 | 1931 | 73 | UFV | 20 | ? | 96 | UFV |
| 10 | 1932 | 76 | UFV | 21 | ? | 97 | UFV |
| 11 | 1932 | 87 | UFV | - | - | - | - |

Fonte: Da autora (2018).

No Apêndice A, estão listadas as revistas que foram utilizadas para o presente trabalho, organizadas em: ano da publicação, ano de referência da revista, mês de publicação, número da revista e o acervo onde ela se localiza. Sendo assim, o Apêndice A é também uma lista das referências bibliográficas das revistas analisadas para a pesquisa, sendo 107 publicações, correspondente a 115 números do total de 136, publicados durante todo o período de 1922 a 1943. Desse modo, temos uma amostra de cerca de 84,5 % das publicações.

Após realizar o levantamento das revistas presente na UFLA e no Pró-memória do Instituto Presbiteriano Gammon, foi realizada a digitalização das mesmas. Um projeto de digitalização já havia sido iniciado pela equipe de bolsistas do Museu Bi Moreira, porém, com o término da bolsa dos estudantes, o projeto ficou impossibilitado de continuar, tendo realizado a digitalização de apenas 6 números, disponíveis on-line no Repositório Institucional da UFLA.

Com o volume de informação, a necessidade de consultar mais de uma vez a mesma revista, a disponibilidade de horários da biblioteca e, sobretudo, o estado físico das revistas, a digitalização se tornou o meio viável para a realização da pesquisa, além de compor um acervo digital para a preservação. Ainda, espera-se contribuir para o trabalho realizado pelo Museu Bi Moreira e a Biblioteca Central da UFLA, além de futuros trabalhos sobre a revista.

A catalogação da revista *O Agricultor* consistiu na organização dos dados que formaram diferentes classes, intituladas: Lista do acervo, Lista dos sumários, Diretoria, Autores, Títulos não assinados, Transcrições e Traduções, Obras publicadas, Lista das propagandas, Consulta dos leitores, Homenageados e Entrevistas.

A *Lista do Acervo* corresponde ao Apêndice A, que elenca as revistas encontradas. A classe *Diretoria* contém a lista dos organizadores e administradores da revista em cada período. O nome *Diretoria* é o modo como era denominada pela própria revista a composição de seus membros, tendo em vista esse reconhecimento dos próprios organizadores e administradores da revista, manteve-se tal denominação. Já a *Lista dos sumários*, representa a chave para todas as outras classificações. Nela estão listados todos os sumários das revistas analisadas. Nessa lista estão organizados os títulos de textos e artigos publicados, de modo que possa ser identificado a referência bibliográfica correspondente a cada título. Sendo assim, os campos para essa lista são: número da revista, ano de referência da publicação, mês e ano da publicação, título, autor, homenageado, autor original/reprodução e observações.

O campo homenageado foi preenchido quando o texto homenageava alguém, para facilitar a observação e identificação dessa característica muito presente na revista. O campo autor original/reprodução, foram preenchidos com a identificação da fonte bibliográfica original dos textos, identificando ainda se eles foram transcritos (Transc.) ou traduzidos (Trad.). Essa prática de transcrever e traduzir textos nas revistas era comum em diferentes periódicos.

Ao observar a revista e seus textos foi possível identificar alguns temas tratados como, por exemplo: fertilidade e uso do solo, educação agrícola, pragas das plantas, mecanização, mão de obra rural, produção de leite e derivados, produção animal (suínos, bovinos e aves, em sua maioria), melhoramento de raças, fruticultura, economia doméstica, construções rurais, higiene, administração, contabilidade, produção e exportação agrícola, exposições agropecuárias, entre outros. Foi possível observar nas revistas um “Discurso Agrícola para o Progresso” que permeia diferentes textos e são mais fortes em discursos transcritos, como os de paraninfos de formaturas da EAL, textos sobre exposições agrícolas e nos editoriais.

Com a catalogação dos 115 números da revista *O Agricultor*, foram listados um total de 1.190 títulos. Observou-se que desses títulos há repetições, principalmente pela divisão do texto, que, fragmentados, foram lançados em diferentes números como continuação. Em média a revista tinha 40 páginas por número de edição.

A Tabela 1.2 demonstra a análise, em números, da catalogação da revista *O Agricultor* baseada nos títulos, sem considerar repetições ou continuação do mesmo título em outros números da revista. Destaca-se, que os títulos assinados foram os textos que tiveram identificação do autor. Já os não assinados não possuem identificação, para o qual podemos deduzir que foi elaborada pela própria organização da revista.

Tabela 1.2 - *O Agricultor* em números (catalogação)

| | Quantidade |
|-----------------------------|------------|
| Títulos assinados | 567 |
| Títulos não assinados | 239 |
| Títulos Transcritos | 104 |
| Títulos Traduzidos | 26 |
| Obras publicadas na íntegra | 09 |
| Homenagens | 44 |
| Consultas | 65 |
| Entrevistas | 07 |
| Anunciantes | 207 |

Fonte: Da autora (2018).

A Tabela 1.3 abaixo demonstra as 10 empresas que tiveram maior número de propagandas reproduzidas na revista *O Agricultor*. Vale chamar atenção para algumas propagandas que também pode indicar características importantes da revista, como a International Harvester Export Company, Bromberg & Cia, Bayer, Continental Products, Refinazil, Creolina Pearson, SKF, The National City Bank of New York, Banco de Credito Rural de MG, entre outros. Foi observado que o maior volume de anúncios, de diferentes empresas, era sobre máquinas agrícolas, adubos, farmácias e lojas de importação. Grande parte dos anúncios de lojas como as farmácias eram de origem nacional. As lojas eram instaladas, em sua maioria, no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Já o país de origem de muitos produtos, como adubo e máquinas agrícolas, eram, em sua maioria, dos EUA e Alemanha, também haviam produtos de origem sueca, inglesa e suíça.

Tabela 1.3 – As 10 propagandas mais publicadas na revista *O Agricultor*

| Anunciante | Proprietário/ representante | Atividade | Local | País de origem | Período | Anúncios Total |
|--------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------|------------------|-------------------|-------------------------------------------|-------------------|
| Papelaria Ribeiro | Alexandre Ribeiro e C. | Papelaria | RJ | | 1922- 1937 | 91 |
| Casa Moreno | Moreno e Borlido e Comp. | Artigos veterinários e de Laboratório | BH/ RJ | | 1923- 1932 | 59 |
| John Deere | Lion & Cia | Máquinas agrícolas | SP | EUA | 1923- 1931 e 1935 | 54 |
| Planet Jr. | S.L. Allen & Co. Inc Philadelphia | Máquinas agrícolas | | EUA | 1926- 1932 | 54 |
| Centro de Experiências Agrícolas Kalisyndikat | | Adubação | RJ | Alemanha | 1923- 1931 | 49 |
| General Electric | | Motores e equipamentos elétricos | RJ/ SP/ PE | EUA | 1926- 1932 | 47 |
| Alfa Laval | Hopkins, causer and Hopkins, a partir de 1937 Hansenchever & Cia | Máquinas e equipamentos - laticínios | RJ/SP/ MG | Inglaterra | 1923- 1932, 1937, 1938 e 1940 | 46 |
| Hortulania | C.A. Carneiro Leão | Horticultura | RJ | | 1923- 1931 e 1935 | 44 |
| Carrapaticida Cooper | Hopkins, causer, Hopkins | Pesticida | SP/ MG/ RJ | Inglaterra | 1922- 1924 e 1928- 1932 | 43 |
| Hotel Avenida | | Hotel de luxo | RJ | | 1923- 1927 e 1930- 1931 | 41 |

Fonte: Da autora (2018).

Dos títulos traduzidos ou transcritos 09 tiveram obras, ou partes delas, publicadas na íntegra. Tais obras podem ser observadas no Quadro 1.2.

Quadro 1.2 – Obras publicadas na íntegra pela revista *O Agricultor*

| Título | Autor | Fonte Bibliográfica | Tipo |
|----------------------------------------------------|-------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| Hybridização de Plantas | Gregor Mendel | Host. Society, vol. 26 Parte 1. 1901. (Cópia do trabalho publicado por Mendel em 1865 em <i>Shandlungen des Naur forschenden Vereinos in Brum Bd Aútria</i>) | Tese |
| Influência das máquinas agrícolas sobre o trabalho | Charles Clyde Knight | Tese apresentada à Universidade e Wisconsin (USA) para o diploma de Mestre de Ciência | Tese de mestrado |
| A galinha vermelha e o grão de milho | B. H. Hunnicutt | Traduzido e adaptado do inglês | Fábula infantil |
| Cho-Cho e a Fada Saúde | Eleanor Glendown Griffith | American Child Health Association (Associação Americana de Proteção à Saúde) | Folheto |
| A heróica conspiradora | Assis Cintra | In: Histórias que não se vê na história. Cia Editora Nacional - SP | Capítulo de Livro |
| A Guerra do Lopez | Gustavo Barroso | Cia Ed. Nacional: SP | Livro |
| O circo de Escavalinhos | Monteiro Lobato | Cia Ed. Nacional: SP | Livro |
| Phytophthoras em citrus | Benjamin Harris Hunnicutt Jr. | Excerto da tese Podridão do pé das laranjeiras, apresentada à EAL em nov. 1937 | Cap. Tese |
| Murcha do algodoeiro e quiabeiro | Manoel Alves de Oliveira | Tese apresentada à EAL | Tese |

Fonte: Da autora (2018).

Todas as publicações de obras na íntegra foram autorizadas. Podemos notar que houve autorização de instituições importantes como a Cia Editora Nacional, o que pode indicar certa relevância da revista, seja pela confiança ou pelo preço pago para a autorização. A maioria das obras foram publicadas de forma fragmentada, como por exemplo, *Cho-cho e a Fada Saúde*, dividida e publicada em 6 números. Isso pode indicar uma procura do leitor e um vínculo no acompanhamento das obras. É interessante notar que as obras foram impressas pelos clichês¹¹ mandados por sua fonte, como demonstra a Figura 1.3, em que o texto e os desenhos vieram do clichê da editora.

¹¹ Clichês são prensas de metal fundido e forjadas com uma determinada informação, inclusive imagem. Funciona semelhante a um carimbo, porém é uma espécie de forma tipográfica para impressão em escala.

Figura 1.3 - *O Circo de Escavalinhos*: Clichê da Cia Editora Nacional para a revista *O Agricultor*



Fonte: *O Agricultor* (1929a).

Ao observar os títulos assinados foi possível encontrar autores que tiveram alguma representação em seu tempo e hoje são lembrados como figuras notáveis. Dentre os autores “notáveis” estavam alguns nomes como o já citado P. H. Rolfs, diretor da então ESAV, Firmino Costa, Paulo Menicucci e Vingt-un Rosando, ex-estudante da ESAL e fundador da ESAM (Escola Superior de Agricultura de Mossoró), atualmente UFERSA (Universidade Federal Rural do Semi-Árido). Na Tabela 1.4 estão listados os 10 autores que mais tiveram título assinados.

Tabela 1.4 – Autores com maior número de títulos publicados

| Autores | Período dos títulos | Quantidade |
|----------------------------|----------------------------|-------------------|
| Oswaldo T. Emrich | 1922 – 1942 | 79 |
| Benjamin H. Hunnicutt | 1922 – 1942 | 47 |
| Walter Wolf Saur | 1924 – 1937 | 32 |
| Josué Deslandes | 1922 – 1937 | 15 |
| Benedito de Oliveira Paiva | 1922 – 1937 | 10 |
| Joaquim F. de Carvalho | 1924 – 1937 | 09 |
| John Wheelock | 1922 – 1932 | 09 |
| Klaus Fest | 1935 – 1943 | 08 |
| Mario V. de Oliveira | 1925 – 1935 | 08 |
| G. A. Roberts | 1923 – 1938 | 08 |

Fonte: Da autora (2018).

É importante destacar que Oswaldo T. Emrich, o autor com mais títulos assinados, do período de 1925 a 1931, assinou como autoria todos os editoriais, o que lhe atribui grande número de títulos. Dos 10 nomes listados a cima, 06 fizeram parte da organização da revista. Dos 04 restantes 03 eram professores da EAL. Apenas Mario V. Oliveira não tinha vínculo direto com a EAL. O autor era da Escola de Agricultura e Pecuária de Passa-Quatro (MG).

Durante seus anos de publicação, principalmente no período de 1925 a 1930, a revista teve diferentes colaboradores de outras instituições, os ex-estudantes da EAL, mesmo já tendo se desvinculado da instituição publicavam textos na revista.

Essa análise quantitativa nos mostra as principais ocorrências. A catalogação permite uma compreensão da estrutura da revista. Porém, para poder compreender os sentidos e contar por meio dela aspectos da história, descobrindo que história está nela, é imprescindível uma análise mais profunda do que meramente uma catalogação e quantificação, que só evidenciam, mas não explicam e correlacionam os discursos e acontecimentos. É necessário desvendar o documento/monumento, começando com a fragmentação e a disposição das peças sobre a mesa.

As limitações e restrições de tempo e acesso para o atual trabalho não permitiram um aprofundamento sistemático para montar o quebra-cabeça e desvendar as histórias contidas na revista, mas nos próximos textos procurou-se evidenciar algumas destas peças, encontradas conforme a possibilidade da pesquisa.

1.5 Fases da revista *O Agricultor*

Com a análise da revista *O Agricultor* foi possível identificar quatro fases baseadas na composição da diretoria. A primeira fase corresponde ao período de 1922 a 1924, a segunda de 1925 a 1935, a terceira de 1935 a 1937 e a quarta fase de 1938 a 1943.

Na primeira fase, *O Agricultor* era órgão oficial do Grêmio Agrícola da EAL, havia expressivo número de estudantes em sua diretoria. As publicações tratavam de práticas agrícolas, criação de animais, coluna sobre higiene rural, discursos e assuntos locais, homenagens e propagandas em sua maioria de comércios locais.

A partir de 1925, pode-se identificar outra fase, a revista deixa de ser órgão oficial do Grêmio e passa a ser publicação da EAL e também parte do Serviço de Propaganda Agrícola da EAL, iniciado em 1924. Nessa fase, do período de 1925 a 1928, fazem parte da diretoria apenas Oswaldo Emrich, redator, e Benjamin Hunnicutt, gerente. No ano de 1928, o professor

João José da Silva compõe a diretoria como gerente e Hunnicutt passa a ser o redator-gerente.

Em 1929, João José da Silva deixa a diretoria e em seu lugar entra Walter Wolf Saur. Essa composição vai até o ano de 1932, quando outros professores da EAL passam a ser redatores. Nesse período, Hunnicutt deixa a gerência e passa a ser apenas redator, o motivo pode ser justificado por sua saída da EAL em 1931, pois é alocado pela missão para atuar como secretário executivo da 11ª Convenção Mundial de Escolas Dominicais, realizada em 1932, no Rio de Janeiro, e, a partir de 1933, passa a residir em São Paulo, sendo transferido para o Mackenzie College em 1934 (BEZERRA, 2016).

As obras que foram publicadas na íntegra datam do período da segunda fase, como *O Circulo de Escavatinhos* de Monteiro Lobato. É nesse período também que começam a aparecer as Charges de Raul Pederneiras, a coluna *O Companheiro do Lar*, diminuição de espaços específicos para homenagem e publicação da coluna *Editorial*. Das 65 consultas publicadas na revista *O Agricultor*, 56 estão presentes na segunda fase e, das 07 entrevistas, 06 foram publicadas nessa fase.

Na segunda fase da revista podemos observar uma restrição de participação dos alunos e são publicados artigos de profissionais do setor agrícola de outras instituições como, por exemplo, Christovam Bezerra Dantas, Secretário Geral do Estado no Governo do Rio Grande do Norte. Há um significativo aumento de propagandas, principalmente de produtos importados e de multinacionais do setor agrário, como John Deere, General Eletric, Planet Jr., entre outros. Ainda, a revista apresenta maior qualidade sendo impressa em papel importado, porém como aponta *O Agricultor* (1931b, p. 28):

Há cerca de cinco anos que o nosso *Magazine* se publicava exclusivamente em papel denominado “couchê”, no mercado, importado tanto da Alemanha como dos Estados Unidos da América do Norte, por não se encontrar em nossas fábricas. Não só a crise como o aumento cada vez mais crescente de nossa moeda, colocou-nos cada vez mais em uma situação difícil. A importação do papel que então usávamos tem diminuído bastante, de forma que atualmente no mercado a escolha é muito limitada [...]. Resolvemos, dessa maneira, a partir do corrente mês, empregar papel nacional [...].¹²

Apesar disso, a segunda fase se apresenta como a mais produtiva da revista *O Agricultor*, correspondendo ao maior volume de publicações.

A compreensão do final dessa segunda fase e o início da terceira ficou prejudicado pela ausência de revistas do ano de 1933 e 1934 nos acervos acessados. Mas, conforme a disponibilidade observou-se que a partir do ano de 1935 a revista passa a ser órgão oficial do

¹² Com adaptação ortográfica.

Centro-Lítero Agrícola da EAL¹³, voltando a participação dos estudantes.

Notou-se que a terceira fase representa uma mistura da primeira com a segunda fase, pois voltam discursos proferidos na EAL, a intensidade de homenagens e os assuntos locais. Há uma diminuição das propagandas, mas sem deixar algumas características adquiridas na segunda fase, como a estrutura da revista e maior diversificação de temas. Porém, observou-se que muitos textos foram repetidos de publicações anteriores, sobretudo da segunda fase.

Na terceira fase, no final do ano de 1936, a revista passa a ser órgão oficial do Centro Acadêmico de Agronomia da EAL, mas apesar disso não apresenta mudanças.

A partir de 1938, identificamos a quarta fase, que denuncia um declínio da revista. A publicação passa não só a ser do Centro Acadêmico de Agronomia como também publicação da EAL. Uma curiosidade, é que Hunnicutt, apesar de não ter mais vínculos com a EAL, volta a compor a diretoria da revista como consultor técnico.

Na quarta fase, há uma considerável diminuição no número de publicações, no ano de 1938 foram publicadas apenas 03 revistas, nos anos de 1939 e 1941 não houve nenhuma publicação, já nos anos de 1940, 1942 e 1943, últimos anos da revista, foram publicadas apenas 01 revista por ano, sendo que no ano de 1942 e 1943, ao invés de revista, a denominação passa ser boletim.

O número de propaganda nos últimos 03 anos de publicação é praticamente ausente, apresentando apenas anúncios da própria EAL. A principal característica dessa última fase é a publicação apenas de artigos acadêmicos. É deixada a característica comercial para uma revista acadêmica, em que os artigos começam a ter referencial teórico e embasamento científico, inclusive com demonstrações.

¹³ O Centro-Lítero Agrícola foi uma agremiação dos acadêmicos da EAL fundada em 1926.

CAPÍTULO II – O ENSINO E A EDUCAÇÃO AGRÍCOLA COMO FERRAMENTA PARA A MODERNIZAÇÃO E O PROGRESSO

2.1 Modernização e progresso: observações em um contexto

Tratar de modernização, apesar de aparentemente ser tarefa fácil, requer certo cuidado. Primeiro, temos a palavra modernização sendo dita em diferentes discursos, com diferentes contextos e épocas. No caso da revista *O Agricultor*, modernização é uma palavra recorrente que impulsiona seus textos e está relacionada com o progresso.

Para o presente estudo, devemos observar o que representava modernização para a primeira metade do século XX, especificamente, para o contexto da revista, em uma época que muitas famílias nem se quer possuíam energia elétrica em suas casas. Outro cuidado se refere ao que a literatura tem chamado de modernização da agricultura, muitas leituras sugerem a modernização da agricultura após a década de 1950, quando os planos de governo e a articulação do contexto da época teriam disponibilizado para agricultura maiores modificações de técnicas para a produção, a chamada “Revolução Verde”¹⁴.

Apesar de atualmente se ter tecnologias mais avançadas, em cada época o que motivou a modernização foram avanços significativos não só em técnicas, mas em todo o modo de vida. O que não é moderno hoje pode ter sido moderno ontem, pois

[...] a modernidade tem um significado mais antigo do que o seu sentido atual. Na sua origem etimológica ela significa atualidade: o que é de hoje. Representa uma ânsia e uma inevitabilidade. A opção não estaria em ser ou não ser moderno, mas em o que é ser moderno (qual o retrato do futuro desejado pela sociedade) e o como ser moderno (quais as intenções, prioridades, medidas e instrumentos a serem usados na construção desse futuro) (BUARQUE, 2000, p.14).

Sendo assim, o que se diz na literatura como modernização do campo é relativo, não podendo ter apenas como referência o período pós 1950, apesar desse período ter apresentado grandes modificações no modo de produção agrícola. Porém, entende-se que esse momento

¹⁴ Revolução Verde é tratado na literatura como um acontecimento após a Segunda Guerra Mundial que intensifica uma industrialização da agricultura, em um desenvolvimento rural pautado pela introdução em massa de produtos químicos, bem como as novas tecnologias e biotecnologias. Com o fim da Grande Guerra, os “vencedores”, sobretudo os EUA, em uma expansão dos seus negócios e de suas indústrias, desenvolvidas no período de guerra, propõem tecnologias para intensificar a agricultura e suprir a fome agravada pela guerra. No Brasil a adesão desses produtos vai ser viabilizada, inclusive, pelas políticas públicas e ampliação do crédito rural, tendo como ator marcante os EUA.

pós 1950, não ocorreu isoladamente, ele faz parte de um processo que teria se intensificado no pensamento modernizante dos séculos XIX e XX. Desse modo, o processo histórico da modernização que permeia a revista *O Agricultor*, pode contribuir para preencher a lacuna existente na literatura, para uma compreensão de acontecimentos e processos da modernização da agricultura anteriores a Revolução Verde e a 2ª Guerra Mundial.

Como aponta Guimarães (2000), sobre as observações de Celso Furtado, a permanência do subdesenvolvimento se dá pelos surtos de modernização conservadora, que impedem o recolhimento dos frutos de um desenvolvimento econômico pela reprodução de um sistema similar ao colonial que se corrige e se moderniza ao longo do tempo.

Esses surtos de modernização conservadora, são possíveis, já que a modernização é altamente compatível com a ideia de progresso, causando uma mudança na roupagem em determinados interesses que vai conservar as velhas estruturas sociais e econômicas. Diferente do conceito “novo”, que causa uma ruptura com o antigo, a modernidade é exaltada através do antigo (LE GOFF, 1990). Sendo assim, o moderno não apaga o antigo, podendo conservar sua essencialidade. Pelos surtos de modernização conservadora as velhas estruturas se mantêm ao longo do tempo de longa duração. A busca pelo moderno, e a forma como ele se adapta a esse moderno, camufla a sua identidade conservadora e ele se torna, até mesmo, atrativo. Segundo Le Goff (1990), a modernidade pode significar tanto um progresso, quanto uma regressão.

Para Faoro (1992, p. 8) a modernidade se diferencia da modernização, uma vez que a modernidade compreende um processo autônomo de transformação da sociedade, já a modernização é conduzida por um determinado grupo dominante e representa apenas o interesse desse grupo em detrimento da sociedade.

[...] a *modernidade* compromete, no seu processo, toda a sociedade, ampliando o raio de expansão de todas as classes, revitalizando e removendo seus papéis sociais, enquanto que a *modernização*, pelo seu toque voluntário, se não voluntarista, chega à sociedade por meio de um grupo condutor, que, privilegiando-se, privilegia os setores dominantes. Na modernização não se segue o trilho da "lei natural", mas se procura moldar, sobre o país, pela ideologia ou pela coação, uma certa política de mudança.

Mesmo com períodos de modernização da estrutura brasileira, não haveria transformações que provocassem uma melhora significativa. A industrialização para o mercado interno teria conseguido trazer modificações na estrutura brasileira, porém, sem as mudanças necessárias, a sociedade brasileira ainda se manteve subordinada aos interesses agroexportadores e definida por suas relações externas. Com a Independência o Brasil teria rompido os laços políticos com a metrópole, mas mantendo o mesmo propósito e estrutura social. A abolição da escravatura, por sua vez, provocou a ruptura em aspectos sociais do

trabalho, entretanto, manteve o restante mais ou menos igual. Até mesmo a República, em sua substituição do imperador pelo presidente, conservou a mesma oligarquia (BUARQUE, 2000).

Apesar do moderno nem sempre significar o progresso, para o progresso o moderno é um elemento de renovação e deslocamento para um ponto ascendente. Assim, a ideia de modernização era complementar a ideia de progresso, para o qual era preciso adotar o moderno, uma atualização. Porém, essas ideias eram baseadas no pensamento liberal e promovia a expansão capitalista.

O progresso aplicado ao caso brasileiro, no começo do século XX, representava uma etapa para se alcançar o desenvolvimento e para obter níveis de “civilidade” semelhante aos países centrais, com destaque aos EUA, Inglaterra e França. O progresso era o que deveria movimentar o país na linearidade dessa “etapa” rumo ao desenvolvimento, que se aproximava mais de um simples crescimento, pois não provocava mudanças estruturais. Acreditando nessa “etapa” e numa suposta vantagem competitiva do setor agrícola brasileiro, havia grupos que fomentavam a ideia de vocação agrária do país.

A modernidade representava uma racionalidade pela elevação da ciência e da técnica. Pela ótica da modernidade industrial, após o século XVIII, “[...] a modernidade não opera como criação, mas como aculturação. [...] transição entre o arcaico e o importado” (LE GOFF, 1990, p.185).

O critério econômico torna-se primordial, como se viu, com a introdução da modernidade no Terceiro Mundo. E, no complexo da economia moderna, a pedra de toque da modernidade é a mecanização, ou melhor, a industrialização. Mas, do mesmo modo que Fontenelle via no progresso de algumas ciências um progresso do espírito humano, o critério econômico da modernidade passa a ser entendido como um progresso da mentalidade. E, ainda aqui, é a racionalização da produção que é retida como signo essencial de modernidade. Os grandes espíritos do século XIX já tinham se apercebido disso, como sublinha Raymond Aron: "Auguste Comte conduzia a exploração racional dos recursos naturais, tendo em vista o projeto prioritário da sociedade moderna e Marx deu, do dinamismo permanente, constitutivo da economia capitalista, uma interpretação que ainda hoje continua válida" [1969, p. 269]. Gino Germani, citando o mesmo assunto: "Em *economia*, o processo de secularização significa, antes de mais nada, a diferenciação das instituições especificamente econômicas... com a incorporação da racionalidade operatória como princípio fundamental de ação..." [1968, p. 354] (LE GOFF, 1990, p. 192).

De acordo com Pesavento (1999), no imaginário social há um componente de intencionalidade de manipulação, “ilusão do espírito” ou, ideologia, em que no contexto da modernidade a ideia de progresso faz parte do jogo de representações. Como algo sedutor o

discurso da burguesia louvava as virtudes da sociedade capitalistas, o progresso, a modernidade.

[...] a ideologia do progresso se transformava em uma utopia em que a realização da prometida sociedade do bem-estar, onde os benefícios da ciência aplicada à técnica tornaria a vida mais fácil [...] a imagem, enquanto representação é matriz geradora de práticas sociais (PESAVENTO, 1999, p. 165-166).

As próprias implantações das instituições de ensino agrícola ligou-se a uma política do Estado, cuja preocupação era promover a modernização da agricultura e da sociedade mineira, o que, por fim, implicou em uma política nacional para a diversificação agrícola, a modernização do campo e a formação do trabalhador pela educação profissional agrícola (VERSIEUX e GONÇALVES, 2013).

Podemos observar que a modernização no Brasil, foi a transposição de um tipo de civilização incompatível com as realidades e as necessidades locais. Durante o século XIX, diversos movimentos ocorreram visando uma modernidade, entretanto, em, sua maior parte, ela era pensada em como facilitar a produção e o escoamento da produção agrícola para exportação (BUARQUE, 2000).

Se ansiava um modelo de modernização e progresso voltado para países considerados avançados, sem considerar, muitas vezes, as especificidades do Brasil. Sendo assim, as ideias dos presbiterianos estadunidenses que fundaram a EAL e, assim, a revista *O Agricultor*, eram compatíveis com o pensamento da aristocracia brasileira e de sua classe política, para a difusão de um modelo norte-americano. A revista *O Agricultor* foi mais um veículo para a difusão dessas ideias e une o estrangeiro, o poder público e privado para a defesa do progresso, pelo crescimento econômico do setor agroexportador, inserindo assim o país num plano global.

2.2 Modernização da agricultura brasileira: a institucionalização de uma ciência para o progresso

As motivações e incentivos para a institucionalização das ciências agrárias no Brasil estiveram atrelados, sobretudo, a interesses específicos que se baseavam não apenas na disseminação e evolução do conhecimento, mas especialmente no desenvolvimento de técnicas que atendessem e solucionassem os problemas conjunturais de produtores agrícolas. Isso pode ser observado na própria institucionalização da ciência e ensino agrícola no país,

que terá destaque somente no século XIX, período revolucionário para as indústrias europeias, centenas de anos após a implantação da colônia de exploração agrícola.

Embora os registros da institucionalização dos estudos em agricultura no Brasil datem o século XIX, é importante ressaltar que isso não significa que ela foi nula no país antes dessa data. Deve-se considerar determinado domínio da técnica e da natureza, mesmo que seja apontado como rudimentar, havia a disseminação de um saber empírico, inclusive métodos oriundos de outros países, como as técnicas holandesas para a indústria do açúcar. Não há, portanto, registros de uma organização do conhecimento dentro do próprio país e de instituições que promovessem essa atividade.

Como marco inicial para a institucionalização de pesquisa agrícola no Brasil, Rodrigues (1987), aponta a criação, em 1808, do Real Horto – Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o qual tinha o objetivo de aclimatar diferentes espécies e acabou desenvolvendo experiências com diferentes plantas, inclusive de origem estrangeira. Mas, conforme Dias (1968), no final do século XVIII, pode-se observar o movimento da cultura *ilustrada*¹⁵, orientada pelos brasileiros formados nas principais universidades europeias e que procuravam solucionar problemas de sua terra natal com a realização de reformas. As ideias dos homens ilustrados terão grande força no século XIX com manifestações de uma ideia de progresso e modernização, pautados em um liberalismo moderado e na “vocação agrícola” do país.

A partir da sociedade civil e da cultura ilustrada, se instituiu, em 1827, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN). A SAIN era ligada ao governo, vinculada ao Ministério dos Negócios do Império, foi inspirada na *Société D'Encouragement à L'Industrie Nationale* (1801) da França e na Sociedade Promotora da Indústria Nacional (1822) de Portugal. Não sendo uma associação de classe, a SAIN foi criada no espírito da *ilustração* e se propunha a ser científica, mas ao mesmo tempo tinha em sua estrutura letrados, políticos e homens de negócios, seu objetivo era explorar a natureza de forma a promover o progresso do país (BARRETO, 2008). A SAIN teve grande influência na agricultura e publicou vários artigos sobre a agricultura brasileira, como aborda Lourenço (1998, p. 7-8)

Antiescravidão, valorização do trabalho, adubação, uso de arado, produção camponesa, ensino agrícola: todos tópicos que inauguram em tempos coloniais e persistirão nas sucessivas proposições dos projetos de reforma da agricultura brasileira. A *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional*, fundada em 1827 após a Academia Científica do Rio de Janeiro (1772) e pouco antes do Instituto Histórico e Geográfico (1838), constituiu um marco desse movimento reformador juntamente com a difusão dos métodos modernos de cultivo – adubação, aração, afolhamento (rotação de terras) e ensino agrícola – a *Sociedade Auxiliadora* promove um verdadeiro

¹⁵ No sentido de: instruídos, esclarecidos, dotados de ilustração.

“movimento de modernização” e de construção da “civilização brasileira”. Seu órgão oficial era a Revista *O Auxiliador da Indústria Nacional ou Coleção de Memórias e Notícias Interessantes aos Fazendeiros, Fabricantes, Artistas e Classes Industriais no Brasil, tanto originais, como traduzidas das melhores obras que nesse gênero se publicam. O Auxiliador* (1833 – 1869), além de abordar aquelas questões agronômicas, reúne inúmeros estudos sobre a questão do trabalho – livre e escravo -, e da colonização – oficial e espontânea -, questões centrais quando se queira formar uma nação de homens livres e brancos.

Com a proibição do tráfico negreiro surge uma ameaça para a agricultura brasileira que contava com a mão de obra escrava em sua produção. Diferentemente dos países centrais que já gozavam de maquinário agrícola, no Brasil a produção era pautada no labor braçal dos escravos africanos. Com a anunciação da tendência ao desaparecimento do trabalho escravo, movimentos para a implantação de maquinário na agricultura começam a eclodir e ganhar apoio do império. Em 1833 é publicado o seguinte discurso na revista *O Auxiliador da Indústria Nacional*:

As forças africanas que dispunham os nossos fazendeiros, têm diminuído pela proibição do tráfico, e a sua diminuição dentro de breves anos será muito maior [...] logo, é preciso acudir com máquinas a esta falta e o resultado há de ser em nosso favor como bem prova o sábio economista Say fôra este lugar apropriado para darmos conhecimento dos leitores de reflexões vem fundamentadas de Gowdsmith, provando que o serviço de escravos não se pode comparar ao de homens livres e que a ignorância se eterniza em uma miserável rotina, perdendo os lavradores as incalculáveis vantagens, que podem e devem colher do melhoramento da sua indústria e [...] nos argumentos do sábio inglês e do sábio francês, tiramos a seguinte consequência, e é que a falta de braços no Brasil o obriga ao recurso das máquinas [...] que a experiência os fará melhor conhecer os seus verdadeiros interesses; e que se as luzes se difundirem pelos lavradores, os seus lucros serão mais rápidos [...] (AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL, 1833, p. 19 *apud* DIAS, 1968, p. 168).¹⁶

Apesar de haver preocupação com uma reforma e uma ruptura com o que era chamado de “miserável rotina”, “como muitos dos reformistas admitiam, a prática do sistema extensivo, a ‘brutal rotina’, era perfeitamente racional, pois se adequava à razão primeira dos lavradores: produzir em grande escala e baixo custo” (LOURENÇO, 1998, p.20). É interessante observar que, mesmo com campanhas para a mecanização da agricultura, a substituição do trabalho escravo vai se dar pela mão de obra imigrante e o sistema de colonato.

As dificuldades para agricultura brasileira e a ideia de modernização e progresso sob luz da ciência e de modelos dos países centrais, fizeram com que grupos da aristocracia

¹⁶ Com adaptação ortográfica.

agrícola demandassem a criação de institutos de agronomia (TOURINHO, 1982). O processo de institucionalização se intensifica com a criação dos Imperiais Institutos a partir da segunda metade do século XIX, quando se cria também o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (MACOP), o que demonstra uma preocupação com o setor.

Em 1859 foram criados os Imperiais Institutos de Agricultura na Bahia (IIBA), Pernambuco (IIPA) e Sergipe (IISA), em 1860 o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (IIFA) e em 1861 o Imperial Instituto Rio-grandense de Agricultura (IIRA) (CAPDEVILLE, 1991). Os Imperiais Institutos eram instituições privadas formadas pela associação de grupos de agricultores, porém tinham incentivos do governo imperial e suas atividades eram referidas nos relatórios anuais do MACOP (BEDIAGA, 2011).

Os Imperiais Institutos tinham em seus objetivos ideais para o progresso e como fim apresentavam a criação de escola agrícola, dados estatísticos, introdução de maquinário agrícola, criação e manutenção de periódicos, entre outros (SANTOS, 2010-11). As iniciativas para a criação dos institutos agrícolas estiveram direcionadas ao pensamento da Europa e EUA para o aumento e melhoria da produção agrícola e pecuária, a pauta exportadora de produtos agrícolas estava sendo pressionada pela concorrência de preço e qualidade e o império dependia do setor agrícola (BEDIAGA, 2011).

Apesar dos movimentos para fomentar o ensino agrícola e um determinado progresso, o Imperial Instituto Pernambucano de Agricultura não teve um destino duradouro. O IIPA pode ser considerado extinto a partir de 1871, os autores apontam que ao analisarem os relatórios de presidentes da província ao longo de 1860, notaram uma completa inatividade do Instituto (DABAT e PERES, 2015). O IISA também teve destino semelhante ao IIPA, porém, não foram encontrados registros da data em que foi extinto. Havia insatisfações do império com o IIPA e o IISA, que não apresentavam nenhuma dinâmica. Os comentários sobre o IISA no relatório do MACOP de 1886, que trata do desaparecimento desse Instituto, aborda que a tempos ele já não satisfazia os objetivos para o qual foi criado (BEDIAGA, 2011).

A criação de uma escola agrícola em Sergipe ocorrerá apenas em 1901 pelos Salesianos de D. Bosco, fundando a Escola Agrícola Salesiana São José de Tebaida que funcionou até 1922. Os católicos, preocupados com a forte atuação dos protestantes, se instalam na região nordeste fundando a primeira escola agrícola da região, que apesar de ser destinada para meninos pobres e órfãos, inclusive filhos de colonos, teve alunos que pagaram pelo ensino, para os quais a justificativa era a insuficiência de recursos financeiros para manter a escola (BONIFÁCIO, 2017).

Outra escola que marcou o ensino agrícola em Sergipe foi a Patronato São Maurício,

criada em 1924, que deu origem ao atual Instituto Federal de Sergipe – Campus São Cristóvão. Assim como a Escola Salesiana, o Patronato tinha como objetivo o ensino de meninos pobres e órfãos. As escolas agrícolas eram destinadas a meninos considerados desvalidos de um ponto de vista moral e que tinham dificuldades para a inserção no meio social. O ensino do ofício da agricultura era considerado, nessa época, como meio para a formação desses meninos e os preparavam como mão de obra especializada. Além do ofício, o ensino era composto por um conjunto de práticas civilizatórias como higiene, formação moral e religiosa (NASCIMENTO, 2004).

O IIBA e o IIFA tiveram uma maior dinâmica sobre a agricultura brasileira. Foi a partir do IIBA que se institui a Escola Agrícola da Bahia (EAB). Araújo (2004) aponta que a EAB iniciou no ano de 1877, em São Bento das Lages. De acordo com o Memorial do Ensino Agrícola Superior da Bahia (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAIANO, 2018), as origens mais remotas da EAB têm como marco o ano de 1904, em que o IIBA é extinto e seus bens são repassados para o Estado, esse último que, em 1905, reorganiza a escola, que passa a ser o Instituto Agrícola da Bahia. Em 1911, ela passa a ser do Governo Federal e depois de muitas reorganizações, interrupções e mudanças a escola é transferida para Cruz das Almas em 1940. No ano de 1967, incorpora à Universidade Federal da Bahia (UFBA), até que, em 2005, se torna a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Houve uma força hegemônica da elite agrícola na criação do Imperial Instituto e também da EAB, assim como na manutenção destes.

Analisando as origens sociais e geográficas não só da diretoria do IIBA, mas também, e principalmente, dos estudantes da EAB, é possível vislumbrar estas instituições enquanto aparelhos privados de hegemonia de uma fração das oligarquias rurais baianas. Compreendendo que a hegemonia primeiramente pressupõe a direção intelectual de uma dada fração sobre o conjunto das demais integrantes do bloco no poder e, em seguida, sobre os segmentos sociais dominados, constituir-se como classe dirigente, frente às demais frações dominantes, tem como elemento estratégico a formação de seus quadros. Neste contexto histórico particular isto se desenrola sob o discurso da luz da ciência, mas camuflando/dissimulando uma estrutura social eivada de interesses de classe (ARAÚJO, 2004, p.4).

No Rio de Janeiro o IIFA teve suas atividades encerradas pouco após a proclamação da República, mas durante sua existência causou grandes influências, foi responsável pelo Jardim Botânico nos anos de 1861 a 1890, publicou a *Revista Agrícola* de 1869 a 1891 e manteve o Asilo Agrícola a partir de 1869, que era espelhado no modelo suíço e visava proporcionar a educação primária de órfãos encaminhados pela Santa Casa (BADIAGA, 2011).

Bonifácio (2017), ao tratar das escolas Salesianas em Sergipe, demonstra que, em um relatório sobre a visita do padre Lasagda ao Rio de Janeiro no século XIX, foi levantada uma observação sobre as colônias agrícolas que atendiam os meninos órfãos, pela epidemia de febre amarela. O padre chama a atenção para o retorno desses meninos às ruas, ocasionada de fugas, que, segundo ele, acabavam presos ou mortos.

Estas constatações e as observações realizadas por Nascimento (2004), sobre a formação de uma chamada “inteligência rude” para o braço operário, provoca-nos uma reflexão para as próprias condições humanas e sociais dos que apresentavam certo grau de vulnerabilidade e resistência dentro de um modelo de sociedade civil instalado e dominante no Brasil, o que nos leva a refletir sobre a própria função do ensino agrícola e a valorização do trabalho, pois quem não se submetia ao labor era considerado vagabundo, um mal para a sociedade. Ainda, aspectos da dimensão e divisão social do trabalho também se tornam motivo dessa reflexão, uma vez que determinadas regiões e classes vão sendo atendidas por diferentes instituições de ensino e especialização.

Na revista *O Agricultor* de número 11, de 1924, também são levantadas observações sobre uma educação agrícola no ensino primário, que expõe um posicionamento e demonstra uma dualidade no ensino conforme a classe social.

A difusão do ensino agrícola nas escolas públicas e particulares é uma grande necessidade. É necessário que as escolas despertem na mocidade o gosto pelas coisas da Natureza, especialmente agrícolas. Primeiramente, porque alta porcentagem dos alunos vem das fazendas ou propriedades agrícolas. Segundo, porque grande número pertence a classe menos favorecida pela sorte, sendo indispensável que as crianças aprendam a trabalhar, tornando-se assim um elemento útil à família e à sociedade. Terceiro, porque oferecem um exercício agradável, aliado ao útil. Quarto, desviam em grande maneira a mocidade do vício e da ociosidade, divertindo-se numa coisa nobre. Quinto, concorrem para a difusão agrícola, produzindo o barateamento dos gêneros de primeira necessidade. Sexto, despertam amor pela terra e seus produtos, tornando-a mais patriota. Sétimo, é o meio mais eficiente para se combater o empirismo da rotina agrária. Os velhos agricultores custam mais a mudar os velhos costumes, ao passo que a mocidade assim já se educa com ideias mais liberais e vantajosas (EMRICH, 1924, p.10).¹⁷

Já no que se refere ao IIRA, no portal de legislação do Governo Federal é possível encontrar o decreto de criação do Imperial Instituto Rio-grandense de Agricultura, Decreto nº 2.816 de agosto de 1861. Mas, de acordo com a *Revista do Archivo Público* (1922, p.42 *apud* ZARTH, 2006, p. 4) o projeto de criação do instituto nunca teria saído do papel.

O primeiro registro sobre a institucionalização do ensino agrícola no Rio Grande do Sul

¹⁷ Com adaptação ortográfica.

foi em 1881, quando tomou-se a iniciativa de criar a Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel. A família de Eliseu Maciel era a principal idealizadora da escola, o prédio foi construído em 1883, porém as aulas não se iniciaram devido a falta de docentes (OLIVEIRA, 2013). Com a finalização da construção do prédio, o Governo Imperial propôs a instalação de uma escola de nível superior de agricultura e veterinária com a direção do francês Rebourgeon, substituindo o projeto original pela Imperial Escola de Medicina Veterinária e Agricultura Prática (ZARTH, 2006). Diferentes entraves ocorreram, até que em 1888 se iniciam as aulas. Apesar das dificuldades enfrentadas e de transformações ao longo dos anos, a Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel foi o ponto de origem da atual Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) (OLIVEIRA, 2013).

Em São Paulo, no ano de 1887, cria-se a Imperial Estação Agrônômica de Campinas. A estação se organizou definitivamente em 1890 e, a partir de 1892, passou a ser estadual e posteriormente mudou o nome para Instituto Agrônômico de Campinas (IAC), que permanece até os dias atuais. O IAC é responsável por pesquisas e sua disseminação, dentre seus objetivos a estação desenvolveria pesquisas de plantas com relevância econômica para o país como o café, a cana de açúcar, o milho, algodão e trigo. O IAC também é responsável por um Boletim Técnico que divulgava suas pesquisas e estatísticas agrícolas (RODRIGUES, 1987).

No Estado de São Paulo, também se destacam a Escola Politécnica de São Paulo (EPSP) e a Escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz”. A EPSP foi idealizada por Antônio Francisco de Paula Souza, instituída em 1893 pela Lei 191 de 24/08/1893 e publicada em 07/09/1893 no Diário Oficial do Estado de São Paulo. Fomentada pelo Estado, a EPSP manteve o curso de Engenharia Agrônômica de 1894 até 1911 (DIAS e CARDOSO, 2014).

Já a Escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz”, atualmente Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (ESALQ-USP), foi idealizada por Luiz de Queiroz, membro da elite paulista, em 1881, porém teve início apenas em 1901. A escola era administrada pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, em nível médio. Com a fundação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, a escola agrícola é integrada na universidade (MOLINA e JACOMELI, 2016).

Em Minas Gérias vários estabelecimentos para o ensino agrícola também foram criados. Um dos registros mais antigos remete-se a criação da Escola Agrícola da União da Indústria (1864-1884) em Juiz de Fora. Em pesquisa realizada por Mattos (2015), denota-se que o modelo se caracterizava como um instituto de estudos clássicos em agricultura. O autor atribuiu como um grande impedimento para a continuidade da escola a morte de seu fundador e mantenedor, Mariano Procópio Ferreira Lage, e lembra que desde o início muitos já

julgavam o modelo da escola como insensato.

Criar a escola agrícola União indústria em moldes de escola tradicionais de estudos clássicos, como a famosa de Grignon, foi a glória e a ruína dessa instituição; glória, por ter inaugurado os estudos clássicos em agricultura no Brasil e ao mesmo tempo a ruína, por ignorar as reais condições da sociedade e da própria atividade agrícola no Brasil nesse contexto (MATTOS, 2015, p.132).

Prado Pimentel, em uma mensagem a Joaquim José Sant'ana em 1880 (*apud* BOTELHO, 2009, p.42), relata que vários estabelecimentos para difundir o ensino profissional foram criados em Minas no final do século XIX, pelas Leis: 2.228 de 14/06/1876; 2.543 de 06/12/1879 e 2.634 de 07/01/1880, compreendendo o Instituto de Menores Artífices na capital mineira, em Pouso Alegre e Montes Claros, e também o Lyceo de Artes e Ofício em Serro.

A fala de Theophilo Ottoni, então presidente do Estado de Minas Gerais, à assembleia em 1881, versa sobre o fim almejado para esses estabelecimentos, que deveriam reduzir a teoria e desenvolver ensinamentos práticos, apenas com algumas noções de teoria. Uma das justificativas para a redução do ensino teórico seriam os elevados custos. Para uma elevação da Província de Minas, Theophilo Ottoni destaca os desejos de seus governantes para os melhoramentos morais e materiais (BOTELHO, 2009, p. 48).

Em 1893, para o ensino agrícola, é criada a Escola Dom Bosco em Cachoeira do Campo (MG), instituição Salesiana, mesma instituição da escola criada em Sergipe no ano de 1901. A Escola Dom Bosco em Minas Gerais teve duração efêmera, começando as atividades em 1896 e encerrando em 1897. Apesar da escola ter como objetivo atender os órfãos, alunos de diferentes classes sociais ingressaram na escola, inclusive por apadrinhamento político (GONÇALVES NETO, 2013).

Também funcionaram em Minas Gerais outras instituições, como a Escola Agrícola do Vale do Piracicaba do Mato Dentro em 1880, posterior Instituto Agrônomo de Itabira do Mato Dentro, que encerra as atividades em 1898 (BOTELHO, 2009). Além disso, foram criadas a EAL em 1908, o Instituto João Pinheiro em 1909 e ESAV em 1926.

A expansão do ensino agrícola em Minas Gerais teve como grande parâmetro o Congresso Agrícola Comercial e Industrial ocorrido em 1903, em Belo Horizonte, que teria influenciado fortemente João Pinheiro. As medidas em favor do ensino agrícola foram apresentadas em 1907 e tinham como objetivo ministrar o ensino elementar para crianças e adultos, compreendiam as escolas práticas e as fazendas modelo, que também divulgavam as vantagens da mecanização agrícola. O discurso enfatizado na época era voltado para a

valorização do trabalho no campo e a busca por progresso, o problema agrícola foi visto também como um problema da educação (FARIA, 1996, *apud* ROSSI, 2010, p. 30).

Segundo Versieux (2012, p.37),

[...] o ensino agrícola as elites mineiras visaram não apenas a instruir tecnicamente os trabalhadores para o serviço do campo, mas, sobretudo, inculcar-lhes valores e comportamentos necessários à subordinação dos trabalhadores ao capital que se formava naquele momento, além de reduzir, com a mecanização, a dependência em relação aos braços humanos no trabalho agrícola, então a principal fonte de riqueza do Estado e das elites.

É importante destacar que nesse processo de institucionalização da ciência agrônômica no país houve grande atuação do setor privado, muitas instituições eram privadas, apesar de receber subvenções do Estado.

A Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), assim como sua antecessora a SAIN, teve grande influência para o prosseguimento da institucionalização do ensino agrícola, além de apoiar o ensino foi responsável pela criação do MAIC (Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio), que vai se tornar a instituição responsável pelo ensino agrônômico.

Conforme o período de estudo da presente pesquisa, duas legislações são ainda fundamentais para compreender a ação pública perante o ensino agrícola no país, que são o Decreto nº 1.606, de dezembro de 1906, e o Decreto nº 8.319, de 1910, do Governo Federal. O Decreto nº 1.606, editado no Governo de Affonso Penna, recriou o Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, que na segunda metade do século XIX havia sido extinto. Nesse ato de recriação, ficava estabelecido que o Ministério fosse encarregado pelo estudo e despacho de assuntos referentes à agricultura e indústria animal, com atribuições relacionadas, inclusive, à comunicação de informações, propaganda, publicidade e divulgação de assuntos que interessassem à agricultura, indústria e comércio, tanto no interior quanto no exterior (PEIXOTO, 2008).

Já o Decreto nº 8.319, de 1910, trata de aspectos decisivos para a disseminação da ciência e tecnologia em meados do século XX. O Capítulo XL do decreto, artigo 359, trata de Cursos Ambulantes de Agricultura, os quais objetivavam a instrução profissional dos agricultores que tinham impedimentos para realizar os cursos regulares. O Capítulo XLII, por sua vez, tratava das Consultas Agrícolas, em que os institutos de ensino agrícola tinham obrigatoriedade em atender consultas recebidas dos agricultores criadores ou profissionais da indústria rural (PEIXOTO, 2008).

É importante observar nessas legislações o enfoque dado aos serviços de disseminação de ciências sobre a agricultura, que, embora não venham denominadas como práticas de

extensão, buscavam, a seu modo, dar acesso a um tipo de disseminação do conhecimento que vão além dos limites das instituições de ensino agrícola. O modo como isso era realizado é passível de uma reflexão crítica, pois vai evidenciar, inclusive, como eram os pensamentos políticos da época, observando por quais bases se davam suas políticas públicas.

Como lembra Otranto (2017), até o ano de 1967, o ensino agrícola era vinculado às pastas de agricultura, Secretarias Estaduais e ao próprio Ministério de Agricultura. Somente com o Decreto 60.731, de 19 de maio de 1967, é que o ensino agrícola passa para o Ministério de Educação e Cultura (MEC).

Nota-se que essa vinculação representa interesses específicos, ligados ao que se referia como progresso e a um determinado grupo da produção agrícola. Como se pôde observar, a institucionalização das ciências agrárias no Brasil teve forte correlação com aspectos políticos e econômicos. Essa institucionalização provocou uma mudança no comportamento e no pensamento de parte da elite agrária, que cada vez mais levantou a ideia de modernização e progresso, principalmente por meio da agricultura.

A forma como se deu o processo de institucionalização de pesquisa e ensino da agricultura no Brasil, levaram para um entrelaçamento da pesquisa, ensino, difusão, propaganda agrícola e extensão rural, além de problemas sociais, econômicos e políticos. Apesar de esse entrelaçamento poder sugerir melhorias estruturais ao país, isso não ocorreu de forma efetiva, pois trata-se de uma reorganização conservadora.

2.3 A Escola Agrícola de Lavras e a cultura presbiteriana do sul dos EUA

A cidade de Lavras em Minas Gerais tem como uma referência atualmente o Campus da UFLA, que advém de um longo processo histórico iniciado nos primeiros decênios do século XX. Suas origens mais remotas têm como marco inicial a criação da EAL, sede da revista *O Agricultor*. Criada em 1908, a EAL irá sofrer diferentes transformações, se tornando ESAL em 1938. Em 1963 a ESAL foi comprada pelo governo federal e se manteve até o ano de 1994, quando se institui a UFLA. Portanto, investigar a EAL é dar mergulhos profundos na constituição e na própria estrutura da UFLA.

É possível notar na atualidade a associação que é feita entre a UFLA e o Instituto Presbiteriano Gammon, anteriormente Instituto Evangélico, localizado próximo da universidade. Está na memória de algumas pessoas a relação de Samuel Gammon com a criação da EAL, figura que é reconhecida pela existência da atual UFLA. É importante

destacar que a figura de Gammon nessa relação não é neutra, pois está associada aos EUA, sobretudo, à missão da PCUS.

Para investigar a EAL e assim a revista *O Agricultor*, se faz necessário primeiramente aprofundar e compreender a relação entre Samuel Gammon, a Igreja Presbiteriana do Sul dos EUA e a EAL.

A criação da EAL partiu dos missionários da PCUS, que já estavam no Brasil desde o século XIX e tinham missão em Campinas, atuando no Colégio Internacional. Porém, devido a uma crise financeira da instituição e ao surto de febre amarela, que fez diversas vítimas, entre eles missionários e alunos, deixaram o estado de São Paulo e vieram para Lavras em Minas Gerais, onde se instituiu inicialmente o colégio para o ensino primário, o Instituto Evangélico (DIAS, 2009).

A missão presbiteriana no Brasil, por sua vez, envolve diferentes aspectos que são de extrema importância para a compreensão do pensamento que permeou a EAL e a ESAL. Para que o protestantismo se estabelecesse no Brasil uma das estratégias mais utilizadas, ainda no século XIX, foi a criação de “identidades” como marcas da atuação protestante no Brasil, que eram vinculadas às causas como progresso, civilização e modernidade, comuns nesse período, se tornando um discurso que disseminou entre os missionários e os órgãos de comunicação religiosa, em um momento que o Brasil vivia entre a desintegração e a consolidação de um Estado Nacional. As investidas missionárias que mais se destacaram foram de origem norte-americana, dentre eles presbiterianos e metodistas, em que os EUA era apresentado como o ápice da nação moderna (SEIXAS, 2010).

Em um país predominantemente católico, houve grandes obstáculos para a evangelização protestante no Brasil, inclusive pela relação do clero com o poder político. Com as mazelas presentes no país, o pensamento protestante buscava cada vez mais alinhar suas missões à libertação da nação tida como atrasada, a qual, segundo eles, a religião católica havia condenado. A ignorância era, portanto, o grande alvo dos missionários, que tinham a educação como libertação e evangelização. Para os religiosos presbiterianos, o programa educativo era uma necessidade de sua obra missionária, mas para conseguir seus objetivos de evangelizar era preciso ir além da conversão, sendo necessário alfabetizar e estimular os membros da sociedade nacional à leitura da bíblia (CLARK, 2005).

As missões religiosas protestantes, associadas às motivações teológicas¹⁸, acompanharam com proximidade a expansão do imperialismo norte-americano em diversos

¹⁸ O autor afirma também que os norte-americanos alimentavam um messianismo nacional, em que é

continentes, em que Deus havia elegido tal nação para a redenção do mundo, não apenas religiosa, mas se estendia ao campo moral e político (CLARK, 2005).

A profunda convicção alimentada pelos americanos de que sua nação tinha sido escolhida para uma missão universal foi nutrida e sustentada através da Guerra Civil e recebeu um novo batismo de poder no período que se seguiu. Muitas forças se combinaram para exaltar o papel do Destino Manifesto na consciência americana. A partir do darwinismo os americanos tiveram a intuição de que pela seleção natural os Estados Unidos tinham se tornado uma nação superior destinada a dirigir os povos mais fracos. As filosofias idealistas enfatizavam a capacidade natural do homem e, interpretada a história em termos de progresso, tudo favorecia a ideologia expansionista. Num período em que as nações europeias expandiam seus interesses imperialistas pela África, Ásia, América Latina e Pacífico, os americanos se sentiram comissionados para estender as bênçãos da civilização cristã e o governo democrático. (OLMSTEAD, 1961, p.133 *apud* CLARK, 2005, p. 22).

É importante observar, ainda, que as missões presbiterianas que deram origem à EAL tinham sede no Sul dos EUA, de onde veio grande volume de imigração para o Brasil após a Guerra de Secessão, pois tinham aqui condições semelhantes ao modo de vida de sua terra natal.

Havia, entre os presbiterianos que se instalaram no Brasil, uma ideia favorável ao abolicionismo, como a igreja presbiteriana do norte dos EUA. Porém, sobre os missionários do sul (PCUS) e sua relação com a escravidão do Brasil, “há um silêncio inexplicável na literatura acerca de suas posturas e declarações sobre o assunto” (SILVA, 2010, p.58).

Derrotados pelo Exército dos Estados Unidos e arruinados financeiramente, muitos sulistas procuravam recomeçar sua vida em outras partes, onde ainda fosse legal possuir escravos. A América do Sul e Central eram fortes atrativos. Como aconteceu com os presbiterianos do sul e com os batistas, a Igreja Metodista Episcopal do Sul (IMES) surgiu no Brasil com os sulistas que imigraram para Santa Bárbara do Oeste, São Paulo (REILY *apud* SILVA, 2010, p. 59).

Os missionários sulistas foram por muito tempo fiéis à sua causa nacional. Charlotte Kemper, missionária que atuou em Lavras ao lado de Samuel Gamonn, mais conhecida como Carlota Kemper, se inspirava no exemplo de Stonewall Jackson, um heróis dos Confederados, que não se rendeu e, por isso, Carlota Kemper não se renderia. Houve outro missionário sulista que também havia conservado sua causa nacional e escreveu um tratado anti-abolicionista como resposta à uma brochura em favor da abolição da escravatura, escrita pelo pastor brasileiro Eduardo Carlos Pereira em 1886 (Léonard *apud* SILVA, 2010, p. 60).

curioso observar que tal ideia pode ser entendida não apenas como a salvação da humanidade por um messias, que pode ser um indivíduo, mas também na possibilidade de ser uma classe ou uma ideia.

Em uma visita aos espaços de memórias em Lavras, que guardam as lembranças dos missionários norte-americanos, é possível observar alguns objetos de origem norte-americana, o que demonstra certo apego a esse modo de vida, inclusive, por materiais que não tinham disponibilidade no mercado brasileiro. Há relatos de que Samuel Gammon considerava a própria vestimenta dos brasileiros um aspecto negativo. Como aponta Clara Gammon (2003), Samuel Gammon relata em seu diário que os brasileiros tinham um modo descuidado para se vestir. Apesar de tais constatações e da influência cultural dos sulistas norte-americanos, não foi possível identificar materiais que tratassem da questão do negro na permanência de Gammon e Hunnicutt no Brasil, sobretudo em Lavras, embora tenha existido grandiosa preocupação com a questão da agricultura.

A fundação da EAL, por sua vez, se concretizou em 1908, porém esta já fazia parte das aspirações de Gammon.

Em 1905 Dr. Gammon planejou criar um Curso Agrícola. Essa ideia produziu uma crise na Missão Sul do Brasil da PCUS, porque muitos missionários achavam que a igreja não deveria se envolver com esse tipo de atividade. No dia 3 de janeiro de 1906 ocorreu uma divisão surgindo a Missão Leste do Brasil com sede em Lavras e a Missão Oeste com sede em Campinas (BEZERRA, 2016, p. 56).

Não só o apoio da Igreja Presbiteriana teria viabilizado a consolidação da EAL, outras condições favoráveis contribuíram para tal realização. Também foram apoio importante para o início da EAL

Carlos Prates (Diretor de Agricultura Comércio, Terras e Colonização do Governo de Minas Gerais), Juscelino Barbosa (Secretário da Fazenda de Minas Gerais), Miguel Calmon Du Pin e Almeida (Secretário de Estado dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas), Francisco Salles (lavrense e ex presidente da Província de Minas Gerais) e José Bonifácio (Deputado Estadual por Minas Gerais) (BEZARRA, 2016, p.69).

É importante ressaltar o pensamento brasileiro para o progresso, que, inclusive em Minas Gerais, via a agricultura como dinamizadora do desenvolvimento econômico. Sendo assim, a ideia de progresso, disseminação da ciência e modernização da agricultura, teve alinhamento tanto pela cultura presbiteriana quanto pelas políticas públicas, seus dirigentes e a aristocracia agrária.

Na segunda década do século XX, o Estado contribuiu com uma subvenção no valor de 10:000\$000 (dez mil réis) para a EAL. Como acordo, a escola deveria oferecer 20 vagas para alunos que posteriormente iriam lecionar nos estabelecimentos de ensino agrícola nas diretorias da Secretaria de Agricultura. A EAL contava ainda com auxílio financeiro do Governo Federal, Municipal e da Missão dos EUA (BEZERRA, 2016).

No período de criação da EAL, há também a venda do prédio localizado em Campinas, do colégio dos missionários antes de sua mudança para Lavras. Depois que a missão de Campinas foi transferida para Lavras, em 1893, o prédio do Colégio Internacional ficou por muito tempo fechado, até que em 1907 foi negociada a venda de tal prédio para o Sínodo, para a instalação do Seminário da Igreja Presbiteriana do Sul (FERREIRA, 1959, *apud* CLARCK, 2005).

Alva Hardie foi quem intermediou a negociação entre a igreja e a missão na venda do prédio do antigo colégio em Campinas. Representando o interesse da missão, cedeu o prédio por um valor simbólico. A última prestação foi paga em 1912 no valor de 13.000\$000 (treze mil réis) (Silva, 1996 *apud* CLARCK, 2005, p.140).

Como parte da consolidação da escola agrícola, Gammon precisaria ainda de um especialista que pudesse orientar a escola para seus objetivos. Benjamin Hunnicutt é o jovem recém-formado em Ciências Agrícolas que aceita o pedido de Gammon e vem para o Brasil a fim de construir com Gammon a EAL.

No 50º aniversário da ESAL, Hunnicutt descreve o início da EAL da seguinte forma:

[...] no começo deste século o Dr. Samuel Rhea Gammon dirigia o Instituto Evangélico de Lavras e viajava a cavalo por toda parte, nos seus trabalhos de evangelização. Ele visitava um sem número de fazendas de amigos. Nessas visitas, o que lhe impressionava mais eram os problemas, tanto de agricultura como de criação de gado. Percebeu, então que deveria oferecer aos filhos desses agricultores uma oportunidade de estudar Agricultura. No imenso estado de Minas Gerais não tinha nenhuma Escola de Agricultura. Esperava, naquela ocasião o Professor Augusto Shaw, que deveria vir dos Estados Unidos para cooperar com ele como professor do Instituto. Imediatamente escreveu ao professor Shaw: “Arranje-me um moço para ensinar Agricultura, pois quero fundar uma Escola Agrícola”. O Professor Shaw, por sua vez, escreveu ao *Students Volunter Moviment*, procurando saber se não havia ali um agrônomo que quisesse vir ao Brasil cooperar com o Dr. Gammon no seu ideal de fundar a Escola. Aí é que entro na questão. Eu tinha me oferecido para fazer um trabalho voluntário em qualquer parte do mundo, dando preferência para a Índia. Quando recebi a carta do Prof. Shaw, respondi afirmativamente. Dali algumas semanas recebi a carta do Dr. Gammon, convidando-me para colaborar com ele. Era a origem, era o marco inicial da história da Escola de Agronomia de Lavras (HUNNICUTT, 1958, *apud* ROSSI, 2010, p. 69).

No prospecto de 1908, documento que divulgava a prospectiva de cada ano letivo do Instituto Evangélico, foi publicado as diretrizes iniciais do curso agrícola:

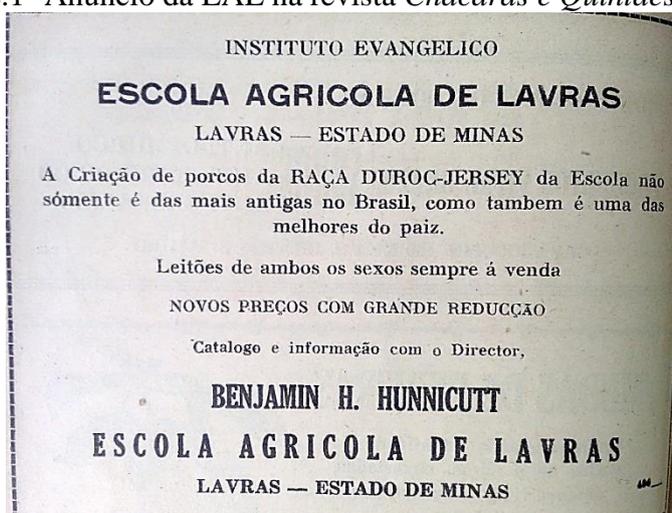
[...] nutrimos o desejo de proporcionar aos alunos que se destinam à vida de agricultores um curso especial de estudos que os prepare para convenientemente aproveitar as riquezas naturais da terra. Incontestavelmente, a mão da Natureza prodigalizou os seus benefícios quando passou por esta terra: o solo é ubérrimo, o clima é salubre e favorável; não menos certo é, porém, que o povo não tem sabido desfrutar

essas ricas dádivas da generosa providência. [...] O Brasil é essencialmente um país agrícola, e Minas, sobretudo, tem a sua principal fonte de riqueza no seu solo fertilíssimo. [...] Os interesses da numerosíssima classe de lavradores exigem que seja feito aqui o que se vai fazendo em outros países adiantados. Está chegando o tempo em que desejamos, por meio de nossa Escola Agrícola, concorrer modestamente para o desenvolvimento dessa ciência e o progresso desta arte de agricultura. [...] Uma das coisas que têm dificultado o desenvolvimento da vida agrícola é a ideia, entre o povo, de que o agricultor pertence a uma classe menos ilustrada do que o bacharel em letras. Esta ideia é perniciosa, e para removê-la é preciso que a Escola Agrícola, ao passo que dá aos seus alunos a instrução necessária para a lavoura científica, lhes dê também a cultura intelectual que os prepare a defender os direitos de sua classe nas assembleias legislativas ou perante sociedade científicas, sem medo de medirem suas forças com as de outra classe qualquer. Tal deverá ser o curso da Escola Agrícola. Tudo não podemos no princípio. Mas, começar do modestamente, procuraremos melhorar o trabalho de ano em ano, até que seja realizado completamente nosso ideal (INSTITUTO EVANGÉLICO, 1908, p.8).¹⁹

Trechos desse texto apresentado acima foram monumentalizados, na praça localizada em frente à Biblioteca Central da UFLA, em placas de metal fixadas em monumento próprio.

Gammon e Hunnicutt, inicialmente, ficaram pouco tempo no Brasil para montar a EAL e já partiram para os EUA novamente, dessa vez para importar gados de raça, tanto para a EAL quanto para fazendeiros da região (DIAS, 2009). Importaram também o porco da raça Duroc Jersey, que se tornou um importante produto de venda da EAL. “Essa importação teve apoio do Governo de Minas Gerais (Governo João Pinheiro da Silva) e do Governo Federal (Presidente Affonso Penna)” (BEZERRA, 2016, p.66).

Figura 2.1- Anúncio da EAL na revista *Chácaras e Quintaes* em 1923



Fonte: *Chácaras e Quintaes* (1923).

Além disso, teriam importado mais dois reprodutores suínos, um touro da raça

¹⁹ Com adaptação ortográfica.

Hereford e outro da raça Jersey. Todos os animais teriam sido doados por criadores norte-americanos. Ganharam também dois arados de disco da empresa B. F. Avery and Co., e trouxeram muitos livros dos EUA para a biblioteca da escola (DIAS, 2009).

Os missionários, em suas férias, geralmente voltavam para sua terra natal e, algumas vezes, era a oportunidade para aumentar donativos para a missão em Lavras.

Apesar do apoio e da missão cristã das escolas evangélicas de Lavras, elas eram instituições privadas que exigiam pagamento de mensalidades. De acordo com a consulta nos Prospetos do Instituto Evangélico, em 1908 a cobrança era trimestral e os valores (em mil-réis) eram 200\$000 para internos do 1º ao 2º ano e 225\$000 do 3º ao 4º ano. Os externos pagavam 40\$000 referente ao 1º e ao 2º ano e 55\$000 para o 3º e 4º ano. Em 1925, os valores cobrados eram por semestre, sendo 300\$000 para externos e 750\$000 para internos, além de taxas para os laboratórios, denominadas de joias. Já para o ano de 1940, os valores também em mil-réis, eram de 1:150\$000 para externos e 2:290\$000 para internos do nível superior e 820\$000 para externos e 1:970\$000 para internos do nível médio.

Na revista *O Agricultor* de número 112, publicada no ano de 1932, há uma homenagem que se refere ao, então, Deputado do Rio Grande do Norte, José Augusto Bezerra de Medeiros, que teria vindo à EAL realizar a matrícula de seu filho Candido Bezerra.

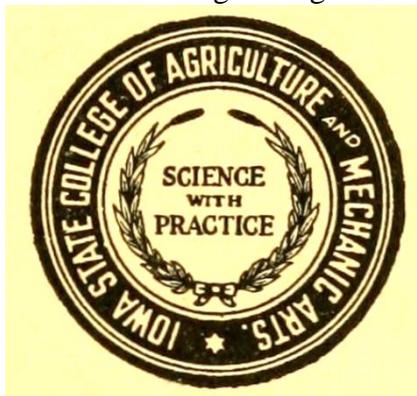
Com essa informação e as mensalidades da escola, podemos perceber que apenas quem detinha poder aquisitivo poderia estudar na EAL, resultando em uma turma de alunos com uma considerável posição financeira.

Como apontam diferentes autores, as escolas evangélicas do final do século XIX e início do século XX foram direcionadas à elite, que atraída pelo ensino moderno, matriculavam seus filhos. O Instituto Evangélico e a Escola Agrícola em Lavras tinham programas para atender pessoas que não proviam de recursos financeiros para pagar os estudos, porém havia uma influência do liberalismo nos princípios educacionais, em que o fundo para auxílio financeiro foi o exemplo das oportunidades que deveriam ser oferecidas aos alunos e estes deveriam aproveitá-las para desenvolver suas próprias habilidades. Os alunos beneficiados eram os de famílias evangélicas, o que aponta um caráter seletivo do programa (ROSSI, 2010).

A EAL tinha como ênfase a união da ciência e da prática, que foi o lema da escola, presente em seu brasão. Elaborado em 1923, por John Wheelock, o brasão da EAL se baseou no Iowa State College of Agriculture and Mechanic Arts, instituição em que Wheelock recebeu o título de engenheiro agrônomo no ano de 1920 (BEZERRA, 2016). A Figura 2.2 ilustra o brasão da instituição norte-americana e a Figura 2.3 o brasão da EAL. Devemos

ressaltar que esse brasão foi o mesmo para a ESAL e, atualmente, é usado pela UFLA, sendo o destaque de sua bandeira.

Figura 2.2 - Brasão Iowa State College of Agriculture and Mechanic Arts



Fonte: Iowa State College (1920).

Figura 2.3 – Brasão EAL



Fonte: O Agricultor (1930c).

É importante lembrar ainda, que esse processo histórico e as legislações para o ensino agrícola no Brasil foram marcados por tensões políticas, com grande influência da SNA e outros interesses patronais no MAIC, que era responsável pelo ensino agrícola e contribuiu para esse processo histórico da EAL.

2.4 As publicações para a agricultura: até o início do século XX

Com o movimento para a institucionalização das ciências agrárias a partir de meados do século XIX, a pesquisa sobre a origem das revistas de agricultura de maior impacto também levam para esse período. Porém, não se deve desconsiderar a existência de publicações anteriores que também tratam do tema da agricultura. Encontramos no acervo

digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Medlin, da USP, publicações em língua portuguesa do final de século XVIII, que tinham grande influência da monarquia e da metrópole portuguesa.

Alguns dos títulos encontrados no acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Medlin, foram do autor José Mariano da Conceição Veloso: *Memoria sobre a cultura do Loureiro Cinamono vulgo Canelleira do Ceilão*; [sic] *Descrição sobre a cultura do Canamo, ou Canave*; *O Fazendeiro do Brazil [...] (Tomo 01, Parte 01) - Da cultura das canas e [sic] factura do assucar*; essas três obras de 1798.

Também há obras dos autores José Gregório de Moraes Navarro e José Mariano da Conceição Veloso, o folheto *Discurso sobre o melhoramento da economia rústica do Brazil, pela introdução do arado*, [sic] *refórma das fornalhas, e conservação de suas [sic] mattas* de 1799. Inácio Paulino de Moraes (trad.) e José Mariano da Conceição Veloso: *Compendio de Agricultura (Tomo 1)* de 1801.

Figura 2.2 – Capa da publicação *O Fazendeiro do Brazil* de 1798

O FAZENDEIRO
DO BRAZIL
Melhorado na economia rural dos generos já cultivados, e de outros, que se podem introduzir; e nas fabricas, que lhe são proprias, segundo o melhor, que se tem effricito a este assumpto:
DEBAIXO DOS AUSPICIOS
E DE ORDEM
DE
SUA ALTEZA REAL
O
PRINCIPE DO BRAZIL
NOSSO SENHOR.
Colligido de Memorias Estrangeiras
POR
FR. JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO,
Menor Reformado da Provincia da Conceição

Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Medlin (2018).

De acordo a disponibilidade de material para análise e as bibliografias utilizadas, a publicação de revistas para a agricultura escrita por uma associação de brasileiros tem seus primeiros registros na revista *O Auxiliador da Indústria Nacional* (1833-1892), publicada pela SAIN, que marca, na literatura estudada, um grande apelo para a modernização do país, sobretudo, da agricultura.

Como já explanado em seção anterior, *O Auxiliador* abordava questões sobre a organização do trabalho agrícola. Nesse período, a agricultura era a principal indústria do

país. Dentre os assuntos mais falados na revista está a campanha para a utilização de máquinas na lavoura e a ciência numa perspectiva positivista, para a qual será defendido altamente o ensino agrícola (MURASSE, 2008).

Na primeira capa da revista *O Auxiliador*, publicada em 15 de janeiro de 1833, lista os fazendeiros, artistas e a classe industrial como interessados. A capa destaca que há a tradução e publicação de artigo dos EUA, França, Inglaterra e etc. Dessa forma, há um certo limite para quem a revista é destinada, a quem ela interessa, e uma referência aos países centrais, os quais ela pretende disseminar.

No século XIX, o Império na busca pelo aprimoramento de suas relações com os proprietários de terras, os quais eram base de sua sustentação política e econômica, viabiliza os institutos agrícolas, nas quais o governo buscava agregar produtores rurais e implantar projetos “modernizadores” para a agricultura. Desse modo, surge a *Revista Agrícola* publicada pelo Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (1869 – 1891). A revista assumia um discurso que tinha como objetivo divulgar os conhecimentos sobre atividades rurais e promover a discussão sobre a ciência e tecnologias atuais, incentivando o leitor sobre as vantagens de abandonar as práticas agrícolas tradicionais para adotar novos hábitos, apresentando inclusive exemplos dos países ditos “civilizados” (BEDIGADA, 2013).

Ferraro (2015), ao observar a *Revista Agrícola* do IIFA, considera três aspectos, que são: a militância da classe de seus membros em defesa de seus interesses políticos e econômicos, o desejo de construção do Brasil como um país agrícola e moderno, como orgulho para sua sociedade, e a necessidade premente da reforma da agricultura, tendo a aplicação de maquinário, da ciência e de tecnologia, na agricultura como metas a serem atingidas. A revista se apresenta como um meio para a veiculação de uma proposta de modernização da agricultura e de agregação dos fazendeiros em torno dela. Criava-se em seus leitores um imaginário e o sentimento de pertencimento de uma elite intelectual, que agia conforme regras do conhecimento científico mais avançado. Vale ressaltar, que essas observações também correspondem à análise da revista *O Agricultor* publicada pela EAL.

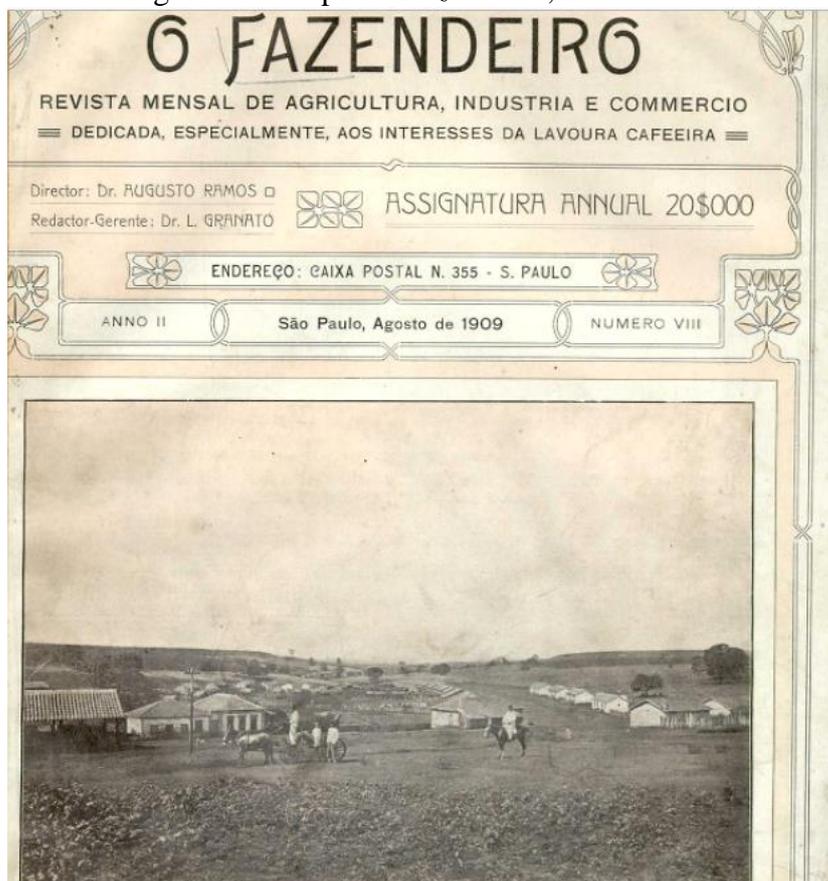
Como órgão da classe pastoril e agrícola de São Paulo foi publicada outra revista com a denominação *Revista Agrícola*, no período de 1895 a 1907. Apesar de ter circulação em diferentes estados, sua maior praça foi em São Paulo. A *Revista Agrícola* foi substituída pela revista *O Fazendeiro: revista mensal de agricultura, indústria, comércio, dedicada especialmente aos interesses da lavoura cafeeira*, periódico que foi publicado até 1930 (HENRIQUES, 2010).

Da Revista *O Fazendeiro* foi possível ter acesso aos números 5 e 8, do ano II, 1909,

que apresenta semelhança entre a revista estudada pela presente pesquisa. Além da revista publicada pela EAL, *O Agricultor*, ser sinônimo de *O Fazendeiro*, a revista é muito semelhante em sua estrutura e temas. O número de páginas tem a mesma média nas duas revistas, de 30 a 40 páginas, apesar de *O Fazendeiro* constar em seu sumário um número de páginas cumulativo de suas edições. Além disso, a forma de apresentar as propagandas é semelhante, concentrando as propagandas em algumas páginas no início e no fim da revista. Porém, a revista *O Fazendeiro* apresenta-se como um impresso mais elaborado, com ilustrações mais definidas e maior qualidade de tipografia, o que é justificável para *O Agricultor*, que era impresso possivelmente pelos estudantes da EAL e tinha sua tipografia instalada na própria escola.

Nos números acessados da revista *O Fazendeiro*, o diretor era Augusto Ramos e o redator-chefe Lourenço Granato, sendo que esse último atuou na Secretária de Agricultura do Estado de São Paulo na primeira década de 1900. A publicação era impressa pela Typographia Brasil de Rothschild & Cia, em São Paulo. Deve-se ressaltar que não foi comparado o discurso presente nas duas revistas, sendo assim o mesmo pode ter diferenças.

Figura 2.3 - Capa: *O Fazendeiro*, n. 8 de 1909



Fonte: *O Fazendeiro* (1909a).

Figura 2.4 - Sumário *O Fazendeiro*, n. 5 de 1909

| SUMMARIO | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| | Pag. |
| O Ministerio da Agricultura: Paulo R. Pestana | 106 |
| O arroz nacional: Everardo de Sousa | 107 |
| Influencia do calor sobre os vegetaes: J. Rangel Belfort Mattos | 110 |
| A fermentação lactica da nata: Emilio Tobias | 110 |
| O ensino agricola nos grupos escolares: J. Amandio Sobral | 114 |
| O Azote: B. Alino e C. Giner | 115 |
| Noções de podologia: Dr. Luiz Picollo | 119 |
| Um confronto concludente: A. Fomm | 120 |
| O pampa salitreiro de Tarapacá no Chile: Dr. Guilherme Medina | 121 |
| A pomicultura no Estado de S. Paulo: J. de Sá Rocha | 123 |
| Noticias diversas sobre o café | 124 |
| Propaganda do café; Impostos sobre café; O café na Inglaterra; Café sem cafeína; Defesa do café; Café de café. | |
| Immigração e Colonização | 125 |
| Noticiario | 126 |
| Centro Agronomico de S. Paulo; Febre aphtosa; Iserção de direitos na importação de sementes; A borraça em Ceylon; Suspensão de immigração; Galeria de machinas; Instituto Agronomico; Escola Agrícola de Piracicaba; Aprendizado Agrícola em Campinas; Premio aos cultivadores de cacau; Escola rural em Piracicaba; Fazenda Modelo da Escola Agrícola; Importação de animaes; Safra de assucar; Concurso de animaes reproductores; A produção do trigo no mundo; Experiencias com nicotina; A exportação de malhao; O movimento da Iruanias - Doctos Zootecnicos | |

Fonte: *O Fazendeiro* (1909b).

Dentre as revistas mais duradouras destaca-se *A Lavoura*, que é publicada pela SNA desde 1897 até os dias atuais, sendo considerada a mais antiga revista agrícola ainda em circulação no Brasil. Atualmente a revista se caracteriza como revista do agronegócio.

Como apresentado no primeiro editorial da *A Lavoura* de 1897, a finalidade da revista era a publicação de artigos que divulgassem as chamadas informações úteis para a agricultura disseminados em outros países ou no próprio Brasil. No editorial, a proposta da revista era divulgar de forma mais simples os conteúdos da ciência (MELLO, 2012).

Ao estudar *A Lavoura*, Mello (2012, p. 120) faz o seguinte levantamento:

A partir de uma análise do periódico, percebe-se que ele não possuía muitas seções fixas, visto que mudavam muito de uma edição para a outra. No entanto, observa-se que algumas apareciam com mais frequência como “Conselhos Rurais”, “A lavoura nos estados”, “A lavoura no estrangeiro” e “Contra os inimigos”. Além disso, nos primeiros anos, a revista tinha uma seção de consultas, chamada “Correspondência Agrícola”, em que os agricultores e criadores escreviam cartas à revista com o objetivo de sanar dúvidas sobre vários assuntos. Elas eram publicadas e respondidas pelos editores do periódico.

Nota-se uma semelhança da organização da revista *A Lavoura*, e também das outras revistas, com a, posterior, revista *O Agricultor* publicada pela EAL. A não permanência de seções fixas, a existência de artigos relacionados à instrução, discursos contra pragas, denominadas inimigas da lavoura, e a comparação com o estrangeiro são características muito presentes na revista *O Agricultor*.

Outra revista que teve determinada relevância foi a *Chácaras e Quintaes*, a qual teve textos transcritos na revista *O Agricultor*. Na revista *Chácaras e Quintaes* foi encontrado,

inclusive, um anúncio da EAL, além de texto de Benjamin Hunnicutt, que era colaborador da revista. *Chácaras e Quintaes* foi publicada do período de 1909 a 1969 e pertencia a Barbiellini. Nas duas primeiras décadas da revista, ela se dedicou a “vulgarização” da ciência e tecnologia para a agricultura, passando a operar de maneira mais sistemática as atividades educacionais no final da década de 30 (ANTUNIASSI e MOURA, 2005).

Diferente da maioria das revistas encontradas sobre a agricultura, *Chácaras e Quintaes* não era vinculada a nenhuma associação ou ao Estado, sendo uma revista comercial, assim como *O Fazendeiro*.

Além das apresentadas, foram encontrados registros de outras publicações periódicas para a agricultura nesse período, como *O Commercial: jornal dos interesses commerciaes, agrícola e industriais* (1853-1860), de Curitiba-PR; a *Revista Agrícola e Comercial* de Pernambuco (1876-1877); *Agricultor Sergipano: órgão exclusivo da agricultura e do commercio* (1881) e *Revista Comercial e Agrícola de Alagoas* (1914).

Já para as publicações do Estado de Minas Gerais, foram encontrados dois periódicos que antecedem a revista *O Agricultor* publicada pela EAL. É muito provável que existiram outras revistas, porém, devido a disponibilidade de acesso e a limitação da pesquisa com relação à limitação para investigação em acervos, sobretudo, físicos, espalhados em diferentes localidades, para a presente análise foram utilizados apenas os dois periódicos encontrados em acervos digitais: *O Agricultor* (1897), de Juiz de Fora, e a *Revista Agrícola: Industrial e Commercial Mineira*.

O primeiro tem o mesmo título da revista publicada pela EAL, porém sua publicação foi feita em formato jornal, com publicação quinzenal. Trata-se de *O Agricultor*, Impresso pela Typographia Mattoso. Ao que tudo indica, parte de uma iniciativa particular e sem vínculo com instituições. Como redator-chefe, a edição encontrada apresenta J. Paixão, tendo como redatores Epaminondas Alves de Souza, secretário, e Felix Schmidt, tesoureiro. O único exemplar encontrado é o número 1 do ano 1, publicado em Juiz de Fora em setembro de 1897. Não foram encontrados registros da duração do periódico. Deve-se ressaltar que foi o mais antigo periódico para a agricultura encontrado como publicação de Minas Gerais.

O jornal *O Agricultor* se diferencia muito da revista publicada pela EAL. No jornal não há imagens ou propagandas, também não há apelo para intenso a modernidade e progresso, como apresentados na revista publicada pela EAL. De acordo com o número analisado do jornal (1897), seu programa está definido em seu próprio nome e a redação declara que não se trata de um jornal político, visando abordar de modo mais prático e metódico a agricultura. Porém, de forma menos intensa, comparado com a revista da EAL, no

jornal há referência do Brasil como celeiro mundial. Há também um alerta de que, ao contrário do que é repetido, o Brasil não é somente a “terra do café”, e sim de um grande território da policultura.

Figura 2.5 - *O Agricultor* - Typographia Mattoso, Juiz de Fora – MG, 1897

O AGRICULTOR

PUBLICAÇÃO QUINZENAL — Redactor—chefe, J. PAIXÃO

REDACTORES: Secretaria — Dr. FRANCISCO ALVES DE SOUZA, Thezouario — Dr. PAUL SEWERT

ASSIGNATURAS: Semestral \$2000, Anual 10000

ANNO I Juiz de Fora, Setembro de 1897 NUM. 1

O AGRICULTOR

Vencidos os muitos obstáculos que se antepõem aos tentos jornalísticos, hoje principalmente, pois que de toda parte surge a impetiva para que o espírito laical do século a funde-se, expanda-se em seus múltiplos desenvolvimentos, podemos apresentar ao público o, especialmente, aos agricultores brasileiros nesse modesto periódico.

Seu programma está definido em seu próprio nome; orientando, achamos preciso declarar que não é este jornal politico, e que vem de tratar, do modo mais pratico e methodico, sobre quanto se relaciona a agricultura, hauri sempre artigos sobre industria pastoreil, venatoria, pallasocultura, economia domestica, arte zootecnica etc.

É nosso intuito, emfim, tomar este periódico uma publicação utilissima até mesmo a casa de familia, semannas nos abstermos da directrã que nos impuzeram.

Estamos certos de que, não nos faltando a protecção publica, no proximo anno vindouro, substituiremos nosso periodico a uma reforma radical, de modo seja mais amplo nosso campo de negocio.

Estabelecemos, desde este primeiro numero, uma escrupulosa permittida com todos os jornais e revistas agricolas dos Estados Unidos da America do Norte, da Alemanha, da França, e de outros países.

Já o tempo da imprensa, que da fôrça de todos os torques em todos os ramos da actividade humana, levantar bases e continer em prol da laudatoria de que tanto dependem nossa grandia do proci adiantado e lucrador.

Isabasi, em seu "Curso d'agricultura pratica" no prefacio da 2.ª volume diz:

«Il y a toujours un rapport direct et saisissant entre l'état de la végétation dans les temps cultivés et le degré de civilisation des peuples qui les cultivent, de sorte qu'un coup d'œil jeté sur les campagnes donne au voyageur une idée exacte de l'état des populations dont il traverse le territoire.

É preciso, pois, que a lavoura brasileira não se limite, ainda por certo, a mais fétida e rica do Novo Continente; densa a agricultura em todas as aldeias tem um culto e um lugar pro-

minente entre os povos. Certo, o valho cado, já se cria em seu "Curso de agricultura", referindo-se ao valor moral deste ramo de trabalho: «Quando nosso antepassado queria eleger um homem, diziam: é um bom lavrador. Este elogio parecia o maior de todos.»

O grande promes que antigamente se concedia aos gozados e aos soldados distinctos, em um pedago de terra que pudesse ser lavrada por uma junta de bois, ve a terra, para entamos os palmas de Plinio, o naturalista, cultivos sendo sancionada pelo arado guiado por um lavrador corado de honra.»

O Brasil, cooven se repita sempre em todos as aldeias, em todas as occasioes, não é somente a terra de café, confôrmo o archivo e modico rito popular, e Brasil é immenso territorio da policultura, e em epocha não se motuam os experimentos da beneficia propagada em prol da lavoura, feita de modo patriarcal, abscipio e orientado pelos benemitos Drs. Borna de Souza, Compor da Paz, Barreto, Jayz Montino, Var Funes, Goncalves Vello e tantos outros—será nosso quando Brasil, babet, o celeiro de quasi todos os países.

Fica terminor, agradecimentos à Illustrada imprensa, desta e de outras cidades, as referencias todas no anteposporcimento do *Agricultor* que não é apenas de seus collegos estimulo e votos de solidariedade.

Aos nossos lavradores, ao publico, e aos adiantados e hermoes propagandistas superacionados e outros, cujos nomes se pronunciam tambem com veneração e sympathia, rogamos sua indispensavel e atenta protecção.

A PODA DO CAFEIEIRO

ALDO FERREIRA, IMA, VIZARIANO, ETC.

A poda é uma das operações mais importantes na cultura do café, e a falta de conhecimento de suas vantagens e dos principios que a regem, além ainda causa de grandes estragos em nossa lavoura, não só pelo uso limitado que se faz ao fazer entre nos, como tambem pela multidão de maquina da arvore quando a operação é praticada sem a devida orientação. Sem effeitos na produção podem ser facilmente observa-

dos por qualquer homem estudioso, durante a epocha da fructificação.

Em lugares baixos, de terrenos férteis, onde é tal o desenvolvimento das caules que a luz e o ar não podem penetrar livremente por entre as ramagens, a produção é pequena em relação a grande desenvolvimento.

Entretanto que n'esses mesmos terrenos, si sim, ou não palmas, agarrando-se para uma lado qualquer, recebem abundantemente a luz do sol, vêem-se caracterizados de fracos. Nos coffeees novos e pouco demora em razão do desenvolvimento ainda limitado de seus palmas, o sol, puncciondo entre as ramagens, estimula a fructificação; fructificam são ali grandes e perfeitos, de cascas macias e brilhantes, como se fossem plantadas e cultivadas.

Esta simples observação nos mostra que a poda é necessaria durante todo o tempo da cultura, logo que as mudas são removidas das viveiros. A poda é feita, já para reduzir o descomodo vigor de qualquer parte do cafeeiro e favorecer o crescimento de outras, produzindo ramificações de palmas e modificação-lhes a forma, já para activar a fructificação ou diminuir a.

É praticado em todas as partes do cafeeiro e em todas as epochas, para produzir resultados diversos.

1. — A redução do desenvolvimento de uma parte do coffeeiro em favor de outra, depende da circulação da seiva, que tende sempre a favorecer o crescimento nas extremidades das arvores.

2. — As mudas, antes de serem transplantadas aos viveiros, tem pronunciada tendencia para crescer muito sem adqurir uma geometria proporcionada, nos troncos. Torna-se então necessario podar-se na occasião da transplantação, para que se estabeleça o equilibrio entre os troncos e as raizes.

As mudas assim podadas não só enriquecem os troncos e a ramificação da seiva, do mo ainda produzem frutos, que serão ficcosos galhos de produção.

3. — Acontece muitas vezes que no cafeeiro podado nasce um grande quantidade de flores tão azedas que interdição a polverização da luz entre ellas, dando resulta excessivo exornamento e expozem em pouco, ficando-se fracos o de sequario sobre fructifero.

Nesse caso sempre recorre alguns

Fonte: *O Agricultor* (1897).

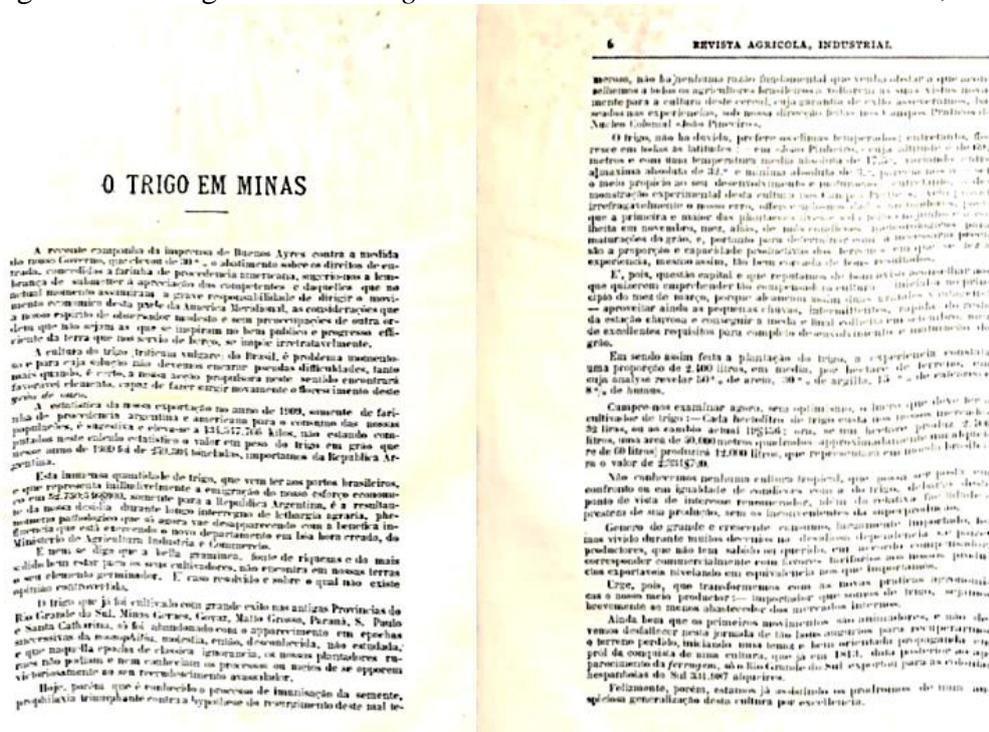
A outra publicação encontrada é a *Revista Agrícola: Industrial e Commercial Mineira*. O acesso a esse periódico foi restrito a uma publicação de maio de 1911 e a primeira página de uma reedição em 1923. A revista foi criada pelo Decreto nº 1675, de 20 de fevereiro de 1904, do Estado de Minas Gerais. Como formato de revista agrícola, publicada em Minas Gerais, é a mais antiga encontrada na presente pesquisa, já que *O Agricultor* de Juiz de Fora foi publicado no formato jornal. As publicações relacionadas à agricultura, entre os anos de 1912 e 1930, tiveram um aumento de 47,8%, com o objetivo de atualizar o homem do campo (MARTINS 2001, *apud* FERRARO, 2015, p. 1).

A apresentação da revista no ano de 1923, disponibilizada pelo Arquivo Público Mineiro em formato digital, traz uma breve trajetória da *Revista Agrícola: Industrial e Commercial Mineira*, que surgiu após o Congresso Agrícola ocorrido em 1903, em Belo

Horizonte, mas teve duração efêmera. Em 1911, ela ressurgiu como órgão oficial da Sociedade Mineira de Agricultura, publicada pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Porém, em cada uma dessas fases, a revista teria durado apenas um ano. Somente em 1923 é que a revista surge novamente, ainda como órgão da Sociedade Mineira de Agricultura. Em sua apresentação (1923), ressalta que visa trabalhar para o encaminhamento e solução de problemas econômicos.

Apesar da *Revista Agrícola* se aproximar da *O Agricultor* publicada pela EAL, pelo seu formato de revista e seu enfoque agrícola, na revista de 1911, ao qual foi possível o acesso completo, há características muito distintas, como a ausência de propagandas e de conotações políticas, sobretudo para um ideal de modernidade e progresso. Na Figura 2.6 podemos notar a densidade de texto e a ausência de imagens, padrão observado em todas as páginas desse número. Foram encontrados textos apenas sobre a agricultura como trigo, gado e seleção de sementes. Vale ressaltar, que em sua publicação no ano de 1923, a revista pode apresentar uma nova configuração que talvez se assemelhe com a revista publicada pela EAL.

Figura 2.6 - Artigo da *Revista Agrícola: Industrial e Commercial Mineira*, 1911



Fonte: Revista Agrícola (1911).

Com o título *O Agricultor*, também foi encontrado um jornal do Rio Grande do Sul, mais precisamente do distrito de Bella Alliança, datado de 1928. O jornal é denominado *O Agricultor - semanário independente e noticioso* e está salvaguardado no acervo da Biblioteca

Pública de Santa Catarina. Na presente pesquisa, foi possível ter acesso a somente um exemplar, o nº 10, publicado em setembro de 1928. O jornal encontra-se disponível em formato digital no site da Biblioteca Pública de Santa Catarina e a biblioteca informa que há mais edições que ainda não foram digitalizadas.

Apesar de *O Agricultor* de Bella Aliança apresentar propagandas com imagens, ele ainda está distante da publicação da *O Agricultor* da EAL, primeiro pelo seu formato jornal e, segundo, pela sua diversidade de textos que tratam de acontecimentos, interesses e curiosidades locais. Apesar desse distanciamento, há um alinhamento da propaganda agrícola e de uma ideia de labor para a agricultura, porém de forma menos intensa, justamente por esse não ser o único tema tratado no jornal. Além disso, ele atende e representa um grupo, textos em alemão são publicados e também Estatuto da Sociedade Beneficente de Bela Aliança.

Figura 2.7 - Jornal *O Agricultor* - Semanário independente e noticioso

| | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Assignaturas: Por anno 10\$000 Pelo correio 11\$000 Por semestre 6\$000 Pub. de Editas etc. \$300 a linha OPAGAMENTO ADIANTADO | <h1>O AGRICULTOR</h1> <p>Semanario independente e noticioso</p> | Director Responsavel OTTO DEMARCHI Collaboradores: DIVERSOS |
|  |  | |
| ANNO I | RIO DO SUL, (DISTRICTO DE BELLA ALIANÇA) SABBADO, 28 DE JULHO DE 1928 | No. 10 |
| <p>Labor Omnia Vincit improbus (Conclusão)</p> <p>O Pessimismo constitue no homem um mal que se define pela fraqueza e inconstancia de energia, e que sendo uma doença de costume amorfo de onde a vitalidade criadora desaparece pela fuga do sentimento de querer e vencer tem no entanto enfermidade Splente de ver em tudo os mesmos defeitos acções, e funestas consequencias a tudo que se relaciona ao progresso e grandieza. Nasce e morem na duvida. A tendencia para a lucta, para o soerguimento das energias para a lucta do labor constante, e remoção dos obstaculos, e nos aqui em Bella Aliança podemos bendizer aos fundadores e organizadores do Banco de Credito Popular e Agrícola de Bella Aliança, pois elle se destina a esse fim grandioso e ultrastico e digno de todo amparo. Seu fim è nobre, e por isso merece que todos que dispõem de algum capital ali depositem a juros para ser o mesmo, grande auxilio do progresso local e possa facilitar todas transações de nossos agricultores e commercio. Si quizermos gozar uma melhor situação devemos auxiliar as operações desse Banco, os nossos colonos devem procurar se certificarem dessas verdades, para seu bem estar assim como de seus compatriotas. Logo dali o...</p> | <p>em muitos delles notou-se indiferencia e mesmo contrariedade. As seis horas rompeu-se a marcha. O trajecto até fora da villa foi em silencio. Mal, porem, fahamos vencido talvez um kilometro de estrada, na voz de "passo de estrada", começou um murmurio de alegria, o qual foi crescendo apoderando-se em poucos momentos de todos os componentes do grupo. Entaoar-se canções patrioticas e regionaes e o aspecto dos excursionistas já era outro. Na maior alegria continuou-se a marcha, entrecortada de pequenas paradas, até o grande alto, feito em Salto Píllao. Eram 11 horas. Para fazer frente ao frio cortante, foi...</p> | <p>na zona colonial os insubmissos Adolpho Schubert e Guillerme Otte, que pagaram, aquelle 1.000\$000 e este 400\$000, para se livrarem do serviço militar. Os dois conscriptos estão detidos no quartel do 9º regimento de infantaria, tendo o comandante, aberto o inquerito a respeito.</p> <p>Um caso estranho</p> <p>Communicam de Camerá, Estado Pará que alli chegou o lavrador Pedro Bahia narrando que encontrara na estrada um homem vestido de calças amarellas, tronco nu e tendo um clifre na fronte. Bahia, julgando tratar-se do proprio demonio,</p> |
| | | <p>receu a Simão e offereceu-lhe um escapulino milagroso que seria o distinctivo da Ordem Carmelita. Dessa apparição é que proveu o nome de Nossa Senhora do Carmo.</p> <p>Os dois conscriptos estão detidos no quartel do 9º regimento de infantaria, tendo o comandante, aberto o inquerito a respeito.</p> <p>Deputado Octacilio Costa</p> <p>De passagem para Florianopolis, esteve entre nós e deu-nos o prazer de sua visita, o Sr. Dr. Octacilio Costa.</p> <p>S. C. Concordia</p> <p>Conforme já haviamos noticiado, realisa-se amanhã, no campo do S. C. Concordia, a festa em commemoração a seu quinto anniversario, cujo programma abaixo transcrevemos:</p> |

Fonte: *O Agricultor* (1928).

Por fim, foi analisada também a revista *O Solo* (1909-1995), publicada pelos alunos de agronomia da ESALQ. O slogan da revista: "Solo é pátria; cultiva-lo é engrandece-la", também remete a uma especialização agrícola do país. Porém, diferente da revista *O Agricultor* da EAL, conforme as revistas analisadas, *O Solo* apresenta um perfil mais acadêmico, com predominância de artigos científicos. Não há ilustrações, nem propagandas, também não foi observado homenagens nem textos de figuras políticas, como encontrado na revista *O Agricultor*.

Podemos observar que a revista publicada pela EAL, por algumas semelhanças, teve influência das demais revistas. Uma das características marcantes da revista *O Agricultor* é a publicação de discursos diretos para uma modernização agrícola, pautada na racionalidade,

com grande influência política, destacando, inclusive, o papel do ensino agrícola e dos formandos em cursos agrícolas de sua própria instituição. Além disso, a revista, apesar de ser um órgão relacionado ao ensino, se assemelha a uma revista de fim comercial, pelo grande número de propagandas de diferentes empresas, o que a distingue das revistas publicadas por órgãos de sociedades e pelo setor público. Na segunda fase da revista *O Agricultor*, há cerca de 30 anúncios em um único exemplar, como na revista de número 27, de novembro de 1926, que apresenta um total de 32 anúncios.

Um dos destaques da *O Agricultor* eram as ilustrações, entretanto, muitas ilustrações da revista *O Agricultor* era fotos da própria EAL.

Nota-se que essa preocupação em registrar e disseminar o conhecimento por meio de periódico é uma prática muito antiga. Essas publicações até a primeira metade do século XX, nos traz o questionamento sobre o modelo de registro e de disseminação para a agricultura, e qual o seu alcance, pois sabe-se que a alfabetização no Brasil foi processo lento e desigual e até os dias atuais não é completa. Sendo assim, podemos considerar que os periódicos apresentados eram elaborados para um grupo minoritário.

2.5 Choques de concepções: as práticas de extensão e de difusão de tecnologia no setor agrícola

Com a análise da revista *O Agricultor*, a transformação em *farmer* era uma possibilidade apenas para um grupo seletivo com posse de capital. O popularizado *Jeca Tatu*, que futuramente vira referência para as telas de cinema em *Mazzaropi*, tem uma conotação um pouco distinta, pois esse personagem anda descalço, mora em casa de sapê e não tinha saneamento básico, características do empregado rural, que só vai ter um ideal de transformação *farmer*, por meio da instrução, em uma fase posterior a revista *O Agricultor*, questão que pretendemos explorar nessa seção pelo ângulo das concepções de extensão e difusão de tecnologia para o setor agrícola.

É importante destacar que o presente texto se baseia em uma aproximação conforme suas evidências históricas, os debates que se fazem hoje sobre a disseminação da ciência e tecnologia e da extensão rural não eram realizados nos anos de 1922 a 1943, porém são importantes para a interpretação do passado.

De acordo com o observado na revista *O Agricultor*, ela era usada como uma ferramenta para disseminar modos de vida e técnicas específicas. Apesar de ser publicada pela

EAL, a revista tinha forte influência norte-americana e uma característica comercial. Desse modo, pela escola se justificava uma ciência, alinhada a ideais positivistas pautadas na razão. Porém, essa ciência tem características questionáveis, primeiramente pela sua elevação de técnicas específicas de países centrais e a rejeição de técnicas e conhecimentos tradicionais, não considerando a validade do saber local, baseado em experiências e conhecimentos passado pela população e suas gerações. Observou-se na revista que se tratavam de conhecimentos e técnicas oriundos da indústria, demonstrando um direcionamento do que era chamado de ciência, que não compreendia um compromisso estrito ao conhecimento, mas um compromisso com o setor industrial e o mercado. Atrelados a isso, a modernidade e a necessidade do progresso também eram disseminados por esse veículo de comunicação.

Além da revista, outras formas de disseminar essa ideia de ciência e técnica, como prática para a produção agrícola, eram os folhetos, cartazes, exposições, encontros e, até mesmo, associações. Diferentemente dos dias atuais, que a extensão é um tripé das universidades, como estabelecido na Constituição Federal de 1988, no período da revista a responsabilidade pelo ensino agrícola era do Ministério da Agricultura, que fomentava por leis a propaganda agrícola, exercida, inclusive, pelas instituições de ensino, como o Decreto nº 8.319 de 1910. Nesse Decreto, não há menção do termo extensão.

Mas, para entender o processo que teria culminado na extensão, é preciso entender seus antecedentes históricos. Pelas pesquisas bibliográficas, observou-se que a história da extensão está ligada às universidades, tendo seus primeiros traços na Europa no século XIX. A universidade, em suas origens, teve uma “vocação extensionista”, em que o gosto técnico pelo saber e pela cultura, considerada de alto padrão, invadiria as diferentes classes, onde não era espaço para o divertimento ou distração passageira, mas para entender todos os benefícios da ciência (CORREIA *et al*, 2000, p. 42).

Sendo assim, a extensão representava uma transferência e expansão da cultura suprema para as massas, não havia debates mais profundos para a solução de problemas sociais. Nesse contexto, a extensão universitária na Europa do Século XIX era o “espírito e crença do liberalismo dominante na época e que envolveu a mesma Universidade” (CORREIA *et al*, 2000, p. 42). Esse espírito e crença do liberalismo, dava enfoque ao indivíduo.

Já nos EUA, também no século XIX, a extensão originada na Europa encontrou demandas por um conhecimento liberal e técnico com enorme apoio do setor público e privado. A ignorância era inimiga da liberdade, prosperidade e segurança. Procurava-se, então, instalar um vigoroso sistema educacional, mas sem uma centralização estatal ostensiva

e direta. A partir dessas ideias teriam surgido os *Colleges*²⁰ e Universidades com o objetivo de desenvolver habilidades educacionais, diferentes do modelo tradicional empregado até então (CORREIA *et al*, 2000).

Tendo em vista a extensão, originada na Europa, especificamente na Inglaterra no século XIX, e posteriormente nos EUA, têm-se dois modelos de extensão. No modelo europeu a extensão estava vinculada a uma concepção de educação continuada, na qual os cursos eram destinados a toda a população que não estava no ensino superior. Assim, se tinha o objetivo de disponibilizar à sociedade o conhecimento produzido nas Universidades, por meio de cursos técnicos. Já o modelo norte-americano, posterior ao europeu, tem como principais características a prestação de serviços na área rural e urbana. Diferente do modelo europeu, que se relacionava com um público mais geral na formação continuada, o modelo norte-americano tem como objetivo a assistência técnica, em que o corpo dotado de saberes científicos destina a assistência para a sociedade, concebida como desprovida de tais conhecimentos e recursos (JESINE, 2001 *apud* VARGAS, 2013, p. 41).

Nos EUA, até o final do século XIX, o ensino superior tinha uma orientação clássica, havia uma crítica para que a educação fosse mais técnica, voltada para o dia a dia. Os agricultores reivindicavam uma educação mais democrática, tinha-se também uma visão para o desenvolvimento do país, o que teria culminado na aprovação de uma lei que deu origem aos *land-grant colleges* (LUCAS 1994 *apud* OLIVEN, 2005, p.120).

Segundo a *NC State University* (Universidade Estadual da Carolina do Norte) (2018), a extensão teve como grande marco em sua institucionalização o *Smith-Lever Act and Cooperative Extension* (Lei Smith-Lever e Extensão Cooperativa), em 1914. Porém esse não foi o evento inicial, a *NC State University* (2018) lista alguns eventos que antecederam e impulsionaram a criação do *Smith-Lever Act and Cooperative Extension*, que tiveram início nos anos de 1860, em que vários métodos eram utilizados na disseminação de informações para fazendeiros, incluindo os institutos de agricultura. Em 1862, Lincoln assina a *Morril Act*, também referida como *Land Grant Act*, devido a doação de terras que a lei fornecia a cada estado para que pudessem financiar faculdades de agricultura e artes mecânicas. Em 1887, se tem a *Hatch Act* para a criação de estações experimentais. Aconteceram outros eventos diferentes, até que em 1914 fosse assinada a *Smith-Lever Act and Cooperative Extension*.

²⁰ Os *colleges* foram institutos de educação surgidos na Europa, mas que ganhou nova configuração nos EUA com a imigração, que se pautou, inclusive, pelo ensino religioso com bases calvinistas. Ver OLIVEN, 2006.

A extensão universitária nos EUA deve

[...] sua origem a uma contactação extraordinária de líderes educacionais que partilharam da visão de uma nova universidade que ajudasse a elevar a nação a níveis mais altos, colocando os recursos educacionais a serviço dos problemas comunitários dentro do espírito da Era do Progresso (CORREIA *et al*, 2000, p.84).

Baseada no modelo norte-americano, se tem uma prática de difusão de tecnologia, ou transferência de tecnologia, inclusive com parcerias privadas. Esse processo de disseminação de tecnologia pode ser percebido até nos dias atuais, em que é julgado a detenção de conhecimento por uma minoria que, por meio da extensão, levaria o conhecimento, certo e verdadeiro, para pessoas desprovidas deste saber. Como reproduz a revista *O Agricultor*, por meio da ciência, acabaria a ignorância. Porém, não se considera as especificidades dos sujeitos, não os compreendendo como atores, mas como simples objetos, descartando assim outros tipos de saber.

Ao realizar um breve levantamento da história da extensão rural no Brasil, notou-se uma inconsistência nos registros, bem como confusão de datas e marcos que originaram a extensão rural no país, pois há autores que abordam o surgimento da extensão na época Imperial, outros afirmam que a origem está na década de 1920 ou, até mesmo, na década de 1940. Nota-se uma gama de interpretações sobre a institucionalização da extensão no Brasil, o que dificultou uma maior compreensão do emprego da extensão no país, sobretudo, na primeira metade do século XX.

Entretanto, como exposto em seção anterior, podemos ver várias formas de práticas semelhantes a de outros países, sobretudo os EUA, na institucionalização das ciências agrárias no Brasil. A criação de escolas agrícolas e fazendas modelos no final do século XIX e início do século XX, vão se assemelhar a tais práticas, que foram, inclusive, incentivadas pelos norte-americanos da missão presbiteriana do sul dos EUA, no município de Lavras (MG).

Em uma análise histórica sobre a “extensão” no Brasil, Peixoto (2008) demonstra pelas legislações como eram as formas mais antigas de práticas que podemos chamar atualmente de extensão e que estão intimamente relacionados com a institucionalização da ciência agrária no país, como já comentado. O estatuto do IIFA, por exemplo, estabelecia que o Instituto deveria facilitar a substituição de braços na lavoura por máquinas, promovendo a instrução e adoção das práticas que tem utilidades demonstradas, promover exposição anual e premiações dos produtos da agricultura, promovendo também o comércio (PEIXOTO, 2008). No Artigo 2º da Lei 2.681, de 1860, que trata do estatuto dos Imperiais Institutos, prevê a criação e manutenção de um periódico

[...] criar e manter um periódico no qual além dos trabalhos próprios do Instituto e dos Estabelecimentos normas, se publiquem artigos, memorias, traduções e noticias de reconhecida utilidade para a nossa Agricultura, e que exponha em linguagem acomodada a inteligência da generalidade dos Agricultores os melhoramentos que mereçam ser adoptados cada processo da Agricultura, e os princípios de economia rural indispensáveis para o judicioso emprego dos capitães, boa administração das Fazendas, e aproveitamento de seus produtos (BRASIL, 1860).²¹

A partir dessa interpretação de Peixoto (2008), podemos compreender que apesar de não haver uma denominação que afirma os acontecimentos e práticas do século XIX e início do século XX, como sendo prática de extensão, em uma forma cuidadosa e em um entendimento a partir dos debates sobre o assunto, elas podem representar uma base para as práticas de extensão, uma vez que as práticas denominadas extensão são semelhantes e apresentam resquícios das práticas que se iniciam em meados do século XIX.

Com base em pesquisa bibliográfica, observou-se que o termo extensão demorou a ser usado no Brasil, e, ainda, não é possível dizer com maior firmeza o período inicial do uso desse termo, o que se tornou um desafio para a presente pesquisa, que considera haver uma desorganização desses registros, principalmente por uma possível monumentalização e criação de uma memória que se disseminou e se consolidou, sendo difícil desmontá-la. Há, inclusive, uma disputa para o pioneirismo dessas práticas.

Autores como Fonseca (1985), compreendem como um marco inicial da extensão no Brasil a ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural) e os acordos de cooperação americana no final da década de 1940. Além disso, Mendonça (2010) e Peixoto (2008) apontam em seus estudos um Sistema Brasileiro de Extensão Rural, que teria iniciado em 1955-56.

Segundo Fonseca (1985), em 1948 foi assinado um convênio entre o Governo do Estado de Minas Gerais e a *American International Association* (AIA), representada por Nelson Rockefeller. Esse convênio cria a ACAR, que teve início em janeiro de 1949, um grande marco da influência dos EUA. De acordo com diversos estudos, a extensão rural nesse período foi uma ferramenta para a afirmação da hegemonia norte-americana, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, pois além de ter se tornado o país líder do sistema de crédito, dominava o mercado de bens e insumos agrícolas.

Nos EUA, já no ano de 1906, John Rockefeller estabeleceu o Conselho de Educação Geral, para ajudar a financiar o trabalho de extensão na ausência de fundos estaduais (NC STATE UNIVERSITY, 2018).

²¹ Com adaptação ortográfica.

Outro acontecimento importante para tais compreensões é o Decreto-Lei nº 7.449, de abril de 1945, alterado pelo Decreto-Lei nº 8.127, de outubro de 1945, que visava manter um serviço de assistência técnica, difundir uma educação sanitária, promover o ensino profissional, alinhado a interesses agropecuários, e fomentar as associações rurais.

Com a análise dos materiais encontrados e a história que a revista *O Agricultor* tem nos contado, apreende-se que o ponto de partida de práticas que podemos considerar base para o modelo de extensão rural no Brasil, está atrelado à institucionalização da ciências agrárias observadas a partir do século XIX.

Segundo a literatura, a extensão já tinha essa denominação no século XIX nos EUA, como pode ser percebida nos eventos que antecederam o *Smith-Lever act and Cooperative Extensions* (Lei de Smith-Lever e Extensão Cooperativa). Ora, as práticas denominadas extensão nos EUA: difusão de ciência e tecnologia, ensino ambulante, fazendas modelo, boletins técnicos, entre outros, foram basicamente as mesmas práticas implementadas no Brasil no século XIX e início do século XX, inclusive, com grande participação dos EUA.

Porém, apesar de aproximarmos as práticas para a modernização da agricultura, institucionalização da ciências agrárias no Brasil e, até mesmo, a propaganda agrícola com as práticas de extensão institucionalizada no Brasil em meados do século XX, principalmente com a ACAR, devemos fazer uma ressalva, uma vez que se denotou uma transição significativa nesse processo histórico. Fonseca (1985), em seu estudo intitulado *A extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital*, ao questionar como era realizado o trabalho educacional pela proposta extensionista, diz o seguinte:

A resposta encontrada foi a de que o trabalho era realizado em três estratos: a) produtores de alta renda; b) produtores de média renda; c) produtores de baixa renda, sendo que para todos aparecia a estratégia transferência de tecnologia, mas a estratégia educação só aparecia para os últimos (FONSECA, 1985, p. 23-24).

Nas considerações finais de sua pesquisa, que estudou a ACAR - MG nos períodos de 1948 a 1968, Fonseca (1985) aponta que a extensão rural realizada pela associação buscou resolver problemas de baixa produtividade e qualidade de vida por uma ação vinda de outra realidade, ilusórios, foram implantados os modelos clássicos e difusionistas da extensão rural pelas classes detentoras de poder, com interesses lucrativos.

A decorrência natural desse consentimento realizou-se na criação e na estruturação da ACAR – MG na direção de redefinir o papel da pequena propriedade no sistema econômico, através de um processo de mudanças de mentalidade de seu dono para um comportamento mais mercantilizado. Nesse mesmo sentido, a dinâmica do processo extensionista se fez evolutivamente pela elaboração de esquemas mais sofisticados em termos da

difusão, através dos líderes das comunidades rurais, do *ethos* empresarial que, neste período tomava corpo junto aos médios produtores e já começava a excluir o pequeno. É a fase da ABCAR. [...] Diante disso, é então possível perceber o que a lógica do capital exigiu da Extensão como um projeto educativo para a zona rural neste período de vinte anos – 1948-1968: que ele fosse um instrumento da reprodução da contradição capital x trabalho no campo, pela ampliação da divisão social e técnica do trabalho neste setor, que necessariamente levaria à expropriação do saber e do trabalho de uma maioria, para que ficasse garantido o domínio e o lucro de uma minoria (FONSECA, 1985, p. 182-183).

Com essas observações, a autora nos ajuda a compreender o processo histórico da extensão até 1968. A partir das análises, acredita-se que as práticas evidenciadas a partir do século XIX até a década de 1940 tenham sido restritas para uma determinada classe, uma elite agrária, como abordado em seções anteriores, inclusive na própria catalogação da revista *O Agricultor*, quando analisamos o público-alvo (*Revista para quem?*). Se fizermos o recorte na década de 1940, teremos o Decreto-Lei nº 8.127 de 1945, que reorganiza a vida rural e prevê um maior envolvimento com as diferentes classes e qualidade de vida no campo, e, em 1948, a criação da ACAR – MG, que contribuiu para popularizar essas práticas para as diferentes classes. É nesse período que muitos começam a reconhecer e a interpretar tais práticas com o conceito de extensão rural.

Acredita-se que as práticas difundidas para uma elite agrária possa ter atingido um ponto de saturação e, conforme as necessidades de expansão de mercado, as tecnologias foram difundidas para as diferentes classes do setor rural, criando novos consumidores.

Sendo assim, nessa pesquisa foi possível observar, no período de meados do século XIX ao século XX, dois momentos do processo histórico da extensão no Brasil, para os quais se elaborou as seguintes considerações.

O primeiro momento, da segunda metade do século XIX até o final da década de 1940, foi fomentado pela elite ilustrada, com a ideia de modernização e progresso baseados no setor agrário, na qual as práticas eram privilégios de uma elite agrária, muitas vezes organizadas em sociedades com o apoio do governo e, inclusive, dos estrangeiros, com grande influência dos EUA. Entretanto, de acordo com o material analisado, nesse primeiro momento o termo extensão não era empregado, eram mais usuais os termos instrução e propaganda agrícola.

No segundo momento, quando já disseminada para a elite agrária é traçada uma nova estratégia, com a lei de abril de 1945, que amplia o associativismo rural e melhorias no campo incluindo a classe baixa. Observa-se uma ampliação do que já há muito tempo era difundido para uma elite agrária, porém, com um novo formato. Sendo assim, ampliou-se o crédito e

buscou, na educação dos produtores rurais de baixa renda, um tipo de “domesticação” e padrões para determinado consumo, como destaca Fonseca (1985), “para um comportamento mais mercantilizado”. Amplia-se assim o consumidor de máquinas e insumos agrícolas.

Desse modo, considera-se que a prática de extensão teve um processo histórico com muitas fases, ainda a serem estudadas. Para a presente pesquisa, identificou-se apenas esses dois recortes desse processo no Brasil. Além disso, devemos ressaltar que existe uma grande crítica sobre o papel desempenhado pela extensão para a instauração da Revolução Verde, para a qual a extensão teria contribuído com o incentivo ao consumo de produtos agrícolas e intensificado o uso de insumos químicos.

Conforme a análise realizada por esse trabalho, podemos notar que isso não foi uma particularidade da extensão na Revolução Verde, uma vez que as práticas que aqui consideramos ser um dos primeiros momentos desse processo já realizava influências semelhantes, porém direcionada à elite agrícola e de forma menos intensa, devido ao nível de técnicas desenvolvidas na época. Entretanto, mais estudos sobre o tema ainda precisam ser realizados.

Além dessas observações, é importante destacar que nos dias atuais a extensão rural se encontra em um processo de construção e consenso de diferentes grupos que se dividem em uma aplicação de transferência de tecnologia, voltado ao mercado, e outro grupo que visa o diálogo e a emancipação dos sujeitos.

Em meio aos debates sobre extensão, houve a divisão do que seria uma prática de extensão e o que seria uma simples difusão de tecnologia. A extensão contemporânea traz uma nova concepção da relação de conhecimento científico com as diferentes realidades sociais, de modo a quebrar com uma imposição de técnicas e buscar a construção conjunta de soluções para determinadas realidades.

Conforme a nova concepção de extensão, a partir das reflexões de Paulo Freire, podemos destacar como um dos pontos principais, a promoção da emancipação dos sujeitos observando, sobretudo, a dimensão social do trabalho.

Havendo a produção do conhecimento pelo trabalho extensionista, e a conseqüente posse do mesmo pelos participantes, resgata-se dessa forma, a dimensão social do trabalho. A extensão se estabelece-se como um trabalho social, constituindo-se como expressão de um caráter social, porém como caráter universal de todo esse movimento, em que a sociedade, ao mesmo tempo que produz o homem, também é produzida por ele (NETO, 2004, p.70).

A condição, a qual, a sociedade brasileira tem sido submetida, com a recriminação que

muitos fazem, de forma a alimentar o sistema da dominação, reproduz uma análise antidialógica de união da ciência com a sociedade e suas realidades, pautada em concepções antigas da difusão de tecnologia. É sobre esses aspectos que tem se mantido o subdesenvolvimento.

Sob o atual debate, a revista *O Agricultor* se aproxima de uma extensão com o modelo tradicional norte-americano, se estabelecendo como um meio para a instrução dos que desconhecem a verdade que ela detém. Entretanto, a revista se reconhece como propaganda agrícola, até mesmo pela não utilização do termo extensão no período de sua publicação. Os modos de instrução, difusão de tecnologia, propaganda agrícola e extensão, entre outras práticas de aproximação com os produtores rurais, vão ser veículos de técnicas e da “ciência”, com um viés para o progresso capitalista, para popularização, absorção de bens dos países centrais e produção de bens primários para exportação. Essas práticas provocam assim direcionamentos comportamentais que favorecem o desenvolvimento capitalista. É por meio dessas práticas que a ideia da necessidade de um moderno foi se aplicando no setor agrícola e no meio rural de forma geral.

Contudo, considera-se que a revista não é uma prática de extensão como entendemos atualmente, em que se baseia em um diálogo e emancipa os sujeitos envolvidos, onde não há uma verdade estabelecida. Apesar de muitas práticas atuais denominadas extensão não seguirem essa ideia e acabarem se aproximando de uma difusão de tecnologia para o capitalismo, similar à revista *O Agricultor*.

CAPÍTULO III – DESCONSTRUÇÃO

3.1 Monumentalização: determinação de um lugar e manipulação da memória

A criação de monumentos está intimamente relacionada às relações de poder do enunciador, que exerce um determinado domínio discursivo. Muitas vezes, se diz que os monumentos representam a “história dos vencedores”, como as estátuas, personificação, hinos, eventos e datas comemorativas, entre outros, que são construídos a partir de uma perspectiva determinada, sobretudo pelas relações de poder, e são tomadas muitas vezes como verdades.

O que transforma as fontes em monumentos é a sua utilização pelo poder, a linguagem do monumento se distingue pela sua característica de elevação, estabelecendo uma verticalidade, que conferida ao documento se transforma em monumento (ZUMTH, 1960, p. 17 *apud* LE GOFF, 1990, p. 545-546).

Esses monumentos têm o objetivo de enunciar um discurso, contar uma história, muitas vezes fortalecidos por imagens, mas além da enunciação visa uma fixação na memória, que conforme é disseminada cria identidades e compartilhada compõem a chamada memória coletiva.

De acordo com Halbwachs (1990, p. 88-89)

A memória coletiva é um quadro de analogias, e é natural que ela se convença que o grupo permanece, e permaneceu o mesmo, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo [...]. Sem dúvida, ele está sob a ação de uma ilusão quando crê que as analogias sobrepujam as diferenças, porém lhe é impossível dar-se conta disso, uma vez que a imagem que fazia de si mesmo outrora, transformou-se lentamente [...]

A própria mídia interfere na percepção atual do passado, ela conta uma determinada história em forma de memória. Na memória coletiva, compartilhada pelos sujeitos, cada ação, mesmo que rotineira, seria vivenciada como uma repetição sagrada do que sempre se fez, há uma identificação do ato e do sentido (NORA, 1993). “Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 1990, p. 477).

A preservação e fixação de uma memória é uma condição primeira dos monumentos. O ser humano na limitação de voltar ao passado, em seu estado físico, tem a memória como um recurso, porém a memória para permanecer registrada ao longo dos anos e das gerações recorre a suportes, que tendem a se monumentalizar. Sendo assim, temos memórias guardadas

em arquivos, livros, museus, entre outros, que se transformam nos lugares dessas memórias. Como a memória é acessada de uma atualidade para consultar um passado ela é, como destaca Nora (1993), uma representação atual do passado.

É importante destacar que além de guardar um passado a memória confere às pessoas uma identidade, não apenas individual, mas, inclusive, para uma determinada coletividade, um grupo, pois ela mantém na atualidade um reflexo do passado, podendo ser compreendida, assim, como uma herança.

Com a influência que a memória tem sobre as pessoas e suas práticas, ela é usada também como um instrumento de afirmação de poder, reforçada com a criação de monumentos e a seletividade que os constrói. Nessa seletividade, muitas memórias não têm espaço e se tornam silêncios de forma a serem esquecidas. “Os esquecimentos e os silêncios da história são revelados desse mecanismo de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 1990, p. 426).

O que não é dito pode também ser compreendido como componente da história e um desafio para a fragmentação do monumento. É fundamental considerar o silêncio no documento/monumento, de modo a questionar seus motivos e desmistificar a memória posta para que se possa revelar a história. A revista, como monumento, é um produto fabricado conforme as relações de poder, sendo assim, o desafio é desmontá-la a ponto de podermos identificar as matérias primas utilizadas para sua construção (LE GOFF, 1990).

A investigação da revista *O Agricultor* parte da concepção de documento/monumento, pois ela guarda discursos selecionados por seus organizadores, de acordo com as circunstâncias de sua época, interesses e relações de poder. Atualmente a revista representa um lugar onde estão contidas as memórias de um determinado período, dos organizadores da revista, enquanto tais, e da própria instituição que os mantinham. Porém, para o período de elaboração e circulação da revista (1922-1943), ela representava um lugar onde era possível realizar os discursos de um determinado grupo, mas não apenas um lugar no sentido de depositar e guardar, mas sim um lugar onde aquele discurso se legitimava, se institucionalizava. Desse modo, a revista representa também um lugar discursivo.

É somente com a análise e a fragmentação da substância que forma a revista que podemos ter um material para contar a história. Partimos para uma análise que procura entender como a revista *O Agricultor* é organizada e o monumento construído, numa tentativa de por em evidência os fragmentos que o formam, para então, poder colocar as peças do quebra-cabeça sobre a mesa.

3.2 O Discurso Agrícola para o Progresso

Com a análise da revista *O Agricultor* foi identificado um discurso presente em todos os números analisados. Notou-se que esse discurso orientava todas as publicações da revista. Para a análise, esse discurso foi denominado de Discurso Agrícola para o Progresso, pois ele reforça a ideia pregada por movimentos que visavam a modernização e progresso por meio da agricultura, na qual o reforço da agricultura e os investimentos numa suposta vocação agrária do país seriam as formas para alcançar um nível de desenvolvimento econômico e moral semelhante aos países centrais. Atribuí, assim, uma elevação da agricultura para o progresso e o progresso para a agricultura, conferindo a ela um heroísmo. Cria-se, desse modo, um monumento.

Destaca-se que o presente texto refere-se ao modo como o progresso provocava sentidos e era adotado no final do século XIX e início do século XX no Brasil. Como exposto em capítulo anterior que trata da palavra modernização, o progresso era entendido como um modelo de desenvolvimento, onde o exemplo de civilização eram os países centrais, e para atingir o nível de desenvolvimento desses países era preciso avançar etapas lineares, que só poderiam ocorrer pela “racionalidade” (em bases positivistas), com a adoção do moderno, a ciência e a técnica.

Desse modo, o Discurso Agrícola para o Progresso vai fomentar um modelo de desenvolvimento para o Brasil. Nesse modelo, prevalecem os interesses de uma minoria, uma aristocracia agrícola, baseada no setor agroexportador que mantém uma velha estrutura, onde as diferentes camadas sociais, sobretudo, as mais pobres, não são integradas, permanecendo um nível de desigualdade.

A persistência com que esse discurso aparece na revista *O Agricultor* e a forma como ele orienta as publicações, pôde ser percebido como um elemento chave para a construção do documento/monumento. Sendo assim, só é possível identificar as peças do quebra cabeça, desmontar o monumento, com a compreensão desse elemento que demonstra ter uma roupagem específica e se estabelecido, também, pelos silêncios.

Com essas constatações, compreendemos que o Discurso Agrícola para o Progresso é um monumento e que também se compartilha em memória coletiva, pela qual seria uma forma para permanecer no tempo de longa duração.

O Discurso Agrícola para o Progresso se estabeleceu de várias formas, uma delas é pela reivindicação de causas que eram tratadas como essenciais à coletividade, mas que reforçavam a ideia agrícola para o progresso, como as reivindicações por educação agrícola,

estradas de rodagem, redução de taxas e tributos para a agricultura, acabar com a “ignorância” que ameaçava a agricultura, agricultura racional, uso de máquinas e insumos agrícolas, exportação de produtos agrícolas, melhora na qualidade dos produtos, diminuição de custo, entre outros. A seguir, podemos observar algumas frases consideradas como Discurso Agrícola para o Progresso.

“Mesmo assim já progredimos, mas precisamos progredir muito mais, precisamos interpretar melhor a parábola do progresso, precisamos fazer deste Brasil, um Brasil grande e respeitado, o maior celeiro do mundo” (ALVARENGA, 1922, p. 12).

É incontestável que a imprensa concorre, demasiadamente, em todo o Brasil, para que ele ascenda com altivez, na escada do Progresso. Onde, porém, melhor se evidencia a sua benfeitoria influencia é, de certo, no interior do País. É pois, digna de aplausos a campanha relevante que “O Agricultor” empreende para tornar mais conhecidos os assuntos que dizem respeito à nossa maior riqueza, a agricultura, riqueza essa que se nos apresenta por aí, à toa, sem que saibamos, sequer, aproveitar-nos de um clarão único, dos inúmeros que desprendem dela (COIMBRA, 1935, p. 25).²²

O discurso da revista é ilustrado com as charges de Raul Pederneiras. Essa forma discursiva de ilustração e humor é mais um elemento para a fixação na memória.

²² Com adaptação ortográfica.

Figura 3.1 – Charge: O Brasil é Essencialmente Agrícola...



Fonte: O Agricultor (1932b).

Outra forma da monumentalização do Discurso Agrícola para Progresso foi o silenciamento de ideias que pudessem comprometer a constituição do monumento e seus ideais. Mas, o silêncio não se deu apenas pelo não dizer, pela ausência, mas, inclusive, por uma apropriação de ideias do outro, numa estratégia de mudança e subversão dos sentidos originais.

No texto *A vida rural: um inquérito econômico – sociológico*, com autoria de Hunnicutt, publicado nas revistas de número 49 e 50, em 1929, os entrevistados para o estudo foram somente proprietários de terras e as análises quantitativas, utilizando a média para aferir resultados, como o valor médio de propriedades. Observou-se no texto que não foi feita uma investigação sobre as condições da classe trabalhadora, que não foi entrevistada, ficando assim ausente.

Na revista de número 55, do ano de 1930, Saur publica o texto *Socialismo Agrícola*. O

autor faz as seguintes exposições:

Poucas palavras há que no mundo causam tanto bem e tanto mal, tantas discussões e controvérsia como esta, “socialismo”. [...] Para muitos esta pequena palavra tem forte parentesco com comunismo, ou, pior, anarquismo, trazendo o aniquilamento de todo o capital, mesmo em camadas de elevada categoria de nossa sociedade este preconceito errôneo subsiste, criando um ambiente de todo desfavorável a assunto que seja, relacionado de leve à palavra antipatizada. [...] País tido como imperialista, onde o dólar reina e o capital onipotente parece dragar qualquer iniciativa pessoal, onde ao pronunciar a palavra “socialismo” muita gente sente um calafrio, lembrando-se logo da União Soviética, são certamente eles, os Estados Unidos da América do Norte, os que se enfileiram na primeira linha das nações que adotaram sem restrições o socialismo em seu verdadeiro sentido. [...] Concluímos, portanto, que socialismo não é anarquia, nem revolução contra a existência de um regime, há anos implantado em um país, mas que deve ser algo bem mais útil e benéfico. [...] Chegamos assim, pois, ao verdadeiro significado de nosso título, que talvez tenha desagradado a princípio, mas que nada mais é que “ruralismo”, “levantar o nível de nosso roceiro”, de toda a nossa vida do nosso vastíssimo “*hinterland*”, ou então apenas “socialismo agrícola”. [...] O Brasil será, como foi até hoje, um país cuja riqueza e fonte de recursos provirá de sua atividade agrícola. Nada mais justo é, pois de beneficiar esta fonte, porque logicamente, ela, bem tratada, maiores lucros registrará [...] (SAUR, 1930, p.8).²³

Na revista de número 69, Saur (1931) repete o texto *Socialismo Agrícola* em uma análise denominada *Os magnos problemas do nosso “hinterland”*, e aponta o socialismo como a educação, mas uma educação para o progresso e melhoramento da lavoura, inclusive para a moral.

“[...] o nosso camponês interessar-se-á por processos melhorados na lavoura e na criação, ele procurará produzir mais e mais barato [...] ocupar-se-á com a vida da nação e não com a sua política, que confiava outrora a quem o patrão mandava” (SAUR, 1931, p.11).²⁴

No mesmo texto Saur (1931, p.11) aponta,

De que nos vale uma população que pela leitura só procura materiais de valor duvidoso [...] As promessas douradas dos comunistas, que em cores das mais convidativas descrevem o “Estado Futuro” no qual há pão, teto, abundancia e paz, onde não existem patrões, nem chefes, onde “todos têm direitos” [...] pensemos bem, não haverá procura desta espécie de leitura que encanta a ilusão, que elenca a mentalidade não educada, que aprendeu a ler, mas não a raciocinar?²⁵

Podemos observar que o autor se apropria do termo socialismo²⁶ e cria um discurso para convencer os leitores de que o socialismo está dentro do capitalismo, ele reduz o

²³ Com adaptação ortográfica.

²⁴ Com adaptação ortográfica.

²⁵ Com adaptação ortográfica.

²⁶ Para compreensão do conceito, conforme a Ciência Política, ver Bobbio, N. Matteucci, N. Pasquino, **G. Dicionário de política I** – Brasília: Universidade de Brasília, 11ª ed., 1998. p. 1.196 a 1.201.

socialismo em uma iniciativa de suprir déficits que impedem o progresso agrícola para garantir lucro. Ainda, os EUA são utilizados como exemplo de socialismo; o autor garante o modelo que a revista tanto divulga como exemplo a ser seguido, atribuindo aos EUA um ideal de socialismo.

Para elevação dos EUA e destruição do conceito de comunismo e socialismo, a revista *O Agricultor* publica em seu número 50, no ano de 1930, página 32, que a União Soviética importa tratores dos EUA. A revista *O Agricultor*, com seu discurso, tende para a criação de uma memória que reforça uma determinada elevação aos EUA.

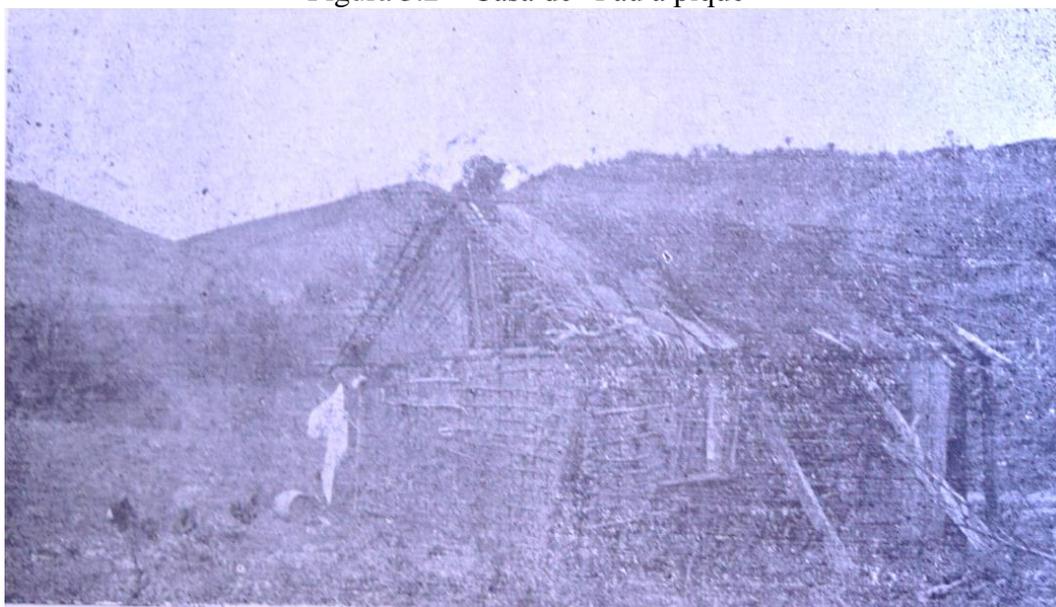
Outra publicação de Saur, que evidência a exclusão da ideia socialista e afirma a posição da revista, é o texto intitulado *Defendamos o Brasil!*, publicado em março de 1936.

A onda vermelha e sua profunda repercussões na estrutura político-social e econômica, ameaça sinistramente os horizontes do nosso País. De norte a sul levantam-se patricios desviados do verdadeiro caminho ainda mais o nosso complexo sistema orgânico de Nação Nova e essencialmente agrícola (SAUR, 1936, p. 3).²⁷

A manipulação das mensagens sobre o que seria um socialismo agrícola é percebida também por meio da imagem utilizada nos textos, é a mesma imagem, apresentada na Figura 3.2, mas que tem legendas diferentes e até mesmo contraditórias. Uma legenda diz que a foto foi tirada na cidade e outra diz que foi na roça, variação que se observou conforme o impacto pretendido em seus textos. No número 49, publicada por Hunnicutt (1929, p.6, grifo nosso), a legenda é: “A que ponto pode chegar a habitação humana. Essa [sic]**photografia não foi feita na roça, mas dentro de uma cidade**”. Nas publicações de Saur as legendas são as seguintes, número 55 (1930, p.9): “Eis porque trabalhamos pelo Socialismo Agrícola”. E número 69 (1931, p.7, grifo nosso): “Uma prova prática que deve introduzir o socialismo agrícola no Brasil: **uma ‘casa’ na roça** ([sic]Photo tirada não muito longe numa cidade do interior)”.

²⁷ Com adaptação ortográfica.

Figura 3.2 – Casa de “Pau a pique”



Fonte: Saur (1930).

Além do Discurso Agrícola para o Progresso, podemos observar nesses trechos a história na revista, que apesar de buscar silenciar os acontecimentos e as tensões políticas da época, revela que algo estava acontecendo. Se analisarmos as datas e relacioná-las com os acontecimentos da época teremos a saga da Coluna Prestes, o poder de Vargas e até mesmo o Cangaço. Não foi um período sem tensões, manifestações e ausência de diferentes camadas sociais, muito menos para o setor agrário, como o discurso presente na revista pretende mostrar. Por meio da revista *O Agricultor*, podemos ver aspectos da história por uma ótica ruralista, mas antes é preciso desvendar e desmontar os monumentos.

Apesar dessas preocupações com o social as figuras de classes camponesas não apareceram. Os trabalhadores rurais são sempre citados na terceira pessoa, não ocupando um lugar discursivo na revista.

Inicialmente, autores como Paulo Menecuci demonstravam preocupação com o trabalhador rural, mas se tratava de ideias higienistas e advertia um melhor cuidado com a mão de obra e saneamento, como uma forma de garantir o progresso.

É preciso considerar ainda, que havia uma forte disputa entre o rural e o urbano. O Discurso Agrícola para o Progresso, no reforço da agricultura, pode ser observado em textos que tratam do exôdo rural e travam um embate entre o rural e urbano.

Os capitalistas rurais sentem a atração das cidades para o emprego do seu capital. As famílias começam a pedir papai para mudar para a cidade para poderem obter melhores oportunidades de instrução, ou para gozarem as atrações da vida mundana. A lavoura passa por suas crises, os braços escasseiam, a rotina cai em desprezo, em fim tudo coopera para acentuar a

tendência da movimento pró-cidade (Hunnicut, 1929, p. 5-6) ²⁸

A disputa com o espaço urbano apesar de parecer, à primeira vista, uma preocupação com o êxodo rural e a falta de mão de obra, na verdade é uma disputa por investimentos, seja por medidas públicas ou pelos detentores de capital. Isso se justifica inclusive pelo processo de industrialização que se acentuava na época e a divisão de interesses das elites, que, a grosso modo, se dividiam em industriais e agrícolas.

Ainda, alguns autores da revista *O Agricultor* incluíam, em seus discursos para o progresso, uma ideia de eugenia, argumentando que o nível de desenvolvimento do Brasil é inferior ao EUA pela mistura de raças não europeias, que era um alerta, inclusive, para a escolha da origem imigratória para a mão de obra. Dantas (1928, p.6) aponta que “não será com populações híbridas, mescladas, nem tão pouco com auxílio exclusivo do braço indígena que as nossas sociedades lograrão estabelecer as bases de nossas riquezas” ²⁹. O autor aborda que as raças que não são de origem europeia teriam aversão ao trabalho e por isso não poderiam alcançar o progresso.

Podemos observar que a elevação da raça europeia, dos norte-americanos, se dá sobre as demais raças, que são silenciadas, constituindo assim uma monumentalização de um tipo ideal. Porém, o modo como foi construído esse silêncio não possibilitou, dentro dos limites da presente pesquisa, uma maior apreensão nos discursos da revista *O Agricultor* sobre a questão racial, o espaço para o negro e relacionar com a escravidão no Brasil, o que se torna um desafio para futuras pesquisas.

A monumentalização se dá também pela atribuição heroica da agronomia e do desenvolvimento agrícola, ao mesmo tempo em que busca estabelecer um lugar, legitimar suas falas e ações, fixar na memória a ser compartilhada essa valorização que só tem sua grandeza na vocação agrícola do país.

O monumento Discurso Agrícola para o Progresso, demonstra, ainda, que a revista *O Agricultor* não apresentava um compromisso estrito com a ciência. A maioria dos textos podem ser caracterizados como “conselhos” e “intervenções” para um modelo de produção agrícola e tem em seus conteúdos o Discurso Agrícola para o Progresso. Além disso, a revista apresenta muitas propagandas, que se fazem presente, até mesmo, em meio aos textos e os direcionam.

²⁸ Com adaptação ortográfica.

²⁹ Com adaptação ortográfica.

3.3 Homenagens e personificação

Na revista *O Agricultor*, podemos observar um esforço para a personificação de alguns homens selecionados, uma elevação das qualidades que se relacionam com o Discurso Agrícola para o Progresso, elevando o discurso, a EAL e as figuras que se transformam em homens notáveis. Essas práticas vão contribuir para a monumentalização representada por imagens e textos que criam um tipo ideal. A partir desse esforço da revista, nota-se a busca pela efetivação de um *lugar* do agrônomo.

A primeira forma observada para essa monumentalização tem o título de homenagem, que geralmente estampa as páginas iniciais da revista. Ao buscar sobre a etimologia da palavra homenagem, inicialmente encontra-se referência a Bloch (2009), que em um estudo sobre a sociedade feudal, aponta a origem da homenagem como o ritual que estabelecia a relação de fidelidade do vassalo ao seu senhor feudal. Munhoz (2017), em seu estudo que observa o poder do discurso da submissão do século XVIII, destaca os adjetivos que eram empregados em cartas, prestava-se homenagem pelo uso de expressões como: vossa excelência, suma veneração, entre outros. Práticas que vão ser observadas na revista *O Agricultor*.

A primeira homenagem da revista foi para Benjamin H. Hunnicutt, talvez a figura mais notável e influente na revista. A influência de Hunnicutt vai se tornar tão significativa ao longo dos anos que sua imagem sobrepõem, até mesmo, a de Samuel Gammon, apesar de, este último, ter uma homenagem enquanto estava vivo e uma outra em seu falecimento, no ano de 1928. Gammon não apresentou grande participação na revista *O Agricultor*. De acordo com a revista, Hunnicutt se torna a grande referência do sucesso que a EAL e ESAL teriam conquistado. A Figura 3.3, a seguir, refere-se a primeira homenagem realizada pela revista, publicada em seu primeiro número no ano de 1922.

Figura 3.3 – Homenagem a Benjamin H. Hunnicutt



Fonte: O Agricultor (1922a)

Podemos observar na imagem acima, que na foto o homenageado aparece em trajes formais, com um tom sério e um ângulo de inclinação do seu rosto que suscita ao receptor certa importância do homem da foto. Esse modelo da foto é um padrão que seguirá ao longo de toda a publicação da revista. Além disso, podemos observar o título de doutor a Hunnicutt, título que será atribuído aos homenageados mais notáveis e que possuem uma titulação ou cargo superior aos dos estudantes. As homenagens eram realizadas apenas com a publicação da foto ou da foto seguida de um texto que elevava o homenageado, conferindo a ele uma grandiosidade de modo a personificá-lo.

Além dos colaboradores da revista, havia homenagens à pessoas com importância política e social e que se alinhavam aos interesses agrícolas, como é o caso de Odilon Braga, que era Ministro da Agricultura e contribuiu com a EAL. Além da homenagem presente na revista no ano de 1936, foi lançada a pedra fundamental do prédio que ganhou seu nome, mais uma homenagem (PAIVA e ALVES, 2011). Inaugurado em 1937, atualmente, no prédio funciona o Museu de História Natural da UFLA.

Figura 3.4 – Homenagem a Odilon Braga



Fonte: O Agricultor, 1935b.

No texto são atribuídas ao homenageado “qualidades” como: “ilustre”, “tradicional família mineira”, “inteligência cintilante e arguta” e “expoente máximo da agricultura”. Podemos observar também a elevação de sua atuação política com as afirmações: “fecunda vida pública em prol de Minas e, quiçá de toda a nação”; “dedicado ao bem público mais que a seu próprio, sempre ansioso em servir à coletividade e aos interesses superiores do país”; “S. Excia.”. Com essas características nota-se a construção de um monumento.

O Quadro 3.1 a seguir, lista os homenageados que tiveram um espaço específico na revista e aparecem no sumário, geralmente com uma página inteira só para eles no início da revista. Houve uma maior concentração dessas homenagens nos anos iniciais da revista, de 1922 a 1923, e depois entre os anos de 1935 a 37. Devemos ressaltar que devido à disponibilidade do acervo não foi possível consultar e fazer análise das publicações dos anos de 1933 e 1934.

Quadro 3.1 - Lista dos títulos Homenageados em ordem alfabética

| Homenageado | Observações |
|--------------------------------|---------------------------------------------|
| Alberto Torres | |
| Benjamin H. Hunnicutt | |
| Charles Clyde Knight | |
| Cyrus Hall Maccormick | |
| Daniel de Carvalho | Secretário de Agricultura MG |
| Dirceu Duarte Braga | Chefe do serviço técnico do café MG |
| Edigar de Oliveira Regis | |
| Emanuel Deslandes | |
| Frank F. Backer | |
| G. A. Roberts | |
| Jeremias Pinheiro Filho | |
| Jó Deslandes | Homenagem póstuma |
| John H. Wheelock | |
| José Augusto Bezerra de Mendes | Matrícula do filho do deputado do RN na EAL |
| José Cavalcanti | |
| José de Oliveira Dantas | |
| José Mendes | |
| Juracy Magalhães | Governador da Bahia |
| Miguel Calmon | Ministro da Agricultura |
| Noraldino Lima | Diretor da imprensa oficial do Estado |
| Octavio Lamartine | Ex-aluno - homenagem póstuma |
| Oswaldo Emrich | |
| Paulo Menicucci | |
| Raul Pederneiras | Cartunista - Transc. Minas Geraes |
| Samuel R. Gammon | |
| Silvio Moreira (Bi Moreira) | |
| Vicente Rangel de Sá | |
| Walter Wolf Saur | |

Fonte: Da autora (2018).

É importante destacar que além desses nomes listados a revista apresenta personificação de mais homens, porém dispersos em meio de textos distintos. Como é o caso de Israel Pinheiro, Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais.

O texto em volta da foto de Israel Pinheiro, refere-se a uma campanha para arrecadar fundos, a fim de melhorar a estrutura da escola para a inspeção federal que iria receber. Foi inserida no texto para essa campanha a foto do inspetor federal, Israel Pinheiro, e abaixo da

foto o texto homenageia-o, referindo-se a ele como “digníssimo Secretário de Agricultura do Estado”, “figura valiosa”, “batalhador eficaz”. Além de monumentalizar, cria-se um laço com aquele que iria avaliar a escola como inspetor.

Figura 3.5 – Homenagem a Israel Pinheiro



Fonte: Saur (1936-37).

Além desses homenageados havia também a publicação denominada Agronomandos, que homenageavam alguns alunos que estavam se formando na EAL. A publicação dos Agronomandos ocorreu apenas nos dois primeiros anos da revista, de 1922 a 1923.

Segundo *O Agricultor* (1922a), a denominação e publicação dos Agronomandos era uma praxe adotada por muitas instituições de ensino superior em agronomia. Sendo assim, a revista *O Agricultor* seguiria essa praxe e estamparia em suas páginas as fotografias dos estudantes que deixariam a EAL em decorrência da formatura. Além das fotos serem publicadas nas revistas, elas compõem um quadro de formandos. Esses quadros permaneceram por muito tempo expostos no Museu Bi Moreira, localizado no Campus Histórico da UFLA, onde estão salvaguardados, feito de madeira de alta qualidade, durando ao longo do tempo. A Figura 3.6 demonstra a publicação de Agronomandos na revista e a Figura 3.7 o quadro de formandos de 1949, que, apesar de representar um momento em que já não era publicada a revista *O Agricultor*, é similar aos quadros do período da revista, tendo o mesmo padrão. A escolha da Figura 3.7 se deu pela disponibilidade do acesso.

Figura 3.6 – Agronomando Tancredo Paranaguá



Fonte: O Agricultor (1923c).

Figura 3.7 - Quadro de Agronomandos de 1949



Fonte: Museu Bi Moreira (2018).

De acordo com consulta realizada ao livro *UFLA 100 anos* (2008), que dispõe da lista de todos os formandos da EAL, ESAL e UFLA até 2007, os formandos em 1923 pela EAL seriam cinco, porém apenas quatro foram homenageados na revista, dentre os cinco formandos apenas Ulderico Cerqueira Luz não teve sua foto publicada. Não foi possível identificar os motivos, mas conforme a lista da diretoria, publicada na própria revista, Ulderico Luz tinha ocupado o cargo de gerente no primeiro ano da revista. No ano de 1923,

esse cargo foi extinto e sua participação na revista não foi mais registrada. A hipótese que se levanta é um possível desentendimento entre os organizadores da revista e o antigo gerente.

Quadro 3.2 - *Agronomandos* publicados na revista.

| Nº de Ref. | Nº da revista | Ano | Homenageado |
|------------|---------------|------|-----------------------|
| 1 | 1 | 1922 | Ildefonso Correia |
| 2 | 1 | 1922 | Jayme Brito |
| 3 | 2 | 1922 | José Alvarenga |
| 4 | 2 | 1922 | Othoniel J. Ribeiro |
| 5 | 3 | 1922 | Erasmus Maciel |
| 6 | 3 | 1922 | Lauro Correia |
| 7 | 4 | 1922 | Benjamin Soares |
| 8 | 4 | 1922 | Oswaldo Lemos |
| 9 | 5 | 1922 | Edgard C. Bittencourt |
| 10 | 6 | 1923 | João Alves Junior |
| 11 | 7 | 1923 | Josué Deslandes |
| 12 | 8 | 1923 | Tancredo Paranaguá |
| 13 | 9 | 1923 | Florian Botrel |

Fonte: Da autora (2018).

A publicação dos *Agronomandos* seguia um padrão de homenagem da revista, mas além da foto, era redigido um pequeno texto de apresentação do estudante que informava sua origem e complementava com uma valorização para sua carreira profissional, como o texto referente a Tancredo Paranaguá, publicado na revista *O Agricultor*, em seu número 8 de 1923:

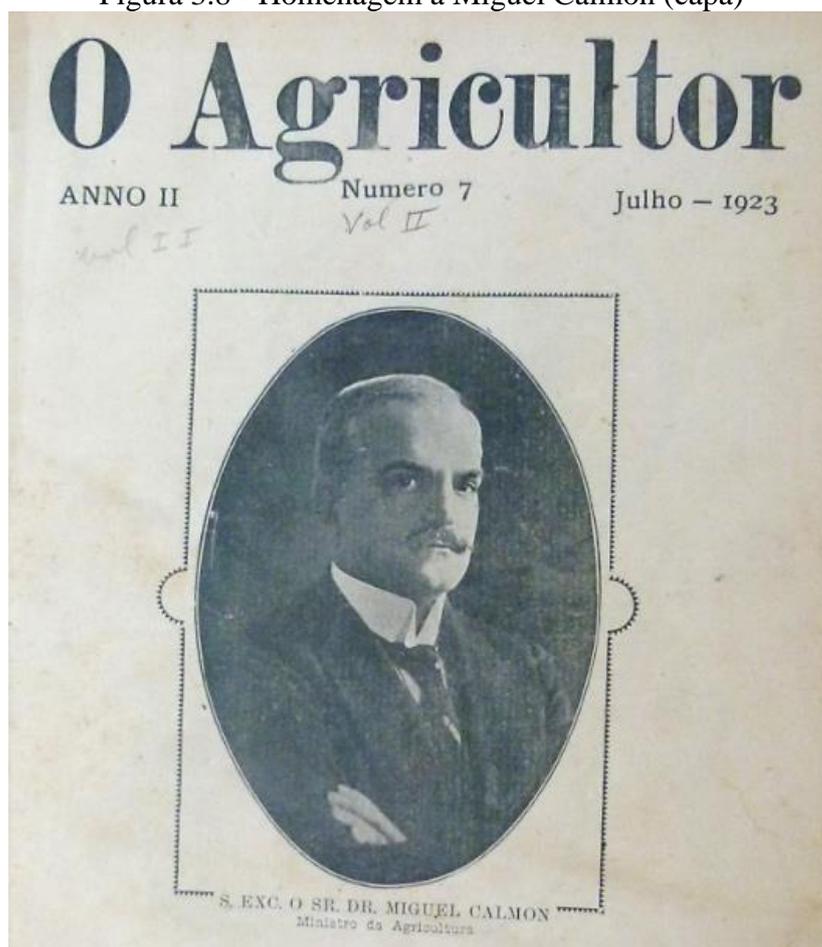
Com a publicação que fazemos hoje do jovem Tancredo Paranaguá, cuidamos render homenagem assás merecida, ao jovem agronomando, cujo brilhante tirocínio acadêmico vale bem pela afirmação dos seus proveitosos esforços. Natural da cidade do Rio de Janeiro, em 1919 prestou no Ginásio de Lavras, todos os preparativos necessários à sua admissão na Escola Agrícola, onde, através de quatro longos anos de constantes labores viu sempre os seus esforços coroados dos mais brilhantes triunfos. [...] esforçado secretário desta revista, a que tem dispensado muito do seu valioso concurso. Muito moço, possuidor já de invejável cultura científica, no desempenho futuro d sai atividade profissional, certo concorrerá vantajosamente para o melhor e verdadeiro incremento da Agricultura-racional moderna do País (O AGRICULTOR, 1923c, p.11).³⁰

O modelo de qualidades atribuídas a Tancredo Paranaguá é semelhante as atribuídas aos outros agronomandos, sempre elevando a moral, a inteligência e prestativo à nação, por meio da dita importante promoção da agricultura moderna.

³⁰ Com adaptação ortográfica.

Das revistas analisadas, apenas uma estampou em sua capa a figura de um homem, seguindo o padrão das fotos homenageadas. Foi a revista de número 7, publicada em julho de 1923, conforme demonstrado na Figura 3.8. Na capa, Miguel Calmon, figura marcante para o setor agrícola brasileiro e a institucionalização do ensino agrícola. No período da publicação Calmon era Ministro da Agricultura, como consta na legenda a baixo de sua foto: “S. Exc. O Sr. Dr. Miguel Calmon, Ministro da Agricultura”.

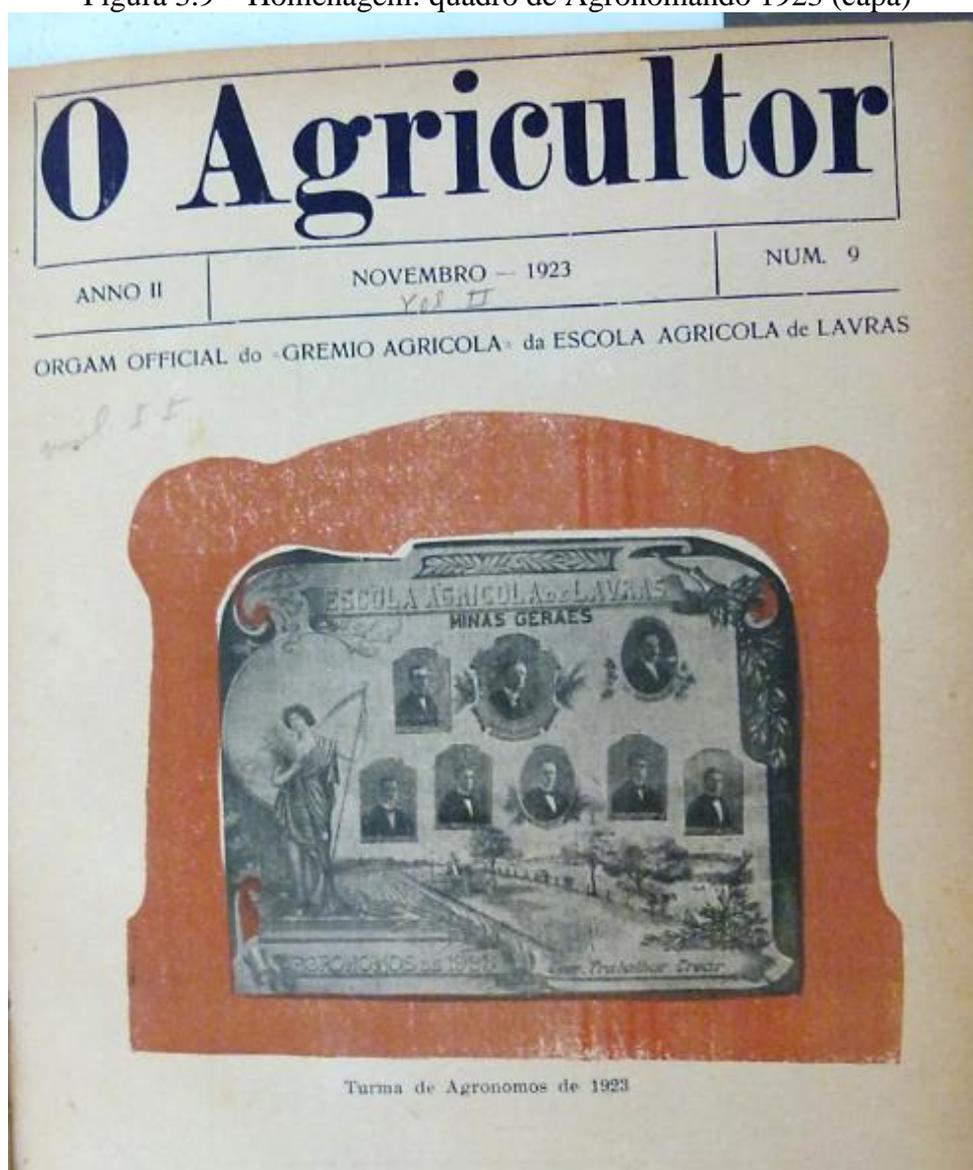
Figura 3.8 - Homenagem a Miguel Calmon (capa)



Fonte: O Agricultor (1923a).

Curiosamente, na edição número 9 do mesmo ano, publicada em novembro de 1923, a revista abre outra exceção e estampa sua capa com o quadro de formandos da EAL, como pode ser observado na Figura 3.9. Na legenda está: “Turma de Agrônomos de 1923”.

Figura 3.9 – Homenagem: quadro de Agronomando 1923 (capa)



Fonte: O Agricultor (1923d).

Podemos notar uma intencionalidade dos organizadores da revista, que ao colocar primeiro a imagem de uma figura importante e notável no país, atribui aquele espaço um caráter de grande relevância. Ao colocar depois de apenas uma edição o quadro de formandos da EAL, eles equiparam os mesmos ao nível de Miguel Calmon. Desse modo, procura suscitar no leitor um grau de importância dos formandos, apresentados como agrônomos e também da EAL, procurando afirmar assim um lugar notável.

No século XIX e até começo do século XX, a política e o pensamento intelectual eram dominados principalmente por médicos e bacharéis em direito, os agrônomos buscavam por um espaço, um lugar. Para isso, afirmavam em seus discursos uma necessidade e importância da agronomia, alinhando o discurso para as concepções positivistas da ciência e o ideal modernizador, muito forte nesse período (NERY, 2017). De acordo com Nery (2017, p.174),

“a construção do discurso dos agrônomos pode ser vista como uma estratégia para a formação e a posterior manutenção de um *habitus* de grupo que iria ser adquirido, principalmente, na formação oferecida nas escolas superiores de ensino agrônômico”. O autor ainda complementa “sendo a ciência a determinação da verdade, os agrônomos teriam o direito natural e a condição adequada para pensar o desenvolvimento do país por meio da modernização agrícola” (Nery, 2017, p.178).

Araújo (2004), ao estudar o início da EAB, no final do século XIX, observou que os egressos do curso de engenharia agrônômica tinham a preocupação da demarcação de seu espaço, seu lugar, com relação aos outros profissionais e bacharéis de diferentes áreas de conhecimento, o que o autor chama de posições no jogo de uma luta concorrencial. Com a análise de trabalhos finais para a colação de grau em engenharia agrônômica da EAB, Araújo (2004), observa que, nos trabalhos, busca-se legitimar o espaço profissional sobre a agricultura, em que os outros seriam desautorizados de operar em tal área, postura que o autor identificou em diferentes monografias da EAB. Tal afirmação do lugar da ciência agrária é demonstrada no trecho a seguir:

O agrônomo é *rex naturae*, que estudando os fenômenos da vegetação, dirige com suas leis, e as mais preconizadas, a agricultura; esta fonte de riqueza de onde emana a civilização dos povos. Sem ele a agricultura não é mais do que rotina (OLIVEIRA, 1890 *apud* ARAÚJO, 2004, p. 8).

Sendo assim, na revista *O Agricultor*, podemos notar essa semelhança da busca por uma legitimação das ciências agrárias, o estabelecimento de um lugar, expresso fortemente nas homenagens aos agronomandos e na exaltação da ciência para a agricultura.

Outra forma que criava homens notáveis, que dava uma visibilidade semelhante aos homenageados, foram as entrevistas. As transcrições e apresentações das entrevistas foram marcadas com uma exaltação do entrevistado, além de apresentar sua foto ao lado do texto. Nas revistas analisadas foram identificadas sete entrevistas, demonstradas no quadro a seguir.

Quadro 3.3 – Entrevistas publicadas na revista *O Agricultor*

| Nº Revista | Mês-Ano | Título | Entrevistado |
|------------|-------------|---------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 38 | set. - 1928 | O Rio Grande do Norte econômico | Juvenal Lamartine (Presidente do Estado) |
| 41 | fev.- 1929 | Programa do Estado de Minas Gerais no Desenvolvimento da Indústria Agropecuária | Djalma Pinheiro Chagas, (Secretário de Agricultura). |
| 44 | mai.- 1929 | Crédito agrícola | Guedesteu de Sá Pires (Secretário de Finanças do Estado de Minas Gerais) |
| 46 | jul.- 1929 | Os nossos problemas de pecuária e fruticultura | Greminiano Lyra Castro (Ministro da Agricultura) |
| 51 | dez.- 1929 | O inquérito sobre o gado Zebu | Entrevista com os 03 grandes frigoríficos de SP. |
| 60 | set.- 1930 | Medida de alto alcance para o desenvolvimento agrícola do país | Arthur Torres Filho (Diretor do Serviço de Inspeção e Fomento Agrícola do Ministério da Agricultura) |
| 123 | abr.- 1937 | Agricultura no Nordeste brasileiro | Raymundo Acioli Borges (Agrônomo) |

Fonte: Da autora (2018).

Figura 3.10 - Entrevista a Arthur Torres Filho



Fonte: O Agricultor (1930b).

O modo como se orientavam e foram publicadas as entrevistas conferem aos

entrevistados uma elevação e personificação, que revelam grande traço de monumentalização. Apreende-se que as publicações analisadas representam mais um elemento para a consolidação do lugar do agrônomo, de um modelo para o desenvolvimento rural e da própria EAL. A afirmação de contribuições da escola ao setor agrícola brasileiro eram muito fortes. A partir dessas análises, podemos observar uma prática presente na revista que visa criar monumentos e disseminá-los na memória coletiva.

3.4 A divisão de gênero e afirmação do patriarcado

O período em que foi publicada a revista *O Agricultor* foi marcado por grandes tensões de gênero que, apesar de terem reflexos nos dias atuais, até a primeira metade do século XX, representou grande repressão ao gênero feminino, que no começo do século, não tinha nem mesmo o direito ao voto. Essa repressão é fortemente sustentada pela revista *O Agricultor* que, como observado em seção anterior, só homenageava homens. O modo como é disponibilizado um “espaço” para a mulher na revista *O Agricultor*, monumentaliza o patriarcado e influencia uma memória coletiva.

De acordo com Delphy (2009), o patriarcado tem origem na combinação das palavras gregas *pater* (pai) e *arkhe* (origem e comando). Segundo a autora, a palavra “patriarcado” admite triplamente a noção de autoridade e nenhuma noção de linhagem biológica.

[...] em autores do século XIX utilizado de maneira elogiosa em expressões como “as virtudes patriarcais”, a saber, a simplicidade dos costumes, a frugalidade, a vida no campo. A palavra denota pequenas comunidades agrícolas compostas de unidades familiares de produção, cada uma sob o cajado de seu antepassado, sendo a vida comunitária regida pela reunião dos ancestrais, dos chefes de família. Para os autores, essa é a imagem de uma idade de ouro, que eles opõem à corrupção e à decadência provocadas pela vida na cidade, pela indústria e pelo assalariamento (DELPHY, 2009, p. 174).

Já Freyre (2006, p.34), em um estudo da especificidade brasileira, desde o período colonial, destaca:

A formação patriarcal do Brasil explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de “raça” e de “religião” do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi aqui a unidade colonizadora. Economia e organização da família, que às vezes contrariam não só a moral sexual católica como as tendências semitas do português aventureiro para a mercancia e o tráfico.

Como uma marca, tem-se a tradicional força masculina nos cargos de poder, baseados numa sociedade patriarcal, onde o homem, geralmente branco, é o chefe. A resistência desse

patriarcado e o não reconhecimento da mulher é reforçado no setor agrícola, que pregava uma modernização e progresso em prol de um desenvolvimento econômico sobre velhas estruturas, inclusive a divisão de gênero e a exclusão da mulher em cargos de poder.

Além disso, Freyre (2006, p. 30), ao relatar sua impressão do sul dos EUA, local de onde vieram os missionários norte-americanos que deram origem a EAL e a revista *O Agricultor*, aborda:

Mas regressando pela fronteira mexicana, visava menos a esta sensação de paisagem sertaneja que a do velho Sul escravocrata. Este se alcança ao chegar o transcontinental aos canaviais e alagadiços da Lusiana, Alabama, Mississippi, as Carolinas, Virgínia – o chamado “*deep South*”. Região onde o regime patriarcal de economia criou quase o mesmo tipo de aristocrata e de casa-grande, quase o mesmo tipo de escravo e senzala que no Norte do Brasil e em certos trechos do Sul [...]. A todo estudioso da formação patriarcal e da economia escravocrata do Brasil impõe-se o conhecimento do chamado “*deep South*”. As mesmas influências de técnica de produção e de trabalho – a monocultura e a escravidão – uniram-se naquela parte inglesa da América como nas Antilhas e na Jamaica, para produzir resultados sociais semelhantes que só varia o acessório: as diferenças de língua, de raça e de forma de religião.

A EAL foi uma instituição declaradamente masculina. Durante décadas não havia espaço para a mulher, sua matrícula nem era cogitada. De acordo com consulta à lista de formandos no livro *UFLA 100 anos (1908-2008)*, somente em 1951 é que houve a formação da primeira mulher no curso agrícola, quando o nome da instituição já é ESAL. Arlete Veiga Pádua foi a primeira mulher a obter o diploma pela ESAL.

Figura 3.11 – Arlete Veiga Pádua



Fonte: Aguiar (2013).

Seguindo a consulta pela lista de formandos, a segunda mulher a obter o diploma pela ESAL foi Carmen Silva Pereira, em 1953, e posteriormente Ana Maria de Figueiredo, em 1959. Outras mulheres só vão aparecer a partir de 1966, em número bem reduzido. O número de mulheres no curso de agronomia começa a crescer no final da década de 1980, mas longe de chegar a, pelo menos, 50% da turma.

Esse pensamento de sociedade patriarcal é fortemente sustentado e reforçado pela revista *O Agricultor* em todos seus anos de publicação. Como já mencionado na seção sobre o Discurso Agrícola para o Progresso, a revista não publicava textos que representassem mudanças e conquistas da classe minoritária e movimentos de resistência à velha estrutura patriarcal e agrícola.

Dentro desse lugar para o patriarcado, o espaço destinado para a mulher existiu, porém, altamente restringido a um reforço da idealização da mulher e seu papel dentro família tradicional. As revistas *O Agricultor* analisadas, tiveram um total de cinco mulheres que realizaram publicação. Os textos publicados por essas mulheres, se restringiram a poesia, economia doméstica e conto infantil.

O primeiro texto publicado por uma mulher foi em 1925, na revista de número 16, por Bella Kolb. Intitulado *Como se deve por e servir a mesa*, fez parte da coluna *O Companheiro do lar*. A apresentação da coluna era a seguinte:

Será publicado em todos os números nesta edição artigos de grande interesse para as donas de casa. A professora Bella Kolb, lente de Artes Domésticas no Colégio Carlota Kemper, encarregada deste trabalho, receberá com grande prazer consultas, publicando no número seguinte desta revista as respostas. Estas consultas podem versar sobre qualquer interesse das donas de casa – receitas para novos pratos costuras, cuidados das crianças, etc. (KOLB, 1925a, p.17).³¹

Apesar da apresentação da coluna disponibilizar o atendimento de consultas, não foi identificado nas revistas analisadas nenhum pedido de consulta.

Além do texto sobre a preparação da mesa, Bella Kolb publicaria mais quatro textos intitutados: *Pratos de milho*, *Alimentação da família*, *Informações sobre os cursos de economia doméstica nos Estados Unidos do Norte* e *O ensino da administração do lar na Alemanha*. A autora publicou no período de 1925 a 1926.

Depois de Bella Kolb, quem assume a coluna *O Companheiro do lar* é Eula Lee Kenedy Long, também professora do Colégio para meninas Carlota Kemper, que pertencia à missão da PCUS. Porém, publica apenas um texto, no ano de 1927, *O lugar das flores no lar*.

³¹ Com adaptação ortográfica.

No número 25, publicado em 1926, Nannie Kolb Hunnicutt escreve receitas de bolo. A coluna publicou mais três textos até 1928, porém sem assinatura, depois disso deixa de aparecer na revista.

A Figura 3.12, a seguir, é uma foto publicada na coluna *O Companheiro do lar* em 1925. Na imagem, Nannie Kolb Hunnicutt, esposa de Benjamin Hunnicutt, faz uma demonstração de pratos de milho, cereal muito citado pela revista e, inclusive, tema de livro de Hunnicutt. Podemos observar que quem dirige a demonstração é um grupo formado exclusivamente de mulheres, o público já apresenta o gênero masculino e feminino, porém separados. Em primeiro plano, há somente mulheres e no canto os homens, denotando uma heterogeneidade.

Figura 3.12 - Mme. Hunnicutt realizando demonstrações de pratos de milho



Fonte: Kolb (1925b).

O modo como as mulheres se vestem na Figura 3.12, parecem referenciar as chamadas damas. Até mesmo o título da figura, extraído da revista, intitula Nannie como Mme. Hunnicutt, titulação que vem do francês para senhora.

Pode-se perceber que as roupas representam uma determinada classe social, com considerável poder aquisitivo. Na imagem sem grande definição não é possível observar com detalhes o que compõem a sala, mas nota-se um grande símbolo, a bandeira do Brasil, dobrada de modo que em destaque pode-se ler a marca positivista, “ordem e progresso”.

Nannie Kolb Hunnicutt sugere mais representações ao longo das publicações da revista, na imagem dos alunos em visita a sua casa ela não é excluída da foto (Figura 3.13),

aparecendo ao lado de Hunnicutt, que estão no “topo da pirâmide” formada com a posição de cada um na escada. O casal se localiza em uma coordenada próxima do centro, o que sugere a representação do patriarca e da matriarca, inclusive pela presença de seu filho ainda criança. Essa imagem, apesar de parecer inocente e apenas comemorativa, guarda um significado muito forte, em que a figura do “mestre” Hunnicutt não é apenas apresentada como cientista, mas como um patriarca. É reforçada a família tradicional e a cordialidade do estrangeiro que dirigiu a EAL, acolheu seus alunos e daqui fez seu lar.

Figura 3.13 – Acadêmicos da EAL em recepção na casa de Benjamin Hunnicutt em maio de 1930



Fonte: O Agricultor (1930a).

Essa representação da família patriarcal suscita mais sentidos, como aponta Holanda (2004, p. 90):

A família patriarcal fornece [...] o grande modelo por onde se hão calcar, na vida política, as relações entre governantes e governados, entre monarcas e súditos. Uma lei moral inflexível, superior a todos os cálculos e vontades dos homens, pode regular a boa harmonia do corpo social, e portanto, deve ser rigorosamente respeitada e cumprida”.

Se uníssemos todas fotos dos homenageados publicados na revista *O Agricultor*, provavelmente poderíamos chegar próximo da representação da Figura 3.14.

Figura 3.14 – 3º Congresso Comercial, Industrial e Agrícola realizado em Itajubá em 1930



Fonte: O Agricultor (1930a)

Além dos textos sobre o lar em 1928, a revista publica o texto de Maria Antoniera V. Salles, o título *A Árvore*, que é um texto poético. Outro texto que apresenta uma autora é o texto *Cumprimentos*, de Carmen D'Avila, transcrito do livro *Boas Maneiras da Cia.*, da Editora Civilização Brasileira. Também teve seus textos publicados Eleanor Griffith, uma estrangeira, que teve a história *Cho-cho e a Fada Saúde* traduzida para o português, publicada no ano de 1929. O texto de Eleanor compunha uma cartilha da *American Child Health Association* (Associação Americana de Proteção à Saúde) e aborda a saúde infantil com aspectos higienistas.

Na revista, não foram publicadas fotos das mulheres sozinhas com o mesmo destaque dos homens homenageados. Nas poucas fotos em que aparecem mulheres, elas estão em conjunto e seu rosto não é o foco, não conferindo a elas uma personificação. Apenas uma mulher apareceu em uma foto sozinha e estampou a capa da revista, número 46, do ano de 1929. Seu nome não é revelado na revista, apenas há a legenda: “Miss Minas Gerais. Homenagem do *O Agricultor* – Pose especial para a revista”. Desse modo, a mulher aparece uma única vez dita homenageada e sem referência a afazeres domésticos, mas com referência à estética; nem ao menos seu nome foi escrito.

O que a revista diz homenagear é a representação de um ideal para a mulher, pautado em sua estética e seu título de Miss, em uma representação da sexualidade feminina para o masculino. Essa representação é no mínimo questionável ao se tratar de uma revista agrícola.

Como aponta Freyre (2004, p. 207):

Também é característico do regime patriarcal o homem fazer da mulher uma caricatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco;

ele o sexo nobre, ela o belo. Mas, a beleza que se quer da mulher, dentro do sistema patriarcal, é uma beleza meio mórbida. [...] O máximo de diferenciação de tipo e de traje entre os dois sexos.

Em uma pesquisa ao jornal *O Paiz* do Rio de Janeiro, publicado em 1929, resgata-se seu nome: Jesuína Pimentel Marinho de São João Del-Rei - MG.

Figura 3.15 – Jesuína Pimentel Marinho, Miss.



Fonte: O Agricultor, 1929b.

Além das observações apresentadas, há dois artigos publicados na revista que tratam da mulher na agricultura. O primeiro, publicado na revista de nº 60, em setembro de 1930, é uma transcrição do discurso de Cesar Lourenço na reunião fechada do Centro Líteo-Agrícola da EAL. Denominado de *A mulher na agricultura*, o discurso inicialmente se refere ao amor materno, que seria o mais santo dentre os amores, porém, ao longo do texto ele ressalta uma importância da mulher na agricultura, sobretudo, no período da 1ª Guerra Mundial, em que os homens deixaram os campos rurais para o *front*. Apesar desse reconhecimento, principalmente às mulheres camponesas da Europa, Lourenço (1930, p. 24) discursa:

Enquanto as cidades as vossas irmãs, orgulhosas da atenção que os homens lhe dispensam, influem decisivamente em todas as modalidades da ação humana, e, indo mesmo além dos seus direitos, querem votar e querem ser votadas, querem ser senadoras, presidentes e (céus!) pretendem até entrar

para o exército, vós fazeis obscuramente o mais verdadeiro e o mais eficaz de todos os feminismos e a troco de quanto sofrimento [...].³²

Ao finalizar seu discurso Lourenço (1930, p.25) saúda as mulheres camponesas: “Camponesas de todo o mundo, por tudo quanto tendes sofrido e haveres de sofrer ainda, pela beleza da vossa renuncia e pela nobreza da vossa alma, pelo encanto da vossa simplicidade e pela glória do vosso destino, deixai que eu vos saúde”.

Podemos notar que a mulher, enquanto camponesa, teve destaque nesse discurso, o qual devemos ressaltar que difere um pouco dos demais textos abordados na revista, por trazer a palavra camponesa e retratar o trabalho direto da mulher na agricultura. Mas, sua particularidade na revista tem limites, uma vez que ao tratar das mulheres da urbe o faz com uma perspectiva do patriarcado, pois atribui a elas uma restrição do seu papel na sociedade, em que elas não poderiam ocupar cargos de poder.

Anos mais tarde, dividido nos números 128-129 e 130-131, de 1937 e 1938 respectivamente, foi publicado o último texto referente à mulher. Também denominado *A mulher na agricultura*, trata-se de mais uma transcrição, porém de *O Jornal*, da autoria de Jules Meline, ex-ministro de agricultura da França. O texto induz a uma característica da mulher que inicialmente preferiria a cidade em detrimento do campo devido ao seu modo de vida. Além disso, aponta que a educação literária não dá resultados chamando-os de ridículos e inúteis, é preciso, na visão do autor, criar escolas femininas de agricultura e fazendas modelo. Uma das justificativas para a inclusão feminina é a guerra, que acaba por diminuir muito o número de homens, e a luta por mulheres na ocupação de cargos ditos masculinos, se tornava cada vez mais forte.

Para conservar os adoradores à terra é preciso fazer-lhe alguma “toilete”; é necessário sobretudo por causa das mulheres e se as queremos prender é indispensável desde agora proceder à transformação das nossas aldeias. O que se fizer nunca será demais; é preciso fazer o último esforço para roubar da cidade a sua maior superioridade – o atrativo de conveniência (MELINE, 1938, p.24).³³

Com os levantamentos, podemos notar que ao longo das publicações da revista *O Agricultor*, está oculto o patriarcalismo, em que os espaços destinados para a mulher não lhe proporcionam um lugar de destaque e muito menos podem lhes promover uma emancipação. Diferente do lugar discursivo ocupado pelos homens na revista e a personificação e elevação que os transformam em monumentos, para a mulher, os espaços que a ela se destinam faz com

³² Com adaptação ortográfica.

³³ Com adaptação ortográfica.

que o monumento seja o patriarcalismo, uma vez que elas aparecem submissas à decisões masculinas e aos afazeres domésticos, nunca em cargos de poder.

Com a análise, podemos observar que apesar de seu espaço destinar a afirmação do patriarcalismo, uma determinada classe ocupa esse espaço. Pela análise, as mulheres para as quais se destinava a coluna *Companheiro do Lar*, primeiro tinham que ser letradas e possuir as condições necessárias para seguir as dicas da coluna, além disso, essas mulheres seriam da mesma classe dos leitores da revista que, como já explanado, seriam os proprietários de terra. Sendo assim, havia um enorme silêncio das camadas sociais mais baixas, das mulheres que, além de viver sobre o patriarcalismo, tinham ainda seus destinos traçados pela pobreza e apagadas pela falta de registros na revista. O modo com que os silêncios sobre as camadas mais pobres estrutura os discursos da revista, requer uma análise mais profunda para evidenciá-los.

3.5 Nos dias atuais (2018)

Atualmente, muitos estudantes da UFLA podem não expressar o mesmo saudosismo que ex-estudantes e funcionários da EAL e da ESAL apresentaram e apresentam com relação ao passado que remete a uma instituição de ensino agrícola. Porém, há um compartilhamento de uma memória na instituição que permeia os atuais estudantes, no qual a UFLA teria se originado da ESAL, como se, desde 1908, esse já fosse o nome da instituição. O ponto de origem da instituição como EAL foi dita desconhecida por alguns estudantes. Muitas publicações sobre a UFLA remetem essa origem a ESAL, um grande monumento fixado na instituição. Esse monumento, ESAL, dá ênfase no legado deixado pelo período em que se tinha apenas o enfoque em cursos agrícolas, reafirmando uma suposta vocação agrária do país e da própria instituição.

Em 2008, a UFLA realizou uma comemoração de 100 anos, porém a universidade se iniciou em 1994. Apesar de a universidade abarcar diferentes ramos da ciência, na comemoração em 2008 houve uma grande tendência para a reafirmação de uma vocação agrária. O próprio discurso de que a UFLA tem 100 anos é uma evidência da monumentalização desse passado, ao qual a revista *O Agricultor* faz parte, que procura fixar na memória a ser compartilhada um sentido para determinados interesses que visam manter um status de universidade agrária e que, portanto, grande parte de seus investimentos para essa área se justificam.

Ao analisar o Hino da UFLA, música e letra de Fernando Garcia Feresin (2018), disponibilizada no site da instituição, podemos observar que o hino, apesar de ser escrito para a UFLA, reforça um enfoque agrário e a ESAL, como podemos observar nas frases: “promovendo o desenvolvimento/ do trabalho rural do país”; “A querida outrora ESAL/ Hoje universidade federal”.

Há também os monumentos na forma de estátuas, hermas, que representam os três personagens de destaque da EAL, que são Samuel Gammon, Benjamin Hunnicutt, John Wheelock, os dois últimos foram diretores da escola. Esses três personagens estão presentes na revista *O Agricultor*, principalmente Hunnicutt e Wheelock, que foram seus colaboradores. Os monumentos estão localizados atualmente no Campus Histórico da UFLA, com exceção de Wheelock que está do lado de fora da instituição, no centro da praça que leva seu nome, em frente à UFLA.

A herma de Gammon inicialmente teria sido fixada na praça Augusto Silva, no centro de Lavras (MG) (BEZERRA, 2016). Mas, atualmente está no centro da praça do Campus Histórico da UFLA e não no instituto que leva seu nome, o que desperta grande curiosidade, mas isso pode indicar o próprio vínculo que a memória de Gammon tem com a atual UFLA, pois no seu Campus Histórico todos que ali passarem poderão tomar nota de quem foi o idealizador e ter como referência o Instituto Gammon, para o qual o olhar da herma está direcionado, o que não aconteceria se tivesse apenas a herma de Hunnicutt. Estabelece-se um elo entre a UFLA e o Instituto. A herma de Hunnicutt se localiza próximo ao Museu Bi Moreira.

Ainda, há a afirmação por muitas fontes secundárias sobre o suposto pioneirismo da instituição em exposições. Rossi (2010, p. 208) diz que 1ª Exposição Nacional do Milho teria acontecido na EAL, como podemos observar no trecho a seguir:

Benjamin Hunnicutt teve importante papel no envolvimento da escola nos trabalhos de exposição agrícola. A começar pela 1ª Exposição Nacional do Milho em 1915, no recinto da escola, atividade esta que se repetiu em vários outros estados, ainda sob sua direção.

Rodrigues (2013, p.69) aborda que a EAL teria criado exposições inéditas do milho em 1917 e a Exposição Agropecuária e Industrial de Minas em 1922. Rezende (2017, p.46) aponta que a EAL teria sediado a 1ª Exposição Agropecuária do Estado de Minas, assim como Andrade (2006, p. 93).

Essas informações estão presentes no próprio site da instituição (PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA - UFLA, 2018):

Na extensão, a UFLA destaca-se pelo seu pioneirismo e papel histórico,

quando, ainda nas décadas de 20 e 30, promoveu a Primeira Exposição Nacional do Milho, a Primeira Exposição Agropecuária do Estado de Minas Gerais e editou O AGRICULTOR, primeira revista de Minas Gerais direcionada ao produtor rural.

Porém, com uma breve pesquisa pode-se desmontar esse monumento. A Exposição Nacional do Milho foi promovida pela Editora da revista *Chácaras e Quintaes* e teve apoio da SNA e Ministério da Agricultura, conforme jornais e a própria revista *Chácaras e Quintaes*, números 1 e 2, do ano de 1915. Na revista diz que Hunnicut foi diretor, uma vez que era colaborador da *Chácaras e Quintaes* e da SNA, mas a exposição aconteceu em São Paulo no prédio da Sociedade Paulista de Agricultura.

Segundo o jornal *Pacotilha* (1915), a Exposição Nacional de Milho foi inaugurada em São Paulo no ano de 1915. O mesmo jornal publicado 1916, informa que a 2ª Exposição Nacional de Milho ocorreu em Belo Horizonte (MG). Já a 3ª Exposição ocorreu em Curitiba Paraná (PACOTILHA, 1917). A 4ª Exposição ocorreu no Rio de Janeiro (O BRAZIL, 1918).

Somente em 1926, na 5ª Exposição Nacional do Milho, é que o evento aconteceu em Lavras, nas instalações da EAL. Entretanto, a 5ª Exposição iria acontecer no Rio Grande do Sul, mas foi transferida para Lavras (MG).

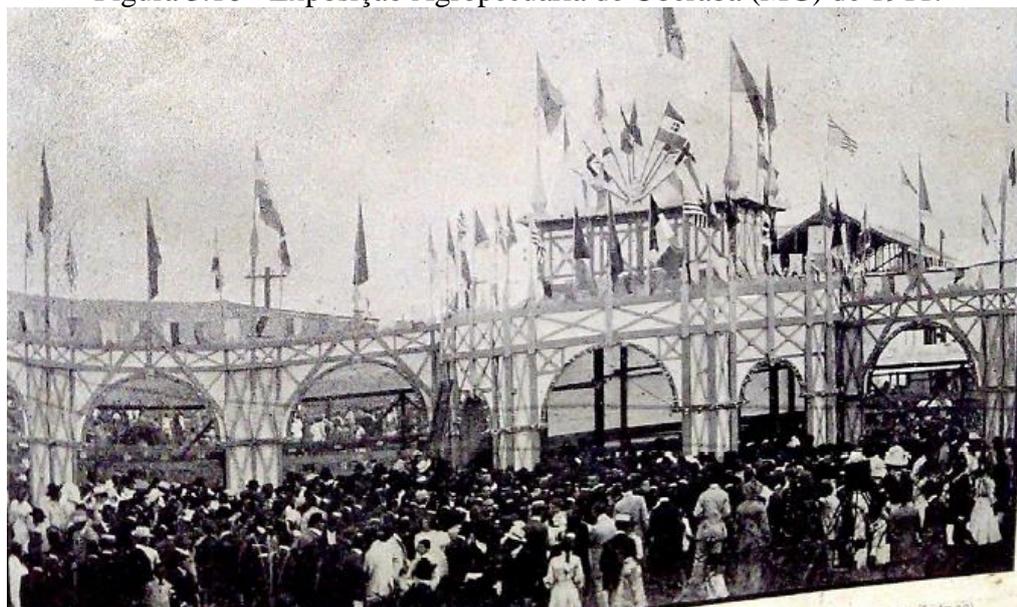
Já para a 1ª Exposição Agropecuária, na qual algumas fontes incluem a palavra industrial, encontramos na própria revista *O Agricultor*, em 1922, felicitações do Grêmio Agrícola da EAL para a SAL que, junto com o Governo de Minas Gerais, organizou a Exposição Regional Agropecuária na cidade, para qual a EAL se prontificou em ceder o prédio de aulas.

A EAL, inicialmente, apenas teria cedido o prédio e se disposto a contribuir de uma forma, a qual podemos compreender como indireta, para a realização do evento. Somente anos depois, em 1937, é que a EAL vai assumir a exposição.

No site do Arquivo Público Mineiro (2018), foi encontrado um álbum denominado *Diretoria de Agricultura - Terras e Colonização - gabinete fotografico da Secretaria da Agricultura do estado de Minas Gerais*, onde estão arquivadas fotos de uma Exposição Agropecuária em Belo Horizonte, na qual a data provável é 1908.

Na revista *Chácaras e Quintaes*, número 5, de 1911, há uma publicação da Exposição Agropecuária de Uberaba (MG), que aconteceu em maio daquele ano, ilustrada na Figura 3.16.

Figura 3.16 - Exposição Agropecuária de Uberaba (MG) de 1911.



Fonte: Chácaras e Quintaes (1911).

Não há, portanto, a determinação de uma primeira exposição agropecuária de Minas Gerais, que talvez nem possa ser comprovada pela forma como se destinaram muitos registros. Ressalta-se que a importância não está no que aconteceu primeiro, mas o que aconteceu e o que esse acontecimento tem a nos contar, quais sentidos estão nele.

Outra afirmação presente nos textos sobre a UFLA e publicada em seus sites, é que a revista *O Agricultor* teria sido a primeira revista do Estado de Minas Gerais direcionada ao produtor rural, mas como demonstrado em capítulo anterior, pela seção sobre as publicações para a agricultura, antes da revista *O Agricultor* já havia outras publicações para os produtores rurais, inclusive em Minas Gerais.

De forma sucinta podemos observar resquícios de um passado que se transformou em monumento e influenciou, de certo modo, até mesmo o caminho que a universidade tem seguido. O passado é reforçado por um compartilhamento de uma memória que procura ser verdadeira, mesmo se configurando como um monumento criado para reforçar um lugar da instituição. O que nos questionamos é a intensa preocupação em manter e reforçar o agrícola e qual a relação com a sociedade brasileira e a preocupação da instituição. Há, ainda nos dias atuais, mesmo que menos intensa, um legado presente na revista, das homenagens e do Discurso Agrícola para o Progresso. Essas constatações tornam-se um desafio para as pesquisas sobre a instituição.

CAPÍTULO IV - ESSENCIALMENTE AGRÍCOLA?

4.1 A Divisão Internacional do Trabalho: aspectos estruturais e o subdesenvolvimento brasileiro

Tem-se repetido com certa frequência que o Brasil tem uma vocação agrária, ideia altamente reproduzida na revista *O Agricultor*. Até mesmo nos dias atuais, podemos observar campanhas publicitárias para reforçar tal pensamento sobre o país, porém, com grande enfoque ao agronegócio³⁴, como é o caso do movimento “*Sou Agro*” de 2011, da campanha “*Time Agro Brasil*” realizada em 2012 pela SNA, com participação de diferentes empresas e associações, e do slogan da TV Globo, “*Agro: a indústria-riqueza do Brasil*”, lançado em 2016 e ainda em vigor no ano de 2018, que ocupou horários de destaque da emissora de TV. Em sincronia com a TV Globo, foi lançado, até mesmo, o plano “*Agro +*” para o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), após Michael Temer ocupar o cargo de presidente com o processo do golpe de Estado em 2016, o qual extinguiu, nesse processo, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Desse modo, há movimentos que procuram estabelecer como verdadeira a ideia que foi o grande apelo da revista *O Agricultor*, de que o Brasil seria um país essencialmente agrícola, compartilhando a informação para uma fixação na memória para permanência no tempo de longa duração. Mas, até que ponto essa afirmação de país essencialmente agrícola e vocação agrária deve ser considerada?

Inicialmente, é preciso entender a forma como ocorreu o processo histórico de formação do Brasil após sua integração em um sistema econômico social como colônia, para posteriormente podermos testar a afirmação da essência agrícola.

Com a abordagem histórica partindo da época colonial, Furtado (1977) aponta a importância que teve o processo produtivo do açúcar para que a economia colonial tivesse êxito, iniciando assim sua participação na DIT, sendo a exportação do açúcar o primeiro centro dinâmico da economia brasileira, sustentado por uma força exógena que se baseava na

³⁴ Segundo Montoya e Parré (2000), antes a década de 1950 o termo agricultura aparece nos estudos de economia rural tanto para tratar da agricultura de subsistência quanto da agricultura de mercado. O primeiro estudo que teria utilizado o termo *agrobusiness* (agronegócio) teria sido realizado em Harvard no ano de 1957, que resultou no livro *Concepto of agribusiness*, dos professores Jhon Davis e Ray Golberg. Teriam sido os profissionais da área administrativa que reforçaram a necessidade de uma diferenciação do termo agricultura devido à complexidade do desenvolvimento do sistema econômico. Sendo assim, o termo *agronegócio* surge para ser aplicado em uma economia de mercado.

exportação, o que marcou uma determinada relação mercantil da época com os demais países.

Desse modo, a instalação de uma empresa agrícola, o açúcar, inseriu o Brasil na economia mundial, fornecendo bens primários para a Europa. A opção da produção do açúcar favoreceu a metrópole e fez com que a colonização desse certo, proporcionando melhores resultados do que a simples extração, como foi o caso da colônia espanhola na extração de ouro.

Durante muito tempo, a produção brasileira foi proporcionada por uma grande população de escravos. Não havia outro setor que pudesse provocar um dinamismo relevante, e, tampouco, havia populações livres o suficiente e com poder de troca para gerar um mercado interno. Sendo assim, é possível imaginarmos que se não fosse as relações externas seria difícil para Portugal manter a colônia Latino-americana e se sustentar no mercantilismo. Com o ouro e o café, as forças exógenas também estavam atuando, embora cada centro dinâmico, em seu tempo, tenha provocado no Brasil diferentes mudanças que levariam a formação de sua estrutura.

O processo de formação brasileira culminou em uma dualidade, que se explica pela dicotomia de um setor considerado moderno, que tende a uma maior industrialização, e outro setor considerado atrasado, onde teria baixa intensidade tecnológica e a forte presença da economia de subsistência (Furtado, 1977). Como aponta Prado Jr. (1979), o setor atrasado é o que mantém o setor moderno.

A importância da compreensão da dualidade se dá pelo fato dela demonstrar como a expansão capitalista se deu no Brasil, estabelecendo no país a condição de subdesenvolvimento, que corresponde a problemas sociais, econômicos e geopolíticos presentes na estrutura brasileira e que se mantém ao longo do tempo, que pode ser observado pela persistência da pobreza e os baixos níveis de salários da maioria da população, não há distribuição de renda.

Muitos acreditavam que o subdesenvolvimento seria uma simples etapa rumo ao desenvolvimento. Porém, como nos demonstra Furtado (1977), o subdesenvolvimento deve ser observado como produto histórico da formação de estruturas econômicas e sociais distintas, duais, que resultaram da difusão desigual do progresso tecnológico ao longo do tempo e do espaço.

O modo como o subdesenvolvimento tem condicionado o Brasil e a permanência de uma dualidade, não só interna, mas que também pode ser observada por uma perspectiva externa, é referido, muitas vezes, como acúmulo de erros cometidos no passado. Porém, é necessário repensar o que seria o chamado “erro”, e o que ele representa na perspectiva de

determinados interesses. Ao mudar o ângulo, esses “erros” na verdade representam “acertos”, uma vez que se constitui de procedimentos necessários para os fins visados, que são a maior soma de lucros no menor tempo possível, além do mínimo de despesa inicial, uma vez isso atingido, não haveria então um “erro” (Prado Jr., 1979).

Assim sendo, a forma como se processou o capitalismo no mundo necessitou criar na economia brasileira a dualidade entre o setor agropecuário e o industrial, em que essa dicotomia representaria um acerto e uma necessidade da expansão capitalista, e para isso o Brasil tinha que se tornar subdesenvolvido.

O que cabe destacarmos é que a força exógena por meio das relações internacionais criava impulsos no Brasil, agiam sobre ele, e inclusive eram necessárias para manter em funcionamento o modelo produtivo nele instalado. Se não tivesse demanda externa, não haveria, portanto, a sustentação para o empreendimento agrícola. Temos então um ponto de extrema importância, aliás: o que motiva a demanda externa comprar determinados produtos do Brasil?

É possível perceber já na exportação de cana de açúcar que o Brasil assumiu uma especialização, que o mantinha rentável na falta de um mercado interno. Mas a especialização não ocorrera inocentemente: o mercado externo carecia dos produtos primários, no caso, o açúcar, que não só tinha condições favoráveis para o cultivo na colônia, mas supria aquilo que os países do centro não podiam e não priorizavam produzir, ainda em grande escala, uma vez que suas técnicas os permitiam produzir produtos com maior valor agregado.

Oliveira (2003) ressalta que o esquema teórico furtadiano, ao explicar as economias e sociedades subdesenvolvidas, põe em questão a teoria das vantagens competitivas convertendo-as em “desvantagens reiterativas”. “A especialização dos países da América Latina na produção de bens primários *converte-se em desvantagem* na medida em que os países centrais do sistema capitalista passam a ser predominantemente produtores e exportadores de manufaturados” (OLIVEIRA, 2003, p. 12). Nesse sistema, o excedente dos países periféricos é absorvido pelos países centrais, mediante as relações de troca. Desse modo, se repete a condição de produtores primários. Tendo em vista a insuficiência para a geração de inversões, que resultem em transformações estruturais para a superação desse ciclo.

Com o processo histórico podemos perceber que as relações globais são assimétricas. A correlação de forças entre os diferentes países causaria uma geografia mundial da geração e absorção de riquezas e de criação e destruição de postos de trabalho, em que há possibilidades de manifestações de diversas formas de dominação de determinadas nações, que podem ser

por meio das dimensões política, militar, econômica e cultural. Sendo assim, a DIT se constituiu por vários fatores, não compreendendo como ordenamento natural, mas como uma repartição capitalista própria do trabalho. A evolução histórica do capitalismo nos últimos dois séculos causou uma recorrente assimetria na divisão do trabalho pelo globo, na qual a capacidade de proporcionar maior empregabilidade, absorção da força de trabalho, não depende apenas do grau de expansão de cada país, mas do modelo de desenvolvimento e de sua inserção na economia mundial (POCHMANN, 2012).

Pochmann (2012) apresenta três momentos da DIT. O primeiro momento é acentuado com a Revolução Industrial, em que a Inglaterra, como país originário da industrialização, assume uma posição hegemônica mundial.

O investimento estrangeiro era geralmente na forma de carteira (compra de obrigações e ações). Já o investimento direto no exterior era quase uma exceção, mais associado às empresas que exploravam plantações e minas, bem como infraestrutura (estrada de ferro e portos), necessárias à produção de matéria-prima de que a Europa tanto necessitava (POCHMANN, 2012, p.19).

A diferença entre os produtos manufaturados dos países centrais e os produtos primários da periferia definiu a primeira DIT. O segundo momento, se dá após a industrialização dos países periféricos, que reforçado por uma difusão do padrão industrial de produção norte-americana, em que a própria demanda do mercado interno potencializa a instalação de transnacionais. Por fim, a terceira DIT pertence à dimensão financeira, e que vai modificar os postos de trabalho prestação de serviços, sobretudo pelos países centrais, tem-se aí a financeirização³⁵.

Vale destacar o conceito de semiperiferia, observadas a partir da segunda divisão do trabalho, que apresentam certo grau de mudanças com a industrialização, mas que ainda não conseguiram superar o desenvolvimento.

Diferentemente do que se acreditava ao reforçar o discurso do progresso, nos século XIX e início do século XX, produzir produtos primários para a exportação em larga escala não significava uma etapa ao desenvolvimento, mas era uma forma de dividir o globo em setores, provocando uma dualidade com relação global, com a qual existiram países modernos e os países atrasados, onde o atrasado mantém o moderno e para isso ele precisa se manter atrasado. Como exposto, o subdesenvolvimento não é uma etapa para o desenvolvimento, mas

³⁵ Compreende-se financeirização, de forma geral, como a predominância do setor financeiro como dinamizador das riquezas, sobrepondo os processos produtivos. “A financeirização tanto resulta na valorização fictícia da riqueza, por meio da autonomização do capital a juros, como subordina a dinâmica econômica a taxas reduzidas de expansão produtiva” (POCHMANN, 2012, p.27).

sim uma condição dos países periféricos que se acentua com a expansão capitalista.

Pode-se observar que a “vocalização agrária” do Brasil como é posta, sobretudo pela revista *O Agricultor*, o país “essencialmente agrícola”, compreende um equívoco, uma vez que isso foi determinada pelas relações externas de força assimétrica, visando suprir as necessidades da grande escala da industrialização do centro, em um movimento sistêmico que culminou em determinadas condições de desenvolvimento.

4.2 Especialização em produtos primários: para uma agricultura de exportação

Como podemos observar na seção anterior, o modo como foram se definindo as posições geopolíticas dos diferentes países do globo, em um jogo de relações de poder, determinaram as condições de desenvolvimento de cada país e até mesmo região, onde, basicamente, dividiram os países em centro e periferia. Com a primeira DIT, os países centrais, que haviam se fortalecidos com a colonização e da dominação de territórios, estavam em um topo do desenvolvimento, sendo os modelos de modernidade, progresso e civilidade. Esses países, com a Revolução Industrial, priorizaram a produção de bens manufaturados, com maior intensidade tecnológica. Os países centrais tinham a prioridade em bens que proporcionavam maior rentabilidade e um enorme mercado mundial para a demanda desses produtos, não havia espaço para a produção de produtos primários, porém eles eram necessários.

Devido à exploração dos países centrais em tempos longínquos, muitos países já se encontravam condicionados a produzir apenas produtos primários, com a dominação da técnica pelo centro, a produção de bens manufaturados, sobretudo, competitivos, tinha obstáculos em países periféricos, como, por exemplo, o custo elevado. Sendo assim, com a escolha de produção do país que detinha maior poder, restou para os países periféricos o que os centrais não priorizavam produzir, os produtos primários.

Essa opção dos países centrais pelos bens manufaturados pode ser observada no trecho publicado na revista *O Agricultor*: “[...] o grande desenvolvimento fabril dos Estados Unidos aumentando cada vez mais, vai diminuindo sempre a quantidade disponível de algodão para exportação. [...] Tudo parece indicar que o Brasil caminha para ocupar o grande lugar de destaque [...]” (DANTAS, 1925a, p.8).

Com uma pauta exportadora baseada em produtos primários, limitava-se o interesse dos capitalizados para implantação de um sistema produtivo mais diversificado, pois os

produtos primários sendo considerados como produtos homogêneos, tinham que ser competitivos pelo preço, para serem absorvidos pela produção manufaturada dos países centrais.

Com a necessidade de produtos primários, os países centrais fomentavam a especialização dos países periféricos. Pode-se identificar na revista *O Agricultor* um incentivo em que os enfoques eram para uma produção comercial de *commodities*, principalmente voltada à exportação.

No discurso presente na revista, a agricultura era o bem maior, uma riqueza, fonte de alimento, mas o que podemos observar era o estímulo de uma produção, não para a venda no mercado interno e a um consumidor final, mas para uma cadeia de produção, para a indústria ou, até mesmo, ração para animais, esses que eram destinados à exportação, inclusive por frigoríficos estrangeiros como a Continental Product, Companhia Armour e a Braziliam Meat.

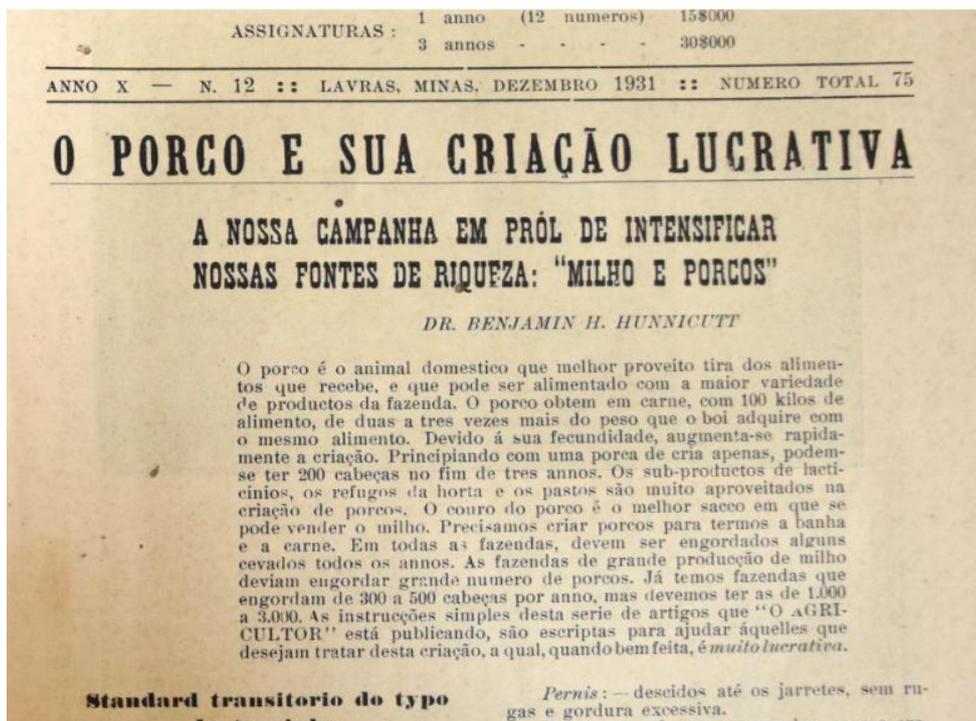
Sendo assim, a revista dá grande incentivo à especialização como podemos observar no trecho a seguir.

[...] o progresso mais prático de eficiência em produção é o da especialização. [...] Os lavradores precisam considerar a importância de se dedicarem às explorações especiais, ainda bem que não sejam monocultores. Os criadores por sua vez, devem se entregar às explorações especiais, afim de produzirem animais bons, com regularidade e abundância. [...] Pela especialização essas fontes se destacam e chegam a tomar vulto no mercado. O Brasil é privilegiado em boas frutas, se adapta vantajosamente ao cultivo dos frutos estrangeiros e deve ser grande produtor e exportador de frutas excelentes (EMRICH, 1926a, p.18).³⁶

Os discursos presentes na revista tratam principalmente de milhos e porcos, campanha assumida pela escola e, principalmente, por Hunnicutt. De acordo com a análise da revista *O Agricultor*, foi possível observar uma forte correlação das publicações sobre milhos com as publicações sobre porcos. Notou-se que o milho muitas vezes era incentivado para servir como alimento para os porcos, assim como a construção de silos para o armazenamento de milho para alimentar animais em diferentes épocas do ano. A revista publicou, inclusive, matérias de como construí-los. A Figura 4.2 demonstra um recorte de um dos artigos publicados na revista, onde podemos ver que a atratividade pela produção de bens primários se dava pela importância do lucro.

³⁶ Com adaptação ortográfica.

Figura 4.2 – Artigo da revista *O Agricultor*: uma campanha em prol de milhos e porcos

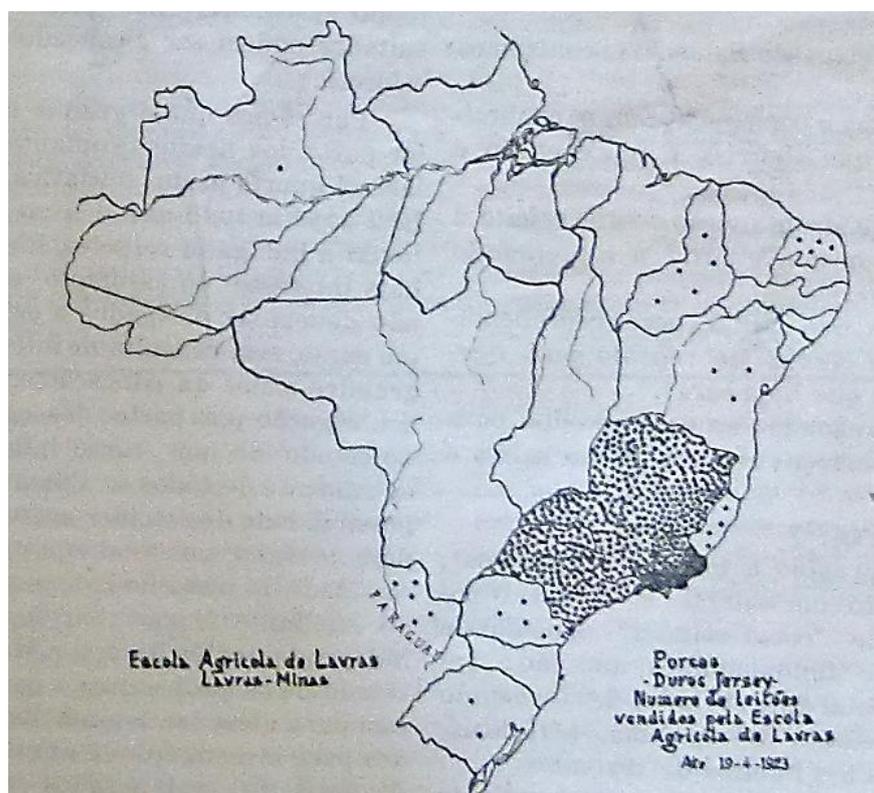


Fonte: *O Agricultor* (1931a).

Os bovinos também tinham grande incentivo da revista, assim como o leite e seus derivados, mas notou-se uma atenção especial aos porcos, animais que tinham uma criação de destaque na EAL.

Para a criação de animais, a indicação era o cruzamento, na qual as raças estrangeiras é que teriam a melhor genética. Para os porcos, a raça mais citada na revista foi o Duroc Jersey, importado dos EUA pelos missionários norte-americanos, no início do século XX. A Figura 4.1 publicada na revista demonstra o número de leitões da raça Duroc Jersey vendidos pela EAL até 19 de abril de 1923.

Figura 4.1 - Número de leitões da raça Duroc Jersey vendidos pela EAL até abril de 1923



Fonte: O Agricultor (1923a).

A influência para a agricultura de exportação pode ser percebida inclusive pela especialidade de seus colaboradores. Um dos autores, que escrevia sobre o algodão, foi José Garibaldi Dantas, então classificador de algodão da Bolsa de Mercadorias de São Paulo e fiscal de fraudes no comércio do algodão no Estado de São Paulo, por parte do Ministério da Agricultura. De acordo *O Agricultor* (1925), Garibaldi se formou na EAL em 1918 e estudou nos EUA por conta do Ministério da Agricultura.

O algodão foi um produto estimulado pela revista, com destaque inclusive para o mercado mundial. Segundo o quadro apresentado por Dantas (1925b), como os maiores consumidores mundiais do algodão estavam: EUA, Inglaterra, Continente ³⁷, Índia, Japão e Canadá.

Em favor do algodão no Brasil militam agentes altamente favoráveis, a alta produção por unidade de superfície, a excelência da fibra, o clima favorável, época própria para colheita, população inteligente, **proximidade de grande centros de consumo, bons portos, desenvolvimento rápido da indústria de fiação com sua possível expansão dos mercados estrangeiros** das nações sul americanas (Dantas, 1925b, p.11, grifo nosso). ³⁸

³⁷ Não foi possível identificar a qual parte do globo Dantas (1925) se referiu ao utilizar a denominação Continente.

³⁸ Com adaptação ortográfica.

Nos primeiros números da revista, notou-se poucos artigos sobre o café. Entretanto, no ano de 1929 houve um aumento significativo em textos que tratassem da cultura do café, inclusive sobre a crise. Atribuía-se aos produtores a responsabilidade pelo sucesso e insucesso do setor exportador.

Por causa de 30% dos cafés baixo que produzimos, chegamos a triste condição de constatarmos que: o fim dos cafés finos é ser exportado. A produção de cafés finos é o caminho para a prosperidade. O fim dos cafés baixos é ser queimado. A produção de cafés baixos obriga a sua destruição (O AGRICULTOR, 1932a, p.12).³⁹

Após a crise de 1929, também foi observado um aumento no estímulo para a exportação de frutas, principalmente laranjas.

Para regular e real êxito no comércio de laranjas, faz-se necessário atender a todos os fatores de natureza agrícola e comercial [...]. Não basta construir-se entrepostos (*packing houses*) munidos de todos requisitos modernos, si não puderem os exportadores dispor de frutos – em quantidade e qualidade necessárias à exportação (O AGRICULTOR, 1932c, p. 12).

Como parte da propaganda agrícola, a revista *O Agricultor* tinha uma série de consultas, listadas no Apêndice B. Das 107 revistas analisadas apenas 30 tinham a publicação de consultas, que eram respostas às perguntas realizadas por seus leitores e enviadas à redação. Apesar de assinadas com as iniciais dos nomes de quem respondia a consulta, podemos observar que a maioria das consultas foram respondidas por professores da EAL.

As consultas vieram de poucos estados, mas podemos considerar, de certo modo, um alcance dessa propaganda agrícola e da própria revista *O Agricultor*, que vai do Maranhão ao Rio Grande do Sul. As consultas, em sua maioria, eram sobre criação de porcos, um produto de exportação, sobretudo, dos frigoríficos norte-americanos instalados no Brasil. Tendo em vista o número limitado de consultas, a restrição de respostas para um determinado grupo e principalmente seu assunto, questiona-se uma provável seleção das consultas publicadas, conforme interesse da propaganda agrícola.

Em algumas edições da revista *O Agricultor*, foram publicadas a coluna *Informações Úteis*, que traziam informações sobre o mercado externo e tabelas das principais importações de produtos primários.

Nessa relação de troca de produtos primários por bens manufaturados do exterior, como as máquinas importadas para a agricultura, se acentua a DIT e as assimetrias que dividem os diferentes países.

³⁹ Com adaptação ortográfica.

Como observa Sodré (1975), após a Independência do Brasil, que ocorreu com o mínimo de alterações internas, a divisão que se opera, com base no capital industrial, não é posta por condições ecológicas para a especialização de determinadas áreas, as condições econômicas forçam a especialização. Assim, deriva da estrutura colonial mantida pela dependência econômica. A situação colonial é substituída pela situação de dependência, esta última está no modo de produzir as mercadorias e na escolha das mercadorias a produzir.

A economia dependente é aquela que apresenta mudanças significativas para distingui-la da economia colonial, como a existência de um mercado interno, sendo capaz de apresentar condições de acumulações capitalistas. Outra diferença presente na economia dependente é o grau de interação na economia mundial, comandada pelo capitalismo, que é muito maior do que a economia colonial. Entretanto, a economia dependente ainda tem sinais da economia colonial, em que os fluxos da renda e os lucros se realizam, em sua grande parte, no exterior (SODRÉ, 1975). Desse modo, a economia brasileira não era considerada colonial por apenas processar o produto na colônia, mas a “economia colonial, em qualquer tempo, é aquela que realiza o lucro no exterior, no todo ou na máxima parte” (SODRÉ, 1975, p.31).

Podemos observar que a modernização no período estudado, as práticas de propaganda agrícola presente na revista *O Agricultor* e a especialização para exportação de bens primários em detrimento de importação de bens com maior intensidade tecnológica, possibilita a modernização conservadora, em que, apesar da nova roupagem, mantém as velhas estruturas. O que é favorável para uma determinada parcela da sociedade. Além disso, a especialização em um número restrito de produtos ocasiona problemas ambientais, em que as culturas não desejadas tendem a ser extinguidas, como a própria variedade de milho.

4.3 A relação Brasil e EUA

As relações entre Brasil e os EUA são marcadas por diversos aspectos, sejam de ordem econômica, política, social e até mesmo ambiental. Ela permeia todas as classes direta ou indiretamente.

No século XIX já havia uma relação comercial entre Brasil e EUA, apesar de haver uma desconfiança sobre o plano expansionista estadunidense na América Latina e sua política intervencionista em países vizinhos, que, na época do Império, acabou gerando certa preocupação das autoridades brasileiras, principalmente pelo interesse de cidadãos norte-americanos de imigrarem para o Amazonas e para o Pará, com seus escravos, pois no Estado

do Texas e da Califórnia, ocorrera o mesmo, o que estimulou as tendências separatistas, como primeiro passo para sua anexação. Apesar das constantes ameaças de invasão territorial e de práticas comerciais desleais, o Brasil manteve o comércio com os norte-americanos, pois eram grandes consumidores dos produtos brasileiros, como a borracha produzida no Pará e o café produzido no sudoeste paulista (CLARK, 2005).

Após 1870, os Estados Unidos, seguindo a dinâmica da divisão de trabalho que havia sido adotada pela maioria dos países capitalistas europeus, especialmente a Inglaterra, passou também a importar matérias primas e produtos primários de países latinos para alimentar seu mercado, principalmente daqueles países ou colônias que vendiam seus produtos por um preço baixo e que aceitavam o intercâmbio com os Estados Unidos importando seus produtos manufaturados. Desse modo, a nação americana iniciava uma competição com as grandes potências mundiais, lutando por sua supremacia e para impor seus produtos (CLARCK, 2005, p. 36).

As relações entre Brasil e EUA sofreram grandes mudanças após o advento da República no Brasil, não apenas devido à proximidade ideológica ente seus regimes políticos, mas também pela afirmação do ideal republicano no continente americano, com a necessidade do novo governo brasileiro de se distanciar das monarquias europeias, havia também interesses econômicos do setor agroexportador, os cafeicultores, que tinham como objetivo alcançar o mercado norte-americano. Como exemplo dessa aproximação se tem o Acordo de Cooperação Aduaneira, assinado em janeiro de 1891 com os Estados Unidos (MILANI, 2011).

Durante a primeira metade do século XX, as relações dos EUA e sua política externa muda drasticamente com referência ao continente Latino Americano, em que sua natureza hemisférica e intervencionista eram baseadas na Doutrina Monroe ⁴⁰ (PECEQUILO, 2005 *apud* MILANI, 2011, p.70).

No que se refere ao comércio exterior, por volta do ano de 1906, eram exportados para os norte-americanos o café, que saía dos portos de Santos e Rio de Janeiro, o preço de venda era de 5,5 cents (LIMA, *apud* CORREIA *et al*, 2000, p. 157).

O jornal *Pacotilha* (1910), noticiava que os melhores mercados para os negociantes brasileiros seriam, em primeiro lugar, os EUA, em segundo, a Inglaterra, em terceiro, a Alemanha e, em quarto lugar, a França. Os produtos exportados eram café, borracha, mate, cacau e tabaco. No mesmo ano, o jornal faz uma publicação que nos faz refletir sobre a influência e privilégios dos EUA na América Latina.

O diretor geral das obras públicas do Chile pediu ao governo daquela

⁴⁰ A Doutrina Monroe surgiu no século XIX e buscava firmar a nação dos EUA, pautada no liberalismo buscava romper os laços coloniais com a Europa.

republica que envie instruções aos seus delegados ao IV Congresso Pan-americano, a fim de que eles combatam a ratificação da moção aprovada no Rio de Janeiro, pelo III Congresso, sobre os privilégios que fornecem exclusivamente os Estados Unidos da América do Norte (PACOTILHA, 1910, p.1).⁴¹

Com a Primeira Guerra Mundial houve um deslocamento das importações e exportações brasileiras, que, até então, eram realizados com a Alemanha e Inglaterra, para os EUA (BANDEIRA, *apud* CORREIA *et al*, 2000, p. 157). Até o período da Grande Guerra, os EUA ocuparam o lugar de competidor menor com relação à Inglaterra, após esse período, os EUA teriam conquistado o espaço de mercado da Inglaterra no Brasil, em que uma verdadeira luta pela supremacia teria iniciado após 1918 (MANCHESTER, *apud* GARCIA, 2002, p.42). De acordo com Bandeira (*apud* CORREIA *et al*, 2000, p. 157):

De 9.651.305 libras esterlinas pagas aos EUA, em 1915, por produtos importados, passamos, em 1920, a 51.939.093 libras, contra apenas 27.271.778 libras pagas à Inglaterra por produtos importados. E a situação não se reverteu. Daí em diante, os grupos monopolistas dos dois países passaram a disputar as fontes de matéria prima e o controle dos meios de comunicação e transporte.

Entre os anos 1913 e 1927, os investimentos britânicos no Brasil aumentaram cerca de 23%. Já os investimentos norte-americanos, cresceram 852%. Ainda nesse mesmo período, enquanto o comércio entre Brasil e a Grã-Bretanha aumentavam 20%, o comércio Brasil e EUA aumentava 103%. No ano de 1930, o capital externo no Brasil era de 2,7 bilhões de dólares, em que cerca de 1,6 bilhões correspondia a investimentos direto estrangeiro (WYTE, 1945 *apud* GONÇALVES, 1999, p. 54-55).

Antes da guerra já haviam companhias norte-americanas no Brasil, mas foi durante o conflito que a instalação de novos empreendimentos teria ganhado força, como a indústria frigorífica, que cresceu com instalações e compra de frigoríficos brasileiros. Entre as grandes companhias norte-americanas estão a Continental Products, Wilson, Armour, e Swift, que processavam a matéria prima para a exportação (GARCIA, 2002).

Segundo o jornal Correio da Manhã (1920a), embarcou do Porto de Santos para New York os seguintes produtos: café, mamona e couros salgados, ou seja, produtos primários. Em um balanço publicado pelo jornal, na mesma edição, de janeiro a junho de 1920, foi autorizada para exportação as seguintes toneladas de carne congelada: Companhia Mecânica e Exportadora de SP 9.050; Brazilian Meat 4.260; Continental Products 6.756; Companhia Swift do Brazil 10.000; Companhia Armour do Brazil 12.000.

⁴¹ Com adaptação ortográfica.

Em 1919, Aníbal Pinto, representando a SNA, discorre sobre a influência da Sociedade na economia nacional, e faz a seguinte afirmação:

Prosseguindo na sua ação, a Sociedade para corresponder a apelo dos Estados Unidos da América do Norte aos demais países desse continente, a fim de produzir muito e poderem suprir as grandes necessidades que a guerra exigia, sugeriu a convocação de uma conferência de cereais, que, simultaneamente com a Terceira Exposição Nacional do Milho, funcionaria de Curitiba, capital do Paraná. Assim foi que, em decorrência disso, o ministro José Bezerra convocou a reunião de algumas figuras de destaque na agricultura, no comércio e na indústria, ficando resolvido que se criasse uma repartição especial, com a incumbência de levar a efeito as conclusões voltadas. (PINTO, 1919, p. 2).⁴²

Observa-se no trecho acima, que no pós Primeira Guerra Mundial a especialização em alguns produtos primários, como o cereal, na América do Sul foi incentivada pelos EUA, tornando-se mais um impulso para a campanha de produção de milho. Devemos lembrar que o próprio Hunnicutt participava da SNA e contribuiu em exposições e campanha para a produção de milho no Brasil.

Outro marco importante da relação dos EUA e Brasil, nesse período, é lembrado por Freitas Jr. (1994 *apud* GARCIA, 2002, p. 45).

Em fevereiro de 1919, era fundada a Câmara Americana de Comércio de São Paulo, presidida por William T. Wright, um membro ilustre da comunidade norte-americana. Um dos primeiros boletins publicados pela nova entidade, que pretendia impulsionar as relações comerciais entre os dois países, informava que o Brasil estava importando mais da metade dos seus artigos de necessidade e de luxo dos Estados Unidos e exportando para lá “quase a metade das suas obras”. Em 1920, a Câmara já havia cadastrado 320 firmas norte-americanas estabelecidas somente na cidade de São Paulo.

As relações econômicas passam a se fechar a partir de 1921, e o Brasil realiza empréstimo dos EUA. O primeiro empréstimo teria sido no valor de 50.000.000 dólares, com juros de 9% ao ano e prazo de pagamento de 25 anos, cuja operação esteve a cargo da casa *Dillon Read & Co.* de Nova York. Em 1922, outro empréstimo seria realizado no valor de 25.000.000 dólares, com taxa de 7% de juros ao ano e 30 anos de prazo para o pagamento. De 1921 a 1927, 35% das dívidas externas do Brasil eram contraídas com os EUA (NORMANO *apud* CORREIA *et al*, 2000, p. 158).

Na revista *O Agricultor*, no período de 1925 a 1927, foi publicado o anúncio do The National City Bank of New York, que tinha sede no Rio de Janeiro. Segundo Garcia (2002), a partir de 1924, vencidas as primeiras dificuldades, influenciadas pelo pós guerra, houve um grande aumento do volume de capital emprestado dos EUA para a América Latina.

⁴² Com adaptação ortográfica.

É de extrema importância ressaltar que após a crise de 1929 a estratégia estadunidense se altera. Após 1930 a Doutrina Monroe é revestida de cooperação, Roosevelt muda o discurso e passa a destacar uma política de “boa vizinhança” e a necessidade de se reforçar a cooperação econômica e financeira. O discurso de cooperação e ajuda tem grandes repercussões na 2ª Guerra Mundial, é por influência dos EUA que o Brasil entra na guerra em 1941(MILANI, 2011).

A política de “boa vizinhança” vai trazer para o Brasil sérios impactos, sobretudo com o discurso do *american way of life*, que acentua o consumo de produtos norte-americanos no Brasil e uma relação de dependência, consolidando o imperialismo dos EUA. O *american way of life* era pautado inclusive pelo moderno, pela referência de um progresso externo. As propagandas, principalmente visuais, como cartazes e o moderno cinema, criavam um imaginário, uma necessidade de produtos, corporações, essencialmente estadunidenses. Essa política tem como grande referência a apropriação da cultura brasileira representada por Carmen Miranda, que, em 1939, parte para os EUA. Outros artistas de diversas partes da América Latina também seguem o mesmo caminho, criando assim a imagem de boas relações e a importância dos EUA para o sucesso. Mas o imaginário criado por esses artistas não restringia apenas ao público brasileiro, criava-se uma “identidade” latino-americana para o mundo. Como exemplo, pode-se observar uma cena do clipe da música *Aquarela do Brasil*, com a interpretação de Nestor Amaral e Carmen Miranda em Nova York, em que do navio denominado *S. S. Brazil* são descarregadas sacas de café, açúcar e uma rede com diversos produtos da terra, agricultura, dentre eles banana, que dão origem ao chapéu de Carmen Miranda.

4.4 Organização, defesa de interesses e poder

Conforme as informações já expostas e o constante envolvimento de associações civis, governos e acordos, não podemos desconsiderar as grandes influências que determinados setores e organizações tiveram sobre o destino brasileiro. Essas influências vão intervir, sobretudo, em questões políticas.

A própria especialização agrícola e o modelo de desenvolvimento pautado em ideias de modernização e progresso pelos ilustrados, que reforçavam uma posição brasileira na DIT, tiveram como promotores a participação de organizações de classes produtoras.

Ao analisar a revista *O Agricultor*, observou-se uma preocupação com o

associativismo, que, além de ser fomentado pelo discurso presente na revista, é percebido na ação de seus colaboradores. No final do século XIX e início do século XX, muitas intervenções foram feitas por associações da sociedade civil que representavam determinado grupo e seus interesses, características muito fortes no setor agrícola, como as já citadas SAIN e a SNA. Apesar de essas associações partirem da sociedade civil, da esfera privada, influenciaram fortemente os governos brasileiros.

Além dos artigos publicados pela revista *O Agricultor*, fomentando a associações para defesa de determinados interesses, o próprio Serviço de Propaganda Agrícola da EAL tinha como um de seus objetivos criar a Associação Nacional de Criadores de Suínos. Ainda, o estadunidense Hunnicutt esteve envolvido na criação dessa associação e da SAL.

Ao analisar a revista, podemos observar que o associativismo e cooperativismo incentivados visavam uma organização da classe produtora para favorecimento da produção e comércio. Como podemos observar nos trechos a seguir:

Partindo do princípio de que a “união faz a força”, urge que se congreguem todos os proprietários agrícolas pequenos e grandes para com a cooperação voluntária e dedicada de todos, formar em cada município uma sociedade, que seja numa palavra a dirigente dos negócios agrícolas em todas as suas fases [...]. Sem dúvida, grande e difícil de executar é o programa de uma sociedade deste gênero que estamos discutindo, ela depende de uma boa direção e extrema dedicação de seus sócios, porque em sua fundação repousa o futuro da agricultura do nosso comércio, em fim o nosso progresso (DUQUE, 1925, p. 08).⁴³

Cooperação é um dos métodos mais importantes usados pelos fazendeiros na resolução de seus problemas comerciais. A cooperação resulta em uma reunião de esforços para obter-se um produto standardizado, e comerciar este produto pelo meio mais eficiente (TAYLOR *apud* REIS, 1932, p. 14).⁴⁴

O cooperativismo “[...] facilitando a colocação de seus produtos, promovendo compras mais vantajosas e estimulando a propaganda inteligente do consumo” (REIS, 1932, p. 15).⁴⁵

As interpretações de Tocqueville sobre a sociedade norte-americana, com a ideia de egoísmo esclarecido, põem em questão uma visão estratégica que apenas o interesse privado não sustentaria a democracia liberal, era necessária uma disposição do tempo para o interesse da coletividade. A arte da associação colocada por Tocqueville, que parte da organização da sociedade civil para o fortalecimento da democracia, não apenas política, mas como estrutura social, no geral, a igualdade se afirmaria (GANANÇA, 2006).

⁴³ Com adaptação ortográfica.

⁴⁴ Com adaptação ortográfica.

⁴⁵ Com adaptação ortográfica.

A teoria democrática liberal considera a democracia como um procedimento para o estabelecimento e a manutenção de sistemas políticos representativos. A ampla participação política não seria algo desejável, pois colocaria em risco a estabilidade do sistema, pelo excesso de demandas e pressões. Com relação ao associativismo, ele teria uma função essencial à manutenção e estabilidade do sistema político, ao possibilitar a agregação de interesses individuais e sua expressão na esfera pública, assim como permitiria a educação dos cidadãos e cidadãs para a prática e o convívio democrático (GANAÇA, 2006, p.5).

Entretanto, no caso brasileiro, Oliveira Viana, não abarcando os conceitos tocquevillianos, demonstra as especificidades da sociedade brasileira, compreendendo suas características como “insolidarismo” (BRASIL JR., 2007).

Como aponta Oliveira Viana (1952, p.229), “São escassíssimas as instituições de solidariedade social em nosso povo. Em regra, aqui, o homem vive isolado dentro dos latifúndios ou do seu círculo familiar. O âmbito da solidariedade social é restritíssimo”.

Em síntese, tomando como base da nossa nacionalidade a sociedade rural, são essas as leis da sua formação e organização: I – Pela ação simplificadora dos grandes domínios, as classes rurais se desarticulam e dissolvem, e os seus elementos vão agregar-se à classe fazendeira. II – Essa agregação se faz sob a forma de “clãs patriarcais”. Esses clãs revelam um sensível “espírito de corpo”. III – Tendo embora conseguido, com esse “espírito de corpo”, realizar uma poderosa solidariedade *interna* e uma consciência social correspondente, esses clãs não chegam, entretanto – dada a carência de agentes de integração política – a realizar uma igual solidariedade *externa*. Isto é, não conseguem formar e fixar a consciência de uma solidariedade mais vasta. IV – No ponto de vista da sua psicologia social ficam, por isso, em plena fase patriarcal – a fase da solidariedade paterna e gentílica. Toda a sua atuação em nossa história social e política se se faz tendo por base essa mentalidade elementar (VIANA, 1952, p. 243-244).

Podemos compreender que as associações contribuem para uma “organização de demandas” da sociedade para diferentes grupos, em que os interesses dos indivíduos poderiam ser atendidos coletivamente, de acordo com a organização desses interesses. Porém, como observado no caso brasileiro, há uma grande restrição da solidariedade, orientada por interesses particulares, ocorre uma disputa de forma assimétrica, onde grupos com maior relação de poder, “clãs patriarcais”, organizam-se em associações para defesa de seus interesses, suprimindo muitas vezes os interesses de outras camadas sociais. Assim, não há uma integração da sociedade brasileira como um todo, há uma restrição do que seria a coletividade.

Fernández (2013 *apud* SANTOS, 2014, p. 11) realizou um estudo das associações na primeira metade do século XX na cidade de Rosário, na Argentina, e as relações dessas associações com o Estado. Segundo a análise, a autora percebeu que a sociedade estudada em

sua pesquisa era orientada por uma classe dominante que se sustentava na ocupação do espaço público e na conversão desse espaço para o interesse privado, por meio da disseminação de um discurso e prática. A autora destaca que apesar do estatuto da entidade constar objetivos para a promoção de cultura intelectual e artística para a cidade, o espaço se restringe aos associados, que tinham recursos públicos, mas beneficiavam um determinado grupo pertencente à elite.

Já Planas (2009), em seu estudo na Catalunha, na Espanha, sobre as associações agrárias nos períodos de 1850 a 1936, aponta que os proprietários agrícolas impulsionaram com as associações uma forma corporativista. O associativismo agrário iniciado, que teve um apogeu no século XIX, não foi exclusivo da Catalunha, outros países europeus também manifestaram o mesmo acontecimento. Essa movimentação de classes proprietárias agrárias seria em decorrência de uma reorganização social, com a associação e a ação em grupo, os proprietários buscavam uma adaptação às mudanças que ocorriam e ao mesmo tempo manter uma posição social dominante (MALATESTA, 1997 e 1999 *apud* PLANAS, 2009, p. 513). Segundo Planas (2009, p. 526), essa mobilização foi uma forma estratégica de manter um predomínio social.

Com ela pretendiam atingir três objetivos: (1) liderar a modernização técnica agrária; (2) limitar a organização autônoma do campesinato; (3) constituir-se perante os poderes públicos como os representantes do conjunto da “classe agrícola”. [...] Até ao final do século XIX o associativismo agrário limitava-se fundamentalmente a alguns pequenos círculos de proprietários ilustrados, preocupados com os novos conhecimentos agrícolas e com as mudanças legais que poderiam prejudicar os seus interesses económicos (direitos de propriedade, contratos agrários, fiscalidade, etc.). O campesinato mantinha-se completamente à margem destas associações, apesar do facto de a modernização técnica da agricultura ser inviável sem o seu concurso.

Esses estudos nos mostram que em diferentes partes do globo houve movimentos referentes ao associativismo agrário e um envolvimento com uma classe de proprietários no século XIX e início do século XX, porém, manifestados de forma diferentes, uma vez que no estudo de Planas (2009) há a presença do campesinato com uma atuação já no século XIX.

No caso brasileiro, Mendonça (2013b) ao abordar a estrita relação da SNA com a própria criação do MAIC, inclusive a participação da sociedade na sua criação, além de demonstrar que as associações de uma classe agrária influenciava diretamente no Estado, sobrepondo interesses específicos, aponta também para uma tensão dentro da própria elite agrária, relacionada a um caráter regional, que em algumas vezes teria sido contra hegemônico com relação a São Paulo. Nas sociedades agrícolas, teriam uma participação maciça os complexos do eixo Sul-Nordeste, sobretudo dos gaúchos, fluminenses e

pernambucanos.

Não podemos esquecer que, antes da SNA, a SAIN já atuava como órgão consultivo do Estado, desde a época imperial.

Teve destaque a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional (SAIN), fundada em 1827. Apesar de constituir-se como organização privada, a atuação da SAIN estava subordinada a Secretaria de Estado dos Negócios do Império, e suas ações auxiliavam o governo nos assuntos relativos as pesquisas científicas e demais procedimentos que viessem a desenvolver a agricultura, a indústria e a economia. Entre as décadas de 1850 e 1860, a SAIN foi responsável pela fundação dos institutos agrícolas, que também ficaram subordinados a secretaria (GLABER, 2012, p.19-20).

Além da SAIN e da SNA houve outras associações patronais registradas. Devemos observar que o associativismo “formal”, como uma associação com um estatuto próprio e tesouraria, reconhecidos e subvencionados pelo Estado, até meados do século XX não era registrado para qualquer grupo, principalmente no que se refere ao meio rural. Podemos ver, conforme a literatura, que até a metade do século XX, no setor agrícola, se destacou apenas associações patronais, altamente ligadas ao poder público. Isso não significa que não havia uma organização das classes minoritárias no campo, mas que provavelmente uma força impediu seu protagonismo e registro.

Ao buscar por associações de trabalhadores rurais no campo e no meio rural, o resultado geralmente indica os movimentos sociais do campo, o que pode estar relacionado por possíveis obstáculos para o associativismo dessas classes de um modo mais formal, constituindo, assim, movimentos de resistência. A literatura aponta o associativismo do trabalhador rural apenas em meados do século XX, com a Liga Camponesa. Mas antes da luta pela reforma agrária já havia a luta pela terra.

Desde a Primeira República e em todo século XX, o Ministério da Agricultura foi um espaço institucional para os interesses do patronato agroindustrial. Houve ainda uma disputa por esse espaço entre diferentes entidades patronais, mas que se destacam a SNA e a Sociedade Rural Brasileira, esta última de origem paulista (MENDONÇA, 1999, 2006, 2007 *apud* Mendonça 2013a).

Apesar de atualmente haver um debate mais amplo sobre o associativismo e o cooperativismo, em seu processo histórico podem ser levantadas diferentes questões e vertentes sobre o tema. Em um rápido levantamento pode-se notar particularidades do associativismo no século XIX e início do século XX, que esteve inclusive ligado ao modo como uma oligarquia intervia no governo e nos direcionamentos econômicos do país.

Por meio dessas associações se estreitam laços políticos, e favorecem um relação

piramidal, em que um representante tem o poder das relações e seleção de interesses. Ainda, com um número restrito de associações no topo, estas absorviam as outras associações, tinham forte relação com o setor exportador e representantes estrangeiros, como é o caso da SNA.

As associações presentes na revista *O Agricultor*, motivadas ou que influenciaram interesses comuns, unem e criam uma identidade do grupo, a qual viabiliza a difusão, a fixação e o compartilhamento em maior escala de uma memória coletiva. As associações rurais, por sua vez, reforçavam um modelo agrícola e da especialização em bens primários. Ressalta-se que tais observações carecem de maior aprofundamento e podem representar grande relevância para compreensão das relações e da dinâmica política-social-econômica.

CAPÍTULO V – A DIFUSÃO: DO PENSAMENTO AO COMPORTAMENTO

5.1 O Serviço de Propaganda Agrícola da EAL

A EAL (fundada em 1908) acaba de organizar um Serviço de Propaganda Agrícola. Este Serviço oferece ao lavrador e ao criador a cooperação da Escola e a de muitas firmas comerciais e também em ocasiões especiais, a cooperação dos governos, na solução dos seus problemas. O motivo deste trabalho é dar ocasião a que a Escola Agrícola de Lavras e **diversas companhias comerciais** façam uma contribuição direta para a prosperidade do país, demonstrando assim a sua simpatia pela classe agrícola (HUNNICUTT, 1924b, p. 14, grifo nosso).⁴⁶

Inicialmente *O Agricultor* não tinha o “rótulo” de um serviço de propaganda agrícola da EAL, até porque, o serviço só foi criado em 1924. Para entendermos o processo da revista vale ressaltar alguns acontecimentos: em 1922, a revista *O Agricultor* é criada como órgão oficial do Grêmio Agrícola da EAL; na última edição de 1922, relatam as dificuldades que passaram, mas que conseguiram resolver e, inclusive, aumentar o número de tiragem que, de 500 para cada edição, passa para 3.000, em 1923, ano que Oswaldo Emrich, professor da EAL, passa a gerenciar a revista.

Em 1924, cria-se o Serviço de Propaganda Agrícola da EAL. É interessante observar o relato de Emrich (1926b), o qual aborda que, para o ano de 1925, os alunos teriam desistido da revista e assim ela passou a ser publicada nos moldes que corresponde à sua 2ª fase, passando a ser publicação da EAL. A partir de 1925, somente no número 38 do ano de 1928, começa a ser impresso na capa da *O Agricultor* o subtítulo Serviço de Propaganda Agrícola.

Na apresentação do Serviço de Propaganda Agrícola, feita por Hunnicutt na revista *O Agricultor*, de número 11 do ano de 1924, o diretor da EAL explica o serviço, como pode ser observado no seguinte trecho: “Nessa propaganda não se visa resultados financeiros **diretos, mas**, acontece que promovendo a prosperidade geral, **todos os que fazem parte do serviço** participarão deste estado melhor das coisas” (HUNNICUTT, 1924b, p. 14, grifo nosso).

Podemos perceber que o discurso procura mudar o foco do serviço de propaganda agrícola de resultados financeiros para uma prosperidade geral, a fim de retirar o interesse financeiro de seus idealizadores, mas não o exclui e o justifica nesse bem, a prosperidade geral, que, segundo o discurso, seria maior. Podemos notar ainda que os resultados serão distribuídos para os que fazem parte do serviço.

⁴⁶ Com adaptação ortográfica

Hunnicut (1924b, p. 14, grifo nosso), também ressalta:

O que o serviço “não” fará: – vender ou anunciar quaisquer produtos comerciais; - aprovar ou recomendar qualquer **produto que não for da melhor qualidade**; - fazer qualquer coisa que comprometa os altos motivos e ideais deste Serviço.⁴⁷

Observem que a palavra não, foi escrita entre aspas, demonstrando um cuidado, não assumindo por completo o sentido da palavra. Ainda, no segundo tópico, podemos notar que o serviço de propaganda agrícola não irá aprovar e recomendar produtos que não sejam considerados de melhor qualidade, essa afirmação compromete a primeira, pois indica que serão feitas recomendações e aprovação de produtos considerados de melhor qualidade, podendo compreender o anúncio de produtos.

Segundo Hunnicutt (1924b), para que o Serviço de Propaganda Agrícola fosse desenvolvido o mesmo contaria com um diretor, cinco técnicos consultivos e, com o progresso do serviço, haveria técnicos viajantes e especialistas em diferentes trabalhos para agricultura e pecuária, mas mantendo o escritório central no município de Lavras (MG).

O trabalho em todas as suas fases é cooperativo e os serviços serão prestados a todos quantos os procurarem ou fizerem consulta, e serão feitos não somente em redor da Escola e no Estado de Minas Gerais, mas em toda a nação. O Programa inclui: publicação agrícola; correspondência e consultas; gráficos, fotografias, cartazes, filmes agrícolas; visitas às fazendas e várias zonas agrícolas; cooperação em experiências agrícolas; campanha sobre problemas especiais lavoura, pecuária. (HUNNICUTT, 1924b, p.15).

É importante observarmos o alcance de tal propaganda e seus envolvidos, na apresentação de 1924, o serviço tinha aprovação do Ministério da Agricultura, Câmaras do Comércio Americanas de São Paulo e Rio de Janeiro, e vários especialistas que submeteram o plano. Ainda, a direção geral é regida por três comissões: a de consultores técnicos em Lavras e outras duas comissões formadas pelas Câmaras Americana do Comércio, sediada uma em São Paulo e a outra no Rio de Janeiro (HUNNICUTT, 1924b, p. 14).

“**Este serviço é oferecido** aos agricultores brasileiros **pelo comércio norte-americano** em testemunha de sua simpatia e sincera amizade” (HUNNICUTT, 1924b, p. 14, grifo nosso)⁴⁸. Essa frase seja talvez a mais marcante desse texto, pois demonstra a origem dessa prática: o comércio norte-americano. Ou seja havia interesses econômicos dos EUA no setor agropecuário do Brasil.

Ao fim Hunnicutt (1924b, p.16) nos faz a revelação:

⁴⁷ Com adaptação ortográfica.

⁴⁸ Com adaptação ortográfica.

Sobre o Patrocínio das: The American Chamber of Commerce for Brasil, Rio de Janeiro e The American Chamber of Comercial os São Paulo. Companhias Cooperando: Companhia S.F.K. do Brasil, RJ; S.L Allen & Co. ‘Planet Jr.’ Philadelphia E. U. Norte; Companhia Armour, SP; Braziliam Meat Co. Ltd. Rio de Janeiro e São Paulo; Continental Products Co. São Paulo. ⁴⁹

Todos os patrocínios são de origem estrangeira e exclusivamente dos EUA. As empresas patrocinadoras também tiveram anúncios na revista *O Agricultor*.

Nota-se que há um viés na instrução, dita baseada na ciência. O que reforça que a vocação agrária do Brasil seria, na verdade, uma forma de garantir o estabelecimento de funções na DIT, a afirmação essencialmente agrícola seria, portanto, falsa. Por meio da propaganda agrícola se difundia um tipo de pensamento capaz garantir um determinado comportamento, que consolidava as condições do capitalismo.

A extensão das instituições de ensino, como conhecemos atualmente, não havia sido estabelecida naquela época. Como podemos observar, o que a EAL praticava era declaradamente propagada agrícola, que justificava a instrução como forma de disseminação de técnicas apoiadas em uma racionalização para o lucro e utilização de bens de capital e de insumos, em sua maioria estrangeiros, além de fomentar a especialização em produtos que mantinham uma competitividade dentro dos limites da DIT.

As empresas patrocinadoras da propaganda agrícola e a exaltação que a revista realizava, principalmente, dos EUA, nos revela que os interesses norte-americanos na produção agrícola brasileira não eram favoráveis ao Brasil, pois nessa relação havia uma aculturação, não se considerava as especificidades brasileiras, além de uma assimetria, em que nas relações econômicas o Brasil exportava bens primários e importava produtos de altos valores agregados, como a troca de carne pelas máquinas agrícolas, havendo um desequilíbrio nos meios de troca, em que se acentuava a necessidade de dependência brasileira.

5.2 A eficiência do agricultor: uma racionalização para lucro

Para atingir os objetivos propostos e alinhar o pensamento dos proprietários rurais ao progresso, a revista *O Agricultor* ultrapassa a simples difusão dos produtos agrícolas e abrange, na modernização da agricultura, uma racionalidade para o capital.

Inicialmente pôde-se observar o delineamento de um perfil administrativo, o “*leader*”,

⁴⁹ Com adaptação ortográfica.

“[...] uma pessoa que possa chefiar, guiar, conduzir ou que tenha autoridade para agir ou dirigir” (HUNNICUTT, 1924a, p. 5). Dentre outras qualidades do bom agricultor ressaltadas nos textos da revista, estão a personalidade e a iniciativa. Entre os fatores listados como mais importantes para determinação daquelas qualidades se sobressaem: capacidade para delegar trabalho aos outros, hábitos de higiene, amizade, bom juízo, sensibilidade à crítica e capacidade para avaliar os outros.

Além das características do agricultor, o uso racional da terra pressupõe a agricultura intensiva. Em seu texto *Agricultura extensiva*, Duque (1928) aponta que apesar da agricultura extensiva ser a mais utilizada no Brasil, não se deve aceitar a forma como ela é praticada no país, necessitando introduzir nesse sistema profundas transformações para torna-lo mais eficiente.

Duque (1928), chama a atenção dizendo que muitos lavradores desconhecem os métodos para a eficiência da produção, e enumera seis pontos para uma administração sábia e ativa, que são: policultura (conforme adaptação do local e do mercado), rotação das culturas para uma melhor exploração do solo, aplicação da contabilidade nas fazendas, redução de custos de produção pela eficiência do trabalho com o uso de máquinas, limitar o tamanho das fazendas para o número que se consegue explorar com maior lucro (de 100 a 200 alqueires por administrador) e melhores usos da terra, um uso estratégico.

Para a aplicação dessa racionalidade, a revista deu grande incentivo a métodos quantitativos que podem ser observados nos cálculos para medir a eficiência de máquinas e no crescente estímulo para a otimização da produção, como títulos de textos que falam de criação lucrativa.

Como um grande aspecto dessa modernização e da racionalização para o capital, podemos notar principalmente a difusão da contabilidade. No ano de 1928, foi lançado uma série de textos com o título *Contabilidade Agrícola*, que explica como usar métodos de contabilidade na fazenda. O texto escrito por Silva (1928) foi publicado nos números 34, 35, 36 e 38 da revista *O Agricultor*. Silva (1928) tratou dos temas: criação de inventário, registros de entradas e saídas de capital e criação da relação dos trabalhos gastos na fazenda (animal, máquina, braçal). A Figura 5.1 representa uma das demonstrações publicada na revista para o uso dos administradores rurais.

Figura 5.1 - Balanço de verificação

| 1926 27 | lançamentos | DEBITO (valor) | 1926 27 | lançamentos | CREDITO (valor) |
|-----------|--------------------------------------------|-------------------|-----------|------------------------------------------------|--------------------|
| Ag. 1/926 | Contas a pagar | 1:039\$ | Ag. 1/926 | Propriedade (terras e edifícios) | 50:000\$ |
| | --- | | | Animas de trabalho | 7:550\$ |
| Ag. 1/927 | Propriedade (terras e edifícios) | 55:000\$ | | Gado | 3:509\$ |
| | Animas de trabalho | 8:720\$ | | Porcos | 1:728\$ |
| | Gado | 7:270\$ | | Aves | 1:007\$ |
| | Porcos | 5:395\$ | | Alimentos em deposito | 2:035\$ |
| | Aves | 1:030\$ | | Culturas em andamento (material e mão de obra) | 600\$ |
| | Alimentos em deposito | 1:900\$ | | Contas a receber | 250\$ |
| | Culturas em andamento (mat. e mão de obra) | 750\$ | | Dinheiro em mão | 370\$ |
| | Dinheiro em mão | 150\$ | Ag. 1/927 | Contas a pagar | 1:200\$ |
| | Contas a receber | 85\$ | | Balanço | 13:090\$ |
| | | 81:339\$ | | | 81:339\$ |

Fonte: Silva (1928).

Os métodos incentivados na revista *O Agricultor* trazem uma complexidade para o cálculo das empresas agrícolas, aumentando inclusive a necessidade da separação entre administrador e trabalhador direto na produção. O agricultor, proprietário da empresa agrícola, passa cada vez mais exercer funções burocráticas para a administração da produção e, principalmente, na administração do capital. Tal função do proprietário seria possível, uma vez que parte dos agricultores, públicos da revista, são patrões e grandes proprietários.

Além dos cálculos, alguns aspectos relacionados atualmente à logística, eram fomentados pela revista, como a construção de silos, que representavam o armazenamento de alimentos para os animais, geração de estoque e a diminuição de riscos sazonais da plantação. Também há a militância pelas estradas de rodagem que, apesar dos diferentes sentidos para o seu emprego como a viabilização dos automóveis, representava o escoamento da produção.

Essa racionalidade esteve associada, ainda, ao uso de insumos químicos e maquinário, que eram justificados como meios para um aumento de produtividade e diminuição de custos. Meios racionais e modernos para atingir o progresso.

5.3 Máquinas agrícolas

Para o modelo de progresso e de produção fomentado pela revista *O Agricultor*, se pregava o uso intensivo dos fatores de produção, que tinha como grande característica o

emprego de bens de capital, máquinas e equipamentos. De acordo com a análise dos anúncios das revistas, todos esses bens de capital eram de origem estrangeira, como John Deere, Planet Jr, Alfa Laval, Brockway, International Harvester Export Company, Mc Cormick – Deering (Chattanooga), O tratorzinho Kinkade, Van Even & Co, os rolamentos para moinhos SFK, correntes Rainbow e Good Year, entre outros. As nacionalidades desses bens eram em sua maioria dos EUA e da Alemanha, sendo que os bens de origem norte-americana predominavam os anúncios da revista.

O incentivo ao uso de máquinas era inclusive objetivo do Serviço de Propaganda Agrícola. Em diferentes exposições agrícolas da época, havia espaços para a divulgação e demonstrações das máquinas. Junto com o poder público era fornecido também folhetos para impulsionar o uso de máquinas. Conforme as revistas *O Agricultor* disponíveis para a análise, foi identificado dois números especiais sobre as máquinas agrícolas, o número 44, de 1929, e o número 56, de 1930. Sendo que na revista de número 44, é publicada inicialmente uma entrevista sobre o crédito agrícola fornecido pelo Estado de Minas Gerais.

Ao ler textos que continham em seus títulos a palavra máquinas e seus derivativos, observamos uma correlação do discurso com a questão da mão de obra. Muito foi lido sobre a falta de braços para a lavoura, mas a partir da análise realizada nessa pesquisa, considerou-se que o discurso da falta de “braços” era aplicado, inclusive, para a aceitação e introdução das máquinas, bens de capitais estrangeiros, no Brasil.

A primeira observação que levou para essa interpretação foi o nível de salário, como exposto no texto assinado por O.P (1924a), um trabalhador rural, homem, ganhava cerca de 3\$000 (três mil-réis) por dia. Segundo Pinheiro (1981 *apud* RODRIGUES, 2010, p. 33), na Fábrica Maria Ângela em São Paulo, pertencente a Matarazzo, em 1925 os pagamentos diários dos operários (em mil-réis) eram: homens de 7\$000 a 9\$000, mulheres de 4\$000 a 5\$500 e crianças de 1\$500 a 2\$000. Ou seja, o nível de salário no meio rural era menos da metade de um operário fabril, sendo assim, muito baixo. Esse baixo nível de salário do trabalhador rural não indica baixa oferta de trabalho, pelo contrário sugere que havia uma considerável oferta de trabalho.

A segunda observação foi o discurso para o emprego das máquinas, que tenta claramente influenciar a decisão de agentes econômicos. No discurso podemos notar que havia uma resistência dos produtores rurais em adquirir o maquinário, pois preferiam ainda o maior emprego de mão de obra humana ao invés das máquinas. Os trechos a seguir, retirados da revista *O Agricultor*, são parte dos discursos que levaram a essa interpretação.

Por muitas vezes tenho tido oportunidades de ouvir fazendeiros rotineiros

desanimados com as máquinas, dizem ‘que estas não são para nós’. Estão completamente errados, as máquinas são empregadas em qualquer país, salvos em terrenos excessivamente acidentados. Porém urge primeiramente sabermos quando e como devemos emprega-las. Elsa tem tido pouca eficiência nas zonas mais atrasadas devido à falta e conhecimento necessário ao seu emprego (Braga, 1925, p. 8-9).⁵⁰

O trator não tem encontrado na Lavoura Brasileira muita aceitação.[...] Andamos dia a dia para a idade da lavoura completamente mecânica, e o trator é a ela indispensável na corrente desse desenvolvimento. [...] É difícil mesmo consertar a sua inadaptabilidade ao nosso meio quando se ouvem opiniões adeptas e apegadas ao sistema braçal ou puramente muscular (SAUR, 1929, p.11).⁵¹

O grau de civilização pode ser avaliado pelo uso da mecânica aplicada. O nosso gênio não se satisfaz em conseguir um auxiliar metálico ou aparelho, mas procura com substituição de nossa força ou energia viva. [...] É verdade que substituir forças dominadas por vontade, pelas inconscientes, não é coisa muito fácil. Entretanto nossa inteligência tem feito aplicações admiráveis das forças mecânicas e parece que seu aperfeiçoamento é quase infinito (EMRICH, 1929, p.16).⁵²

“É inegável a antipatia existente em nossos meios agrícolas quanto ao emprego de tratores na lavoura. Não é de estranhar-se este fato, pois muitas circunstancias concorrem para justificar o desinteresse ou a negação absoluta pelo seu emprego” (O AGRICULTOR, 1930d, p.5).⁵³

Não há falta de braços como certa elite da lavoura cafeeira vive apregoando. O que falta é saber aproveitar a inteligentemente os que existem, mais do que suficientes para os serviços culturais e para a colheita. [...] Repetem e reprisam os fazendeiros que necessitam manter um “stock” permanente de braços para poderem fazer a colheita dentro do seu tempo, precisando inventar serviços enquanto esperam a colheita. [...] Continuamos a sustentar que não há falta de braços. O que não há é iniciativa para com o menor número de trabalhadores conseguir-se o máximo de trabalho com o menor número de plantas e o máximo de produção. [...] Uma fazenda onde o cultivo seja mecânico e onde seja praticada a “Colheita Natural”, pode ser tocada com metade do pessoal hoje em dia necessário para um bom trato e uma colheita rápida pelo sistema “colonial” (O.F. 1929, p.7).⁵⁴

Além dessas afirmações, o problema é visto pela falta do saber fazer dos fazendeiros, que deveriam matricular seus filhos nas escolas agrícolas, que além da teoria ensinam a

⁵⁰ Com adaptação ortográfica.

⁵¹ Com adaptação ortográfica.

⁵² Com adaptação ortográfica.

⁵³ Com adaptação ortográfica.

⁵⁴ Com adaptação ortográfica.

prática, para que estes ensinem seus funcionários a utilizar as máquinas (HUNNICUTT, 1929).

Porém, apesar dessas observações havia uma preocupação em manter a mão de obra no campo por meio da qualidade de vida, melhores aposentos e higiene, o que, a princípio, poderia contradizer o excedente de mão de obra da primeira observação, mas, ao aprofundar, notamos uma disputa com o meio urbano e uma necessidade do progresso, o tipo de desenvolvimento que se pretendia.

Nas revistas analisadas foi encontrado o título *Falta de Braços*, escrito pela assinatura O.P em 1924. O texto foi dividido em duas publicações, a de número 11 e a de número 13. Esse texto é o único texto encontrado que traz uma outra perspectiva de como solucionar o problema que ele chama de “falta de braços”, no qual o autor sugere que o lucro seja dividido ao meio entre o empregado e o capitalizado, o empregado que tem o direito pela verdadeira produção e o capitalista pelo juros do seu capital.

O. P. (1924a) aborda que a terra é apenas posse do capitalizado, sendo um bem do Estado, e sugere que haja uma lei para limitação de terras para trazer mais produtividade e justiça. O autor relata no fim da primeira parte do seu texto o seguinte: “O outro método de remediar a falta de braços é pelo uso de máquinas, sobre isto, **se ainda o Sr. Redator desta revista consentir-me será o próximo assunto**” (O.P. 1924a, p. 16, grifo nosso).

Entretanto, na continuação de seu texto na revista de número 13, O.P. (1924b) ao tratar da solução por meio da imigração, chama a atenção dizendo que discorda desse meio, pois com a qualidade de vida que o setor agrícola oferece para o trabalhador as pessoas com “*high life standart*” não se sujeitariam a essa situação e as que aceitariam não seriam boas, nem teriam um valor econômico e moral, sendo portanto imigrantes indesejáveis segundo o autor.

Os outros textos encontrados tratam da solução da fixação dos empregados por meio de uma filantropia de melhor qualidade de vida, citando inclusive o exemplo da fazenda da empresa Larco Herrera Hermanos no Peru, que fornecia aos seus funcionários saneamento básico e escola, para o qual a revista chama de socialismo agrícola, conforme o Discurso Agrícola para o Progresso.

Em meio ao texto *Os magnos problemas de nosso “hinterland”*, publicado por Saur (1931), foram demonstradas duas imagens, uma do lado da outra, que, apesar das legendas e do texto indicarem que o uso de máquinas é para a melhora do empregado e patrão, podemos ver nas figuras que se trata na verdade de uma economia de salário.

Para a Figura 5.2, na legenda Saur (1931, p.10) diz: “ ... ‘amparar pobre roceiro, o camarada que deixou saúde e força em serviço de seus patrões’. Descalços, pobremente

vestidos, sob o sol causticante... com a enxada como síntese da rotina”⁵⁵. Já para a Figura 5.3, “Um camarada melhorado: lidando com máquinas, empenhando-se na agricultura racional e moderna. Camarada e patrão melhoraram de condição de vida”⁵⁶ (SAUR, 1931, p.12).

Figura 5.2 – Operários rurais com o uso da enxada.



Fonte: Saur (1931).

Figura 5.3 - Operário rural com o uso de máquina.



Fonte: Saur (1931).

⁵⁵ Com adaptação ortográfica.

⁵⁶ Com adaptação ortográfica.

No texto intitulado *O operariado rural*, Emrich (1926c, p. 26) aponta que “Alguns fazendeiros ficam enciumados quando veem seus operários em boas condições de vida. Mas as condições do nosso desenvolvimento obrigam os proprietários a serem mais perspicazes na consideração do problema dos operários”.

Nos discursos apresentados notou-se que a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores rurais não era pelo aumento do nível de salários, o que poderia ser um caminho sem volta, mas sim por uma inversão do capital do produtor rural, oferecendo como filantropia os serviços essenciais ao trabalhador. Os capitalizados preferiam disponibilizar qualidade de vida para a disposição e saúde do trabalhador do que aumentar o nível dos salários. Pois, esse gasto, a filantropia, pode ser mais fácil de ser revertida, além de ser de domínio do patronato, o que não seria possível se a qualidade de vida fosse garantida pelo aumento de salários.

Logo, o que se pretendia não era uma emancipação do trabalhador, mas sim sua submissão. O baixo nível de salário impedia a emancipação do trabalho rural, uma vez que investimentos em qualidade de vida não garantia emancipação do funcionário, mas apenas o aumento da produção. Desse modo, nota-se que a renda não era distribuída.

Devemos considerar ainda que a fixação de trabalhadores no campo era também uma necessidade com o emprego de máquinas, que apesar de exigir menor emprego de trabalho humano, não automatizava a produção, em diferentes etapas a mão de obra era necessária.

Segundo Furtado (1977), o recrutamento da mão de obra da economia agrícola foi muito difícil, pela forma como esta economia estava organizada, além de exigir grande mobilização de recursos. Contudo, a classe de proprietários não iria cooperar, pois todo um modo de vida, de organização social e de estruturação do poder político estavam ameaçados. “Tem-se repetido comumente no Brasil que a causa dessa agricultura rudimentar está no “caboclo”, quando o caboclo é simplesmente uma criação da economia de subsistência” (FURTADO, 1977, p. 120 – 121).

Sendo assim, acredita-se que houve uma manipulação por meio do discurso para fomentar o emprego de máquinas estrangeiras na agricultura brasileira, que tinha como entrave a exploração da força de trabalho humana, atrativa devido ao baixo nível de salários. O discurso de “falta de braços” estava intimamente relacionado à supremacia de determinados interesses. Além disso, o emprego de máquinas na agricultura era compatível com o avanço industrial no país, pois liberava maior número de mão de obra.

O emprego das máquinas na agricultura brasileira garantia um consumo dos bens de capital estrangeiros e ainda gerava uma economia de salário na lavoura, favorecendo uma

maior produção com preços mais baixos. Desse modo, o estrangeiro tinha dupla vantagem, pois vendiam um produto de alto valor agregado e se beneficiavam do baixo preço dos produtos primários.

5.4 O consumo de insumos: venenos e adubos

No período de publicação da revista *O Agricultor* pode-se observar vários produtos para a agricultura, entre eles os insumos agrícolas, que compõem uma das principais formas para a grande produção estimulada pela revista. Basicamente os insumos agrícolas eram baseados em pesticidas e adubos. Entre as propagandas anunciadas na revista, podemos observar os pesticidas: Formicida Capanema, Bayer, Polvo, Creolina Pearson e Pulverizador Ideal. Além disso, haviam anúncios de farmácias, que além de proporcionarem produtos para higiene e saúde, era fornecedoras de produtos químicos. Já para as propagandas de adubos, pode-se listar alguns, como a Continental Products Company, Salitre do Chile, Esterco Santa Cruz, Farelo e Farelinho do Moinho Inglês e o Centro de Experiências Agrícolas Kalisyndikat.

Na revista *O Agricultor*, observa-se uma preocupação com as “pragas”, “moléstias”, na produção agrícola. Com o título de *Guerra aos insetos*, P. H. Rolfs (1924) publica na revista um texto indicando o uso do veneno Verde de Paris, e aponta que, devido ao ácido arsênico presente no Verde de Paris, deve-se usar cal apagado para a correção. Rolfs (1924), ainda ressalta que com o resultado das descobertas científicas bilhões de insetos prejudiciais têm sido destruídos, tornando assim, as produções mais certas e remuneradoras, o que seria, segundo o autor, de grande proveito para os Estados e para a Nação.

Na mesma revista, Brito (1924) publica o título *Guerra às saúvas*. Nesse texto, o autor aponta que são inúmeros os ingredientes e aparelhos que a indústria oferece para o combate às saúvas, dizendo que todos têm quase o mesmo princípio, variando apenas o rótulo do fabricante. No texto é indicado o uso de formicidas sólidos, que com a combustão passam para o estado gasoso e atinge as galerias dos formigueiros. Esse tipo de formicida precisa do uso de insuflador, o qual é anunciado em meios às propagandas da revista, como demonstra a Figura 5.4.

Figura 5.4 – Insuflador: anúncio de máquinas para matar formigas

O AGRICULTOR

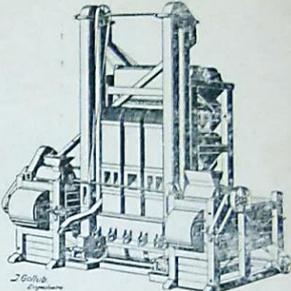
O CAFÉ E AS SAUVAS

E' indispensavel QUE TODOS OS SRS. LAVRADORES SE CONVENÇAM DE QUE TEM O DEVER E A NECESSIDADE DE LEVAREM AO MERCADO CAFE PERFEITO, BEM BENEFICIADO, E QUE E' UM CRIME TOLERAR A PERMANENCIA DAS FORMIGAS SAUVAS DESTRUINDO AS PLANTAS QUE TANTO CUSTAM PARA CULTIVAR.

PARA SANAR TAL SITUAÇÃO, CONVENEM QUE SEM DELAÇAÇÃO ADQUIRAM A

Machina "Camargo"

PARA BENEFICIAR SEU CAFE E A



Machina "CAMARGO" para beneficio de café.



Machina "LUIZ DA SILVA"

PARA MATAR AS FORMIGAS.

OS QUE JA' TEM MACHINAS ANTIGAS PARA O CAFE, PODERÃO ADQUIRIR O SEPARADOR-CATADOR "SALLES" QUE ADICIONADO SEPARA E CATA O CAFE DE MODO MARAVILHOSO.

NÃO PENSEM EM OUTRAS MACHINAS PARA ESTES FINS. SÃO ESTAS AS QUE MELHOR CORRESPONDEM AOS REAES INTERESSES DOS LAVRADORES

Peçam informações e catalogos a -

L. Silva et Comp. Rua Libero Badaró, 123
S. Paulo

Fonte: O Agricultor (1924).

Além da indicação do uso de pesticidas industrializados, a revista *O Agricultor* indicava fórmulas para a preparação caseira, como a fórmula dita eficaz ao Curuquerê, considerada praga do algodoeiro, como a seguinte instrução: “Verde de Paris: 150 gr.; Calviva 300 gr.; Água 100 litros” (OLIVEIRA, 1935, p.20). Tal fórmula também precisa do insuflador.

De acordo com Primavesi (2008), de forma geral, as adubações químicas fornecem apenas 05 dos 45 nutrientes que as plantas precisam, ficando desse modo desnutridas e fracas. É por esse motivo que as plantas ficam suscetíveis às chamadas moléstias, sendo atacadas por insetos e microrganismos, em especial, por fungos, mas também pelas bactérias e por vírus. A autora ressalta que esse ataque é uma forma da natureza para eliminar as plantas que sofrem deficiências nutricionais, que por esse motivo já não conseguem produzir substâncias essenciais para sua existência. Desse modo, os pesticidas são utilizados para combater o que foi causado pela própria agricultura convencional.

Além das moléstias, a revista *O Agricultor* tinha como grande preocupação a fertilidade do solo que, segundo Primavesi (2008), têm forte correlação. A adubação foi um

tema muito tratado na revista. Os autores indicavam adubos de curral, como o material produzido pelos animais, adubação a partir de palhas e leguminosas e também adubos químicos. Segundo Hunnicutt (1932, p.15):

Não é possível entrarmos muito detalhadamente no estudo desse grande assunto de adubos químicos, mas estamos chegando naquele ponto do desenvolvimento agrícola do país quando precisamos introduzir em nossas plantações o uso de adubos químicos.

No entanto, pode-se observar a indicação de adubos químicos como também seus anúncios na revista. Como aborda o texto sobre *Nitrophoska I G*

Para terras repetidamente cultivadas e adubadas nas culturas anteriores temos sempre recomendado *Nitrophoska I G* tipo A, para terras novas e para as que tenham sido cultivadas com intervalos de pousio mais ou menos dilatados, temos aconselhado conforme a necessidade de potassa os tipos AA e C (O AGRICULTOR, 1936a, p.16).

Vale ressaltar que *Nitrophoska I G* é um nome comercial para a combinação nitrogênio, fósforo e potássio (NPK).

Um dos grandes anunciantes da revista *O Agricultor* foi Fernando Hackradt & Companhia, representante do Centro de Experiências Agrícolas, que prestava serviços de adubação, e, também, do *Nitrophoska I G*. No anúncio da Companhia, publicado na revista *O Agricultor* (1929, p. 31) , anuncia-se a seguinte frase:

Quaisquer adubos, químicos ou orgânicos, em separado ou em mistura, poderão ser encontrados, dos melhores preços do mercado, na casa Fernando Hackradt & Companhia. A mais antiga no ramo, única representante para o Brasil dos Sindicatos da Potassa e Sindicato do Azoto da Alemanha.⁵⁷

Com base nessas constatações, podemos notar que a ciência na revista se torna questionável pela forma como a propaganda a domina. É importante destacarmos que há uma tensão entre ciência e propagando, pois na ciência o compromisso é com o conhecimento, conjunto de informações e princípios para complementar as percepções humanas, que sistematizado permite a apreensão do objeto. Já a propaganda tem o compromisso com o lucro e transmite uma informação seletiva, tendenciosa, divulgando uma ideia e as qualidades para a aceitação do público. Desse modo, a propaganda se apropria da ciência para criar argumentos a seu favor e vende um produto, que, apesar de poder ter sido construído por meio da ciência, não tem o objetivo de somar ao conhecimento, mas apenas de garantir a aceitação do público e o lucro.

Na revista com edição especial sobre o milho, foi publicada uma foto comparativa das

⁵⁷ Com adaptação ortográfica.

experiências de adubação na EAL. Na foto apresentada na Figura 5.5, a legenda na revista diz: “milho sem adubação”. Já para a Figura 5.6: “milho adubado com adubos orgânicos procedentes da Continental Products Co. de São Paulo. A diferença em produção de milho em geral foi enorme” (O AGRICULTOR, 1925, p. 19). Devemos lembrar que a Continental Products é patrocinadora do serviço de propaganda agrícola da EAL.

Figura 5.5 – Experiência com Adubação de milho EAL (sem adubação).



O Agricultor (1926).

Figura 5.6 – Experiência com Adubação de milho EAL (adubo Continental Products).



O Agricultor (1926).

A Continental Products era um grande frigorífico e, provavelmente, utilizava os

rejeitos para a produção de adubos. Conforme publicado no Diário Oficial da União de 04 de junho de 1926, a Diretoria do Serviço de Inspeção traz em seu relatório, referente à Fábrica de Adubos, as seguintes matérias primas: pedaços de carne, ossos e qualquer outro material orgânico, sangue de boi cozido e seco, ossos, chifre, cal, sangue, resíduos animais e vegetais, salitre, cloreto de potássio, casco de chifre, entre outros. Podemos observar que há componentes químicos no adubo, apesar de serem poucos, como cloreto de potássio e o salitre, que é o nome popular para nitrato de potássio.

O uso de adubo, pesticidas e máquinas agrícolas estavam todos relacionados com o modelo de desenvolvimento agrícola que era fomentado pela revista *O Agricultor*. O uso de um causava dependência de outro. É importante salientar os estudos de Primavesi (2012) que, ao propor o sistema de agroecologia como a melhor forma de agricultura, resgata pontos importantes do processo de implantação da agricultura convencional, que é baseada no uso intensivo de capital e na aquisição de produtos, sobretudo, dos EUA, para a qual muitos métodos estão presente na revista *O Agricultor*.

Sobre a aração, fortemente fomentada pela revista, Primavesi (2012) destaca que seu uso, de forma profunda na terra, era uma necessidade de países com solos frios e com gelo, que a utilizavam como método para aquecer o solo após o inverno, em tempo hábil para a plantação. Porém, em clima tropical o solo apresenta características diferentes e o revolvimento do solo deveria ser somente superficial, com a intensificação do uso de máquinas importadas os efeitos da exposição mais profundas das camadas do solo teve como consequências erosões e enchentes.

Além disso, ao analisar o sistema para a “racionalidade” da agricultura e a produção em escala de uma mesma cultura, especialização agrícola, Primavesi (2012, p.4) destaca:

Sem dúvida o aproveitamento industrial é melhor e o lucro é 15% maior. Mas, as plantas vivem famintas e, portanto, são adubadas. Por enquanto, especialmente com NPK, os três macro nutrientes mais importantes. [...] E como todos os nutrientes existem em proporções específicas, a adição de um provoca automaticamente a deficiência de outro. A planta é mal nutrida. Assim, elas circulam na seiva, se acumulam e finalmente, por seu cheiro característico “chamam” os parasitas. As plantas já eram doentes quando o parasita apareceu e continua doente após o parasita ser eliminado.

Os colonos europeus trouxeram uma agricultura que tem se tornado convencional, com uma tecnologia aprimorada pelos norte-americanos, procura-se cada vez mais impor ao solo as condições mais favoráveis à indústria mecânica e química, em que a agricultura se torna um mercado perfeito para esses produtos (PRIMAVESI, 2012).

5.5 Exposição Agropecuária Regional de Lavras - MG

Como meio de popularizar o setor rural e fomentar a produção, aquisição de materiais, técnicas e até mesmo competição de melhores produtos, as exposições agropecuárias eram uma forma prática e atrativa para os produtores rurais e, inclusive, para a população, de forma geral, absorverem os modelos de desenvolvimento agrícola proposto, sendo um meio de difusão prático. Nas exposições haviam competições de melhores produtos agrícolas e animais de raça, demonstrações e exibição de filmes.

Ao tratar das exposições, a revista *O Agricultor* (1923b, p. 3-4, grifo nosso) publica o seguinte:

[...] encontramos logo os Estados Unidos da América do Norte, que já fizeram das **exposições, um meio seguro de propaganda para os seus vários produtos de indústria e comércio**, resultando daí sua colaboração na frente das grandes **nações civilizadas e progressistas** [...] por meio da agricultura sistematizada e inteligente, de que as **exposições servirão de complemento, com excelentes mostruários** [...] na **confirmação das suas possibilidades de país “essencialmente agrícola”**. [...] durante as três noites da exposição, animado **cinema ao ar livre** em que **foram exibidas muitas fitas anteriormente apresentadas no Pavilhão Norte-Americano no Rio de Janeiro** ⁵⁸. Foi-nos permitido deste modo **conhecermos** alguma coisa do **máximo progresso alcançado já pela agricultura nos Estados Unidos** [...] Outros **filmes enviados pela Comissão Rockefeller**, cujos assinalados serviços tanto têm contribuído para o saneamento do Brasil, **seriam igualmente exibidos** se não houvessem chegado à Lavras só depois de haver terminado a Exposição. ⁵⁹

De acordo com *O Agricultor* (1928), Hunnicutt adquiriu, dos EUA, fitas para o Serviço de Propaganda Agrícola da EAL. Os diferentes filmes tinham como tema: avicultura moderna, combate ao carrapato, berne, vermes nos suínos, a cultura da laranja na Flórida, feijão soja, cooperativas agrícolas, a varejeira, reprodutores de raças leiteiras e movimentos do cavalo.

A SAL, em 1922, inaugura a primeira Exposição Regional de Lavras, com apoio dos governos municipal, estadual e federal, utilizando o terreno na EAL. Inicialmente, os municípios que participavam da exposição eram: Lavras, Monte Carmelo, Patrocínio, Araxá, Patos, Carmo do Paranaíba, São Gothardo, Bambuí, Piumhy, Santo Antônio do Monte, Formiga, Campo Belo, Vila de Perdões, Vila Nepomuceno, Dolores da Boa Esperança, Turvo e Rio Preto (O AGRICULTOR, 1922b, p.17). Em 1924, a exposição foi abrangida para a

⁵⁸ Cabe ressaltar que o Pavilhão Norte-Americano no Rio de Janeiro se refere a Exposição Internacional do Centenário da Independência.

⁵⁹ Com adaptação ortográfica.

inclusão dos municípios de Baependi, Varginha, São João Del Rei, Três Corações, Bom Sucesso e Oliveira (O AGRICULTOR, 1924, p.10).

Com o passar dos anos, a EAL incorpora a comissão organizadora da Exposição, sendo promotora da 10ª edição em 1937. A última exposição anunciada pela revista *O Agricultor* é a 15ª, sendo observada no último número da revista, em 1943. Sendo assim, podem ter sido realizadas mais edições da Exposição Agropecuária Regional de Lavras, porém, na presente pesquisa foram analisadas apenas as anunciadas na revista *O Agricultor*.

O Quadro 5.1 lista o número das edições da Exposição Agropecuária Regional de Lavras e o ano em que elas foram realizadas.

Quadro 5.1 – Exposição Agropecuária Regional de Lavras – MG

| | | | | | | | | |
|--------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Edição | 1ª | 2ª | 3ª | 4ª | 5ª | 6ª | 7ª | 8ª |
| Ano | 1922 | 1923 | 1924 | 1925 | 1926 | 1928 | 1929 | 1931 |
| Edição | 9ª | 10ª | 11ª | 12ª | 13ª | 14ª | 15ª | |
| Ano | 1935 | 1937 | 1938 | 1939 | 1940 | 1942 | 1943 | |

Fonte: Da autora (2018).

Durantes dois anos, houveram edições especiais da Exposição de Lavras, que realizou edições em conjunto com a 5ª Exposição Nacional do Milho, em 1926, e a 1ª Semana Ruralista de Lavras, em 1935. Como já discutido no Capítulo III, as exposições de milho foram organizadas pela revista *Chácaras e Quintaes* e, desde 1918, o evento estava sem ser realizado, ocorrido pela última vez no Rio de Janeiro. O jornal *Correio da Manhã* (1920b), publicou que a 5ª Exposição Nacional do Milho iria acontecer no Rio Grande do Sul, mas, como justificado, a falta de dados sobre sua capacidade foi motivo para a transferência da exposição para Lavras, com organização da EAL e do Ministério da Agricultura, acontecendo junto com a 5ª Exposição Agropecuária Regional de Lavras.

O que traz grande curiosidade é que o *Correio da Manhã* (1926, p.4) publica: “Sendo Lavras uma cidade pequena e de modestos recursos, não poderá, infelizmente, hospedar grande número de visitantes. Por esse motivo, os resultados da Exposição serão amplamente divulgados pela imprensa”. Tal publicação nos faz questionar os reais motivos para a transferência da exposição para a EAL, uma vez que a mesma não tinha uma capacidade para receber grande número de visitantes. Provavelmente houve influências de Hunnicutt, que também era colaborador de *Chácaras e Quintaes*.

Já a 1ª Semana Ruralista de Lavras foi organizada pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e visavam a disseminação dos ideais do pensador.

Alberto Torres nasceu em 1865 e morreu em 1917. Embora republicano, tinha um

profundo desapontamento com a implantação da República no Brasil, que mantinha algumas características do império. Uma das inquietações do autor era relacionada à chamada ignorância da sociedade brasileira, que se dava pela fragilidade do Estado e de uma estrutura socioeconômica, a falta de um sentimento coletivo e patriótico que viabilizassem a existência plena da Nação. Devia-se implantar a nacionalidade, por uma “convicção racional” da “consciência” nacionalista. O nacionalismo representaria a raiz para a organização do país, tanto política e admirativamente, quanto a promoção de interesses coletivos e o progresso material, pautado, inclusive, na vocação agrária do país, defendida por Alberto Torres (BARIANI, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como levantado em hipótese, foi possível aferir que, por meio da revista *O Agricultor*, exerciam-se práticas que assemelham a difusão de ciência e tecnologia, baseadas no modelo de extensão norte-americano. Uma vez que se difundia nos textos publicados temas que tratassem das ciências e tecnologias agrícolas, porém, muitas vezes tendia-se para uma seleção que favorecia as tecnologias desenvolvidas e comercializadas pelo setor industrial, sobretudo, estrangeiro, como máquinas e adubos. Com um viés e objetivos comerciais, a disseminação da ciência ficava comprometida, pois havia uma seletividade das informações para suscitar um sentido que deveria resultar na aceitação do público pelos produtos e ideias difundidas.

Entretanto, no período estudado compreende-se, pelo material analisado, que o termo extensão não era difundido no Brasil. Há diferentes fases do processo histórico da extensão, que tem início em meados do século XIX, mas que só vai ser percebido no final da década de 1940, quando o termo extensão passa a ser empregado e há uma ampliação da abordagem das práticas anteriores. O que foi fortemente fomentado era a propaganda agrícola, principalmente pelos norte-americanos e amparada, inclusive, pela legislação. De acordo com a própria revista, ela se caracteriza como propaganda agrícola.

As exposições, cartazes, consultas, encontros, boletins e revistas, são fortes exemplos de propaganda agrícola. Essas práticas não eram exclusivas apenas das instituições de ensino, também havia forte atuação de organizações civis, sociedades agropecuárias, e do governo.

A revista *O Agricultor*, por sua vez, apresenta um caráter comercial, que se equipara às revistas de circulação no/e para o mercado. Sendo assim, ultrapassa os limites acadêmicos e se constitui em um veículo midiático, no qual tudo é válido, inclusive, a influência sobre o consumo e a memória coletiva. Não há um compromisso rigoroso com a ciência, mas sim com a propaganda agrícola.

O que pôde ser observado é que, na revista, as propagandas agrícolas, pautadas na modernização e progresso, eram direcionadas a uma determinada classe agrícola capitalizada. Havia uma necessidade de grande volume de capital para a aquisição do modelo que se disseminava.

Considera-se que, antes da Revolução Verde, já se estimulava o consumo de produtos agrícolas, sobretudo de origem industrial, inclusive em conjunto, como a relação da aração com os adubos. No período posterior à Segunda Guerra Mundial, a descoberta científica de novos componentes e o aprimoramento dos já existentes, cria uma maior necessidade de ampliação desse mercado.

Acredita-se que houve um ponto de saturação, no qual o próprio processo histórico do capitalismo global precisava de expansão e de novos consumidores. Desse modo, o que era exclusivo para uma determinada classe foi expandido e buscou absorver as diferentes classes rurais. Para isso, foi necessário disseminar os produtos e técnicas, a extensão rural contribuiu para a difusão do modelo de desenvolvimento agrícola, que esteve presente na revista *O Agricultor*, aumentando para uma maior escala que culminaria na Revolução Verde. Entretanto, serão necessários mais estudos e análise de outras fontes sobre o tema para poder montar o quebra cabeça.

No período estudado, as instituições de ensino agrícola também apresentam uma seletividade, pois havia um ensino direcionado para a formação de mão de obra direta e outro para a formação do agrônomo, o ser ilustrado.

O diálogo com o produtor rural era praticamente inexistente, e as consultas demonstravam uma certa seleção, em que apenas eram publicadas a pergunta e a resposta, não compreendendo um diálogo. Sendo assim, as especificidades de cada produtor ou região não eram consideradas. Os textos demonstravam uma generalização das práticas e da produção, utilizando exemplos de países centrais e estimulando a introdução de técnicas produtivas desses países. A revista *O Agricultor* não considerava as especificidades brasileiras.

O estímulo à racionalidade, ao uso de máquinas, insumos agrícolas e administração para a maximização do lucro, insere o agricultor, produtor rural, ao modo capitalista de produção e consumo. Essa inserção acentua a DIT, pois cria condições para a intensificação de especialização em bens primários para a exportação, enquanto estimula uma necessidade de importação de bens de capital. Os insumos agrícolas quando não são importados, são adquiridos de empresas estrangeiras instaladas no Brasil, como é o caso de adubos e ração.

Podemos observar nas propagandas anunciadas na revista, a divulgação, em 1930, da instalação no Brasil da filial da Corn Products Refining Company, de Nova York, em Anastácio (SP). O nome fantasia da empresa era Refinazil, que refinava milho para produzir maisena, glucose, amido, açúcar, óleo de milho, ração para animais, entre outros. Nota-se uma tendência da produção agrícola como suprimentos para a indústria de alimentos.

Nos anos que essa pesquisa abarcou, a relação do Brasil com os EUA estava em um processo de estreitamento, que cada vez mais se direcionava para uma hegemonia. Além disso, o modelo de progresso, a partir de países centrais, tinha os EUA como um exemplo a seguir. Conforme a pesquisa, os missionários criaram a EAL com bases norte-americanas, os ideais religiosos e morais também se faziam presentes e causavam influências para costumes dos EUA, alinhados inclusive com um ideal de progresso humano, que vai dar força a uma

ideia de eugenia, que acreditava numa elevação moral na raça branca.

Com a análise da revista, não ficou evidenciado o caráter missionário cristão, mas sim uma propagação de técnicas para a produção agrícola utilizada nos países centrais, sobretudo, nos EUA. Pode-se perceber que a relação dos missionários estadunidenses, principalmente de Hunnicutt, viabilizavam importações de bens norte-americanos, em especial de produção intelectual, que serviu de base para a revista *O Agricultor*, como o Boletim para a agricultura do Michigan State College, salvaguardado atualmente na Biblioteca Central da UFLA.

A especialização divulgada pela revista e o serviço de propaganda agrícola vão favorecer o mercado estadunidense, uma vez que a criação de animais tinha como destino os frigoríficos e o mercado norte-americano. O incentivo para a produção de laranjas também era favorável aos EUA; podemos observar que algodão, laranja, milho, suínos e bovinos, incentivados pela revista, foram produtos que tiveram importância nos EUA, mas o país passava a ter como prioridade a produção de produtos manufaturados, como as máquinas e equipamentos agrícolas, além das crescentes operações financeiras com aplicação e empréstimos.

A investigação também partiu da hipótese de que o Brasil se configurou em um extenso laboratório rural e as tecnologias aqui criadas eram apropriadas por estrangeiros. Porém, não foi possível coletar materiais que possam validar essa hipótese, uma vez que não se observou remessas das pesquisas da EAL para outros países. É preciso mais estudos e mais materiais para esse diagnóstico.

Com a análise foi possível identificar alguns silêncios presentes na revista. Notou-se a restrição do espaço para a mulher, a ausência de protagonismos e enfoque nos trabalhadores rurais e na raça africana, esta última que não esteve presente nos discursos. Em contrapartida, demonstram ter preferência por estrangeiros de países centrais, ditos superiores. O modo de produção e consumo, além do próprio progresso orientado pela revista é compatível com o patriarcado e o pensamento que o sustenta.

É preciso uma análise mais aprofundada e comparativa para poder desmontar os discursos que silenciam as camadas mais pobres, assim como os negros. O presente estudo, devido à limitações, não conseguiu aprofundar essas questões, mas reconhece a importância e a possibilidade para uma análise que desvende esses silêncios, que se dá inclusive, pelo excesso de outros discursos.

Outro assunto não tratado na revista é a ocupação do território, onde não há textos direcionados para explorar questões de uma reforma agrária. Isso pode ser observado pela diferenciação que vai, cada vez mais, se ressaltar entre o desenvolvimento agrícola e o

desenvolvimento agrário. Em que o desenvolvimento agrícola está alinhado ao próprio modelo presente na revista, que se baseia em uma pauta primária exportadora diretamente ligada a forma capitalista de produção, sem promover mudanças estruturais para a superação do subdesenvolvimento. Já o desenvolvimento agrário busca essa superação do subdesenvolvimento, considerando os aspectos sociais e ambientais além do econômico, que pretende uma integração da população de forma plural como a reforma agrária.

A própria ocupação indígena também não é tratada na revista, salvo um artigo denominado *Índios de Mato Grosso*, publicada na revista de número 6, em 1923, pelo Reverendo Maxwel, que descreve as características dos índios de modo que o leitor traça uma linha de separação entre os índios e os civilizados; não há uma compreensão mais ampla da relação do índio com a natureza e a questão da terra. No fim do texto ainda há menção de que os agrônomos deveriam dedicar um trabalho à população indígena para engrandecer a pátria, inserindo-os na civilidade e em uma rotina de trabalho.

Na revista *O Agricultor*, os males do baixo nível de desenvolvimento são tratados estritamente como um problema econômico e de produção, com a ideia de que a modernização traria o progresso e assim todos os outros problemas seriam resolvidos. Não são considerados problemas sociais. O desenvolvimento alimentado pela a revista é declaradamente o desenvolvimento agrícola.

Mesmo com distribuição em diferentes Estados e textos sobre a Região Nordeste, em momento algum a revista falou do cangaço, que era forte nos períodos de sua publicação. Nem mesmo de outros movimentos sociais. Em contrapartida, apropriou-se de termos sociais para reforçar os interesses do patronato.

O que se pôde observar com análise da revista *O Agricultor* é que ela foi um veículo de comunicação que visava a aplicação de práticas, para difundir determinados comportamentos nos produtores rurais. Desse modo, compreende-se que a difusão procurava incutir nos produtores rurais um pensamento e, conseqüentemente, um comportamento. Esse pensamento vai estar intimamente relacionado com a memória coletiva que, no tempo de longa duração, mantém um certo destaque para o agrícola no Brasil, mantendo uma modernização conservadora.

É possível observar que os discursos presentes na revista vão ter como reflexo os discursos ortodoxos e conservadores nos dias atuais. As implicações dos discursos da revista vão, inclusive, interferir na organização social. Em que a união de determinadas classes, uma aristocracia agrícola, busca na associação e na força de movimentos políticos uma forte influencia no Estado, seja na reivindicação de políticas, ocupação de cargos públicos ou até

mesmo na fixação de um poder, representado pelas associações agrícolas.

Contudo, os discursos presentes nas revistas procuravam causar implicações nas práticas dos produtores rurais, não só no método da produção e exploração da terra, mas, principalmente, no consumo de bens específicos. Além disso, o comportamento motivado pela revista, inseria o produtor no sistema capitalista.

É importante ressaltar que essa inserção no capitalismo não vai acontecer de forma homogênea em todo o globo, pois nos países periféricos, como é o caso do Brasil, a manifestação do capitalismo se dá de forma diferente dos países centrais, agravando problemas estruturais. Não há uma distribuição de renda que amplie significativamente o consumo das famílias. As desigualdades, condições precárias de trabalho e o baixo nível de salários, são algumas expressões da forma como o capitalismo se expandiu no Brasil.

Sendo assim, a modernização conservadora se mantém, pois não são provocadas mudanças estruturais capazes de superar os problemas do subdesenvolvimento, como os de âmbito social, econômico e ambiental. Pelo contrário, o modo de exploração da agricultura baseada na modernização e progresso estrangeiro, como difundido pela revista *O Agricultor*, agrava esses problemas, causados, por exemplo, pela: deterioração dos meios de troca entre os países, a venda de bens primários e a compra de bens manufaturados; a detenção dos meios de produção por uma minoria capitalizada; a substituição da mão de obra por máquinas; superexploração do solo; a não integração das classes minoritárias; concentração de renda; entre outros.

Há de se reconhecer que, além dos discursos proferidos, os organizadores da revista foram personagens que, dentro de uma esfera, procuraram atuar pela concretização de seus ideais. Porém, tiveram grande vantagem por pertencer ao pensamento hegemônico. É importante ressaltar que esse reconhecimento não se refere a uma concordância com a prática linguística da revista, muito menos com a prática social, aos quais reservo duras críticas. Essa observação parte da necessidade por mais práticas que atendam os que sofrem com a dinâmica do atual sistema, que têm como grande obstáculo os problemas estruturais e as relações de poder dos discursos ortodoxos e conservadores dominantes, o que exige muito mais esforço para a concretização de novas práticas, um desafio para quem procura superar as desigualdades.

Novas abordagens sobre o tema, aqui tratado, são necessárias. O que se pretendeu foi apenas colocar em evidência alguns aspectos presentes na revista *O Agricultor* que, como podemos observar, tem muito a nos contar. Temos uma memória muito forte que se deu por um determinismo de verdades inseridas como partes da história. É preciso desconstruir os

mitos e as verdades para podermos construir uma compreensão mais ampla da nossa realidade e, quem sabe, assim promover pensamentos e comportamentos para a superação de alguns problemas que a nós foram condicionados e resultaram no subdesenvolvimento.

REFERÊNCIAS

Fontes

A - Revista **O Agricultor**

ALVARENGA, J. A atitude do governo para com a agricultura. **O Agricultor**, Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano I, n. 04, p. 10-12. Outubro de 1922.

ALVES JR., J. Exposição Internacional. **O Agricultor**, Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano I, n. 4, p. 14. Outubro de 1922.

BRAGA, D. D. Importância das machinas agrícolas. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IV, n. 18, p. 8-9. setembro de 1925.

BRITO, J. F. Notas agrícolas: combate às saúvas. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano III, n. 11, p. 9-10. maio 1924.

COIMBRA, R. A cruzada lavrense pela difusão da agricultura. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Centro-Litero Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano XIV, n. 102. p. 25-26. Maio de 1935.

DANTAS, C. A Sociedade: fator de riqueza. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano VII, n. 36, p. 5-7. Maio de 1928.

DANTAS, J. G. Histórico do algodão. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IV, n. 16, p. 5-8. junho de 1925a.

DANTAS, J. G. A situação mundial do algodão. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IV, n. 19, p. 10-12. Outubro de 1925b.

DUQUE, J. G. As Sociedades Agrícolas. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IV, n. 19, p. 8. outubro 1925.

DUQUE, J. G. Agricultura extensiva. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano VII, n. 35, p. 5-6. março 1928.

EMRICH, O. T. Especializações. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano V, n. 23, p. 18. Março de 1926a.

EMRICH, O. T. Horticultura Escolar. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano III, n. 11, p. 10. maio 1924.

EMRICH, O. T. Machinas agrícolas. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano VIII, n. 44. maio 1929.

EMRICH, O. T. Um por todos e todos por um. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IV, n. 19. Outubro de 1925.

EMRICH, O. T. O nosso quinto ano. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano V, n. 22, p. 18. Janeiro de 1926b.

EMRICH, O. T. O operariado rural. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano V, n. 27, p. 24. novembro de 1926c.

HUNNICUTT, B. H. Duas décadas de desenvolvimento agrícola no Brasil. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano VI, n. 28, p. 9-10/23/29-30. Janeiro de 1927.

HUNNICUTT, B. H. O Histórico da Sociedade Agrícola de Lavras. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano V, n. 25, p. 16-17/28. Julho de 1926.

HUNNICUTT, B. H. "Leaders". **O Agricultor**, Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano III, n. 12, p. 5. Junho de 1924a.

HUNNICUTT, B. H. O Arado Indispensável na lavoura moderna. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano VIII, n. 44, p. 7-8/24/29-30. maio de 1929.

HUNNICUTT, B. H. Serviço de Propaganda Agrícola. **O Agricultor**, Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano III, n. 11, p. 12-14. Julho de 1924b.

HUNNICUTT, B. H. Solos e adubos na cultura do milho. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano XI, n. 80, p. 13-15 e 22. maio de 1932.

HUNNICUTT, B. H. Um inquérito econômico-sociológico. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano III, n. 49, p. 5-6. outubro de 1928.

KOLB, B. O Companheiro do Lar. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IV, n. 16, p. 17-18. Junho de 1925a.

KOLB, B. O Companheiro do Lar: alimentação da família. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IV, n. 19, p. 16-19. outubro de 1925b.

LOURENÇO, C. A mulher na agricultura. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IX, n. 60, p. 15/24-25. setembro de 1930.

MELINE, J. A mulher na agricultura. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Centro Acadêmico de Agronomia da Escola Agrícola de Lavras, ano XVIII, n. 130-131, p. 24. Janeiro e fevereiro de 1938.

MOREIRA, S. Contabilidade agrícola. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano XI, n. 81, p. . junho 1932.

O AGRICULTOR. Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano I, n. 1. Junho de 1922a.

O AGRICULTOR. Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano I, n. 3. setembro de 1922b.

- O AGRICULTOR. Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano I, n. 5 . novembro de 1922c.
- O AGRICULTOR. Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano II, n. 7. Julho de 1923a.
- O AGRICULTOR. Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano III, n. 11. maio de 1924.
- O AGRICULTOR. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IV, n. 19 . outubro de 1925.
- O AGRICULTOR. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano V, n. 25 . julho de 1926.
- O AGRICULTOR. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano VIII, n. 50. Novembro de 1929a.
- O AGRICULTOR. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IX, n. 59. agosto de 1930a.
- O AGRICULTOR. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IX, n. 60. Setembro de 1930b.
- O AGRICULTOR. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano X, n. 75. Dezembro de 1931a.
- O AGRICULTOR. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano XI, n. 82. julho de 1932a.
- O AGRICULTOR. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano XI, n. 85. Outubro de 1932b.
- O AGRICULTOR. 2ª Exposição Agro-pecuária de Lavras: **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano II, n. 8, p. 3-6. setembro de 1923b.
- O AGRICULTOR. 9º Aniversário do Centro Líteo Agrícola. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Centro-Líteo Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano XIV, n. 100, p. 18. março de 1935a.
- O AGRICULTOR. Agronomandos. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano II, n. 8, p. 11. setembro de 1923c.
- O AGRICULTOR. Capa. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano II, n. 9, p. 1. novembro de 1923d.
- O AGRICULTOR. Capa. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano VIII, n. 46. julho de 1929b.
- O AGRICULTOR. Dr. Odilon Braga. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Centro-Líteo Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano XIV, n. 101, p. 3. abril de 1935b.
- O AGRICULTOR. Nitrophoska I G typo “C” na produção da batata. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Centro-Líteo Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano XV, n. 111, p. 16. fevereiro de 1936a.

- O AGRICULTOR. Nona Exposição Agropecuária de Lavras. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Centro-Litero Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano XIV, n. 104, p. 8-9/16/20-21/ 34-35/40. julho de 1935c.
- O AGRICULTOR. Notas da gerência. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano X, n. 67. Abril de 1931b.
- O AGRICULTOR. Notas da gerência: o nosso novo representante na capital federal. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IX , n. 57, p. 32. junho de 1930c.
- O AGRICULTOR. O trator – Uma máquina útil? **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IX , n. 57, p. 5-8. maio de 1930d.
- O AGRICULTOR. Reconhecimento federal da Escola Agrícola de Lavras. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Centro-Litero Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano XVI, n. 118, p. 14-15. Setembro de 1936b.
- O AGRICULTOR. Sexta exposição agropecuária de Lavras. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano VII, n. 38. setembro 1928.
- O AGRICULTOR. Sobre o comércio de laranjas. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano XI, n. 86, p. 12. Novembro de 1932c.
- O. F. Assuntos agrícolas. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano VIII, n. 45, p. 7. junho 1929.
- OLIVEIRA, M. A. Duas grandes pragas do algodão. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Centro-Litero Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano XIV, n. 98. p. 19 -20. janeiro de 1935.
- O. P. Falta de Braços. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano III, n. 11. p. 15 -16 maio de 1924a.
- O. P. Falta de Braços II. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano III, n. 13. agosto de 1924b.
- REIS, J. F. V. Cooperativismo e seu desenvolvimento. **O Agricultor**. Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano XI, n. 85. Outubro de 1932.
- ROLFS, P. H. Guerra aos insetos. **O Agricultor**. Lavras: Órgão Oficial do Grêmio Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano III, n. 11. p. 14. Maio de 1924.
- SAUR, W. W. Defendamos o Brasil! **O Agricultor**, Lavras: Órgão Oficial do Centro-Litero Agrícola da Escola Agrícola de Lavras, ano XV, n. 112, p. 3. Maio de 1936.
- SAUR, W. W. Socialismo Agrícola. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano IX, n. 55, p. 8-9. Abril de 1930.
- SAUR, W. W. Os magnos problemas do nosso “hinterland”. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano X, n. 69, p. 5-15. Junho de 1931.

SAUR, W. W. O Tractor. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano VIII, n. 44, p. 11-12 e 17. Maio de 1929.

SAUR, W. W. Uma campanha meritória. **O Agricultor**, Lavras: Órgão Oficial do Centro Acadêmico de Agronomia da Escola Agrícola de Lavras, ano XVI, n. 121-122, p. 3-4. Dezembro/ janeiro de 1936/1937.

SILVA, J. J. Contabilidade Agrícola. **O Agricultor**, Lavras: Escola Agrícola de Lavras, ano VII, n. 34, p. 13-15/22-23. Janeiro de 1928.

B - Jornais

CORREIO DA MANHÃ. A quinta Exposição Nacional de Milho. **Correio da Manhã**, Lavras. Rio de Janeiro: Correio da Manhã. Ano XXV, n. 9.589, p. 4. Abril de 1926

CORREIO DA MANHÃ. Foi transferida a quinta Exposição Nacional de Milho. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: Correio da Manhã. Ano XIX, n. 7.769, p. 5. Junho de 1920.

CORREIO DA MANHÃ. Superintendencia do abastecimento. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: Correio da Manhã. Ano XIX, n. 7.761, p. 5. Maio de 1920a

CORREIO DA MANHÃ. Terceira Exposição Nacional de Milho. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: Correio da Manhã. Ano XIX, n. 7.694, p. 6. Março de 1920b

CORREIO PAULISTANO. Associações – Associação Nacional dos Criadores de Suínos. **Correio Paulistano**. SP: Propriedade de uma Sociedade Anônima. N. 21.888. junho de 1924.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, seção 1, p. 4, 04 de junho de 1926. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/1911255/pg-4-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-04-06-1926>> Acessado em: mar. 2018.

JORNAL DE LAVRAS. Há cem anos nascia Sylvio Menicucci, médico e político de Lavras. 13 de fevereiro de 2014. **Jornal de Lavras .com.br**. Disponível em: <<http://www.jornaldelavras.com.br/index.php?p=10&tc=4&c=7999>> Acessado em: mar. 2018.

O BRAZIL. Exposições de milho e outros. **O Brazil**. Caxias-RS: Órgão do Partido Republicano. Ano XI, n. 23, p. 1. junho de 1918.

O PAIZ, Rio de Janeiro, ano XLV, n. 16.255 e 16.256, 22 e 23 de abril de 1929.

PACOTILHA. Um balanço. **Pacotilha**. Maranhão: Pacotilha- jornal da tarde. Ano XXX, n. 56. 8 de março de 1910.

PACOTILHA. Telegramas: serviço especial da Pacotilha interior. **Pacotilha**. Maranhão. Ano XXXV, n. 171. 23 de julho de 1915.

PACOTILHA. A segunda Exposição Nacional de Milho. **Pacotilha**. Maranhão. Ano XXXVI, n. 138. 13 de junho de 1916.

PACOTILHA. Terceira exposição nacional de milho. **Pacotilha**. Maranhão. Ano XXXVIII, n. 85. 12 de abril de 1917.

PINTO, A. Sociedade Nacional de Agricultura: a sua influência na economia nacional. **Pacotilha**. Maranhão. Ano XXXIX, n. 25. 30 de janeiro de 1919.

C - Demais periódicos

CHACARAS E QUINTAES. São Paulo: Ed. Chácaras e Quintaes, vol. III, n. 5, maio de 1911.

CHACARAS E QUINTAES. São Paulo: Ed. Chácaras e Quintaes, vol. XII, n. 1, janeiro de 1915.

CHACARAS E QUINTAES. São Paulo: Ed. Chácaras e Quintaes, vol. XII, n. 2, agosto de 1915.

CHACARAS E QUINTAES. São Paulo: Ed. Chácaras e Quintaes, ano XIV, vol. XXVIII, n. 1, 15 de julho de 1923.

CATÃO. O Agricultor. **O Agricultor**. Juiz de Fora: Typographia Mattoso. ano 1, n. 1, p. 1. setembro de 1897.

O AGRICULTOR. Juiz de Fora: Typographia Mattoso. ano 1, n. 1. setembro de 1897.

O AGRICULTOR: semanário independente e noticioso, ano 1, n. 10, Bella Aliança – RS, julho de 1928.

O FAZENDEIRO: revista mensal de agricultura, indústria, comércio, dedicada especialmente aos interesses da lavoura cafeeira . São Paulo: Tip. Brazil Rothchild & Cia. ano II, n. 5, maio de 1909a.

O FAZENDEIRO: revista mensal de agricultura, indústria, comércio, dedicada especialmente aos interesses da lavoura cafeeira . São Paulo: Tip. Brazil Rothchild & Cia. ano II, n. 8, agosto de 1909b.

REVISTA AGRÍCOLA: Industrial e Commercial Mineira. Belo Horizonte. Fasc. 1, vol. IV. maio de 1911

D – Folhetos

INSTITUTO EVANGÉLICO. **Prospecto do Instituto Evangélico**. Lavras: Typographia do Ginásio de Lavras, 1908.

INSTITUTO EVANGÉLICO. **Prospecto das Escolas do Instituto Evangélico**. Lavras, 1925.

INSTITUTO GAMMON. **Instituto Gammon**. Lavras, 1940.

E - Legislação

BRASIL, Decreto nº 2.681, de 3 de Novembro de 1860. Aprova os Estatutos do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. **Legislação Informatizada**. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-2681-3-novembro-1860-556792-publicacaooriginal-76922-pe.html>> Acessado em: jun. de 2017

_____ Decreto nº 2.816, de 14 de agosto de 1861. Crêa o Imperial Instituto Rio-Grandense de Agricultura. **Legislação Informatizada**. Câmara dos Deputados. Disponível no endereço eletrônico: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-2816-14-agosto-1861-556273-norma-pe.html>> Acessado em jan. de 2018.

_____ Decreto nº 1.606 de 29 de dezembro de 1906. Crea uma Secretaria de Estado com a denominação de Ministerio dos Negocios da Agricultura, Industria e Commercio. **Legislação Informatizada**. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1606-29-dezembro-1906-582057-norma-pl.html>>

_____ Decreto nº 8.319 de 20 de outubro de 1910. Crêa o Ensino Agronômico e aprova o respectivo regulamento. **Legislação Informatizada**. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8319-20-outubro-1910-517122-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acessado em: fev. 2018.

_____ Decreto-Lei nº 7.449 de 27 de abril de 1945. Dispõe sobre a organização da vida rural. **Legislação Informatizada**. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7449-27-abril-1945-386572-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acessado em: fev. 2018.

_____ Decreto-Lei nº 8.127 de 24 de outubro de 1945. Altera e dá nova redação ao Decreto-Lei nº 7449, de 27 de abril de 1945, que dispõe sobre a organização da vida rural. **Legislação Informatizada**. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8127-24-outubro-1945-417195-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acessado em: fev. 2018.

_____ Decreto nº 60.731 de 19 de maio de 1967. Transfere para o Ministério da Educação e Cultura os órgãos de ensino do Ministério da Agricultura e dá outras providências. **Legislação Informatizada**. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-60731-19-maio-1967-401466-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acessado em: fev. 2018.

F - Acervos

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. 2018. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>> Acessado em: fev. de 2018

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MEDLIN. São Paulo: USP. Acervo Digital. 2018. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/5153/1/018368-1_COMPLETO.pdf> Acessado em: fev. 2018.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Hemeroteca Digital. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>> Acessado em: jan. 2018.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/Listas/letraA.html>> Acessado em: jan. 2018.

MUSEU BI MOREIRA. Universidade Federal de Lavras. 2018.

G - Sites

AGUIAR, C. **Primeira mulher formada pela ESAL falece aos 86 anos.** Universidade Federal de Lavras. 24 de Abril de 2013. Disponível em: <<http://www.ufla.br/ascom/2013/04/24/primeira-mulher-formada-pela-esal-falece-aos-86-anos/>> Acessado em: jan. de 2018

FERESIN, F. G. **Hino da UFLA.** Universidade Federal de Lavras, 2018. Disponível em: <<http://www.ufla.br/portal/institucional/sobre/hino/>> Acessado em janeiro de 2018.

NC STATE UNIVERSITY. **Smith-Lever Act may 8, 1914.** NC State University Disponível em: <<https://eod.ces.ncsu.edu/wp-content/uploads/2016/03/Smith-Lever-Act.pdf?fw=no>> Acessado em: fev. 2018.

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA - UFLA. **A Pró-Reitoria.** Disponível em: <<http://www.proec.ufla.br/site/a-pro-reitoria/>> Acessado em fev. de 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAIANO. **O Memorial,** 2018. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/memorial/o-memorial>> Acessado em janeiro de 2018.

H - Teses e dissertações

ANDRADE, T. O. **Memória e história institucional:** o processo de constituição da Escola Superior de Agricultura de Lavras - ESAL - (1892 - 1938).2006. 141 p.Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2006.

BEDIAGA, B. E. H. **Marcado pela própria natureza:** Imperial Instituto Fluminense de Agricultura e as ciências agrícolas – 1860 a 1891. 2011.281p. Tese (Doutorado em Ciências), Instituto de Geociências - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

BONIFÁCIO, N. S. **Uma educação para a vida:** as práticas educativas dos salesianos para formação de meninos em Sergipe (1911-1945). 2017. 195 p.Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

BOTELHO, J. F. **A formação do trabalhador do campo em Minas Gerais:** o Instituto Agrônômico de Itabira (1880-1898). 2009. 114 p. Dissertação (Mestrado em Educação

Tecnológica) Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

BRASIL JR. A. S. **Uma sociologia brasileira da ação coletiva**: Oliveira Vianna e Evaristo de Moraes Filho. 191 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CLARK, J. V. **Presbiterianos do Sul dos em Campinas**: primórdios da educação liberal. 2005. 178 p. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

GANANÇA, A. C. **Associativismo no Brasil. Características e limites para construção de uma nova institucionalidade democrática participativa**. 2006. 144 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Instituto de Ciência Política - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

HENRIQUES, **A cultura rotineira e a lavoura racional**: proposições na Revista Agrícola (São Paulo, 1895-1907). 2010. 272 p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2010.

LOURENÇO, F. A. **Agricultura ilustrada**: ideias para o melhoramento moral e material da lavoura brasileira no século XIX. 1998. 234 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

MATTOS, A. A. **Pela moralização do trabalho e prosperidade na indústria nacional: A Escola Agrícola União Indústria (1864-1884)**. 2015. 167p. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

REZENDE, L. P. **O Ensino de Laticínios nos primórdios da Universidade Federal de Lavras (1908-1938)**. 2017. 162 p. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

RODRIGUES, A. C. **A Escola Superior de Agricultura de Lavras/ESAL e a Universidade Federal de Lavras/UFLA: a trajetória de uma transformação**. 2013. 202 p. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ROSSI, M. P. S. **“Dedicado à glória de Deus e ao progresso humano”**: a gênese protestante da Universidade Federal de Lavras – UFLA (Lavras, 1892-1938). 2010. 286 p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2010.

TOURINHO, A. C. **O Imperial Instituto Bahiano de Agricultura**: A instrução agrícola e a crise da economia açucareira na Segunda metade do século XIX. 1982. 261 Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1982.

VARGAS, D. A. M. **A concepção e a prática da extensão universitária nas instituições de ensino superior da região do Médio Iguaçu**. 2013. 120 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) Universidade do Contestado, Canoinhas, 2013.

Bibliografia Geral

ANTUNIASSI, M. H. R. MOURA, M. I. G. L. A revista Chácaras e Quintaes e a comunicação rural. **Cadernos CERU**. Série 2, v. 16, p. 183-192. 2005.

ARAÚJO, N. A. A Escola Agrícola da Bahia e a institucionalização da agronomia no Brasil (1877-1930) In: II Encontro Estadual de História ANPUH-BA. Bahia. **Anais Eletrônico...** Bahia: ANPUH. 2004. Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/nilton_de_almeida_araujo.pdf> Acessado em: janeiro de 2018.

BASSOS, J. Sustentabilidade da produção agrária e o direito. In: Direito e sustentabilidade III, Congresso Nacional do CONPEDI, 23. João Pessoa. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis: CONPEDI, 2014. p. 458-491. Disponível em:< <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=6ff2b69d6d2ebf15>> Acessado em: março de 2017

BARIANI, E. **O Estado demiurgo**: Alberto Torres e a construção nacional. *Achegas.net*, n. 36, jul. / ago. 2007. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/36/bariani_36.pdf > Acessado em: maio de 2018

BARRETO, P. R. C. Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional: Oficina de Homens. In: XIII Encontro de História Anpuh Rio. Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPUH. Disponível em: <http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212685654_ARQUIVO_ARTRIGOREVISADO.pdf > Acessado em: jan. de 2018.

BEDIGADA, B. Revista Agrícola (1869 – 1891): sensibilizar o lavrador e plantar ciências agrícolas. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 29, n. 49, p. 169 -195, jan./abr. 2013.

BEZERRA, A. A. **Instituto Gammon**: dedicado à glória de Deus e ao progresso humano. Rio de Janeiro: H. P. Comunicações. 2016.

BLOCH, M. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70. 2009.

BOMENY, H. **Quando os números confirmam impressões: desafios na educação brasileira**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 2003. 29 p. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1354.pdf> Acessado em fev. 2018.

BUARQUE, C. **A revolução nas prioridades**: da modernidade técnica à modernidade ética. 2. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2000.

CAPDEVILLE, G. **O ensino superior agrícola no Brasil**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 1991.

CARA, D. Perfil: O criador da Escola Nova. **Revista Desafios do Desenvolvimento – SBS**. Ano 12 . Ed. 86. Mar. de 2016. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=3246&catid=30&Itemid=41> Acessado em: fev. 2018.

CORREIA, O. V.; CRUZ, M. V.; CRUZ, M. E. **A extensão universitária no Brasil**: um

resgate histórico. São Cristóvão, SE: Ed. da UFS, 2000.

DABAT, C. R. PERES, V. H. L. O Imperial Instituto Pernambucano de Agricultura – IIPA, 1859-1871: o malogro de um projeto inovador de parceria público privado. **Revista Brasileira de Inovação**. v. 14, n. 1, p. 217-240, jan./jun. de 2015.

DELPHY, C. Patriarcado (teorias do) In: HIRATA, Helena Sumiko et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo, SP: Ed. da UNESP, 2009.

DIAS, J. C. **A terra prometida de Lavras**. 1. ed. São Paulo: Barleus, 2009.

DIAS, J. L. P. C. CARDOSO, J. R. Os 120 anos da Escola Politécnica de São Paulo: muitos motivos para comemorar. **Revista Engenharia**. n. 618, p. 136-141. fev. 2014.

DIAS, M. O. S. Aspectos da ilustração brasileira. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, 278, p. 105-69. Jan./Mar. 1968.

FAORO, R. A questão nacional: a modernização. *Estud. av.* vol.6 no.14 São Paulo Jan./Apr. 1992

FERRARO, M. R. O papel da Revista Agrícola no processo de modernização da agricultura paulista, no final do século XIX. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia. 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS, 2015, p. 1-15. Disponível em: <www.ufrgs.br/alcar2015> Acessado em: junho de 2017.

FERRARO, A. R.; KREIDLOW, D. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. **Educação e Realidade**. Porto Alegre. v. 29, n. 2, p. 179-120, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/view/1552>> Acessado em: junho de 2017.

FONSECA, M. T. S. **A extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital**. São Paulo: Loyola, 1985.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**, 15. ed. São Paulo: Nacional. 1977.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 15. ed. São Paulo, SP: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. rev. São Paulo, SP: Global, 2006.

GAMMON, C. G. M. **Assim brilha a luz: a vida de Samuel Rhea Gammon**. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2003. 192 p.

GARCIA, E. V. Estados Unidos e Grã-Bretanha no Brasil: Transição de poder nos entreguerras. **Contexto Internacional**. Rio de Janeiro. v. 24, n.1, p. 41-71, jun. 2002.

GABLER, L. A Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comercio e Obras Publicas e a modernização Império (1860-1891). **Cadernos Mapa n. 4 - Memoria da Administração Publica Brasileira**. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2012.

GONÇALVES, R. **Globalização e desnacionalização**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1999.

GONÇALVES NETO, W. Igreja, política e educação no Brasil republicano: a criação do colégio D. Bosco, de Cachoeira do Campo, Minas Gerais (1893-1897). **Acta Scientiarum, Education**. v. 35, n. 1. Jan./ jun. de 2013.

GUIMARÃES, J. A trajetória intelectual de Celso Furtado. In: TAVARES, M. C. (Org.) **Celso Furtado e o Brasil**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice. 1990.

HENRIQUES, A. B. A Moderna Agricultura no final do século XIX em São Paulo: algumas propostas. **História** (São Paulo), Franca, v.30, n.2, p. 359-380, ago./dez. 2011.

HOLANDA, S. B. **Para uma nova história**. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

IOWA STATE COLLEGE. An historical sketch of the Iowa State College of Agriculture and Mechanic Arts. Iowa: The semi-centennial celebration. 1920.

Disponível em: <<https://archive.org/details/historicalskech00iowa>> Acessado em: mar. 2018.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEVI, G. Sobre a Micro-história. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Univ. Paulista, 1992.

MARTINS, J. S. **Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

MATOS, A. S. V. Oswaldo Soeiro Emrich – partos de almas. **Brasil Presbiteriano**, ano 50, n. 639, p.5. dez. de 2007. Disponível em: <<http://vethia.com.br/uploads/527bc479acc22.pdf>> Acessado em: fev. de 2018.

MELLO, V. P. S. A Sociedade Nacional de Agricultura em revista: divulgação científica e uso racional da natureza em *A lavoura* (1897-1926). **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 118-130, jan./ jun. 2012.

MENDONÇA, S. R. Estado e políticas agrícolas na historiografia brasileira (1930 – 1964). In: XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social – ANPUH. Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: ANPUH, jul. de 2013a. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363459588_ARQUIVO_trabalho_SONI_AMENDONCA_ST118.pdf> Acessado em: fev. 2018.

_____. Extensão rural e hegemonia norte-americana no Brasil. **História Unisinos**. vol. 14, n. 2, p. 188 - 196 maio/agosto de 2010.

_____. Sociedade civil, sociedade política e agricultura no Brasil (1910 – 1945) **História e Perspectivas**, Uberlândia. N. 48, p. 43-80, jan./jun. 2013b.

MILANI, C. R. A importância das relações Brasil – Estados Unidos e na política externa brasileira. **Boletim de Economia e Política Internacional**. n. 6, p. 69-85, abr./jun. 2011.

MOLINA R. S. JACOMELI, M. R. M. Os ruralistas paulistas e seus projetos para a educação agrícola: a “Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP) em Piracicaba (1881 a 1903). **Rev. bras. hist. educ.**, Maringá-PR, v. 16, n. 4 (43), p. 190-215, out./dez. 2016.

MONTOYA, M. A. PARRÉ, J. L. (Org.). **O agronegócio brasileiro no final do século XX**. Passo Fundo, RS: UPF, 2000.

MUNHOZ, R. F. O poder do discurso de submissão: reflexões sobre as práticas discursivas na esfera da administração setecentista. **Redis: revista de estudos do discurso**, n. 6, p. 140-171. 2017.

MURASSE, C. M. O jornal O Auxiliador da Indústria Nacional e a campanha pela fundação de instituições educativas: 1833 a 1850. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 5., 2008, Aracaju. **Anais eletrônicos...** São Cristóvão: UFS, Aracaju: Universidade Tiradentes, 2008. Disponível em: < <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/39.pdf> > Acessado em: jan. 2018.

NASCIMENTO, J. C. Memórias do aprendizado: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe. In: II Seminário de Pesquisa FAP-SE. 2004, Aracaju. **Anais eletrônicos...** Aracaju: FAP – SE. 2004. Disponível em: <http://www.fapitec.se.gov.br/sites/default/files/documentos/joao%20daltro/jorge_carvalho.pdf> Acessado em: fev. 2018.

NERY, M. A. A. M. Os agrônomos e a construção das políticas para o ensino agrícola no início do século XX. **Revista brasileira de história da educação**. Maringá-PR, v. 17, n. 1 (44), p. 167-199, Jan./Mar. 2017.

NETO, J. F. M. **Extensão universitária, autogestão e educação popular**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2004.

NORA, P. Entre memória e história. Trad. Khoury, Y. A. **Proj. História**, São Paulo. N. 10. Dez de 1993.

OLIVEIRA, F. **A economia da dependência imperfeita**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1989.

_____. **Navegações Venturosas: ensaios sobre Celso Furtado**, Boitempo: SP, 1. ed . 2003.

OLIVEIRA, M. A. M. A Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel em imagens: aspectos da história de uma instituição de ensino superior. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação: Circuitos e fronteiras da História da Educação no Brasil. Cuiabá, 2013. **Anais eletrônicos...** Cuiabá, 2013. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/A%20ESCOLA%20DE%20AGRONOMIA%2>>

0E%20VETERINARIA%20ELISEU%20MACIEL%20EM%20IMAGENS.pdf> Acessado em jan./2018.

OLIVEN, A. C. A marca de origem: comparando *colleges* norte-americanos e faculdades brasileiras. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo. v. 35, n. 125, p. 111-135, mai./ago. de 2005

OTRANTO, C. R. Educação profissional agrícola no Brasil: história e política. In: IX Congresso Brasileiro de História da Educação. João Pessoa, 2017. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2017. p. 6702 - 6712. Disponível em: <<http://www.ixcbhe.com/arquivos/anais/eixo9/individual/6702-6712.pdf>> Acessado em: mar. 2018.

PAIVA, P. D. O. ALVES, S. F. N. S. C. **História da Praça do Campus Histórico UFLA: aqui nasceu a universidade**. Lavras: Editora UFLA, v. 1. 2011.

PEIXOTO, M. Extensão rural no Brasil: uma abordagem histórica da legislação. **Textos para discussão 48**. Brasília, outubro de 2008. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/conleg/textos_discussao.htm> Acessado em: maio 2017.

PESAVENTO, S. J. Trabalhadores e máquinas: representação do progresso (Brasil: 1880-1920). **Anos 90**, Porto Alegre, n. 2, p. 165 – 182, maio de 1994.

PIERANTI, O. P.; MARTINS, P. E. M. Nelson Werneck Sodré e “História da Imprensa no Brasil”: uma Análise da Relação entre Estado e Meios de Comunicação de Massa. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 29. Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: Intercom. 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1071-3.pdf>> Acessado em: junho de 2017.

PLANAS, S. Os proprietários e o associativismo agrário na Catalunha (1850-1936). **Análise Social**, vol. XLIV (192), p. 511-531, 2009.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu**. 1. ed. rev. São Paulo, SP: Boitempo, 2012.

PRADO JÚNIOR, C. **A questão agrária no Brasil**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1979.

_____. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PRIMAVESI, A. M. Agroecologia e manejo do solo. **Agriculturas**. v. 5, n. 3, p. 7-10. setembro de 2008.

_____. **O solo: a base da vida em nosso globo**. [S.l.: s.n.]. 2012. Disponível em: <<http://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/Osolo-AnaPrimavesi.pdf>> Acessado em: fev. 2018

RODRIGUES, C. M. Gênese e evolução da pesquisa agropecuária no Brasil: da instalação da corte portuguesa ao início da república. **Cad. Dif. Tecnol.**, Brasília, v. 4 n.1, p. 21-38. Jan./abr. de 1987.

RODRIGUES, M. **O Brasil na década de 1920**, 3. ed. São Paulo: Memórias, 2010.

SANTOS, A. C. O associativismo na América Latina: possibilidades de um estudo comparado. **Oficina do Historiador**, suplemento especial: EDIPUCRS, I EPHIS/PUCRS. p.1495-1509. 2014.

SANTOS, L. S. As ideias de progresso no setor agropecuário sergipano. **Ponta de Lança**. v.4, n. 7, out. 2010/abr. 2011.

SEIXAS, M. E. S. Protestantismo, política e educação no Brasil: a propaganda do progresso e da modernização. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 7, p. 333-358. Mai. 2010. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf6/15Mariana.pdf>> Acessado em: junho de 2017.

SILVA, H. O. A Igreja Presbiteriana do Brasil e a escravidão. **Fides Reformata**, v. 15, n. 2, p. 43-66, 2010.

SODRÉ, N. W. **Brasil: radiografia de um modelo**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1975.

_____. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Muad, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. **UFLA 100 anos (1908-2008)**. Lavras: Editora UFLA, 2008.

VERSIEUX, D. P. GONÇALVES, I. A. A criação das fazendas-modelo em Minas Gerais: uma política pública para a educação profissional agrícola na Primeira República (1906-1914). **Revista de História Regional**. v.18, n. 1, p. 125-151, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>> Acessado em junho de 2017.

VERSIEUX, D. P. Educação profissional agrícola em Minas Gerais no início do século XX e o ensino de adultos pelo método intuitivo. **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 38, nº 1, p. 35-45. jan./abr. 2012.

VIANA, O. **Populações meridionais do Brasil**, Livraria José Olympio Editora: RJ, 5ª ed, v. 1. 1952.

ZARTH, P. A construção de instituições de difusão tecnológica para o campo no Rio Grande do Sul. In: IV Congresso Brasileiro de História da Educação. Goiânia, 2006. **Anais eletrônicos...** Goiânia: SBHE. 2006. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo03/Coordenada%20por%20Flavia%20Obino%20Correa%20Werle/Paulo%20Afonso%20Zarth%20-%20Texto.pdf>> Acessado em: janeiro de 2018.

APÊNDICE A – Lista das revistas *O Agricultor* catalogadas

| Número Ref. | Ano | Ano de ref. da revista | Mês | Número da revista | Localização Acervo |
|--------------------|------------|-------------------------------|------------|--------------------------|---------------------------|
| 1 | 1922 | I | junho | 01 | Biblioteca UFLA |
| 2 | 1922 | I | agosto | 02 | Biblioteca UFLA |
| 3 | 1922 | I | setembro | 03 | Biblioteca UFLA |
| 4 | 1922 | I | outubro | 04 | Biblioteca UFLA |
| 5 | 1922 | I | novembro | 05 | Biblioteca UFLA |
| 6 | 1923 | II | maio | 06 | Biblioteca UFLA |
| 7 | 1923 | II | julho | 07 | Biblioteca UFLA |
| 8 | 1923 | II | setembro | 08 | Biblioteca UFLA |
| 9 | 1923 | II | novembro | 09 | Biblioteca UFLA |
| 10 | 1923 | II | dezembro | 10 | Biblioteca UFLA |
| 11 | 1924 | III | maio | 11 | Biblioteca UFLA |
| 12 | 1924 | III | junho | 12 | Biblioteca UFLA |
| 13 | 1924 | III | agosto | 13 | Biblioteca UFLA |
| 14 | 1924 | III | outubro | 14 | Biblioteca UFLA |
| 15 | 1924 | III | dezembro | 15 | Biblioteca UFLA |
| 16 | 1925 | IV | junho | 16 | Biblioteca UFLA |
| 17 | 1925 | IV | setembro | 18 | Biblioteca UFLA |
| 18 | 1925 | IV | outubro | 19 | Biblioteca UFLA |
| 19 | 1925 | IV | novembro | 20 | Biblioteca UFLA |
| 20 | 1925 | IV | dezembro | 21 | Biblioteca UFLA |
| 21 | 1926 | V | janeiro | 22 | Biblioteca UFLA |
| 22 | 1926 | V | março | 23 | Biblioteca UFLA |
| 23 | 1926 | V | julho | 25 | Biblioteca UFLA |
| 24 | 1926 | V | novembro | 27 | Biblioteca UFLA |
| 25 | 1927 | VI | janeiro | 28 | Biblioteca UFLA |
| 26 | 1927 | VI | março | 29 | Biblioteca UFLA |
| 27 | 1927 | VI | maio | 30 | Biblioteca UFLA |
| 28 | 1927 | VI | julho | 31 | Biblioteca UFLA |
| 29 | 1927 | VI | setembro | 32 | Biblioteca UFLA |
| 30 | 1928 | VII | janeiro | 34 | Biblioteca UFLA |
| 31 | 1928 | VII | março | 35 | Biblioteca UFLA |
| 32 | 1928 | VII | maio | 36 | Biblioteca UFLA |
| 33 | 1928 | VII | julho | 37 | Biblioteca UFLA |
| 34 | 1928 | VII | setembro | 38 | Biblioteca UFLA |
| 35 | 1929 | VIII | janeiro | 40 | Biblioteca UFLA |
| 36 | 1929 | VIII | fevereiro | 41 | Biblioteca UFLA |
| 37 | 1929 | VIII | março | 42 | Biblioteca UFLA |

| | | | | | |
|----|------|------|-----------|-----|-----------------|
| 38 | 1929 | VIII | abril | 43 | Biblioteca UFLA |
| 39 | 1929 | VIII | maio | 44 | Biblioteca UFLA |
| 40 | 1929 | VIII | junho | 45 | Biblioteca UFLA |
| 41 | 1929 | VIII | julho | 46 | Biblioteca UFLA |
| 42 | 1929 | VIII | agosto | 47 | Biblioteca UFLA |
| 43 | 1929 | VIII | setembro | 48 | Biblioteca UFLA |
| 44 | 1929 | VIII | outubro | 49 | Biblioteca UFLA |
| 45 | 1929 | VIII | novembro | 50 | Biblioteca UFLA |
| 46 | 1929 | VIII | dezembro | 51 | Biblioteca UFLA |
| 47 | 1930 | IX | janeiro | 52 | Biblioteca UFLA |
| 48 | 1930 | IX | fevereiro | 53 | Biblioteca UFLA |
| 49 | 1930 | IX | março | 54 | Biblioteca UFLA |
| 50 | 1930 | IX | abril | 55 | Biblioteca UFLA |
| 51 | 1930 | IX | maio | 56 | Biblioteca UFLA |
| 52 | 1930 | IX | junho | 57 | Biblioteca UFLA |
| 53 | 1930 | IX | julho | 58 | Biblioteca UFLA |
| 54 | 1930 | IX | agosto | 59 | Biblioteca UFLA |
| 55 | 1930 | IX | setembro | 60 | Biblioteca UFLA |
| 56 | 1930 | IX | outubro | 61 | Biblioteca UFLA |
| 57 | 1930 | IX | novembro | 62 | Biblioteca UFLA |
| 58 | 1931 | X | janeiro | 64 | Biblioteca UFLA |
| 59 | 1931 | X | março | 66 | Biblioteca UFLA |
| 60 | 1931 | X | abril | 67 | Biblioteca UFLA |
| 61 | 1931 | X | junho | 69 | Biblioteca UFLA |
| 62 | 1931 | X | julho | 70 | Biblioteca UFLA |
| 63 | 1931 | X | agosto | 71 | Biblioteca UFLA |
| 64 | 1931 | X | setembro | 72 | Biblioteca UFLA |
| 65 | 1931 | X | novembro | 74 | Biblioteca UFLA |
| 66 | 1931 | X | dezembro | 75 | Biblioteca UFLA |
| 67 | 1932 | XI | fevereiro | 77 | Biblioteca UFLA |
| 68 | 1932 | XI | março | 78 | Biblioteca UFLA |
| 69 | 1932 | XI | abril | 79 | Biblioteca UFLA |
| 70 | 1932 | XI | maio | 80 | Biblioteca UFLA |
| 71 | 1932 | XI | junho | 81 | Biblioteca UFLA |
| 72 | 1932 | XI | julho | 82 | Biblioteca UFLA |
| 73 | 1932 | XI | agosto | 83 | Biblioteca UFLA |
| 74 | 1932 | XI | setembro | 84 | Biblioteca UFLA |
| 75 | 1932 | XI | outubro | 85 | Biblioteca UFLA |
| 76 | 1932 | XI | novembro | 86 | Biblioteca UFLA |
| 77 | 1935 | XIV | janeiro | 98 | Biblioteca UFLA |
| 78 | 1935 | XIV | fevereiro | 99 | Biblioteca UFLA |
| 79 | 1935 | XIV | março | 100 | Biblioteca UFLA |
| 80 | 1935 | XIV | abril | 101 | Biblioteca UFLA |
| 81 | 1935 | XIV | maio | 102 | Biblioteca UFLA |

| | | | | | |
|-----|------|-------|-------------------|---------|--------------------|
| 82 | 1935 | XIV | junho | 103 | Biblioteca UFLA |
| 83 | 1935 | XIV | julho | 104 | Biblioteca UFLA |
| 84 | 1935 | XIV | agosto | 105 | Biblioteca UFLA |
| 85 | 1935 | XIV | setembro | 106 | Biblioteca UFLA |
| 86 | 1935 | XIV | outubro | 107 | Biblioteca UFLA |
| 87 | 1935 | XIV | nov-dezembro | 108-109 | Biblioteca UFLA |
| 88 | 1936 | XV | janeiro | 110 | Biblioteca UFLA |
| 89 | 1936 | XV | fevereiro | 111 | Biblioteca UFLA |
| 90 | 1936 | XV | março | 112 | Biblioteca UFLA |
| 91 | 1936 | XV | abril-maio | 113-114 | Biblioteca UFLA |
| 92 | 1936 | XV | junho | 115 | Biblioteca UFLA |
| 93 | 1936 | XVI | julho-agosto | 116-117 | Biblioteca UFLA |
| 94 | 1936 | XVI | setembro | 118 | Biblioteca UFLA |
| 95 | 1936 | XVI | outubro-novembro | 119-120 | Biblioteca UFLA |
| 96 | 1937 | XVI | dezembro-janeiro | 121-122 | Biblioteca UFLA |
| 97 | 1937 | XVI | abril | 123 | Biblioteca UFLA |
| 98 | 1937 | XVI | maio | 124 | Biblioteca UFLA |
| 99 | 1937 | XVII | julho | 125 | Biblioteca UFLA |
| 100 | 1937 | XVII | setembro | 126-127 | Biblioteca UFLA |
| 101 | 1937 | XVII | novembro-dezembro | 128-129 | Biblioteca UFLA |
| 102 | 1938 | XVIII | janeiro-fevereiro | 130-131 | Biblioteca UFLA |
| 103 | 1938 | XVIII | maio-junho | 132 | Biblioteca UFLA |
| 104 | 1938 | XVIII | julho-agosto | 133 | Pró Memória Gammon |
| 105 | 1940 | XVIII | novembro-dezembro | 134 | Biblioteca UFLA |
| 106 | 1942 | XVIII | outubro | 135 | Biblioteca UFLA |
| 107 | 1943 | XVIII | dezembro | 136 | Biblioteca UFLA |

APÊNDICE B - Consultas publicadas na revista *O Agricultor* *

| n° ref. | Ano | n° revista | Nome | Origem | Assunto | Respondeu: |
|----------------|------------|-------------------|---------------------------------|----------------------------------|------------------------------------------------|-------------------------------|
| 1 | 1923 | 8 | José Alfredo Gomes | Sul de MG | Criação de suínos | |
| 2 | 1925 | 16 | Alkindar Pires | RJ | Porcos <i>Duroc Jersey</i> | |
| 3 | 1925 | 16 | Antônio Cabral Beirão | | Criação de coelhos | |
| 4 | 1925 | 16 | Coimbra e Filho | | Amoreira p/ alimentar porcos | O. T. E. |
| 5 | 1925 | 16 | Mário Zaroni | Maria da Fé - MG | Arroz no Triangulo Mineiro | B. H. H. |
| 6 | 1925 | 18 | Alberto Resch | RJ | Gado <i>Dutch Belted</i> | B. H. H. |
| 7 | 1925 | 18 | Arthur Monteiro | RJ | Mudas de bananeira | O.T.E. |
| 8 | 1925 | 19 | | Peripery-MG | Moléstia dos laranjeiros | J. H. W. |
| 9 | 1925 | 20 | Senador Lauro Muller | | Leite desnatado para Porcos | B.H.H |
| 10 | 1925 | 20 | José Alve Moreira | | Livro sobre a criação de porcos | |
| 11 | 1925 | 20 | Thamar Gomes dos Santos | | Criação de coelhos | B.H.H |
| 12 | 1925 | 20 | Ernesto Otero | RS | | B.H.H |
| 13 | 1925 | 21 | Adolfo Sucena | | Álcool e conservas de frutas | P. H. Rolf e B. H. H. |
| 14 | 1926 | 22 | Isaltino Virgílio Franco | Machado-MG (Villa Gymirim) | Mosaico da cana | Loreto Moreira de Abreu |
| 15 | 1926 | 22 | Cel. J. Fabricio de Oliveira | RJ | Sangue p/ porcos | |
| 16 | 1926 | 22 | Moisez Lopes Silva | | Doença nos porcos | O. T. E. |
| 17 | 1926 | 23 | | Quatá-SP | Criação de suínos | O. T. E. |
| 18 | 1926 | 23 | | Santos - SP | Moléstia de Aves | G. A. Roberts |
| 19 | 1926 | 23 | Lincon Durval Andrade | | Batedeira | B. H. H |
| 20 | 1926 | 23 | Euzébio de Queiroz Lima | RJ | Aquisição de porcos | B. H. H |
| 21 | 1926 | 23 | Sebastião Luterbach Sobrinho | | Importação de cabras dos EUA | B. H. H |
| 22 | 1926 | 25 | Junqueira | SP | Fenação do capim gordura | |
| 23 | 1926 | 27 | Ricardo Barros | Palma -MG | Imunização do feijão | J. H. W. |
| 24 | 1926 | 27 | | Guahyna -SP | verminose em suínos | G. A. Roberts |
| 25 | 1926 | 27 | Hoehne | | Leitor indica gansos para resolver Tiririca | |
| 26 | 1927 | 28 | L. de S. E. de Castro | PR | Instalação de criação de porcos | O. T. E. |

| | | | | | | |
|----|------|----|---------------------------------------------------|---------------------|-------------------------------------------|---------------|
| 27 | 1927 | 28 | W. D. | Porto Alegre - RS | Propagar goiabeira | B. H. H |
| 28 | 1927 | 28 | A. Vianna | BH-MG | porcos para criar em chácara | |
| 29 | 1927 | 30 | Eugênio Leal | Soledade de Itajubá | Fabricação de queijo | O. T. E. |
| 30 | 1927 | 30 | Luís de Simas Enéas | PR | Avicultura | O. T. E. |
| 31 | 1927 | 31 | Arley G. Ribeiro | MG | Parga Laranja | J. J. S. |
| 32 | 1927 | 31 | | Quatá-SP | Parto prematuro de porcos | G. A. Roberts |
| 33 | 1927 | 31 | | Norte de MG | Inhame para Porcos | |
| 34 | 1927 | 32 | | Carolina - MA | Criação de porcos no norte | |
| 35 | 1928 | 34 | O. R. | Lavras-MG | Zebu com Holandês | O. T. E. |
| 36 | 1928 | 34 | R. de S. | | cultura da cebola | |
| 37 | 1928 | 34 | R. A. de Q | Sabinópolis-MG | Combate de piolhos suínos | J. H. W |
| 38 | 1928 | 35 | A. F. de M. | Bahia | Descorneamento de bovinos | |
| 39 | 1928 | 35 | P. O. | Uberaba-SP | Piolho no gado | |
| 40 | 1928 | 35 | S. D. de Cavalcantes | | Alimentação de suínos | |
| 41 | 1928 | 36 | F. V. | MG | Valor do leite fervido como alimento | |
| 42 | 1929 | 40 | Edgar Schmidt | | Como alimentar os porcos | O. G. |
| 43 | 1929 | 40 | Companhia Meridional de mineração de Lafayette MG | MG | Medidas do Milho | |
| 44 | 1929 | 41 | E. F. B. C. William Freitas | Jaguará - SP | Soja | B. H. H |
| 45 | 1929 | 41 | Lauro Sodré Vianna Ferreira | Cascanduva - RJ | Leite Jr. Assoc. Nac. Criadores de Suínos | B. H. H |
| 46 | 1929 | 41 | E. S. | Campo Grande -MS | Sarna em cachorro de caça | |
| 47 | 1929 | 43 | Rozendo Alves de Queiroz | Sabinópolis-MG | Criação de porcos | |
| 48 | 1929 | 49 | Júlio Boppré | Tubarão - SC | Fenação do milho | |
| 49 | 1929 | 49 | J. C. L. Carmo | RJ | Criação de coelhos | |
| 50 | 1929 | 51 | Rosendo Alves de Queiroz | | Criação de suínos | O. T. E. |
| 51 | 1930 | 53 | Júlio Boppré | Tubarão - SC | Feijão soja, milho e alfafa | B. H. H |
| 52 | 1930 | 58 | Itagiba Augusto da Silva | Patos-MG | Batedeira - Tosse me leitões | B. H. H |

| | | | | | | |
|----|------|-----|---------------------------|-------------------------------------|----------------------------------------------|-------------|
| 53 | 1931 | 71 | Francisco J. Vieira | Vila Miguel Calmon -Bahia | | |
| 54 | 1931 | 71 | Waldemar C. Silva | Porto Alegre-RS | | B. H. H. |
| 55 | 1932 | 80 | Juvenal Theodoro Teixeira | Fazenda Tabatinga em Carrancas - MG | Doença em equinos | |
| 56 | 1932 | 80 | | | Direito rural - Arvore na divisa de vizinhos | |
| 57 | 1932 | 81 | | | Direito rural - Inventário | |
| 58 | 1935 | 107 | | | A cultura da Mamoneira | E. Heringer |
| 59 | 1937 | 123 | W. S. | RJ | Mamona | |
| 60 | 1937 | 123 | A. R. N. | Eloy Mendes - MG | Café | |
| 61 | 1938 | 132 | P.A. | Santa Helena - MG | Análise de solo | J. H. W. |
| 62 | 1938 | 132 | J. V. M. | Itumirim -MG | Fabricação de vinagre | |
| 63 | 1938 | 132 | O C. L. | Nepomuceno - MG | Tosse em leitões | |
| 64 | 1938 | 132 | W. M. D. | Varginha - MG | Exposição Agropecuária de Lavras | |
| 65 | 1938 | 132 | F. C. P. | Oeste de MG | Princípios nutritivos do leite desnatado | |

APÊNDICE C – Lista catalogação dos sumários *O Agricultor* *

| Nº Ref. | Nº da revis-ta | Ano de ref. | Mês - Ano | Título | Autor | Homena-geado | Autor original/ reprodução tradução/ transcrição |
|---------|----------------|-------------|-----------|--------------------------------------|-----------------------|-------------------|-------------------------------------------------------|
| 1 | 1 | I | jul.-1922 | Diretorias | | | |
| 2 | 1 | I | jul.-1922 | Homenagem | | B. H. Hunnicutt | |
| 3 | 1 | I | jul.-1922 | Apresentando-nos | | | |
| 4 | 1 | I | jul.-1922 | Discurso de apresentação do grêmio | José Alvarenga | | |
| 5 | 1 | I | jul.-1922 | Como evitar a opilação | Paulo Menicucci | | |
| 6 | 1 | I | jul.-1922 | Alfafa | B. H. Hunnicutt | | Trad. Livro Alfafa in Kansas |
| 7 | 1 | I | jul.-1922 | Reuniões Particulares do Grêmio | | | |
| 8 | 1 | I | jul.-1922 | Agronomandos de 1922 | | Jayme Brito | |
| 9 | 1 | I | jul.-1922 | A atual situação pecuária no Brasil | B. H. Hunnicutt | | |
| 10 | 1 | I | jul.-1922 | Os antromorfos | Emmanuel Deslandes | | |
| 11 | 1 | I | jul.-1922 | Adubo de curral | Othoniel J. Ribeiro | | |
| 12 | 1 | I | jul.-1922 | Discurso (1ª reunião do grêmio) | Prof.º Benedito Paiva | | |
| 13 | 1 | I | jul.-1922 | A raça Hollando Frisia | Prof.º Oswaldo Emrick | | |
| 14 | 1 | I | jul.-1922 | Hibridização de Plantas | B. Oliveira Paiva | | Trad. Gregor Mendel- journal Royal Hort. Society 1901 |
| 15 | 1 | I | jul.-1922 | Capacidades de um fazendeiro moderno | I. F. Correia | | Trad. Warren - Farmer Managment |
| 16 | 1 | I | jul.-1922 | Agronomandos de 1922 | | Ildefonso Correia | |
| 17 | 1 | I | jul.-1922 | Expediente | | | |
| 18 | 1 | I | jul.-1922 | Observações meteorológicas | | | |
| 19 | 1 | I | jul.-1923 | Estatutos do "Grêmio Agrícola" | | | |
| 20 | 1 | I | jul.-1924 | Hibridação de plantas - continuação | B. Oliveira Paiva | | Trad. Gregor Mendel- journal Royal Hort. Society 1901 |
| 21 | 2 | I | ago.-1922 | Diretorias | | | |
| 22 | 2 | I | ago.-1922 | Turma do 3º ano | | | |

| | | | | | | | |
|----|---|---|-----------|---------------------------------------------|-------------------|------------------|-------------------------------------------------------|
| 23 | 2 | I | ago.-1922 | A tração no Brasil | Floriano Bottel | | |
| 24 | 2 | I | ago.-1922 | Leis gerais da biologia | | | |
| 25 | 2 | I | ago.-1922 | Fenos e fenação | B. Hunnicutt | H. | |
| 26 | 2 | I | ago.-1922 | Instrução e Higiene | Paulo Menicucci | | |
| 27 | 2 | I | ago.-1922 | Meio Prático de determinar a acidez do solo | | | |
| 28 | 2 | I | ago.-1922 | Agronomandos | | José Alvarenga | |
| 29 | 2 | I | ago.-1922 | Cultura da alfafa | B. Hunnicutt | H. | Trad. Livro Alfafa in Kansas |
| 30 | 2 | I | ago.-1922 | Adubo de curral | Othoniel Ribeiro | J. | |
| 31 | 2 | I | ago.-1922 | Cultura de aves | Brito | | |
| 32 | 2 | I | ago.-1922 | A vacca leiteira | Josué Deslandes | | |
| 33 | 2 | I | ago.-1922 | Agronomandos | | Othoniel Ribeiro | |
| 34 | 2 | I | ago.-1922 | Cálcio e seus compostos | Erasmio Maciel | | |
| 35 | 2 | I | ago.-1922 | Hybridção de Planas | B. Oliveira Paiva | | Trad. Gregor Mendel- journal Royal Hort. Society 1901 |
| 36 | 2 | I | ago.-1922 | Estatutos do Grêmio Agrícola | | | |
| 37 | 2 | I | ago.-1922 | Expediente | | | |
| 38 | 3 | I | set.-1922 | Homenagem | | Samuel Gammon | |
| 39 | 3 | I | set.-1922 | Turma do 1º ano agrícola | Paulo Menicucci | | |
| 40 | 3 | I | set.-1922 | Leis gerais da biologia | | | |
| 41 | 3 | I | set.-1922 | Que é homem | | | |
| 42 | 3 | I | set.-1922 | Inauguração dos novos prédios da EAL | | | |
| 43 | 3 | I | set.-1922 | Gado Bagual | Frederico Lane | | |
| 44 | 3 | I | set.-1922 | O desenvolvimento dos animais novos | O. Emrich | | |
| 45 | 3 | I | set.-1922 | Fenos e Fenação (continuação) | | | |
| 46 | 3 | I | set.-1922 | Agronomandos | | Erasmio Maciel | |
| 47 | 3 | I | set.-1922 | A importância do coco | J. C. S. | | |

| | | | | | | | |
|----|---|---|-----------|-------------------------------------------|--------------------|-------------------|-------------------------------------------------------|
| 48 | 3 | I | set.-1922 | Cultura de Aves | Jayme Brito | | |
| 49 | 3 | I | set.-1922 | Resumo das observações meteorológicas | João José da Silva | | |
| 50 | 3 | I | set.-1922 | Agronomandos | | Lauro Correia | |
| 51 | 3 | I | set.-1922 | A fertilidade do solo | I. F. Correia | | |
| 52 | 3 | I | set.-1922 | Exposição agropecuária | | | |
| 53 | 3 | I | set.-1922 | Hibridação de planas (continuação) | B. Oliveira Paiva | | Trad. Gregor Mendel- journal Royal Hort. Society 1901 |
| 54 | 3 | I | set.-1922 | Estatuto do Grêmio Agrícola | | | |
| 55 | 4 | I | out.-1922 | Homenagem | | Emanuel Deslandes | |
| 56 | 4 | I | out.-1922 | Proteção á criança | Paulo Menicucci | | |
| 57 | 4 | I | out.-1922 | Leis gerais da biologia (continuação) | Prof. E. Deslandes | | |
| 58 | 4 | I | out.-1922 | Agronomandos | | Oswaldo Lemos | |
| 59 | 4 | I | out.-1922 | Fenos e Fenação | B. H. Hunnicutt | | |
| 60 | 4 | I | out.-1922 | A atitude do governo para com agricultura | José Alvarenga | | |
| 61 | 4 | I | out.-1922 | Evolução elementar | Prof.º B. Paiva | | |
| 62 | 4 | I | out.-1922 | Exposição internacional | J. Alves Junior | | |
| 63 | 4 | I | out.-1922 | Importância da aração | Edgar Bittencourt | | |
| 64 | 4 | I | out.-1922 | Agronomandos | | Benjamin Soares | |
| 65 | 4 | I | out.-1922 | Enxertia de Plantas | Jayme Brito | | |
| 66 | 4 | I | out.-1922 | Importância do milho | O. J. Ribeiro | | |
| 67 | 4 | I | out.-1922 | Silos e ensilagem | I. F. Correia | | |
| 68 | 4 | I | out.-1922 | Hibridação de Plantas | B. O. Paiva | | Trad. Gregor Mendel- journal Royal Hort. Society 1901 |
| 69 | 5 | I | nov.-1922 | Homenagem | | Paulo Menicucci | |
| 70 | 5 | I | nov.-1922 | Despedindo-nos | | | |

| | | | | | | | |
|----|---|----|----------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------|----------------------------------------------------------------|
| 71 | 5 | I | nov.- 1922 | A tuberculose | Paulo Menicucci | | |
| 72 | 5 | I | nov.- 1922 | Como as Plantas absorvem alimentos | | | Trad. Forragem e nutrição- W. A. Henry |
| 73 | 5 | I | nov.- 1922 | Homenagem | | Oswaldo Emrich | |
| 74 | 5 | I | nov.- 1922 | Phytophthora infestans | | | |
| 75 | 5 | I | nov.- 1922 | Agronomandos | | Edgard C. Bittencourt | |
| 76 | 5 | I | nov.- 1922 | O congresso internacional de Algodão | P. H. Rolfs | | |
| 77 | 5 | I | nov.- 1922 | A indústria do frio artificial no Brasil: suas aplicações às indústrias agrícolas | | | |
| 78 | 5 | I | nov.- 1922 | Fertilizantes azotados usados pelo seu azoto | Othoniel. J. R | | Traduzido do inglês |
| 79 | 5 | I | nov.- 1922 | Silos e ensilagem (conclusão) | Ildefonso. F. Correia | | |
| 80 | 5 | I | nov.- 1922 | Resumo das observações meteorológicas | Josué Deslandes | | |
| 81 | 5 | I | nov.- 1922 | Acidez do Solo | Erasmus Maciel | | |
| 82 | 5 | I | nov.- 1922 | Suínos | B. H .Hunnicut | | |
| 83 | 5 | I | nov.- 1922 | Gado Shwytz nos E. Unidos da América do Norte | | | |
| 84 | 5 | I | nov.- 1922 | Trabalho da Estação Experimental em Lavras | J. H. Wheelock | | |
| 85 | 5 | I | nov.- 1922 | As festas finais da Escola Agrícola | | | |
| 86 | 5 | I | nov.- 1922 | Aborto infeccioso ou episódico | B. P. Soares | | |
| 87 | 5 | I | nov.- 1922 | Relatório anual do Grêmio Agrícola | | | |
| 88 | 5 | I | nov.- 1922 | Leis Gerais da biologia | | | |
| 89 | 5 | I | nov.- 1922 | Fungicidas | | | |
| 90 | 5 | I | nov.- 1922 | Hibridação de Plantas | B. O. Paiva | | Trad. Gregor Mendel- journal Royal Hort. Society 1901 |
| 91 | 6 | II | maio.- 1923 | Homenagem | | Prof. G. A. Roberts | |

| | | | | | | | |
|-----|---|----|----------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 92 | 6 | II | maio.- 1923 | Dr. Daniel de Carvalho (sec. Agricultura MG) | Redação | Daniel de Carvalho | |
| 93 | 6 | II | maio.- 1923 | Notas avícolas | Oswaldo Emrich | | |
| 94 | 6 | II | maio.- 1923 | O Valor da Educação | B. H. Hunnicut | | |
| 95 | 6 | II | maio.- 1923 | Agronomandos | | João Alves Junior | |
| 96 | 6 | II | maio.- 1923 | Expediente | | | |
| 97 | 6 | II | maio.- 1923 | A veterinária nos Estados Unidos | G. A. Roberts | | |
| 98 | 6 | II | maio.- 1923 | Dr. Charles Knight | Redação | | |
| 99 | 6 | II | maio.- 1923 | A indústria do frio artificial no Brasil (cont.) | Carlos S Beaumord | | |
| 100 | 6 | II | maio.- 1923 | Índios de Mato Grosso | A. S. Maxwel | | |
| 101 | 6 | II | maio.- 1923 | Transformando Laranjas em ouro | P. H. Rolfs | | Trad. Por Aristides H. de Oliveira E.M.C. |
| 102 | 6 | II | maio.- 1923 | Influencia do solo, topografia e clima sobre a cultura do café | João Alves Junior | | |
| 103 | 6 | II | maio.- 1923 | Efeitos do azoto sobre o crescimento das plantas | Tancredo Paranaguá | | |
| 104 | 7 | II | jul.-1923 | Expediente | | | |
| 105 | 7 | II | jul.-1923 | Dr. Noraldino Lima (Dir. imprensa oficial do Estado) | Redação | Noraldino Lima | |
| 106 | 7 | II | jul.-1923 | Homenagem | | Charles Clyde Knight | |
| 107 | 7 | II | jul.-1923 | Influencia das máquinas agrícolas sobre o trabalho (tese mestrado universidade de Wisconsin USA) | Charles Clyde Knight | | Trad. Tese apresentada à Universidade e Wisconsin (USA) para o diploma de Mestre de Ciência |
| 108 | 7 | II | jul.-1923 | Moléstias dos animais | G.A. Roberts | | |
| 109 | 7 | II | jul.-1923 | Hibridação de Plantas | B.O. Paiva | | Trad. Gregor Mendel- journal Royal Hort. Society 1901 |
| 110 | 7 | II | jul.-1923 | Porcos de raça | Atenos Silva | | |
| 111 | 7 | II | jul.-1923 | Capim Sudão | Jhon Wheelock | | |

| | | | | | | | | |
|-----|---|----|-----------|-------------------------------------------------------|-----------------------|----|--------------------|-------------------------------------------------------|
| 112 | 7 | II | jul.-1923 | Como estudar! | B. Hunnicutt | H. | | |
| 113 | 7 | II | jul.-1923 | Contra o pernilongo | Josué Deslandes | | | |
| 114 | 7 | II | jul.-1923 | Agronomandos | | | Josué Deslandes | |
| 115 | 7 | II | jul.-1923 | A produção leiteira da zona oeste de Minas | Oswaldo Emrich | | | |
| 116 | 8 | II | set.-1923 | Expediente | | | | |
| 117 | 8 | II | set.-1923 | Instrução agrícola | | | | Transc. Jornal do Commercio |
| 118 | 8 | II | set.-1923 | Homenagem | | | John Wheelock | |
| 119 | 8 | II | set.-1923 | 2ª Exposição Agropecuária de Lavras | | | | |
| 120 | 8 | II | set.-1923 | A influencia das Máquinas Agrícolas Sobre o Trabalho | Charles Clyde Kinight | | | |
| 121 | 8 | II | set.-1923 | Moléstias dos animais | G. A. Roberts | | | |
| 122 | 8 | II | set.-1923 | Agronomandos | | | Tancredo Paranaguá | |
| 123 | 8 | II | set.-1923 | B. H. Hunnicutt | | | B. H. Hunnicutt | |
| 124 | 8 | II | set.-1923 | A produção leiteira da Zona Oeste de Minas (cont.) | | | | |
| 125 | 8 | II | set.-1923 | O Umbuzeiro uma Arvore Frutífera do Brasil | Tancredo Paranaguá | | | |
| 126 | 8 | II | set.-1923 | Coccídeas das Laranjeiras | João Alves Jr | | | |
| 127 | 8 | II | set.-1923 | Hibridização de Plantas | B. Oliveira Paiva | | | Trad. Gregor Mendel- journal Royal Hort. Society 1901 |
| 128 | 8 | II | set.-1923 | Tese apresentada ao congresso das Municipalidades | B. Hunnicutt | H. | | |
| 129 | 8 | II | set.-1923 | Secção de Consultas | | | | |
| 130 | 8 | II | set.-1923 | Algumas Sugestões aos Principiantes em Gallinocultura | Oswaldo Emrich | | | |
| 131 | 9 | II | nov.-1923 | Os vinte erros na criação de porcos | | | | trans. Correio da manhã |
| 132 | 9 | II | nov.-1923 | Agronomandos | | | Floriano Bottrel | |
| 133 | 9 | II | nov.-1923 | Notas para uma cultura de algodão | Jayme T. Brito | | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|-----|---------------|-----------------------------------------------------------------------------|-------------------------|---------------------------------------------------|-------------------------------|
| 134 | 9 | II | nov.- 1923 | Guerra aos insetos | P. H. Rolfs | | |
| 135 | 9 | II | nov.- 1923 | O Álcool Industrial | Floriano Bottrel | | |
| 136 | 9 | II | nov.- 1923 | Os Sistemas de criação avícola | Oswaldo Emrich | | |
| 137 | 9 | II | nov.- 1923 | Uma moléstia nos cafeeiros de Lavras | João Alves Jr. | | |
| 138 | 9 | II | nov.- 1923 | Instituto Evangélico - colação de grau dos Agronomandos de 1923 | | | |
| 139 | 9 | II | nov.- 1923 | O abacaxi, sua importância | Isaias Deslandes | | |
| 140 | 10 | II | dez.- 1923 | Livros Novos- O Milho de B. H. Hunnicut | | | |
| 141 | 10 | II | dez.- 1923 | O Estado de Minas Gerais | | | |
| 142 | 10 | II | dez.- 1923 | Dr. José Cavalcanti | | José Cavalcanti | |
| 143 | 10 | II | dez.- 1923 | Com o dever cumprido | Isaias Cavalcante | | |
| 144 | 10 | II | dez.- 1923 | A Aveia - um cereal de futuro no Brasil | John H. Wheelock | | |
| 145 | 10 | II | dez.- 1923 | Estradas de Rodagem | Charles Clyde Knight | | |
| 146 | 10 | II | dez.- 1923 | A Evolução Agrícola | Oawalso Emrich | | |
| 147 | 10 | II | dez.- 1923 | Seleção de Milho | B. H. Hunnicut | | Trans. Chácaras e Quintaes |
| 148 | 10 | II | dez.- 1923 | Notas para uma cultura de Algodão | Jayme F. Brito | | |
| 149 | 10 | II | dez.- 1923 | Combate às Moléstias Criptogâmicas das plantas | Josué Deslandes | | |
| 150 | 10 | II | dez.- 1923 | O Abacaxi, sua importância | Isais Deslandes | | |
| 151 | 10 | II | dez.- 1923 | A indústria do Frio Artificial no Brasil | Carlos D. Beaumord | | |
| 152 | 10 | II | dez.- 1923 | Escola Mineira de Agronomia | | | |
| 153 | 10 | II | dez.- 1923 | Relatório anual do Grêmio Agrícola | João Alves Junior | | |
| 154 | 11 | III | Mai.- 1924 | O Agricultor | | Revista agrícola, industrial e comercial | Homenagem |
| 155 | 11 | III | Mai.- 1924 | Indústria açucareira | | | Trad. revista francesa |

| | | | | | | | |
|-----|----|-----|----------------|-------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------|--|-------------------------------|
| 156 | 11 | III | Mai.- 1924 | A aveia, um cereal de futuro no Brasil | J. H. Wheelock | | |
| 157 | 11 | III | Mai.- 1924 | 3ª Exposição agropecuária de Lavras | | | |
| 158 | 11 | III | Mai.- 1924 | Causas das moléstias infecciosas | Dr. G. A. Roberts | | |
| 159 | 11 | III | Mai.- 1924 | Notas Agrícolas- Combate às saúvas | Jayme Brito | | |
| 160 | 11 | III | Mai.- 1924 | Resumo das observações meteorologias | Isaias Deslandes | | |
| 161 | 11 | III | Mai.- 1924 | Horticultura escolar | Oswaldo Emrich | | |
| 162 | 11 | III | Mai.- 1924 | Serviço de propaganda agrícola | B. H. Hunnicut | | |
| 163 | 11 | III | Mai.- 1924 | Guerra aos insetos | P. H. Rolfs | | |
| 164 | 11 | III | Mai.- 1924 | "Falta de Braços" | O. P. | | |
| 165 | 11 | III | Mai.- 1924 | Experiências de adubação na batata | | | Trans. Brasil Agrícola |
| 166 | 11 | III | Mai.- 1924 | Mel de abelhas é alimento e remédio | | | |
| 167 | 11 | III | Mai.- 1924 | A vida Rural (uma aula no curso normal do colégio Kemper) | Oswaldo Emrich | | |
| 168 | 12 | III | jun. - 1924 | Ensino Agrícola | | | Trans. Gazeta de notícias. |
| 169 | 12 | III | jun. - 1924 | Serviço de Estatística Agrícola | | | |
| 170 | 12 | III | jun. - 1924 | "Leaders" | B. H. Hunnicut | | |
| 171 | 12 | III | jun. - 1924 | Curso rural | Firmino Costa | | |
| 172 | 12 | III | jun. - 1924 | Apetite dos pássaros | | | Tad. Le Petit Bizertin |
| 173 | 12 | III | jun. - 1924 | Ligeiras informações sobre a profilaxia da peste dos porcos (Batedeira) | Marques Lisboa | | |
| 174 | 12 | III | jun. - 1924 | O Cavalo como motor | C. C. Knight | | |
| 175 | 12 | III | jun. - 1924 | O ensino da horticultura nas escolas primarias | Trad. Isaias Cavalcanti | | |
| 176 | 12 | III | jun. - 1924 | Alimento de porcos | B. H. Hunnicut | | |
| 177 | 12 | III | jun. - 1924 | causas das moléstias | CG. A. Roberts | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|-----|-------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|--|-------------------------------------------------------------------------|
| | | | | infeccionais | | | |
| 178 | 12 | III | jun. - 1924 | Melhoramento dos carneiros nacionais | Oswaldo Emrich | | |
| 179 | 12 | III | jun. - 1924 | O sal comum, com referencia aos animais | José Ladeira | | |
| 180 | 12 | III | jun. - 1924 | Agua no solo | Isaias Deslandes | | |
| 181 | 12 | III | jun. - 1924 | Insetos nocivos ao algodão | Abelardo Sarmento | | |
| 182 | 12 | III | jun. - 1924 | Combate ás ervas daninhas | John Wheelock | | |
| 183 | 12 | III | jun. - 1924 | Dr. Marques Lisboa | | | |
| 184 | 12 | III | jun. - 1924 | 3ª Exposição Agropecuária de Lavras | | | |
| 185 | 13 | III | ago.- 1924 | Um as considerações sobre o trator | C. C. Knight | | |
| 186 | 13 | III | ago.- 1924 | O trabalho de colonização feito por uma estrada de ferro no Canada | | | Trad. Review of Reyiens |
| 187 | 13 | III | ago.- 1924 | Escola Agrícola de Lavras- Dados sobre a plantação de algodão 1923 | | | |
| 188 | 13 | III | ago.- 1924 | Melhoramento dos ovinos nacionais | Oswaldo Emrich | | |
| 189 | 13 | III | ago.- 1924 | Salitre do Chile | José Ladeira | | |
| 190 | 13 | III | ago.- 1924 | Gado Hereford o melhor para o Brasil | | | Trad. The Amrican Hereford Journal |
| 191 | 13 | III | ago.- 1924 | Agricultura na Grécia | | | |
| 192 | 13 | III | ago.- 1924 | 3ª Exposição Agropecuária de Lavras | | | |
| 193 | 13 | III | ago.- 1924 | De como, apicultor, o Joaquim Bentinho conseguir abelhas que produzem o dobro das abelhas comuns | | | Transc. As estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho - Cornélio Pires |
| 194 | 13 | III | ago.- 1924 | Criação de burros e alguns de seus usos | Joaquim Carvalho | | |
| 195 | 13 | III | ago.- 1924 | Doenças em Mandiocaís de Bom-Sucesso | | | |
| 196 | 13 | III | ago.- 1924 | Falta de Braços II | O. P. | | |
| 197 | 13 | III | ago.- | Alimentação do | Oswaldo T. | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|-----|-----------|-------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|--|-----------------------------------------------------------------|
| | | | 1924 | Gado leiteiro | Emrich | | |
| 198 | 13 | III | ago.-1924 | Água do solo continuação | Isaias Deslandes | | |
| 199 | 13 | III | ago.-1924 | Curso de classificação de algodão | | | Transc. do Estado de SP |
| 200 | 13 | III | ago.-1924 | O Botulismo | Oswaldo Emrich | | Trad. Federation National - Dr. V. Ball |
| 201 | 13 | III | ago.-1924 | O que o prof. P. H. Rofls pensa do nosso desenvolvimento agrícola | | | |
| 202 | 13 | III | ago.-1924 | O "record" mundial de produção de leite | | | Trad. The Breedens Gazete |
| 203 | 13 | III | ago.-1924 | Conselhos sobre a produção de leite puro | | | |
| 204 | 13 | III | ago.-1924 | Comparação entre a triagem mecânica e manual | | | |
| 205 | 13 | III | ago.-1924 | Novos usos para o milho | | | Trad. The country Gentleman |
| 206 | 13 | III | ago.-1924 | Valor da pastagem do gado de leite | | | Trad. Boletim 244 da estação experimental de Illianois |
| 207 | 14 | III | out.-1924 | Dr. Juscelino Barbosa | | | |
| 208 | 14 | III | out.-1924 | Dr. Olavo Lamartie | | | |
| 209 | 14 | III | out.-1924 | Casamentos | | | |
| 210 | 14 | III | out.-1924 | Noivos | | | |
| 211 | 14 | III | out.-1924 | Dr. B. H. Hunnicutt | | | |
| 212 | 14 | III | out.-1924 | Personalidade | B. H. .Hunnicutt | | |
| 213 | 14 | III | out.-1924 | Instituto Evangélico | | | |
| 214 | 14 | III | out.-1924 | O problema do algodão no Brasil | Olavo Lamartine | | |
| 215 | 14 | III | out.-1924 | As cinco principais avenidas | | | |
| 216 | 14 | III | out.-1924 | O consumo de Algodão nas fabricas do Brasil | | | |
| 217 | 14 | III | out.-1924 | Tecnologia do queijo Port-Salut | Tancredo Paranaguá | | |
| 218 | 14 | III | out.-1924 | Inoculação das leguminosas | João José da Silva | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|-----|---------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|--|---------------------------------------------------------------------------|
| 219 | 14 | III | out.- 1924 | Instrução | Juscelino Barbosa | | |
| 220 | 14 | III | out.- 1924 | Ervilhas | E. Bruek | | |
| 221 | 14 | III | out.- 1924 | Adubação com as escórias de Thomas | José Ladeira | | |
| 222 | 14 | III | out.- 1924 | A ensilagem resolve o problema da seca | Joaquim Carvalho | | |
| 223 | 14 | III | out.- 1924 | Conclusões de Wagner sobre a adubação das plantas | | | |
| 224 | 14 | III | out.- 1924 | Água no solo | Isaias Deslandes | | |
| 225 | 14 | III | out.- 1924 | Determinação do sexo dos animais | Walter Wolf Saur | | |
| 226 | 15 | III | dez. 1924 | Iniciativa | B. H. Hunnicut | | |
| 227 | 15 | III | dez. 1924 | Ervilhas - seleção de sementes é uma necessidade | E. Bruck | | |
| 228 | 15 | III | dez. 1924 | Comércio externo da China | | | |
| 229 | 15 | III | dez. 1924 | Livros e revistas- Apontamentos de genética elementar e aplicada- Oliveira Paiva e outros | | | |
| 230 | 15 | III | dez. 1924 | Germinação de semente | Rubens de Oliveira | | |
| 231 | 15 | III | dez. 1924 | A Floricultura | Isaias Deslandes | | |
| 232 | 15 | III | dez. 1924 | Vitaminas e Avitaminoses | Afrânio do Amaral | | Transc. Conferencia da Sociedade de medicina e cirurgia de SP |
| 233 | 15 | III | dez. 1924 | Pela Instrução | Juscelino Barbosa | | |
| 234 | 16 | IV | jun.1925 | Histórico do algodão | José Garibaldi Dantas | | Transc. Bolsa de mercadorias de SP |
| 235 | 16 | IV | jun.1925 | Variabilidade dos germes filtráveis | Marques Lisbôa | | |
| 236 | 16 | IV | jun.1925 | Censo Mundial de Agricultura | | | |
| 237 | 16 | IV | jun.1925 | 4ª Exposição Agropecuária de Lavras | Oswaldo Emrich | | |
| 238 | 16 | IV | jun.1925 | Preparo do terreno para a plantação | | | |
| 239 | 16 | IV | jun.1925 | Editorial- Nova Fase | | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|----|-----------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|----|-----------------------------------------------------------------------|
| 240 | 16 | IV | jun.1925 | Semana do milho | B. Hunnicutt | H. | Transc. Chácaras e Quintaes |
| 241 | 16 | IV | jun.1925 | O companheiro do Lar- Como se deve por e servir a mesa | Bella Kolb | | |
| 242 | 16 | IV | jun.1925 | Consultas | | | |
| 243 | 16 | IV | jun.1925 | Primeira exposição nacional de leite e derivados e primeira conferencia nacional de leite e laticínios | | | Transc. Sociedade Nacional de Agricultura |
| 244 | 18 | IV | set.-1925 | Gado Suíço | Oswaldo Emrich | | |
| 245 | 18 | IV | set.-1925 | Importância das máquinas agrícolas | Dirceu D. Braga | | |
| 246 | 18 | IV | set.-1925 | Variabilidade dos germes filtráveis | H. Marques Lisboa | | |
| 247 | 18 | IV | set.-1925 | A situação mundial do algodão | José Garibaldi Dantas | | |
| 248 | 18 | IV | set.-1925 | Preparo do terreno | | | |
| 249 | 18 | IV | set.-1925 | Editorial - Aspectos | Oswaldo Emrich | | |
| 250 | 18 | IV | set.-1925 | Consultas | | | |
| 251 | 18 | IV | set.-1925 | Companheiro do lar - Pratos de milho | | | Transc. De Chacaras e Quintaes |
| 252 | 19 | IV | out.-1925 | José Garibaldi Dantas | | | |
| 253 | 19 | IV | out.-1925 | Ensino Agrônômico | B. Hunnicutt | H. | |
| 254 | 19 | IV | out.-1925 | As sociedades agrícolas | José Duque | | |
| 255 | 19 | IV | out.-1925 | Produção de Fumo no Brasil | | | Trad. Da Foreign Crops na markets (publicação do Min. Agric. Dos EUA) |
| 256 | 19 | IV | out.-1925 | A Situação Mundial do algodão | José Garibaldi Dantas | | |
| 257 | 19 | IV | out.-1925 | Como melhorar a criação | | | |
| 258 | 19 | IV | out.-1925 | Editorial "Um por todos e todos por um" | | | |
| 259 | 19 | IV | out.-1925 | O companheiro do Lar- A alimentação da Família | Bella Kolb | | |
| 260 | 19 | IV | out.-1925 | Consultas | | | |
| 261 | 20 | IV | nov.-1925 | Gado Holandês | Oswaldo Emrich | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|----|----------------|----------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|--|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| 262 | 20 | IV | nov.- 1925 | História do Milho | Mario Vilhena de Oliveira | | |
| 263 | 20 | IV | nov.- 1925 | O valor alimentício do abacate | | | Trad. Boletim de Agricultura Industria y comercio de Guatemala maio 1925 |
| 264 | 20 | IV | nov.- 1925 | Pesos e medidas de diversos países | | | |
| 265 | 20 | IV | nov.- 1925 | Exposição de lacticínios em SP | | | |
| 266 | 20 | IV | nov.- 1925 | Editorial - Prática | Oswaldo Emrich | | |
| 267 | 20 | IV | nov.- 1925 | Consultas | | | |
| 268 | 20 | IV | nov.- 1925 | O companheiro do Lar- Curso de eco. Dom. nos EUA | Bella Kolb | | Renee G. Spangenberg- Circular 541, argentina |
| 269 | 21 | IV | dez.- 1925 | Caçada de veados | Olympio de souza | | |
| 270 | 21 | IV | dez.- 1925 | Comparação entre cachorros ingleses e norte-americanos | B. H. Hunnicut | | |
| 271 | 21 | IV | dez.- 1925 | Adubo de curral | Joaquim de Carvalho | | |
| 272 | 21 | IV | dez.- 1925 | Economia rural | F. Martins | | |
| 273 | 21 | IV | dez.- 1925 | Editorial - 1926 | Oswaldo Emrich | | |
| 274 | 21 | IV | dez.- 1925 | Consultas | | | |
| 275 | 21 | IV | dez.- 1925 | O companheiro do Lar cont. | Bella Kolb | | |
| 276 | 22 | V | jan. - 1926 | A engorda dos Suínos | N. Athanassof | | |
| 277 | 22 | V | jan. - 1926 | Alguns aspectos da Batedeira | G. A.Roberts | | |
| 278 | 22 | V | jan. - 1926 | Suinocultura nacional | Oswaldo Emrich | | |
| 279 | 22 | V | jan. - 1926 | A Assoc. Nac. de Criadores de Suínos | B. H. Hunnicut | | |
| 280 | 22 | V | jan. - 1926 | O capim gordura como forragem e como meio da defesa contra a mosca tsé-tsé | | | Trad. Revues Synthétique- Institut international d' agricultura (1923) |
| 281 | 22 | V | jan. - 1926 | O estado do cooperativismo agrícola nos Estados Unidos do Norte | | | Trad. W. O. Hedrick- Quartely Bulletin Agricu. Experiment station de Michigan |
| 282 | 22 | V | jan. - | Editorial - Nosso | Oswaldo T. | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|---|-------------|-----------------------------------------------------|------------------------------------------------|--|-------------------------------------------------|
| | | | 1926 | Quinto ano | Emrich | | |
| 283 | 22 | V | jan. - 1926 | Consultas | | | |
| 284 | 22 | V | jan. - 1926 | O companheiro do lar | | | |
| 285 | 23 | V | mar.- 1926 | O pomar da família | P. H. Rolfs | | |
| 286 | 23 | V | mar.- 1926 | O que o Jardim oferece de mais precioso | | | S. Decker - Floricultura João Dierberger -SP |
| 287 | 23 | V | mar.- 1926 | 5ª Exposição nacional do milho | | | |
| 288 | 23 | V | mar.- 1926 | Tuberculose hortícolas | Oswaldo T. Emrich | | |
| 289 | 23 | V | mar.- 1926 | Arar é orar | | | Léon Tolstoi |
| 290 | 23 | V | mar.- 1926 | Açúcar de milho | | | |
| 291 | 23 | V | mar.- 1926 | A raiva | G. A. Roberts | | |
| 292 | 23 | V | mar.- 1926 | Editorial Especializações | Oswaldo Emrich | | |
| 293 | 23 | V | mar.- 1926 | Consultas | | | |
| 294 | 23 | V | mar.- 1926 | O Companheiro do Lar | Bella Kolb | | Fr. Lembke- Revista inter. De Economia Agrícola |
| 295 | 25 | V | jul.-1926 | Variedades de milho norte-americanas | Henrique Lobbe- Campo de sementes de São Simão | | |
| 296 | 25 | V | jul.-1926 | O milho, sua cultura para a alimentação dos animais | Léo Esteve | | |
| 297 | 25 | V | jul.-1926 | A semana do milho de 1925 | | | |
| 298 | 25 | V | jul.-1926 | O histórico da sociedade agrícola de Lavras | B. H. Hunnicutt | | |
| 299 | 25 | V | jul.-1926 | Experiência com adubação de milho | | | |
| 300 | 25 | V | jul.-1926 | Editorial - Perspectiva | Oswaldo T. Emrich | | |
| 301 | 25 | V | jul.-1926 | Consultas | | | |
| 302 | 25 | V | jul.-1926 | O companheiro do lar - receitas | D. Nannie Hunnicutt | | |
| 303 | 27 | V | nov.- 1926 | Habitação moderna na fazenda | Walter Saur | | |
| 304 | 27 | V | nov.- 1926 | A eletricidade na fazenda | B. H. Hunnicutt | | |
| 305 | 27 | V | nov.- 1926 | Notas sobre a Fabricação do | B.O. Paiva | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|----|---------------|----------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|--|--|
| | | | | sangue seco | | | |
| 306 | 27 | V | nov.- 1926 | Higiene Rural | Mario Vilhena de Oliveira | | |
| 307 | 27 | V | nov.- 1926 | O que o jardim oferece de mais precioso - A roseira e sua cultura | S. Deeker - Floricultura... | | |
| 308 | 27 | V | nov.- 1926 | Quinta Exposição Nacional de Milho | | | |
| 309 | 27 | V | nov.- 1926 | Editorial - Operariado Rural | Oswaldo T. Emrich | | |
| 310 | 27 | V | nov.- 1926 | Consultas | | | |
| 311 | 28 | VI | jan. 1927 | Duas décadas de desenvolvimento agrícola no Brasil | B. H. Hunnicut | | |
| 312 | 28 | VI | jan. 1927 | O cavalo de sela | O. T. Emrich | | |
| 313 | 28 | VI | jan. 1927 | Seleção de variedades resistente à ferrugem | J. H. Wheelock | | |
| 314 | 28 | VI | jan. 1927 | O que o Jardim oferece de mais precioso | S. Decker - Floricultura Dieberg | | |
| 315 | 28 | VI | jan. 1927 | Editorial- Novo ano | O. T. Emrich | | |
| 316 | 28 | VI | jan. 1927 | Consultas | | | |
| 317 | 29 | VI | mar. 1927 | Julgamentos de animais | O. T. Emrich | | |
| 318 | 29 | VI | mar. 1927 | A agricultura do sul dos Estados Unidos | B. H. Hunnicut | | |
| 319 | 29 | VI | mar. 1927 | Seleção de variedades resistente à ferrugem | J. H. Wheelock | | |
| 320 | 29 | VI | mar. 1927 | Bilharsiose? | G. A. Roberts | | |
| 321 | 29 | VI | mar. 1927 | Duas décadas de desenvolvimento agrícola no Brasil | B. H. Hunnicut | | |
| 322 | 29 | VI | mar. 1927 | A raça bovina Frisa | Luiz Mission | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|----|---------------|----------------------------------------------------------|-----------------------|--|-----------------------------------|
| 323 | 29 | VI | mar. 1927 | O que o jardim oferece de mais precioso | S. Decker | | |
| 324 | 29 | VI | mar. 1927 | Editorial - A economia das madeiras | O. T. Emrich | | |
| 325 | 29 | VI | mar. 1927 | Consultas | | | |
| 326 | 30 | VI | mai.- 1927 | A raça bovina Frisa | Luiz Mission | | |
| 327 | 30 | VI | mai.- 1927 | Índice e porcentagem de fibra na cultura do algodão | Walter Saur | | |
| 328 | 30 | VI | mai.- 1927 | A irrigação por submersão | José Guimarães Duque | | |
| 329 | 30 | VI | mai.- 1927 | Animais de trabalho | Oswaldo Emrich | | |
| 330 | 30 | VI | mai.- 1927 | As hortas | Mario Moroni | | |
| 331 | 30 | VI | mai.- 1927 | O companheiro do lar - O lugar das flores no lar | Eula Lee Kennedy Long | | Livro o companheiro do lar |
| 332 | 30 | VI | mai.- 1927 | Editorial - Nossos males | Oswaldo Emrich | | |
| 333 | 30 | VI | mai.- 1927 | Consultas | | | |
| 334 | 30 | VI | mai.- 1927 | Prelos de custo de reprodutores de raças puras | | | |
| 335 | 31 | VI | jul.-1927 | Coisas avícolas nos Estados Unidos | B. H. Hunnicutt | | |
| 336 | 31 | VI | jul.-1927 | A utilização das matas e o reflorestamento | João José da Silva | | |
| 337 | 31 | VI | jul.-1927 | Aumento de produção leiteira | Oswaldo Emrich | | |
| 338 | 31 | VI | jul.-1927 | A raça bovina Frisa | Luiz Mission | | |
| 339 | 31 | VI | jul.-1927 | O companheiro do Lar - Os ovos na alimentação da família | | | |
| 340 | 31 | VI | jul.-1927 | Editorial - Animais de raça | Oswaldo T. Emrich | | |
| 341 | 31 | VI | jul.-1927 | Consultas | | | |
| 342 | 31 | VI | jul.-1927 | Uma imensa fonte de renda ainda pouco explorada | | | Boletim da Soc. Br. De Avicultura |
| 343 | 32 | VI | set.-1927 | Tratamento de um Laranjal | Josué Deslandes | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|-----|-----------|-------------------------------------------|-------------------------------|--|--------------------|
| 344 | 32 | VI | set.-1927 | Vitaminas e raios ultravioletas | G. A. Roberts | | |
| 345 | 32 | VI | set.-1927 | Cultura do café | Altamiro Pinto | | |
| 346 | 32 | VI | set.-1927 | Minerais na alimentação do gado leiteiro | Oswaldo T. Emrich | | |
| 347 | 32 | VI | set.-1927 | A escola agrícola de "Cornell" | B. H. Hunnicutt | | |
| 348 | 32 | VI | set.-1927 | Morte aos carrapatos | Rubens Santos de Oliveira | | |
| 349 | 32 | VI | set.-1927 | O companheiro do lar | | | |
| 350 | 32 | VI | set.-1927 | Editorial - a "rainha rubiácea" | Oswaldo Emrich | | |
| 351 | 32 | VI | set.-1927 | Consultas | | | |
| 352 | 34 | VII | jan.-1928 | A super arborização das cidades | Oswaldo Emrich | | |
| 353 | 34 | VII | jan.-1928 | A fazenda "Cules Neck" | Hunnicutt | | |
| 354 | 34 | VII | jan.-1928 | A Aveia - O cereal do futuro próximo | Jhon H. Wheelock | | |
| 355 | 34 | VII | jan.-1928 | A Ramine | J. R. Monteiro da Silva | | |
| 356 | 34 | VII | jan.-1928 | Leite mais limpo | Josão José da Silva | | |
| 357 | 34 | VII | jan.-1928 | A cultura da cana Indica | Floricultura Dierberger & Cia | | |
| 358 | 34 | VII | jan.-1928 | Editorial - outra vez | Oswaldo Emrich | | |
| 359 | 34 | VII | jan.-1928 | Consultas | | | |
| 360 | 34 | VII | jan.-1928 | A vacina preventiva da tuberculose bovina | | | |
| 361 | 35 | VII | mar.-1928 | Mais Leite | Oswaldo Emrich | | |
| 362 | 35 | VII | mar.-1928 | Agricultura Extensiva | J. G. Duque | | |
| 363 | 35 | VII | mar.-1928 | O milho: escolha da semente (notas) | Mario Vilhena | | Diário de notícias |
| 364 | 35 | VII | mar.-1928 | Medidas de policia sanitária | G. A. Roberts | | |
| 365 | 35 | VII | mar.-1928 | O trigo no rio Grande do Sul | Oliveira Paiva | | |
| 366 | 35 | VII | mar.-1928 | Exposição pecuária | | | |
| 367 | 35 | VII | mar.-1928 | Contabilidade agrícola | João da Silva | | |
| 368 | 35 | VII | mar.-1928 | Editorial - Um dilema | Oswaldo Emrich | | |
| 369 | 35 | VII | mar.-1928 | Consultas | | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|-----|-------------|---------------------------------------------------------|---------------------------|--------|---------------------------|
| 370 | 36 | VII | mai.-1928 | A sociedade - Fator de riqueza | Cristovam Bezerra Dantas | | O Paiz |
| 371 | 36 | VII | mai.-1928 | O fosforo na alimentação dos animais | J. G. Duque | | |
| 372 | 36 | VII | mai.-1928 | Leite mais limpo | | | |
| 373 | 36 | VII | mai.-1928 | A criação de porcos Duroc Jersey da Fazenda Curles Neck | | | |
| 374 | 36 | VII | mai.-1928 | Pequenos ensinamentos de higiene | Mário Vilhena | | |
| 375 | 36 | VII | mai.-1928 | Contabilidade agrícola | João José da Silva | | |
| 376 | 36 | VII | mai.-1928 | Para as crianças - A galinha vermelha e o grão de milho | B. H. Hunnicutt | | Tradução do inglês |
| 377 | 36 | VII | mai.-1928 | O companheiro do lar - Um bolo excelente | | | |
| 378 | 36 | VII | mai.-1928 | Editorial - Os sertões | | | |
| 379 | 36 | VII | mai.-1928 | Consultas | | | |
| 380 | 37 | VII | jul.-1928 | Mensagem aos criadores mineiros | redação | | |
| 381 | 37 | VII | jul.-1928 | Exposição pecuária de Minas | Mário Telles | | |
| 382 | 37 | VII | jul.-1928 | Exposição pecuária de Minas | Luiz Mission | | |
| 383 | 37 | VII | jul.-1928 | Filmes de propaganda agrícola | Redação | | |
| 384 | 37 | VII | jul.-1928 | Exposição pecuária | Redação | | |
| 385 | 37 | VII | jul.-1928 | Editorial | | | |
| 386 | 37 | VII | jul.-1928 | DR. Samuel R. Gammon | Redação | Gammon | |
| 387 | 37 | VII | jul.-1928 | Granja Nova Suíça | | | |
| 388 | 38 | VII | set. - 1928 | O Rio Grande do Norte econômico | | | Transc. Juvenal Lamartine |
| 389 | 38 | VII | set. - 1928 | Sexta Exposição Agro pecuária de Lavras | | | |
| 390 | 38 | VII | set. - 1928 | Ovos | | | |
| 391 | 38 | VII | set. - 1928 | O Companheiro do lar - receitas bolos | | | |
| 392 | 38 | VII | set. - 1928 | As árvores | Maria Antoniera V. Salles | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|------|-------------|---------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|--|-------------------------------------------|
| 393 | 38 | VII | set. - 1928 | O café | | | Transc. Boletim semanal da Soc. Rural Br. |
| 394 | 38 | VII | set. - 1928 | Contabilidade agrícola | | | |
| 395 | 38 | VII | set. - 1928 | Editorial - Fruteiras orientais | Oswaldo Emrich | | |
| 396 | 38 | VII | set. - 1928 | Notas da gerencia | | | |
| 397 | 40 | VIII | jan.-1929 | Carta do Exmo. Sr. Presidente do Estado | | | |
| 398 | 40 | VIII | jan.-1929 | A obra de Lund | Alvaro Silveira | | |
| 399 | 40 | VIII | jan.-1929 | Algumas considerações sobre o ensino Agrícola no Estado de Minas Gerais | P. h. Rolfs e C. Rolfs | | |
| 400 | 40 | VIII | jan.-1929 | O Brasil é essencialmente agrícola - charge | Raul | | |
| 401 | 40 | VIII | jan.-1929 | A produção agrícola do Estado de Minas | Teixeira de Freitas | | |
| 402 | 40 | VIII | jan.-1929 | João de Barro | Honorário de Carvalho | | Transc. Almanack do "O Malho" |
| 403 | 40 | VIII | jan.-1929 | O serviço de Indústria animal e veterinária do Estado de Minas | | | |
| 404 | 40 | VIII | jan.-1929 | Editorial | Oswaldo Emrich | | |
| 405 | 40 | VIII | jan.-1929 | Consultas | | | |
| 406 | 40 | VIII | jan.-1929 | Informações úteis - Publicações | | | |
| 407 | 40 | VIII | jan.-1929 | O café com base na nossa expansão econômica | | | |
| 408 | 41 | VIII | fev.- 1929 | Programa do Estado de Minas Gerais no Desenvolvimento da Indústria Agropecuária | Djalma Pinheiro Chagas, Sec.de Agr. | | |
| 409 | 41 | VIII | fev.- 1929 | O Combate a Praga Cafeeira | Roseiro Aversa-Saccá | | |
| 410 | 41 | VIII | fev.- 1929 | Plantações - Charge | Raul | | |
| 411 | 41 | VIII | fev.- 1929 | Produção agrícola do Estado de Minas | B. H. Hunnicutt | | |
| 412 | 41 | VIII | fev.- 1929 | A vida rural na Dinamarca | E. C. Branson | | Trad. livro - Farm life abroad |

| | | | | | | | |
|-----|----|------|---------------|--------------------------------------------------------------|----------------------------------|---------------------|-----------------------------------------------------------------|
| 413 | 41 | VIII | fev.- 1929 | "Cho-Cho e a Fada Saúde | Eleanor Glendower Griffith | | |
| 414 | 41 | VIII | fev.- 1929 | A economia agrícola do país e do Estado (perguntas) | | | |
| 415 | 41 | VIII | fev.- 1929 | Editorial - Conservação de energia | | | |
| 416 | 41 | VIII | fev.- 1929 | Consultas | | | |
| 417 | 41 | VIII | fev.- 1929 | Informações úteis | | | |
| 418 | 41 | VIII | fev.- 1929 | Publicações | | | |
| 419 | 41 | VIII | fev.- 1929 | Dito do Fim | | | Transc. O Jornal |
| 420 | 41 | VIII | fev.- 1929 | Notas da Gerencia | | Raul Pederneiras | Transc. Minas Geraes |
| 421 | 42 | VIII | mar.- 1929 | A heroica conspiradora | Assis Cintra | | Transc. Cap. do Livro História que não vem da história |
| 422 | 42 | VIII | mar.- 1929 | A avicultura na Fazenda | Oswaldo Emrich | | |
| 423 | 42 | VIII | mar.- 1929 | A vida rural na Dinamarca | E. C. Branson | | |
| 424 | 42 | VIII | mar.- 1929 | O combate a praga cafeeira | Rosario Averna Saccá | | Transc. Instituto Biológico |
| 425 | 42 | VIII | mar.- 1929 | Cho-cho e a fada Saúde | Eleanor Glendowe Griffith | | |
| 426 | 42 | VIII | mar.- 1929 | Um punhado de grãos | Raul | | |
| 427 | 42 | VIII | mar.- 1929 | Produção agrícola do Estado de Minas | B. H. Hunnicut | | Transc. Estado de Minas |
| 428 | 42 | VIII | mar.- 1929 | Editorial - A chuva | O. T. Emrich | | |
| 429 | 42 | VIII | mar.- 1929 | Informações úteis | | | Transc. Resolução do Min. Agri. Castro Lyra |
| 430 | 42 | VIII | mar.- 1929 | Notas da gerencia | | | |
| 431 | 43 | VIII | abr.- 1929 | Grape-Fruits | Joaquim F. de Carvalho | | |
| 432 | 43 | VIII | abr.- 1929 | O Trigo "Florence" | B. de Oliveira Paiva | | |
| 433 | 43 | VIII | abr.- 1929 | A vida rural na Dinamarca | E. C. Branson | | |
| 434 | 43 | VIII | abr.- 1929 | Cho-cho e a Fada Saúde | Eleanor Glendower Griffith | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|------|---------------|---------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|--|-----------------------------------------------------------------------------------|
| 435 | 43 | VIII | abr.- 1929 | Situação da fruticultura | Walter Wolf Saur | | |
| 436 | 43 | VIII | abr.- 1929 | Economia agrícola do país e do Estado (perguntas e respostas) | | | |
| 437 | 43 | VIII | abr.- 1929 | Editorial - Zelo versus luxo | O. Emrich | | |
| 438 | 43 | VIII | abr.- 1929 | Consultas e Informações úteis | | | |
| 439 | 43 | VIII | abr.- 1929 | O combate à praga cafeeira | Dr. Rosário Averna-Saccá | | Transc. Instituto biológico |
| 440 | 43 | VIII | abr.- 1929 | Publicações | | | |
| 441 | 43 | VIII | abr.- 1929 | Notas da gerencia | | | |
| 442 | 44 | VIII | mai.- 1929 | Crédito agrícola | Guedesteu de Sá Pires (secretário de finanças do estado) | | |
| 443 | 44 | VIII | mai.- 1929 | O arado indispensável na lavoura moderna | Hunnicut | | Machinas Agricolas Essenciaes para uma lavoura racional - Secretaria do Estado MG |
| 444 | 44 | VIII | mai.- 1929 | O chá da índia em Ouro Preto | Josué Deslandes | | |
| 445 | 44 | VIII | mai.- 1929 | Trator | Walter Wolf Saur | | |
| 446 | 44 | VIII | mai.- 1929 | O silo | B. H. Hunnicut | | |
| 447 | 44 | VIII | mai.- 1929 | Editorial - Máquinas Agrícolas | | | |
| 448 | 44 | VIII | mai.- 1929 | Informações úteis | | | |
| 449 | 44 | VIII | mai.- 1929 | 7ª Exposição Agropecuária de Lavras | | | |
| 450 | 45 | VIII | jun.- 1929 | A avicultura na fazenda | Oswaldo Emrich | | |
| 451 | 45 | VIII | jun.- 1929 | Assuntos agrícolas | "O.F" | | O Estado de SP |
| 452 | 45 | VIII | jun.- 1929 | A estação chuvosa de 1928-1929 | Walter W. Saur | | |
| 453 | 45 | VIII | jun.- 1929 | A terra | Raul | | |
| 454 | 45 | VIII | jun.- 1929 | Análise do milho e seus derivados. Comércio estrangeiro dos | Walter W. Saur | | Boletim do United States of agricultur- Bureau of agricultural |

| | | | | | | | |
|-----|----|------|-----------|-------------------------------------------------------|----------------------------|--|----------------------------------------------------|
| | | | | Estados Unidos | | | economics |
| 455 | 45 | VIII | jun.-1929 | Cho-cho e a fada Saúde | | | Eleanor Clendower Crffith |
| 456 | 45 | VIII | jun.-1929 | A vida rural na Dinamarca | E. C. Branson | | |
| 457 | 45 | VIII | jun.-1929 | A produção agrícola de minas | B. H Hunnicutt | | |
| 458 | 45 | VIII | jun.-1929 | Editorial - Até que em fim | O. T. Emrich | | |
| 459 | 45 | VIII | jun.-1929 | Informações úteis | | | |
| 460 | 46 | VIII | jul.-1929 | Os nossos problemas de pecuária e fruticultura | Greminiano Lyra Castro | | |
| 461 | 46 | VIII | jul.-1929 | A primeira exposição geral de animais do Estado de SP | | | |
| 462 | 46 | VIII | jul.-1929 | Produção agrícola do Estado de Minas | | | |
| 463 | 46 | VIII | jul.-1929 | Cho-cho e a fada Saúde | Eleanor Glendower Griffith | | |
| 464 | 46 | VIII | jul.-1929 | Gado Frisio de Luneburgo | | | Trad. Manadas de Luneburgo- Karl Drieshaus |
| 465 | 46 | VIII | jul.-1929 | Visita ao Sr. Thomas E. Wilson ao Brasil | B. H. Hunnicutt | | |
| 466 | 46 | VIII | jul.-1929 | Editorial - Exposição de SP | O.Emrich | | |
| 467 | 46 | VIII | jul.-1929 | Embarques de Café em séries | | | trans. Comunicado da Sociedade Rural Brasileira |
| 468 | 46 | VIII | jul.-1929 | Informações úteis | | | |
| 469 | 46 | VIII | jul.-1929 | A escolha da semente da batatinha | | | Comunicado da Dir. de Publicidade da Sec. Da Agr. |
| 470 | 47 | VIII | ago.-1929 | A sétima exposição agropecuária de Lavras | | | |
| 471 | 47 | VIII | ago.-1929 | Um conto inédito de Joaquim Bentinho | Cornélio Pires | | Trans. Estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho |
| 472 | 47 | VIII | ago.-1929 | Cooperação agrícola Pan-Americana | | | Transc. |
| 473 | 47 | VIII | ago.-1929 | O zebu | | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|------|------------|------------------------------------------------------------------|--------------------------|--|-------------------------------------------------------------------------|
| 474 | 47 | VIII | ago.-1929 | Cho-cho e a fada Saúde | Eleanor Glendwer Griffyh | | |
| 475 | 47 | VIII | ago.-1929 | Considerações sobre o concurso de vacas leiteiras | Darwin Alvin | | |
| 476 | 47 | VIII | ago.-1929 | Editorial - Observando | O. T. Emrich | | |
| 477 | 47 | VIII | ago.-1929 | Informações úteis | | | |
| 478 | 47 | VIII | ago.-1929 | Recebemos e agradecemos | | | |
| 479 | 48 | VIII | set.-1929 | O tratamento do cafezal novo | B. H. Hunnicutt | | |
| 480 | 48 | VIII | set.-1929 | Experiência em galinicultura | Oswaldo Emrich | | |
| 481 | 48 | VIII | set.-1929 | Meio prático e econômico para a plantação de café | | | |
| 482 | 48 | VIII | set.-1929 | Entradas e liberação de "Escolha" na praça do RJ | | | |
| 483 | 48 | VIII | set.-1929 | O Major Sousa | | | Trans. Gustavo Barroso. A guerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 484 | 48 | VIII | set.-1929 | Editorial - Alguns conceitos sobre o café | O. Emrich | | |
| 485 | 48 | VIII | set.-1929 | Informações Úteis | | | |
| 486 | 49 | VIII | outu.-1929 | A vida rural- Um inquérito econômico-sociológico | B. H. Hunnicutt | | |
| 487 | 49 | VIII | outu.-1929 | A vida rural na Dinamarca | E. C. Branson | | |
| 488 | 49 | VIII | outu.-1929 | 4 "H" clubes - Grêmios agrícolas para a mocidade Norte-americana | | | |
| 489 | 49 | VIII | outu.-1929 | O Gado Zebu | O. F. | | |
| 490 | 49 | VIII | outu.-1929 | A guerra do Lopez- O papagaio do Ministro Washburn | | | Trans. Gustavo Barroso. A guerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 491 | 49 | VIII | outu.-1929 | A produção agrícola em Minas | | | |
| 492 | 49 | VIII | outu.-1929 | Editorial - No Campo | O. Emrich | | |
| 493 | 49 | VIII | outu.-1929 | Consultas | | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|------|----------------|----------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|--|-------------------------------------------------------------------------------------|
| 494 | 49 | VIII | outu.- 1929 | Informações úteis | | | |
| 495 | 50 | VIII | nov.- 1929 | O Problema do café | J. G. Pereira Lima | | Trans. O Jornal e do Estado de SP |
| 496 | 50 | VIII | nov.- 1929 | A eletricidade nas fazendas | Francisco S. Serra Negra | | trans. Estado de Minas Gerais |
| 497 | 50 | VIII | nov.- 1929 | Eletricidade é progresso | Walter Saur | | |
| 498 | 50 | VIII | nov.- 1929 | O gado zebu no Texas | | | Trans. Chácaras e Quintaes |
| 499 | 50 | VIII | nov.- 1929 | A vida rural - Um inquérito econômico sociológico | B. H. Hunnicut | | |
| 500 | 50 | VIII | nov.- 1929 | Factos auspiciosos | | | |
| 501 | 50 | VIII | nov.- 1929 | Circo de Escavalinhos | Monteiro Lobato | | Trasnc. Do Livro de Monteiro Lobato da Cia Editora Nacional |
| 502 | 50 | VIII | nov.- 1929 | O Algoz de Ibicuí | Gustavo Barroso | | Trans. Gustavo Barroso. A guerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 503 | 50 | VIII | nov.- 1929 | Editorial - Eletricidade nas fazendas | Oswaldo Emrich | | |
| 504 | 50 | VIII | nov.- 1929 | Informações úteis | | | |
| 505 | 51 | VIII | dez.- 1929 | O inquérito sobre o gado Zebu | | | |
| 506 | 51 | VIII | dez.- 1929 | A influencia do touro na hereditariedade dos caracteres leiteiros | Mário Moroni | | |
| 507 | 51 | VIII | dez.- 1929 | Produção agrícola do Estado de Minas | | | |
| 508 | 51 | VIII | dez.- 1929 | A guerra do Lopez- A surpresa de Caimbocá | Gustavo Barroso | | Trans. Gustavo Barroso. A guerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 509 | 51 | VIII | dez.- 1929 | O circo de Escavalinhos | Monteiro Lobato | | Trasnc. Do Livro de Monteiro Lobato da Cia Editora Nacional |
| 510 | 51 | VIII | dez.- 1929 | Editorial- Boi Zebu | O. Emrich | | |
| 511 | 51 | VIII | dez.- 1929 | Informações úteis | | | |
| 512 | 51 | VIII | dez.- 1929 | Consultas | | | |
| 513 | 52 | IX | jan.-1930 | Como orientar a citricultura no país | Ed. Navarro de Andrade | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|----|--------------|------------------------------------------------------------|---------------------------------------|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 514 | 52 | IX | jan.-1930 | "Packing-houses" | J. F. de Carvalho | | |
| 515 | 52 | IX | jan.-1930 | As laranjas mais cultivadas no Brasil | Instituto de expansão comercial | | Livro a Laranja no Brasil |
| 516 | 52 | IX | jan.-1930 | Sociedade Cooperativa dos citricultores paulistas | | | 8ª Circular |
| 517 | 52 | IX | jan.-1930 | Produção agrícola do Estado de Minas | | | |
| 518 | 52 | IX | jan.-1930 | A maluquice do capitão Dias | Gustavo Barroso | | Trans. Gustavo Barroso. A guerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 519 | 52 | IX | jan.-1930 | O circo de Escavalinhos | Monteiro Lobato | | Trasnc. Do Livro de Monteiro Lobato da Cia Editora Nacional |
| 520 | 52 | IX | jan.-1930 | Editorial - citros | O. Emrich | | |
| 521 | 52 | IX | jan.-1930 | Informações úteis | | | |
| 522 | 52 | IX | jan.-1930 | A fazenda Santa Helena | | | |
| 523 | 53 | IX | fev. 1930 | O gado Schwytz na sua terra nativa | A. E. Bower | | |
| 524 | 53 | IX | fev. 1930 | A defesa do café | National city Banc of New York | | Condições econômicas, finanças governamentais, apólices do governo norte- americano |
| 525 | 53 | IX | fev. 1930 | Pasta para papel | | | |
| 526 | 53 | IX | fev. 1930 | A ensilagem e o silo | Virgílio Penna | | |
| 527 | 53 | IX | fev. 1930 | Poder-se-á viver só da avicultura no Brasil? | | | |
| 528 | 53 | IX | fev. 1930 | O rebenque de Iataiti-corá | Gustavo Barroso | | Trans. Gustavo Barroso. A guerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 529 | 53 | IX | fev. 1930 | O circo de Escavalinhos | Monteiro Lobato | | Trasnc. Do Livro de Monteiro Lobato da Cia Editora Nacional |
| 530 | 53 | IX | fev. 1930 | Editorial - Nosso futuro | O. Emrich | | |
| 531 | 53 | IX | fev. 1930 | Consultas | | | |
| 532 | 53 | IX | fev. 1930 | Informações úteis | | | |
| 533 | 54 | IX | mar. 1930 | O desenvolvimento rodoviário em Minas | Walter Euler | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|----|-----------|-------------------------------------------|----------------------|--|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 534 | 54 | IX | mar. 1930 | Economia rodoviária | | | 2º Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem |
| 535 | 54 | IX | mar. 1930 | Pan-Americana rodoviário | Walter Wolf Saur | | |
| 536 | 54 | IX | mar. 1930 | Pan-Americana rodoviário | B. H. Hunnicutt | | Conferência de Hunnicutt no Rotary club RJ |
| 537 | 54 | IX | mar. 1930 | Laranjas... Laranjas | J. F. de Carvalho | | |
| 538 | 54 | IX | mar. 1930 | O circo de Escavalinho | Monteiro Lobato | | Trasnc. Do Livro de Monteiro Lobato da Cia Editora Nacional |
| 539 | 54 | IX | mar. 1930 | Associação Paulista de Boas estradas | | | |
| 540 | 54 | IX | mar. 1930 | Editorial - Estradas Rurais | O. Emrich | | |
| 541 | 54 | IX | mar. 1930 | Notas da gerência | | | |
| 542 | 55 | IX | abr.-1930 | O trigo rio-grandense | B. de Oliveira Paiva | | |
| 543 | 55 | IX | abr.-1930 | Socialismo agrícola | Walter Wolf Saur | | |
| 544 | 55 | IX | abr.-1930 | Minas agrícola | | | Minas Geraes |
| 545 | 55 | IX | abr.-1930 | O bem-estar social de uma fazenda do Peru | Rafael Larco Herrera | | Boletim 31 da série Saúde Pública e Bem estar infantil inserido na publicação da União Pan-americana, Washington D. C. |
| 546 | 55 | IX | abr.-1930 | O cavalo do tenente Tito | Gustavo Barroso | | Trans. Gustavo Barroso. A guerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 547 | 55 | IX | abr.-1930 | Editorial - Agricultura no papel | | | |
| 548 | 55 | IX | abr.-1930 | Publicações | | | |
| 549 | 55 | IX | abr.-1930 | Tecnologia da cana de açúcar | Juan Angel Soli | | Companhia Dollabella, Portella & Cia |
| 550 | 55 | IX | abr.-1930 | Mercado de frutas | | | |
| 551 | 55 | IX | abr.-1930 | Informações úteis | | | |
| 552 | 56 | IX | mai.-1930 | O Trator- uma máquina útil? | | | |
| 553 | 56 | IX | mai.-1930 | Congresso Internacional de | Walter W. Saur | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|----|-----------|------------------------------------------------------------------|---------------------|--|-------------------------------------------------------------------------|
| | | | | Agricultura Tropical | | | |
| 554 | 56 | IX | mai.-1930 | A lavoura explorada mecanicamente | Dirceu Duarte Braga | | |
| 555 | 56 | IX | mai.-1930 | Cultivador motor | | | |
| 556 | 56 | IX | mai.-1930 | Editorial - Maquinismo agrícola | O. Emrich | | |
| 557 | 56 | IX | mai.-1930 | Informações úteis | | | |
| 558 | 56 | IX | mai.-1930 | A criação de gado holandesa na fazenda Santa Helena (Caxambu-MG) | | | |
| 559 | 56 | IX | mai.-1930 | O ensino agrícola no Brasil | | | <i>O Campo - RJ</i> |
| 560 | 56 | IX | mai.-1930 | Notas da gerência | | | |
| 561 | 57 | IX | jun.-1930 | Ano ruim | Josué Deslandes | | |
| 562 | 57 | IX | jun.-1930 | A expansão econômica da borracha | Walter Wolf Saur | | |
| 563 | 57 | IX | jun.-1930 | Um Campeão da Agricultura mecânica | | | Tractor Farning - Chigago (International Harvester Company of America) |
| 564 | 57 | IX | jun.-1930 | O Problema do café | Pereiria Lima | | Instituto Mineiro de defesa do Café |
| 565 | 57 | IX | jun.-1930 | As lagrimas de carneiro de campos | Gusavo Barroso | | Trans. Gustavo Barroso. A guerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 566 | 57 | IX | jun.-1930 | Editorial - A fagulha | Oswaldo Emrich | | |
| 567 | 57 | IX | jun.-1930 | Informações úteis | | | |
| 568 | 57 | IX | jun.-1930 | Demonstração de Gado gordo | | | A vida dos Campos |
| 569 | 57 | IX | jun.-1930 | Notas da Gerência | | | |
| 570 | 58 | IX | jul.-1930 | A situação Mundial de suinocultura e dos seus derivados | Walter Wolf Saur | | |
| 571 | 58 | IX | jul.-1930 | Melhoramento dos suínos | O. T. Emrich | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|----|-----------|-------------------------------------------------------------------------------|---------------------|--|------------------------------------------------------------------------------------|
| 572 | 58 | IX | jul.-1930 | Caracterização do porco canastrão | | | Revista de Industria animal -SP |
| 573 | 58 | IX | jul.-1930 | A criação lucrativa de coelhos | Paulo Penna Ribas | | |
| 574 | 58 | IX | jul.-1930 | A batedeira ou cólera dos porcos | | | |
| 575 | 58 | IX | jul.-1930 | Produção agrícola de minas | | | |
| 576 | 58 | IX | jul.-1930 | Editorial - suinocultura nacional | O. T. Emrich | | |
| 577 | 58 | IX | jul.-1930 | Consultas | | | |
| 578 | 58 | IX | jul.-1930 | Um tratado sobre criação de coelhos em poucas linhas | | | |
| 579 | 58 | IX | jul.-1930 | Congresso de Itajubá | | | |
| 580 | 58 | IX | jul.-1930 | "Arena Agrícola" | | | |
| 581 | 59 | IX | Ago.-1930 | Terceiro Congresso comercial, industrial e agrícola do Estado de Minas Gerais | | | |
| 582 | 59 | IX | Ago.-1930 | A agroecologia e sua importância na indústria pastoril | Jacques Belmans | | These apresentada ao 3º Congresso Comercial, Industrial e Agrícola do Estado de MG |
| 583 | 59 | IX | Ago.-1930 | Informações gerais sobre a cidade de Itajubá | | | |
| 584 | 59 | IX | Ago.-1930 | Padronização dos nossos Produtos agrícolas | B. H. Hunnicutt | | These apresentada ao 3º Congresso Comercial, Industrial e Agrícola do Estado de MG |
| 585 | 59 | IX | Ago.-1930 | Conclusões e pareceres às teses apresentadas | | | |
| 586 | 59 | IX | Ago.-1930 | Editorial - Gesto Auspiciosos | O. T. Emrich | | |
| 587 | 59 | IX | Ago.-1930 | Rural | | | |
| 588 | 60 | IX | set.-1930 | Medida de alto alcance para o desenvolvimento agrícola do país | Arthur Torres Filho | | Diretor do serviço de inspeção e fomento agrícola do Ministério da agricultura |
| 589 | 60 | IX | set.-1930 | O governo das águas na agricultura | Wilson Hoehne | | |
| 590 | 60 | IX | set.-1930 | O Problema do café | Pereiria Lima | | Jornal do |

| | | | | | | | |
|-----|----|----|-----------|-----------------------------------------------------|-----------------|--|------------------------------------------------------------------------------|
| | | | | | | | Comércio |
| 591 | 60 | IX | set.-1930 | O gado suíço no Brasil | Hebert Luthy | | |
| 592 | 60 | IX | set.-1930 | A mulher na agricultura | Cesar Lourenço | | Discurso - reunião particular do Centro "Litero-agrícola da EAL" em 10/06/30 |
| 593 | 60 | IX | set.-1930 | Editorial - Sonhos? | O. T. Emrich | | |
| 594 | 60 | IX | set.-1930 | 1ª Exposição Regional Agropecuária de Guaratinguetá | | | |
| 595 | 60 | IX | set.-1930 | Informações úteis | | | |
| 596 | 61 | IX | out.-1930 | O leite e sua propaganda | Walter. W. Saur | | |
| 597 | 61 | IX | out.-1930 | Pecuária de corte | Virgilio Penna | | trans. O Estado de SP |
| 598 | 61 | IX | out.-1930 | De que depende a boa manteiga | Oswaldo Emrich | | |
| 599 | 61 | IX | out.-1930 | Defesa pastoril em Minas | | | trans. Comunicado do serviço de publicidade da Diretoria de estatística |
| 600 | 61 | IX | out.-1930 | Produção mundial de carne | | | |
| 601 | 61 | IX | out.-1930 | Editorial - Suinocultura em Minas | Oswaldo Emrich | | |
| 602 | 61 | IX | out.-1930 | Uma leguminosa útil: Feijão soja | B. H. Hunnicutt | | |
| 603 | 62 | IX | nov.-1930 | Minerais necessário as porcos | Jhon M. Eward | | |
| 604 | 62 | IX | nov.-1930 | Uma leguminosa útil: Feijão Soja | B. H. Hunnicutt | | |
| 605 | 62 | IX | nov.-1930 | O melhoramento do gado nas fazendas | Cesar Lourenço | | |
| 606 | 62 | IX | nov.-1930 | A cultura da cana do Norte de Minas | Juan Angel Soli | | |
| 607 | 62 | IX | nov.-1930 | Uma noite em assumpção | Gustavo Barroso | | Trans. Gustavo Barroso. A gerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 608 | 62 | IX | nov.-1930 | Editorial- Emprego de capital | O. T. Emrich | | |
| 609 | 62 | IX | nov.-1930 | Informações úteis | | | |
| 610 | 64 | X | jan.-1931 | A avicultura moderna como deve ser praticada | | | |
| 611 | 64 | X | jan.-1931 | Patos e marrecos | Oswaldo Emrich | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|---|-----------|-----------------------------------------------------------|---------------------|--|----------------------------------------------------------|
| 612 | 64 | X | jan.-1931 | A avicultura em nosso "hintlerland" | Mario Vilhena | | |
| 613 | 64 | X | jan.-1931 | A escolha de aves para uma granja avícola | | | |
| 614 | 64 | X | jan.-1931 | O Apetite dos pássaros | | | Trad. Le Petit Bizertin |
| 615 | 64 | X | jan.-1931 | A avicultura na Dinamarca | | | |
| 616 | 64 | X | jan.-1931 | A Galinicultura e a sua importância na economia do Estado | | | Trans. Seção de publicidade da diretoria de estatística. |
| 617 | 64 | X | jan.-1931 | Avicultura intensiva no Brasil | Charles Toutain | | |
| 618 | 64 | X | jan.-1931 | Editorial - 1931 | | | |
| 619 | 64 | X | jan.-1931 | Informações úteis | | | |
| 620 | 64 | X | jan.-1931 | Notas da gerencia | | | |
| 621 | 66 | X | mar.-1931 | Veterinária na fazenda | Oswaldo Emrich | | |
| 622 | 66 | X | mar.-1931 | Ervas tóxicas para o gado | F. C. Hoehne | | |
| 623 | 66 | X | mar.-1931 | Propaganda agrícola pelas estradas de Ferro | | | |
| 624 | 66 | X | mar.-1931 | A cultura e o melhoramento do milho | Frederick D. Rickey | | |
| 625 | 66 | X | mar.-1931 | A utilização do feijão soja | B. H. Hunnicutt | | |
| 626 | 66 | X | mar.-1931 | Editorial | | | |
| 627 | 66 | X | mar.-1931 | Informações úteis | | | |
| 628 | 66 | X | mar.-1931 | Notas da gerência | | | |
| 629 | 67 | X | abr.-1931 | A importação de Gado Jersey pelo Brasil | Walter Wolf Saur | | |
| 630 | 67 | X | abr.-1931 | Diversificação florestal na América tropical | W. T. Cox | | |
| 631 | 67 | X | abr.-1931 | Diversificação florestal na América tropical | Major Jorge Ahern | | |
| 632 | 67 | X | abr.-1931 | Aviário da Escola Agrícola de Lavras | Oswaldo Emrich | | |
| 633 | 67 | X | abr.-1931 | A importância da estatística agrícola | Augusto Lourenço | | |
| 634 | 67 | X | abr.-1931 | Editorial - criação nacional | Oswaldo Emrich | | |
| 635 | 67 | X | abr.-1931 | Informações úteis | | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|---|---------------|----------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|------|--|
| 636 | 67 | X | abr.- 1931 | Notas da gerência | | | |
| 637 | 69 | X | jun.- 1931 | Os Magnos Problemas de nosso <i>Hinterland</i> | Walter Saur | Wolf | |
| 638 | 69 | X | jun.- 1932 | 1-Um congresso ainda não realizado "O congresso da vida rural" | Walter Saur | Wolf | |
| 639 | 69 | X | jun.- 1931 | 2- Socialismo agrícola | Walter Saur | Wolf | |
| 640 | 69 | X | jun.- 1931 | 3- Um inquérito original | Walter Saur | Wolf | |
| 641 | 69 | X | jun.- 1931 | 4- Não basta ensinar, é preciso educar | Walter Saur | Wolf | |
| 642 | 69 | X | jun.- 1931 | 5- a segunda necessidade rural: vias de comunicação | Walter Saur | Wolf | |
| 643 | 69 | X | jun.- 1931 | 6-Um dever humanitário: assistência às populações rurais | Walter Saur | Wolf | |
| 644 | 69 | X | jun.- 1931 | 7- um pouco de genética aplicada: Eugenia e euthenia rurais brasileiras | Walter Saur | Wolf | |
| 645 | 69 | X | jun.- 1931 | Métodos de combate as doenças das plantas | Merton Waite | B. | |
| 646 | 69 | X | jun.- 1931 | Notas de agronomia | | | |
| 647 | 70 | X | Jul.-1931 | O centenário da ceifadeira | | | |
| 648 | 70 | X | Jul.-1931 | "Catch Crops"- Culturas intercalares | John Wheelock | | |
| 649 | 70 | X | Jul.-1931 | Informações úteis | | | |
| 650 | 70 | X | Jul.-1931 | O trigo "floresce" | | | |
| 651 | 70 | X | Jul.-1931 | Informações Úteis | | | |
| 652 | 70 | X | Jul.-1931 | Notas da gerencia | | | |
| 653 | 71 | X | ago.- 1931 | O comercio de exportação de laranjas | Joaquim Ferreira de Carvalho | | |
| 654 | 71 | X | ago.- 1931 | O imposto municipal e a sua majoração | | | |
| 655 | 71 | X | ago.- 1931 | O perigo japonês | Cesar Lourenço | | |
| 656 | 71 | X | ago.- 1931 | O ensino agrícola nos Estados Unidos da América | | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|---|-------------|---------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|--|---------------------------|
| 657 | 71 | X | ago.-1931 | Editorial Fruticultura | O. Emrich | | |
| 658 | 71 | X | ago.-1931 | Consultas | | | |
| 659 | 71 | X | ago.-1931 | Informações úteis | | | |
| 660 | 71 | X | ago.-1931 | Notas da Gerência | | | |
| 661 | 72 | X | set.-1931 | Fruticultura | Josué Deslandes | | |
| 662 | 72 | X | set.-1931 | A feira de amostras de Juiz de Fora | José Guimarães Duque | | |
| 663 | 72 | X | set.-1931 | Primeira Exposição de milho na escola superior de agricultura e veterinária de Viçosa | B. H. Hunnicutt | | |
| 664 | 72 | X | set.-1931 | Oitava Exposição agropecuária de Lavras | | | |
| 665 | 72 | X | set.-1931 | Editorial- apatia agrícola | O. T. Emrich | | |
| 666 | 72 | X | set.-1931 | Cooperação Interamericana em assuntos de estatísticas agrícolas | L. C. Gray | | |
| 667 | 72 | X | set.-1931 | Notas da Gerencia | | | |
| 668 | 74 | X | nov. - 1931 | Para um Brasil maior... | Adriano Vaz de Carvalho | | |
| 669 | 74 | X | nov. - 1931 | O porco e sua criação lucrativa | B. H. Hunnicutt | | |
| 670 | 74 | X | nov. - 1931 | Curso abreviado da citricultura | H. Bruno | | |
| 671 | 74 | X | nov. - 1931 | Editorial - milho versus porco | O. T. Emrich | | |
| 672 | 74 | X | nov. - 1931 | Economia e finanças: informações, debates, estatísticas e divulgações | | | trans. O correio da manhã |
| 673 | 74 | X | nov. - 1931 | Informações úteis | | | |
| 674 | 74 | X | nov. - 1931 | Notas da gerência | | | |
| 675 | 75 | X | dez.-1931 | O porco e sua criação lucrativa | B. H. Hunnicutt | | |
| 676 | 75 | X | dez.-1931 | Charge- Os porcos no orçamento | Raul | | |
| 677 | 75 | X | dez.-1931 | A cultura do milho | O. T. Emrich | | |
| 678 | 75 | X | dez.- | Para melhorar a | | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|----|-----------|-----------------------------------------------------------|---------------------------|--|-------------------------------------------------------------------------|
| | | | 1931 | fruticultura no Brasil | | | |
| 679 | 75 | X | dez.-1931 | Regime alimentar de bovinos | Wilson Hoehne | | |
| 680 | 75 | X | dez.-1931 | A morte do Lobo | Gustavo Barroso | | Trans. Gustavo Barroso. A guerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 681 | 75 | X | dez.-1931 | Um facto auspicioso e digno de ser imitado | | | |
| 682 | 75 | X | dez.-1931 | Seleção em agricultura | | | |
| 683 | 75 | X | dez.-1931 | Editorial - nosso programa | Oswaldo Emrich | | |
| 684 | 75 | X | dez.-1931 | Informações úteis | | | |
| 685 | 75 | X | dez.-1931 | Associação dos Ex-Alunos do Instituto Gammon | | | |
| 686 | 77 | XI | fev.-1932 | Erramos na defesa do café? | Walter Wolf Saur | | |
| 687 | 77 | XI | fev.-1932 | Parasitismo | Wilson Hoehne | | |
| 688 | 77 | XI | fev.-1932 | Importação de plantas em face da defesa sanitária vegetal | | | Trans. Serviço de vigilância sanitária vegetal |
| 689 | 77 | XI | fev.-1932 | O porco e sua criação lucrativa | B. H. Hunnicutt | | |
| 690 | 77 | XI | fev.-1932 | Alimentação da vaca leiteira | Lazaro Azevedo Filho | | |
| 691 | 77 | XI | fev.-1932 | A repreensão de Tamandaré | Gustavo Barroso | | Trans. Gustavo Barroso. A guerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 692 | 77 | XI | fev.-1932 | Vamos criar coelhos? | Mario Vilhena | | |
| 693 | 77 | XI | fev.-1932 | Associação dos Ex-Alunos do Instituto Gammon | | | |
| 694 | 78 | XI | mar.-1932 | El-Rey café | Josué Deslandes | | |
| 695 | 78 | XI | mar.-1932 | O milho e sua cultura lucrativa | B. H. Hunnicutt | | |
| 696 | 78 | XI | mar.-1932 | A melanose das citráceas | Nestor Barcellos Fagundes | | |
| 697 | 78 | XI | mar.-1932 | A cultura da batatinha no Sul de Minas Gerais | Arséne Putmans | | |
| 698 | 78 | XI | mar.-1932 | Parasitismo | Wilson Hoehne | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|----|---------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|--|-------------------------------------------------------------------------|
| 699 | 78 | XI | mar.- 1932 | Instruções para a colheita e remessa de plantas doentes para exame fitopatológico | Heitor V. da Silveira Grillo | | |
| 700 | 78 | XI | mar.- 1932 | Baiano dorminhoco | Gustavo Barroso | | Trans. Gustavo Barroso. A guerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 701 | 78 | XI | mar.- 1932 | Informações úteis | | | |
| 702 | 79 | XI | abr.- 1932 | Optimismo americano | Walter. W. Saur | | |
| 703 | 79 | XI | abr.- 1932 | Prática | José Coelho da Silva | | |
| 704 | 79 | XI | abr.- 1932 | Um meio de aumentar a produção do milho | Wilson Hoehne | | |
| 705 | 79 | XI | abr.- 1932 | Parasitismo | Dierberger & Cia | | |
| 706 | 79 | XI | abr.- 1932 | A noqueira do óleo Tung | B. H. Hunnicutt | | |
| 707 | 79 | XI | abr.- 1932 | O milho e sua cultura lucrativa | Cornélio Pires | | |
| 708 | 79 | XI | abr.- 1932 | De acordo com o apicultor Joaquim Bentinho consegue abelhar que produzem o dobro de abelhas comuns | N. Scheleff | | |
| 709 | 79 | XI | abr.- 1932 | A febre aftosa na Bulgária e seu tratamento quimioterápico | | | |
| 710 | 79 | XI | abr.- 1932 | Informações úteis | | | |
| 711 | 79 | XI | abr.- 1932 | Notas da gerencia | | | |
| 712 | 80 | XI | mai.- 1932 | Urbanismo no Brasil | Fernando Camargo | | |
| 713 | 80 | XI | mai.- 1932 | Carrapatos | Oswaldo Emrich | | |
| 714 | 80 | XI | mai.- 1932 | A cultura da batatinha no Sul de Minas Gerais | Arséne Putmans | | |
| 715 | 80 | XI | mai.- 1932 | Para fazer leguminosas produzirem mais-Inocular! | John Wheelock | | |
| 716 | 80 | XI | mai.- 1932 | Direito rural | Martins Pulhano | | |
| 717 | 80 | XI | mai.- 1932 | A podridão negra da videira | Heitor V. da Silveira Grillo | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|----|-----------|--------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|--|-------------------------------------------------------------------------|
| 718 | 80 | XI | mai.-1932 | Solos e adubos na cultura do milho | B. H. Hunnicutt | | |
| 719 | 80 | XI | mai.-1932 | Teorias de evolução aplicadas á agricultura moderna | José Ferreira Leite | | |
| 720 | 80 | XI | mai.-1932 | Pela defesa dos pomares | | | Trans. Circular do Serviço de vigilância do instituto biológico |
| 721 | 80 | XI | mai.-1932 | Exposição de milho em Viçosa | J. C.Bello Lisbôa | | |
| 722 | 80 | XI | mai.-1932 | Informações úteis | | | |
| 723 | 80 | XI | mai.-1932 | Consultas | | | |
| 724 | 81 | XI | jun.-1932 | A grande Feira Industrial-Agrícola de Belo Horizonte | | | |
| 725 | 81 | XI | jun.-1932 | Influência do meio artificial na pecuária | Oswaldo Emrich | | |
| 726 | 81 | XI | jun.-1932 | Citricultura | Gastão Homem de Mello | | |
| 727 | 81 | XI | jun.-1932 | Congresso dos Lavradores Mineiros de café em Belo Horizonte | | | |
| 728 | 81 | XI | jun.-1932 | Charge- A terra | Raul | | |
| 729 | 81 | XI | jun.-1932 | Contabilidade agrícola | Sylvio Moreira | | |
| 730 | 81 | XI | jun.-1932 | Melhoramento da produção suína | Joaquim Vílhena Reis | | |
| 731 | 81 | XI | jun.-1932 | Modo de determinar a quantidade de sementes para se plantar uma área conhecida | José Coelho da Silva | | |
| 732 | 81 | XI | jun.-1932 | Urbanismo no Brasil | Fernando Camargo | | |
| 733 | 81 | XI | jun.-1932 | O Corneta da Morte | Gustavo Barroso | | Trans. Gustavo Barroso. A guerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 734 | 81 | XI | jun.-1932 | Informações úteis | | | |
| 735 | 82 | XI | jul.-1932 | A criação de zebu | Oswaldo Emrich | | |
| 736 | 82 | XI | jul.-1932 | Batatas | Josué Deslandes | | |
| 737 | 82 | XI | jul.-1932 | A poda da | J. S. Ladeira | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|----|---------------|-------------------------------------------------------------|--------------------------------|--|-------------------------------------------------------------------------------------|
| | | | | laranjeira | | | |
| 738 | 82 | XI | jul.-1932 | Direito Rural | J. Martins Palhano | | |
| 739 | 82 | XI | jul.-1932 | Notas da 1ª Exposição Cafeeira de Agua Branca - SP | Walter Wolf Saur | | |
| 740 | 82 | XI | jul.-1932 | Uma campanha digna de louvor | | | |
| 741 | 82 | XI | jul.-1932 | O Corneta da Morte | Gustavo Barroso | | Trans. Gustavo Barroso. A guerra do Lopez 3ªed, Cia Editora Nacional SP |
| 742 | 82 | XI | jul.-1932 | Informações úteis | | | |
| 743 | 83 | XI | ago.- 1932 | Medicina veterinária autóctone | Américo Braga | | |
| 744 | 83 | XI | ago.- 1932 | Melhoramentos de variedades de cana | Geraldo Portella Azevedo | | |
| 745 | 83 | XI | ago.- 1932 | Horticultura escolar | Oswaldo Emrich | | |
| 746 | 83 | XI | ago.- 1932 | Análise física dos solos | Aarão Soares da Rocha | | |
| 747 | 83 | XI | ago.- 1932 | Manchas das frutas produzidas por acarídeos | | | |
| 748 | 83 | XI | ago.- 1932 | Capim Elefante | Gastão Homem de Mello | | |
| 749 | 83 | XI | ago.- 1932 | Um decreto útil e benemérito sobre a caça e a pesca | | | |
| 750 | 83 | XI | ago.- 1932 | Informações úteis | | | |
| 751 | 83 | XI | ago.- 1932 | Notas da gerência | | | |
| 752 | 84 | XI | set.-1932 | A luta contra a febre aftosa | Américo Braga | | |
| 753 | 84 | XI | set.-1932 | Análise física do solo | Aarão Soares da Rocha | | |
| 754 | 84 | XI | set.-1932 | O cavalo de sela e sua utilização na fazenda | Oswaldo Emrich | | |
| 755 | 84 | XI | set.-1932 | Doenças das citráceas | J. Vilhena Reis | | |
| 756 | 84 | XI | set.-1932 | Instruções para a captura e remessa de serpentes | | | |
| 757 | 84 | XI | set.-1932 | O café | | | |
| 758 | 84 | XI | set.-1932 | Pró-agricultura | Sylvio Moreira | | |
| 759 | 84 | XI | set.-1932 | Charge - Um punhado de grãos | Raul | | |

| | | | | | | | |
|-----|----|-----|-----------|--------------------------------------------------------------------------|-----------------------|----------------------|------------------------------------------------------------------------------|
| 760 | 84 | XI | set.-1932 | Informações úteis | | | |
| 761 | 85 | XI | out.-1932 | Os problemas florestais mineiros | José Guimarães Duque | | |
| 762 | 85 | XI | out.-1932 | Charge- O Brasil é essencialmente agrícola | Raul | | |
| 763 | 85 | XI | out.-1932 | Cooperativismo e seu desenvolvimento | J. F. Vilhena Reis | | |
| 764 | 85 | XI | out.-1932 | Tratamento das mordeduras de serpentes venenosas pelos soros específicos | | | |
| 765 | 85 | XI | out.-1932 | Calendário Agrícola | | | |
| 766 | 86 | XI | nov.-1932 | Apelo aos lavradores mineiros | Carlos Coimbra da Luz | | Secretaria de Agricultura MG |
| 767 | 86 | XI | nov.-1932 | A situação do café | | | Barbosa, Albuquerque & Cia. - Rio |
| 768 | 86 | XI | nov.-1932 | Relações dos seres vivos | José Leite | | |
| 769 | 86 | XI | nov.-1932 | O problema nacional: Construir estradas | Theodomiro Rothier | | |
| 770 | 86 | XI | nov.-1932 | A seca do nordeste | O. Mundim | | |
| 771 | 86 | XI | nov.-1932 | Sobre o comercio de laranjas | | | |
| 772 | 86 | XI | nov.-1932 | Calendário Agrícola | | | |
| 773 | 86 | XI | nov.-1932 | O colono nacional | Sylvio Moreira | | |
| 774 | 86 | XI | nov.-1932 | Compostos | Ilse Souza | | |
| 775 | 86 | XI | nov.-1932 | Comércio internacional de plantas e produtos vegetais | | | |
| 776 | 98 | XIV | jan.-1935 | Dois certames de grande interesse para as classes rurais | | | |
| 777 | 98 | XIV | jan.-1935 | Dr. John H. Wheelock | | Dr. John H. Wheelock | |
| 778 | 98 | XIV | jan.-1935 | Defesa vegetal | | | Fiscalização Sanitária exercida no comercio de vegetais e produtos agrícolas |
| 779 | 98 | XIV | jan.-1935 | Ensino agrícola | Costa Rego | | Transc. O Correio |

| | | | | | | | |
|-----|----|-----|-----------|------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------|------------------------------------------------------|
| | | | | | | | da Manhã |
| 780 | 98 | XIV | jan.-1935 | Dois Cerambicídeos que broqueiam o jiló | Ocar Monte | | |
| 781 | 98 | XIV | jan.-1935 | Dr. Dirceu Braga | | Dirceu Braga | |
| 782 | 98 | XIV | jan.-1935 | Moléstias e acidentes na cultura do trigo | Osório Faria Franco | | |
| 783 | 98 | XIV | jan.-1935 | Multiplicação do fícus benjamina e notas sobre sua cultura | J. F. Castro | | |
| 784 | 98 | XIV | jan.-1935 | Animais úteis | Ezechias Heringer | | |
| 785 | 98 | XIV | jan.-1935 | Observações sobre o nordeste e os trabalhos contra a seca | Klaus Fest | | |
| 786 | 98 | XIV | jan.-1935 | O Abacaxi | Isaias Deslandes | | |
| 787 | 98 | XIV | jan.-1935 | Dois grandes pragas do algodão | Manoel Alvez de Oliveira | | |
| 788 | 98 | XIV | jan.-1935 | Nogueira Brasileira para formação de cerca viva | Adolfo Wahnschaffe | | |
| 789 | 98 | XIV | jan.-1935 | Multiplicação da laranja por enxertia | Mauro Dutra Ladeira | | |
| 790 | 98 | XIV | jan.-1935 | Cooperativa dos poli cultores de Santa Cruz - DF | | | |
| 791 | 98 | XIV | jan.-1935 | Informações úteis | | | |
| 792 | 98 | XIV | jan.-1935 | Bracatinga (mimosa bracatinga) | P.C. Hohene | | Trans. Revista agrícola "O Campo" RJ 1930 |
| 793 | 98 | XIV | jan.-1935 | Charge- O Brasil é essencialmente agrícola... | Raul | | |
| 794 | 98 | XIV | jan.-1935 | A bananeira | | | Trans. Revista Pará Agrícola, dez. 1934 Belém - Pará |
| 795 | 99 | XIV | fev.-1935 | Editorial | | | |
| 796 | 99 | XIV | fev.-1935 | Adubação com as escórias de Thomas | José Ladeira | | |
| 797 | 99 | XIV | fev.-1935 | Notas sobre fenação | Manuel Tavares de Mello | | |
| 798 | 99 | XIV | fev.-1935 | Observações sobre o nordeste e os trabalhos contra a seca | Klaus Fest | | |

| | | | | | | | |
|-----|-----|-----|---------------|----------------------------------------------------------------------------|--------------------------|---------|------------------------------|
| 799 | 99 | XIV | fev.- 1935 | Beleza incomparável das flores | Agneor Fonseca Júnior | | |
| 800 | 99 | XIV | fev.- 1935 | Silvicultura ao alcance de todos | Adolf Wahnschaffe | | |
| 801 | 99 | XIV | fev.- 1935 | Dr. Octavio Lamartine | | Póstuma | |
| 802 | 99 | XIV | fev.- 1935 | As cinco principais avenidas | | | |
| 803 | 99 | XIV | fev.- 1935 | Conservação de cereais e grãos leguminosos | J. F. Castro | | |
| 804 | 99 | XIV | fev.- 1935 | Carbúnculo verdadeiro | | | O Jornal - RJ |
| 805 | 99 | XIV | fev.- 1935 | O ensino agronômico no Brasil | Ezechias Heringer | | |
| 806 | 99 | XIV | fev.- 1935 | A campanha contra a saúva | | | |
| 807 | 99 | XIV | fev.- 1935 | Notas sobre ensilagem | J. Guimarães Duque | | |
| 808 | 99 | XIV | fev.- 1935 | Informações úteis | | | |
| 809 | 99 | XIV | fev.- 1935 | Campinas: o empobrecimento das terras | | | |
| 810 | 99 | XIV | fev.- 1935 | Dr. Vicente Rangel de Sá | | | |
| 811 | 99 | XIV | fev.- 1935 | Potyguarania | | | |
| 812 | 100 | XIV | mar.- 1935 | O crédito agrícola em minas | | | |
| 813 | 100 | XIV | mar.- 1935 | É possível administrar bem os negócios públicos sem estatísticas? | Benedicto Silva | | Ministério da Agricultura |
| 814 | 100 | XIV | mar.- 1935 | O Valor da Indústria nacional | Jeremias P. Filho | | Enviado Especial |
| 815 | 100 | XIV | mar.- 1935 | Essências florestais | Ezechias Heringer | | |
| 816 | 100 | XIV | mar.- 1935 | Parques nacionais | Walter Wolf Saur | | |
| 817 | 100 | XIV | mar.- 1935 | Alimentação na avicultura | | | |
| 818 | 100 | XIV | mar.- 1935 | Rotação das culturas | Alquéres Baptista | | |
| 819 | 100 | XIV | mar.- 1935 | Erosão | | | O Estado de SP |
| 820 | 100 | XIV | mar.- 1935 | Observações sobre o nordeste e os trabalhos contra a seca | Klaus Fest | | |
| 821 | 100 | XIV | mar.- 1935 | 9º Aniversário do Centro-Lítero | | | |

| | | | | Agrícola | | | |
|-----|-----|-----|---------------|--------------------------------------------------------------------|----------------------------|--|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 822 | 100 | XIV | mar.- 1935 | Justiça espantalho | J. Martins Palhano | | |
| 823 | 100 | XIV | mar.- 1935 | Charge- Um punhado de grãos | Raul | | |
| 824 | 100 | XIV | mar.- 1935 | Informações úteis | | | |
| 825 | 100 | XIV | mar.- 1935 | Exposição Nacional algodoeira | | | |
| 826 | 100 | XIV | mar.- 1935 | Batalhões Rurais | Demerval Frossard | | |
| 827 | 100 | XIV | mar.- 1935 | Publicações recebidas | | | |
| 828 | 101 | XIV | abr.- 1935 | Dr. Odilon Braga | | | |
| 829 | 101 | XIV | abr.- 1935 | Semana ruralista de Lavras | | | |
| 830 | 101 | XIV | abr.- 1935 | Colheitas e embalagem das laranjas | Bernd Bartels | | |
| 831 | 101 | XIV | abr.- 1935 | Observações sobre o nordeste e os trabalhos contra a seca | Klaus Fest | | |
| 832 | 101 | XIV | abr.- 1935 | O Valor da Indústria nacional | Jeremias Pinheiro Filho | | |
| 833 | 101 | XIV | abr.- 1935 | Quadro animador | | | |
| 834 | 101 | XIV | abr.- 1935 | Informações estatísticas e econômicas | | | Comunicado da Diretoria de Estatística da Produção- Seção de Documentação e Informações |
| 835 | 101 | XIV | abr.- 1935 | A pecuária Brasileira recebe uma onda de sangue puro | | | |
| 836 | 101 | XIV | abr.- 1935 | Visita de cordialidade ao sítio do Sr. João modesto | | | |
| 837 | 101 | XIV | abr.- 1935 | Informações úteis | | | |
| 838 | 101 | XIV | abr.- 1935 | Problemas de agrônomo | Clovis Nery | | |
| 839 | 101 | XIV | abr.- 1935 | Campanha contra a saúva | | | |
| 840 | 101 | XIV | abr.- 1935 | Zona da Matta- Caparaó: o seu grandioso futuro | Dermeval Frossard | | |
| 841 | 101 | XIV | abr.- 1935 | A colheita do algodão | Cruz Martins | | |

| | | | | | | | |
|-----|-----|-----|---------------|-----------------------------------------------------------|--------------------------|------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 842 | 101 | XIV | abr.- 1935 | Publicações recebidas | | | |
| 843 | 102 | XIV | mai.- 1935 | Editorial Auspiciosos acontecimentos | | | |
| 844 | 102 | XIV | mai.- 1935 | Homenagem ao Dr. Frank F. Backer | | Dr. Frank F. Backer | |
| 845 | 102 | XIV | mai.- 1935 | Campos de cooperação | Edywald Soeiro Emrich | | |
| 846 | 102 | XIV | mai.- 1935 | Informações estatísticas econômicas e | | | Comunicado da Diretoria de Estatística da Produção - Secção de Documentação e Informações |
| 847 | 102 | XIV | mai.- 1935 | Irrigação no Nordeste | Klaus Fest | | |
| 848 | 102 | XIV | mai.- 1935 | Educação rural | João Porto Souza | | |
| 849 | 102 | XIV | mai.- 1935 | Excursão à Terra Bandeirante | Garilbaldi Dantas | | |
| 850 | 102 | XIV | mai.- 1935 | Notas sobre a cultura do eucalipto | Mario Vilhena | | |
| 851 | 102 | XIV | mai.- 1935 | A colheita do algodão | Cruz Martins | | |
| 852 | 102 | XIV | mai.- 1935 | A cruzada lavrense pela difusão da agricultura | Roberto Coimbra | | A Gazeta- Lavras |
| 853 | 102 | XIV | mai.- 1935 | Publicações recebidas | | | |
| 854 | 102 | XIV | mai.- 1935 | Meio prático de determinar a acidez do solo | | | |
| 855 | 102 | XIV | mai.- 1935 | Arar é orar | | | |
| 856 | 102 | XIV | mai.- 1935 | Humorismo Avícola | | | Chácaras e Quintaes |
| 857 | 103 | XIV | jun.- 1935 | Editorial | | | |
| 858 | 103 | XIV | jun.- 1935 | Conservação de cereais e grãos leguminosos | J. F. Castro | | |
| 859 | 103 | XIV | jun.- 1935 | Nogueira Brasileira como fornecedora de combustível | Adolfo Wahnschaffe | | |
| 860 | 103 | XIV | jun.- 1935 | Guerra à saúva | Osorio Faria Franco | | |
| 861 | 103 | XIV | jun.- 1935 | Colheitas e embalagem das laranjas | Bernd Bartels | | |
| 862 | 103 | XIV | jun.- 1935 | Um grande inimigo | José Mendes | | |
| 863 | 103 | XIV | jun.- 1935 | Irrigação no Nordeste | Klaus Fest | | |

| | | | | | | | |
|-----|-----|-----|-----------|------------------------------------------------------------------------------|---------------------|---------------------|-----------------------------------------------|
| 864 | 103 | XIV | jun.-1935 | A importância da boa semente na produção agrícola | Aurino Moraes | | |
| 865 | 103 | XIV | jun.-1935 | No cafezal do Sr. José Moura | José Moura | | |
| 866 | 103 | XIV | jun.-1935 | Informações estatísticas e econômicas | | | |
| 867 | 103 | XIV | jun.-1935 | "O Agricultor" | | | |
| 868 | 103 | XIV | jun.-1935 | Da sociedade citrícola de SP | | | |
| 869 | 104 | XIV | jul.-1935 | Editorial - Homenagem Alberto Torres | | Alberto Torres | |
| 870 | 104 | XIV | jul.-1935 | Primeira Semana Ruralista de Lavras | | | |
| 871 | 104 | XIV | jul.-1935 | Nona Exposição Agropecuária de Lavras | | | |
| 872 | 104 | XIV | jul.-1935 | Parasitologia | F. Roca Dorval | | |
| 873 | 104 | XIV | jul.-1935 | Rasgando novos horizontes a Pecuária Brasileira | | | |
| 874 | 104 | XIV | jul.-1935 | Nogueira Brasileira | Adolfo Wahnschaffe | | |
| 875 | 104 | XIV | jul.-1935 | Guerra a saúva | Osório Faria Franco | | |
| 876 | 104 | XIV | jul.-1935 | Seção de pluviometria e inundações | | | Serviço de águas do ministério da agricultura |
| 877 | 104 | XIV | jul.-1935 | Fruto maravilhoso: laranjas e as suas propriedades nutritivas e terapêuticas | Pedro Araújo | | Revista sul Americana |
| 878 | 104 | XIV | jul.-1935 | Informações úteis | | | |
| 879 | 104 | XIV | jul.-1935 | Publicações | | | |
| 880 | 104 | XIV | jul.-1935 | "O Agricultor" | | | |
| 881 | 104 | XIV | jul.-1935 | Silvio Moreira | | Silvio Moreira (Bi) | |
| 882 | 104 | XIV | jul.-1935 | Informações Estatísticas e econômicas | | | |
| 883 | 104 | XIV | jul.-1935 | Dr. José Mendes | | Dr. José Mendes | |
| 884 | 104 | XIV | jul.-1935 | Usina de Divinópolis | Antônio Gravatá | | |
| 885 | 104 | XIV | jul.-1935 | Horticultura | Klaus Fest | | |
| 886 | 105 | XIV | ago.-1935 | Editorial - Reorganização agrônômica | | | |

| | | | | | | | |
|-----|-----|-----|-----------|------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|-------------------------|--------------------------------------------------|
| 887 | 105 | XIV | ago.-1935 | Agricultura racional | José Victor Barbosa | | |
| 888 | 105 | XIV | ago.-1935 | Doenças do cafeeiro | Josué Deslandes | | |
| 889 | 105 | XIV | ago.-1935 | A lenda da Jequitiranaboia | Oscar Monte | | |
| 890 | 105 | XIV | ago.-1935 | Sob o mesmo teto | | | |
| 891 | 105 | XIV | ago.-1935 | Jeremias Pinheiro filho | | Jeremias Pinheiro Filho | |
| 892 | 105 | XIV | ago.-1935 | Parasitologia | Roca Dorval | | |
| 893 | 105 | XIV | ago.-1935 | Produzi cafés finos | | | |
| 894 | 105 | XIV | ago.-1935 | Sericicultura | José Ferreira da Costa | | |
| 895 | 105 | XIV | ago.-1935 | Usina de Divinópolis | Antônio Gravatá | | |
| 896 | 105 | XIV | ago.-1935 | Cultura do algodão | Josué Jorge | | |
| 897 | 106 | XIV | set.1935 | Elogio da terra | Silvio Moreira | | Transc. Lido em sessão do Centro Litéro-Agrícola |
| 898 | 106 | XIV | set.1935 | Editorial - Uma nova jornada | | | |
| 899 | 106 | XIV | set.1935 | O despulpamento na produção de cafés finos | Geraldo Oscar Domingues Machado | | |
| 900 | 106 | XIV | set.1935 | Necessita o agrônomo de conhecimentos veterinários? | Ezelino Amadio Falzoni | | |
| 901 | 106 | XIV | set.1935 | Cultura do algodão | Josué Jorge | | |
| 902 | 106 | XIV | set.1935 | Sericicultura | José Ferreira da Costa | | |
| 903 | 106 | XIV | set.1935 | Parasitologia: ponto de partida para trabalhos de defesa econômica e higiene rural | F. Roca Dordal | | |
| 904 | 106 | XIV | set.1935 | Agricultura racional | José Victor Barbosa | | |
| 905 | 106 | XIV | set.1935 | O problema da conservação de forragens na seca | Agostinho Dourado | | |
| 906 | 107 | XIV | out.-1935 | Em torno da sericultura | Mario Vilhena | | |
| 907 | 107 | XIV | out.-1935 | Consultas | | | |
| 908 | 107 | XIV | out.-1935 | O despulpamento na produção de cafés finos | Geraldo Oscar Domingues Machado | | |

| | | | | | | | |
|-----|-------------|-----|---------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|-------------|--|
| 909 | 107 | XIV | out.- 1935 | O problema da conservação de forragens na seca | Agostinho Dourado | | |
| 910 | 107 | XIV | out.- 1935 | Parasitologia: ponto de partida para trabalhos de defesa econômica e Higiene rural | F. Roca Dordal | | |
| 911 | 107 | XIV | out.- 1935 | Necessita o agrônomo de conhecimentos veterinários? | Ezelino Amadio Falzoni | | |
| 912 | 107 | XIV | out.- 1935 | Agricultura racional | José Victor Barbosa | | |
| 913 | 107 | XIV | out.- 1935 | Campanha contra a saúva | | | |
| 914 | 107 | XIV | out.- 1935 | Edgar Regis | | Edgar Regis | |
| 915 | 107 | XIV | out.- 1935 | Uma raça de gado que convém aos países sujeitos à seca | | | |
| 916 | 107 | XIV | out.- 1935 | Problema da pecuária nacional | Moacyr Pedro Lebre Sampaio | | |
| 917 | 107 | XIV | out.- 1935 | Ministério da agricultura- Inspetoria regional em Pedro Leopoldo - MG | | | |
| 918 | 107 | XIV | out.- 1935 | Em Lavras | | | |
| 919 | 108- 109 | XIV | dez.- 1935 | Instituto Gammon - seu histórico | | | |
| 920 | 108- 109 | XIV | dez.- 1935 | Vinte e oito anos de ensino agrícola | | | |
| 921 | 108- 109 | XIV | dez.- 1935 | Novos valores para a Agricultura Nacional | | | |
| 922 | 108- 109 | XIV | dez.- 1935 | Aos agrônomos | Josué Deslandes | | |
| 923 | 108- 109 | XIV | dez.- 1935 | Escolas Agrícolas | | | |
| 924 | 108- 109 | XIV | dez.- 1935 | Resultados um experiência de hidráulica | Klaus Fest | | |
| 925 | 108- 109 | XIV | dez.- 1935 | Em torno da sericultura | Mário Vilhena | | |
| 926 | 108- 109 | XIV | dez.- 1935 | Micro-organismos úteis | Ezechias Heringer | | |
| 927 | 108- 109 | XIV | dez.- 1935 | Agricultura, nobre arte. | A. de Padua Dias | | |

| | | | | | | | |
|-----|---------|-----|-----------|-----------------------------------------------------------------------------|----------------------------|--|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| 928 | 108-109 | XIV | dez.-1935 | A criação e exploração do peru nos Estados Unidos | Robert R. Roberts | | |
| 929 | 108-109 | XIV | dez.-1935 | Discurso | Dirceu Duarte Braga | | Transc. Pronunciado no Teatro Municipal de Lavras, colação de grau da EAL |
| 930 | 108-109 | XIV | dez.-1935 | Problema da pecuária nacional | Moacyr Pedro Lebre Sampaio | | |
| 931 | 108-109 | XIV | dez.-1935 | Informações úteis | | | |
| 932 | 108-109 | XIV | dez.-1935 | Um patronato Agrícola em Goiás - Exposição-feira de Uberlândia | | | |
| 933 | 108-109 | XIV | dez.-1935 | Recebemos e agradecemos | | | |
| 934 | 110 | XV | jan.-1936 | Editorial- Campo Experimental de Café em Lavras | | | |
| 935 | 110 | XV | jan.-1936 | Importação de reprodutores pelo Ministério da Agricultura | | | |
| 936 | 110 | XV | jan.-1936 | A criação e exploração do peru nos Estados Unidos | Robert R. Roberts | | |
| 937 | 110 | XV | jan.-1936 | O sericicultor modelo: não crie como passa tempo, crie para ganhar dinheiro | Lauro Cardoso | | |
| 938 | 110 | XV | jan.-1936 | O curuquerê - uma grande ameaça para os algodoads | Agostinho Marques Durado | | |
| 939 | 110 | XV | jan.-1936 | Sociedade dos amigos de Alberto Torres | | | Transc. Sociedade dos Amigos de Alberto Torres - Núcleo da Bahia |
| 940 | 110 | XV | jan.-1936 | A campanha contra a saúva vae entrar em sua fase prática | | | |
| 941 | 110 | XV | jan.-1936 | Concurso | | | |
| 942 | 110 | XV | jan.-1936 | Adiada a semana ruralista de Goiás | | | |
| 943 | 110 | XV | jan.-1936 | Informações estatísticas e econômicas | | | Transc. Comunicado da Diretoria de Estatística da Produção - do Ministério da Agricultura |
| 944 | 111 | XV | fev.-1936 | Expansão agrícola | | | |

| | | | | | | | |
|-----|-----|----|---------------|--------------------------------------------------------------|--------------------------------|--|-------------------|
| 945 | 111 | XV | fev.- 1936 | Cedro vermelho | Adolfo Wahnuschaffe | | |
| 946 | 111 | XV | fev.- 1936 | Defesa dos grãos leguminosos e cereais | Manuel Alves de Oliveira | | |
| 947 | 111 | XV | fev.- 1936 | Exposição de animais e seus derivados | | | |
| 948 | 111 | XV | fev.- 1936 | O valor nutritivo da castanha do Brasil | | | |
| 949 | 111 | XV | fev.- 1936 | A antracnose e as falhas no plantio do algodão | A. A. Bittencourt | | |
| 950 | 111 | XV | fev.- 1936 | O carbúnculo hemático e os meios de combate- los | O. Bier | | |
| 951 | 111 | XV | fev.- 1936 | Nitrophoska I G tipo "C" na adubação da batata | | | |
| 952 | 111 | XV | fev.- 1936 | Calendário Agrícola | | | |
| 953 | 111 | XV | fev.- 1936 | Recebemos e agradecemos | | | |
| 954 | 111 | XV | fev.- 1936 | Leite defeituoso ou improprio para o consumo | Antônio Mendes Carvalho | | |
| 955 | 111 | XV | fev.- 1936 | A curação do tabaco (fumo) | R. B. Sanchiz | | |
| 956 | 111 | XV | fev.- 1936 | Combate a saúva | | | Transc. A Fazenda |
| 957 | 112 | XV | mar.- 1936 | A antracnose do algodoeiro | Agenor Fonseca Junior | | |
| 958 | 112 | XV | mar.- 1936 | A B C da produção de cafés finos | Alvaro Machado | | |
| 959 | 112 | XV | mar.- 1936 | Defesa dos grãos leguminosos e cereais | Alves de Olviera | | |
| 960 | 112 | XV | mar.- 1936 | Notas sobre o milho | Benedito de Oliveira Paiva | | |
| 961 | 112 | XV | mar.- 1936 | No sulco do arado | Brazilio Ferreira da Luz | | |
| 962 | 112 | XV | mar.- 1936 | A agrimensura e as leis | Ezechias Heringer | | |
| 963 | 112 | XV | mar.- 1936 | Lavrador, segura a tua riqueza! | Walter Wolf Saur | | |
| 964 | 112 | XV | mar.- 1936 | Defendamos o Brasil! | Walter Wolf Saur | | |
| 965 | 112 | XV | mar.- 1936 | Auxilio para a construção de banheiro carrapaticida | | | |
| 966 | 112 | XV | mar.- | Cultura do fumo | | | |

| | | | | | | | |
|-----|---------|----|--------------|------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------------|---------------------------------------------------------|
| | | | 1936 | | | | |
| 967 | 112 | XV | mar.-1936 | Exposição animal em junho na Capital Federal | | | |
| 968 | 112 | XV | mar.-1936 | Informações úteis | | | |
| 969 | 112 | XV | mar.-1936 | O algodão e as exportações brasileiras | | | Transc. Comunicado da Diretoria Estatística da Produção |
| 970 | 112 | XV | mar.-1936 | Sociais | | José Augusto Bezerra de Mendes | |
| 971 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | Dois acontecimentos auspiciosos | | | |
| 972 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | No sulco do arado | Brazilio Ferreira da Luz | | |
| 973 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | Varíola das aves | Marciano de Carvalho | | |
| 974 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | Regulamentação da profissão de agrônomo | | | Transc. Decreto n. 23.196 de 12 de outubro de 1933 |
| 975 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | A murcha do algodoeiro | Agenor Fonseca Junior | | |
| 976 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | A agrimensura e as leis | Ezechias Heringer | | |
| 977 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | Novos rumos | | | |
| 978 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | Dr. Walter Wolf Saur | | Walter Wolf Saur | |
| 979 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | Lavoura mecânica versus Lavoura rotineira | Pedro Coli | | |
| 980 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | Escolha de reprodutores porcinos | Guilherme E. Hermsdorff | | |
| 981 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | 5ª Exposição Nacional de Animais e produtos derivados - RJ | | | |
| 982 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | A artrite dos cavalos | Aurylio Braga Esteves | | |
| 983 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | Informações estatísticas e econômicas | | | |
| 984 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | Como se obtém a cera da carnaúba | | | |

| | | | | | | | |
|------|---------|----|----------------|--------------------------------------------------------------|------------------------------------|--|-------------------------------------------------|
| 985 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | A vaca leiteira | Antonio Ribeiro de Castro Sobrinho | | |
| 986 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | Produção e industrialização do fumo e do trigo, em Minas | | | |
| 987 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | Associação dos exportadores de leite para o Distrito Federal | | | |
| 988 | 113-114 | XV | abr-mai-1936 | Charge - Plantações | Raul | | |
| 989 | 115 | XV | jun.-1936 | Paraíba do Norte - Sua Escola Agrícola | | | |
| 990 | 115 | XV | jun.-1936 | Nosso aniversário | | | |
| 991 | 115 | XV | jun.-1936 | Melhoramento do algodão | Osório Faria Franco | | |
| 992 | 115 | XV | jun.-1936 | Doença das plantas - Medidas de prevenção | Josué Deslandes | | |
| 993 | 115 | XV | jun.-1936 | No sulco do arado | Brazilio Ferreira da Luz | | |
| 994 | 115 | XV | jun.-1936 | A agrimensura e as leis | Ezechias Heringer | | |
| 995 | 115 | XV | jun.-1936 | O "Curuquerê" | Agenor Fonseca Junior | | |
| 996 | 115 | XV | jun.-1936 | Regulamentação da profissão de Veterinário | | | Transc. Decreto 23.133 de 9 de setembro de 1933 |
| 997 | 115 | XV | jun.-1936 | A vaca leiteira | Antonio Ribeiro de Castro Sobrinho | | |
| 998 | 115 | XV | jun.-1936 | Notas da redação | | | |
| 999 | 115 | XV | jun.-1936 | Charge - Um punhado de grãos - charge | Raul | | |
| 1000 | 115 | XV | jun.-1936 | A estatística na Rússia Soviética | | | |
| 1001 | 115 | XV | jun.-1936 | Castanha do Pará | | | |
| 1002 | 116-117 | XV | jul.-ago.-1936 | Editorial - A oficialização da Escola Agrícola de Lavras | Walter Wolf Saur | | |
| 1003 | 116-117 | XV | jul.-ago.-1936 | Borracha sintética - Uma nova ameaça da química | Walter Wolf Saur | | |

| | | | | | | | |
|------|-------------|----|--------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|--|------------------------------------------------|
| | | | | moderna para a nossa matéria prima | | | |
| 1004 | 116- 117 | XV | jul.-ago.- 1936 | Honrando as tradições | | | |
| 1005 | 116- 117 | XV | jul.-ago.- 1936 | A V Exposição Nacional de animais e produtos derivados | | | |
| 1006 | 116- 117 | XV | jul.-ago.- 1936 | Uma conjuntivite produzida por micrococcus | Ezechias Heringer | | |
| 1007 | 116- 117 | XV | jul.-ago.- 1936 | A antracnose do algodoeiro | Agenor Fonseca Junior | | |
| 1008 | 116- 117 | XV | jul.-ago.- 1936 | No sulco do arado | Brazilio Ferreira da Luz | | |
| 1009 | 116- 117 | XV | jul.-ago.- 1936 | Recebemos e agradecemos | | | |
| 1010 | 116- 117 | XV | jul.-ago.- 1936 | Scena amazônica - a maromba | Roberval Cardoso | | |
| 1011 | 116- 117 | XV | jul.-ago.- 1936 | Moléstias do aparelho respiratório - Pulmão do cavalo | Aurylio Braga Esteves | | |
| 1012 | 116- 117 | XV | jul.-ago.- 1936 | Providência de grande alcance para o desenvolvimento da economia brasileira - O que representa o "drawback" | | | |
| 1013 | 116- 117 | XV | jul.-ago.- 1936 | Melhoramento do algodão | Osório Faria Franco | | |
| 1014 | 118 | XV | set.-1936 | Novos rumos | | | |
| 1015 | 118 | XV | set.-1936 | Raça e meio | Octávio Domingues | | Transc. Revista da Soc. Rural Brasileira |
| 1016 | 118 | XV | set.-1936 | Ascaridíase | Marciano de Carvalho | | |
| 1017 | 118 | XV | set.-1936 | Mancha Bacteriana | Agenor Fonseca Junior | | |
| 1018 | 118 | XV | set.-1936 | Geologia e agrolgia | Lourival Bastos de Menezes | | |
| 1019 | 118 | XV | set.-1936 | Determinação do cloreto de sódio na manteiga | Antônio Mendes Carvalho | | |
| 1020 | 118 | XV | set.-1936 | Reconhecimento federal da Escola Agrícola de Lavras | | | |
| 1021 | 118 | XV | set.-1936 | Quadro das | | | |

| | | | | | | | |
|------|---------|----|--------------|---------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|--|----------------------------------------------------------------------------------------|
| | | | | vitaminas | | | |
| 1022 | 118 | XV | set.-1936 | A depressão econômica e o comércio internacional | | | Transc. Comunicado da Diretoria de estatística da produção - Ministério da Agricultura |
| 1023 | 118 | XV | set.-1936 | Cumprimentos | Carmen D'Avila | | Transc. Boas Maneiras. Cia. Editora Civilização Brasileira S. A. Rio |
| 1024 | 118 | XV | set.-1936 | Dia da árvore | | | |
| 1025 | 118 | XV | set.-1936 | Realidade brasileiras | Oswaldo Bastos de Menezes | | |
| 1026 | 118 | XV | set.-1936 | O cravo perdido | Elias Davidovich | | |
| 1027 | 118 | XV | set.-1936 | Sindicato agrícola | | | |
| 1028 | 119-120 | XV | out-nov 1936 | Editorial - Lançamento da pedra fundamental do novo edifício "Dr. Odilon Braga" | | | |
| 1029 | 119-120 | XV | out-nov 1936 | Cultura do gergelim | Abelardo Blanco Casas | | |
| 1030 | 119-120 | XV | out-nov 1936 | Medição de um curso d'água pelo processo da velocidade superficial | Klaus Fest | | |
| 1031 | 119-120 | XV | out-nov 1936 | As moléstias internas do cavalo | Trad. e adap. Aurlio Braga Esteves | | |
| 1032 | 119-120 | XV | out-nov 1936 | Semana Agrícola de Campo Bello | | | |
| 1033 | 119-120 | XV | out-nov 1936 | Doenças de plantas | Josué Deslandes | | |
| 1034 | 119-120 | XV | out-nov 1936 | Determinação do cloreto de sódio na manteiga | Antônio Mendes Carvalho | | |
| 1035 | 119-120 | XV | out-nov 1936 | Aumento da produção leiteira | | | |
| 1036 | 119-120 | XV | out-nov 1936 | Cisticercose nos porcos | Marciano de Carvalho | | |
| 1037 | 119-120 | XV | out-nov 1936 | Considerações em torno da difusão da avicultura | Darwin Rezende Alvim | | Transc. Palestra EAL |

| | | | | | | | |
|------|---------|----|-----------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------------------------------|
| 1038 | 119-120 | XV | out-nov 1936 | A necessidade da estatística | | | Transc. Comunicado do Instituto Nacional de Estatística-Rio |
| 1039 | 119-120 | XV | out-nov 1936 | Quadro das vitaminas | | | |
| 1040 | 119-120 | XV | out-nov 1936 | Como fundar associações de classe, fendera-las e confedera-las | Domingos Santayena Mascarenhas | | |
| 1041 | 121-122 | XV | dez/jan-1936-37 | Editoria - Uma Campanha meritória | Walter Wolf Saur | Dr. Israel Pinheiro | |
| 1042 | 121-122 | XV | dez/jan-1936-37 | Discurso feito pelo dr. José Cavalcanti, paraninfo dos engenheiros agrônomos de 1936 | José Cavalcanti | | |
| 1043 | 121-122 | XV | dez/jan-1936-37 | Pedra fundamental - Odilon Braga | Josué Deslandes | | |
| 1044 | 121-122 | XV | dez/jan-1936-37 | A cultura do gergelim | Abelardo Blanco Casas | | |
| 1045 | 121-122 | XV | dez/jan-1936-37 | Como fundar associações de classe, fendera-las e confedera-las | Domingos Santayena Mascarenhas | | |
| 1046 | 121-122 | XV | dez/jan-1936-37 | Vespa de Uganda | Jeremias Pinheiro Filho | | |
| 1047 | 121-122 | XV | dez/jan-1936-37 | Homenagem | | Edigar de Oliveira Regis | |
| 1048 | 121-122 | XV | dez/jan-1936-37 | O que nos disse o diretor da Escola Agrícola de Lavras, Dr. Benedicto de Oliveira Paiva | | Jaziel Rezende, secretário da EAL | |
| 1049 | 121-122 | XV | dez/jan-1936-37 | Discurso do doutorando Luiz Mendes, em a noite de 30 de novembro, no salão nobre do ginásio Municipal de Lavras | | Mauricio Souza | |
| 1050 | 121-122 | XV | dez/jan-1936-37 | Considerações em torno da difusão da avicultura | Darwin Rezende Alvim | | |
| 1051 | 121-122 | XV | dez/jan-1936-37 | Relatório anual do centro acadêmico de agronomia | | | |
| 1052 | 121-122 | XV | dez/jan-1936-37 | Moléstias do aparelho circulatório cavalo | Aurylio Braga Esteves | | |

| | | | | | | | |
|------|---------|-----|-----------------|----------------------------------------------------------|-------------------------------|-----------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| 1053 | 121-122 | XV | dez/jan-1936-37 | Edifício Odilon Braga | | | |
| 1054 | 123 | XVI | abr.-1937 | Editorial Instantâneo do progresso agropecuário da Bahia | | Juracy Magalhães - Gov. da Bahia | |
| 1055 | 123 | XVI | abr.-1937 | Escola Agrícola da Bahia | Valdiki Moura | | Transc. A Terra |
| 1056 | 123 | XVI | abr.-1937 | Coqueiro Anão | Gregório Bondar | | |
| 1057 | 123 | XVI | abr.-1937 | Instituto do Cacau da Bahia | | | |
| 1058 | 123 | XVI | abr.-1937 | Agricultura no Nordeste brasileiro | | | Transc. entrevista Raymundo Acioli Borges |
| 1059 | 123 | XVI | abr.-1937 | A cultura do café na Bahia | Annibal Gonçalves de Oliveira | | |
| 1060 | 123 | XVI | abr.-1937 | Secretaria de Agricultura da Bahia | | | |
| 1061 | 123 | XVI | abr.-1937 | O algodão na Bahia | | | |
| 1062 | 123 | XVI | abr.-1937 | Serviço técnico do café - secção de Minas Gerais | | Dirceu Duarte Braga - Chefe do serviço tecnico do café MG | |
| 1063 | 123 | XVI | abr.-1937 | Lavras e o ensino agrícola | Oswaldo Bastos de Menezes | | |
| 1064 | 123 | XVI | abr.-1937 | Escola Profissional para Menores - Brotas | E. Tenorio de Albuquerque | | |
| 1065 | 123 | XVI | abr.-1937 | Diversos | | | |
| 1066 | 123 | XVI | abr.-1937 | Consultas | | | |
| 1067 | 123 | XVI | abr.-1937 | Revistas e jornais | | | |
| 1068 | 123 | XVI | abr.-1937 | Vassourinha hospedeira do gasterocercodes gossypil | | | |
| 1069 | 123 | XVI | abr.-1937 | Centro acadêmico de agronomia e a cordialidade acadêmica | | | |
| 1070 | 123 | XVI | abr.-1937 | 10ª Exposição da Lavras | | | |
| 1071 | 123 | XVI | abr.- | Moléstias Internas | Aurylio Braga | | |

| | | | | | | | |
|------|---------|------|------------|---------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------|--|----------------------------------------------------------------------|
| | | | 1937 | do Cavalo | Esteves | | |
| 1072 | 123 | XVI | abr.-1937 | VI Exposição Nacional de Animais e produtos derivados | | | |
| 1073 | 124 | XVI | mai.-1937 | Os híbridos produtores diretos e a viticultura rio-grandense | Celeste Gobbato | | |
| 1074 | 124 | XVI | mai.-1937 | Os Enzimas e sua importância em laticínios | J Assis Ribeiro | | |
| 1075 | 124 | XVI | mai.-1937 | Pelo desenvolvimento da fruticultura | Josué Deslandes | | |
| 1076 | 124 | XVI | mai.-1937 | A Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de MG - Semana do Fazendeiro | | | |
| 1077 | 125 | XVII | julh.-1937 | Um novo inimigo do pulgão branco | Joaquim F. de Carvalho | | Transc. A união Agrícola, João Pessoa |
| 1078 | 125 | XVII | julh.-1937 | Granjas reunidas (através de uma visita) | | | Transc. visita da EAL |
| 1079 | 125 | XVII | julh.-1937 | Do combate aos insetos | Oswaldo Bastos de Menezes | | |
| 1080 | 125 | XVII | julh.-1937 | Enegrecimento interno da couve-flor, repolho e outras crucíferas | Manoel Alves de Oliveira | | |
| 1081 | 125 | XVII | julh.-1937 | Caseína | Antônio Mendes de Carvalho | | |
| 1082 | 125 | XVII | julh.-1937 | Um ano de intenso e auspicioso labor | | | |
| 1083 | 125 | XVII | julh.-1937 | Sarna das galinhas | D. M. Green | | |
| 1084 | 125 | XVII | julh.-1937 | População ovina mundial | | | |
| 1085 | 126-127 | XVII | set.-1937 | Exposições nacionais | | | |
| 1086 | 126-127 | XVII | set.-1937 | 1ª Exposição Regional do sul de minas em Machado | J. Carvalho | | |
| 1087 | 126-127 | XVII | set.-1937 | Os laticínios brasileiros e a Associação dos Industriais de Laticínios do Brasil | Otto Frensel | | Transc. Palestra para a abertura da 10ª Exposição Agrícola de Lavras |
| 1088 | 126- | XVII | set.-1937 | Lições de higiene | Dordal Filho | | |

| | | | | | | | |
|------|---------|-------|----------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------|------------------|----------------------------------------------------------------------------|
| | 127 | | | | | | |
| 1089 | 126-127 | XVII | set.-1937 | Mais meteorologia na fazenda | Klaus Fest | | |
| 1090 | 126-127 | XVII | set.-1937 | Exposições | | | |
| 1091 | 126-127 | XVII | set.-1937 | A papoula | D. P. I. | | |
| 1092 | 126-127 | XVII | set.-1937 | O aguamento: sintomas e tratamento | Aurylio Braga Esteves | | |
| 1093 | 126-127 | XVII | set.-1937 | Práticas muito aconselhadas para combater as doenças mais comuns da batatinha | R. D. Gonçalves | | Transc. O Biológico |
| 1094 | 126-127 | XVII | set.-1937 | Considerações sobre o uso da corrente alternada e suas vantagens sobre a corrente contínua | Luiz Rocha Filho | | Transc. General Electric |
| 1095 | 128-129 | XVII | nov./dez-1937 | Editorial - Novos rumos para a agronomia nacional | | | |
| 1096 | 128-129 | XVII | nov./dez-1937 | Nutrição animal | Thomaz Heath Dalton | | |
| 1097 | 128-129 | XVII | nov./dez-1937 | Nosso calcário e nossa agricultura | Benedito de Oliveira Paiva | | Transc. Palestra realizada em BH na exposição agrícola do Estado- julho/37 |
| 1098 | 128-129 | XVII | nov./dez-1937 | Azoto para as plantas verdes | Cleidenos Coelho Galvão | | |
| 1099 | 128-129 | XVII | nov./dez-1937 | Murcha do algodoeiro e quiabeiro | Manoel Alves de Oliveira | | Transc. Tese apresentada à EAL |
| 1100 | 128-129 | XVII | nov./dez-1937 | Transplante do arroz | Francisco Gonçalves Flores | | |
| 1101 | 128-129 | XVII | nov./dez-1937 | Lições de higiene | F. Roca Dordal | | |
| 1102 | 128-129 | XVII | nov./dez-1937 | Parotidite aguda | Aurílio Braga Esteves | | |
| 1103 | 128-129 | XVII | nov./dez-1937 | A mulher na agricultura | Jules Meline | | Transc. O Jornal |
| 1104 | 130-131 | XVIII | jan./fev.-1938 | Homenagem | | John H. Wheelock | |
| 1105 | 130-131 | XVIII | jan./fev.-1938 | Editorial - Cumprindo um programa | | | |

| | | | | | | | |
|------|---------|-------|-----------------|------------------------------------------------------------------|-------------------------------|----------------|----------------------------------------------------------------------------------------|
| 1106 | 130-131 | XVIII | jan./fev.-1938 | Ecoss de 937 | | | |
| 1107 | 130-131 | XVIII | jan./fev.-1938 | Excesso de azoto | Clidenor Coelho Galvão | | |
| 1108 | 130-131 | XVIII | jan./fev.-1938 | Murcha do algodoeiro e quiabeiro | Manoel Alves de Oliveira | | Transc. Tese apresentada à EAL |
| 1109 | 130-131 | XVIII | jan./fev.-1938 | A mulher na agricultura | Jules Meline | | Transc. O Jornal |
| 1110 | 130-131 | XVIII | jan./fev.-1938 | Doenças dos cavalos | Aurylio Braga Esteves | | |
| 1111 | 130-131 | XVIII | jan./fev.-1938 | Nutrição animal | Thomas Heath Dalton | | |
| 1112 | 130-131 | XVIII | jan./fev.-1938 | Hormônio da plantas | | | Transc. Brasil Açucareiro |
| 1113 | 130-131 | XVIII | jan./fev.-1938 | Pelo mundo agrícola | | | |
| 1114 | 132 | XVIII | mai.-junh.-1938 | Editorial - Nova fase | | | |
| 1115 | 132 | XVIII | mai.-junh.-1938 | Uma notícia auspiciosa | | Landulfo Alves | |
| 1116 | 132 | XVIII | mai.-junh.-1938 | Leite: seus micróbio, moléstias transmissíveis, meios de combate | José Assis Ribeiro | | |
| 1117 | 132 | XVIII | mai.-junh.-1938 | Sobre a cultura do milho | Silvio Alqueres Batista | | |
| 1118 | 132 | XVIII | mai.-junh.-1938 | Essencialmente agrícola | Oswaldo Bastos de Menezes | | |
| 1119 | 132 | XVIII | mai.-junh.-1938 | A discussão em grupo como método de educação cooperativa | Carl R. Hutchinson | | |
| 1120 | 132 | XVIII | mai.-junh.-1938 | A industrialização do porco | | | |
| 1121 | 132 | XVIII | mai.-junh.-1938 | Phytophtoras em citrus | Benjamin Harris Hunnicutt Jr. | | Transc. Excerto da tese Podridão do pé das laranjeiras, apresentada à EAL em nov. 1937 |
| 1122 | 132 | XVIII | mai.-junh.-1938 | Vermes, uma ameaça à criação lucrativa de suínos | G. A. Roberts | | |
| 1123 | 132 | XVIII | mai.-junh.- | Noticiário Agrícola | | | |

| | | | | | | | |
|------|-----|-------|-------------------------|----------------------------------------------------------------|-------------------------------|--|----------------------------------------------------------------------------------------|
| | | | 1938 | | | | |
| 1124 | 132 | XVIII | mai.- junh.- 1938 | Comunicado do Conselho Técnico de Economia e Finanças | | | |
| 1125 | 132 | XVIII | mai.- junh.- 1938 | Seção de Consultas | | | |
| 1126 | 133 | XVIII | jul./ago.- 1938 | Editorial - A marcha para o oeste | | | |
| 1127 | 133 | XVIII | jul./ago.- 1938 | Uma excursão | | | |
| 1128 | 133 | XVIII | jul./ago.- 1938 | VII Exposição Nacional de animais e produtos derivados | Emiliano Resende de Arruda | | |
| 1129 | 133 | XVIII | jul./ago.- 1938 | Novos aspectos da Química Moderna através do congresso de Roma | Walter Wolf Saur | | |
| 1130 | 133 | XVIII | jul./ago.- 1938 | Melhoramento do algodão | Pedro Menezes Coli | | |
| 1131 | 133 | XVIII | jul./ago.- 1938 | Sobre a cultura do milho | Silvino Alquêres Batista | | |
| 1132 | 133 | XVIII | jul./ago.- 1938 | "O carrapato" | Abdênago Lisboa | | |
| 1133 | 133 | XVIII | jul./ago.- 1938 | Uncinarirose dos Cães | Marciano Carvalho | | |
| 1134 | 133 | XVIII | jul./ago.- 1938 | As moléstias internas dos cavalos | Aurilio Braga Esteves | | |
| 1135 | 133 | XVIII | jul./ago.- 1938 | Phytophtoras em citrus | Benjamin Harris Hunnicutt Jr. | | Transc. Excerto da tese Podridão do pé das laranjeiras, apresentada à EAL em nov. 1937 |
| 1136 | 133 | XVIII | jul./ago.- 1938 | A matéria orgânica das terras lavradas | Antônio Gregório Rocasolano | | |
| 1137 | 133 | XVIII | jul./ago.- 1938 | A discussão em grupo como método de educação cooperativa | Carl R. Hutchinson | | Transc. A Fazenda |
| 1138 | 133 | XVIII | jul./ago.- 1938 | Informações úteis | | | |
| 1139 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | Editorial - O que espera o Brasil do Estado Novo? | | | |

| | | | | | | | |
|------|-----|-------|-------------------|-------------------------------------------------|-----------------------------------------|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1140 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | Exposição agropecuária Regional de Lavras | | | |
| 1141 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | Teoria e técnica queijeira | José Assis Ribeiro | | |
| 1142 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | Moléstias dos mandiocaís | José Vitor Barbosa | | |
| 1143 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | O café no Sul e Oeste de Minas | Dirceu Duarte Braga | | |
| 1144 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | Motores hidráulicos | Joaquim Fernandes de Vilhena Reis | | |
| 1145 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | Phytophthoras em citrus | Benjamin Harris Hunnicut Jr. | | Transc. Excerto da tese Podridão do pé das laranjeiras, apresentada à EAL em nov. 1937 |
| 1146 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | Peste bovina | Arylio Braga Esteves | | |
| 1147 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | Mosquito, esse inimigo do Brasil | Ricardo Pinto | | |
| 1148 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | A fixação do trabalho rural | Fábio Luz Filho | | |
| 1149 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | O problema siderúrgico | | | |
| 1150 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | O Brasil adota o gazogênio | | | |
| 1151 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | A lã brasileira | | | |
| 1152 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | O cultivo da soja e sua utilidade | | | |
| 1153 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | Atividade dos esalinos | | | |
| 1154 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | Notícias bibliográficas | | | |
| 1155 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | Publicações recebidas | | | |
| 1156 | 134 | XVIII | nov./dez. 1940 | Livros agrícolas | | | |
| 1157 | 135 | XVIII | out.- 1942 | 14ª Exposição Agropecuária de Lavras | | | |
| 1158 | 135 | XVIII | out.- 1942 | Influirá a lua sobre os seres vivos? | José Ferreira Leite | | |
| 1159 | 135 | XVIII | out.- 1942 | A propósito da fertilidade dos híbridos | Milton Anacleto | | |
| 1160 | 135 | XVIII | out.- | A moda na | Oswaldo T. | | |

| | | | | | | | |
|------|-----|-------|---------------|-----------------------------------------------------------------------|----------------------------|---------|--|
| | | | 1942 | agricultura | Emrich | | |
| 1161 | 135 | XVIII | out.- 1942 | Resumo das principais classificações de solos | Armando Duarte Costa | | |
| 1162 | 135 | XVIII | out.- 1942 | Protozoários das plantas e do solo | José Paulo de Mattos | | |
| 1163 | 135 | XVIII | out.- 1942 | A terapêutica da piridina ou dagenan nas bruceloses | Marciano de Carvalho | | |
| 1164 | 135 | XVIII | out.- 1942 | O anidrido carbônico e a vegetação | Alcebiades G. Cartaxo | | |
| 1165 | 135 | XVIII | out.- 1942 | Jussara ou Assaí | Francisco Afonso Pereira | | |
| 1166 | 135 | XVIII | out.- 1942 | Considerações e conclusões sobre o experimento com ricinus sanguineus | Klaus Fest | | |
| 1167 | 135 | XVIII | out.- 1942 | A seleção no melhoramento dos bovinos | Roque Pais Barreto | | |
| 1168 | 135 | XVIII | out.- 1942 | Velocímetro ou molinete | Fernando Vieira de Camargo | | |
| 1169 | 135 | XVIII | out.- 1942 | Esterilidade e impotência nos animais domésticos | Artur Coelho Méseder | | |
| 1170 | 135 | XVIII | out.- 1942 | A influenza é causada por vírus | Paulo Emilio | | |
| 1171 | 135 | XVIII | out.- 1942 | Dois pequenas deduções | Vingt-un Rosado | | |
| 1172 | 135 | XVIII | out.- 1942 | Atividades dos Esalianos | | | |
| 1173 | 135 | XVIII | out.- 1942 | Publicações recebidas | | | |
| 1174 | 135 | XVIII | out.- 1942 | Jó Deslandes | | póstuma | |
| 1175 | 136 | XX | dez.- 1943 | 15ª Exposição Agropecuária Regional de Lavras | | | |
| 1176 | 136 | XX | dez.- 1943 | Análise Matemática do erro de um dos ábacos | Klaus Fest | | |
| 1177 | 136 | XX | dez.- 1943 | O Anidrido Carbônico e a vegetação | Alcebiades G. Cartaxo | | |
| 1178 | 136 | XX | dez.- 1943 | Importância da tuberculinarão na defesa dos rebanhos nacionais | Ruy de Araujo Lima | | |
| 1179 | 136 | XX | dez.- 1943 | Fabricação do Queijo Prato | Francisco Afonso Pereira | | |
| 1180 | 136 | XX | dez.- | Caseína e sua | Tancredo | | |

| | | | | | | | |
|------|-----|----|---------------|-------------------------------------------------------------|--------------------------|--|--|
| | | | 1943 | Fabricação | Paranaguá | | |
| 1181 | 136 | XX | dez.- 1943 | Influência dos hormônios na glândula mamária | Marciano de Carvalho | | |
| 1182 | 136 | XX | dez.- 1943 | Gás Pobre e Gasogênios | Weber Almeida | | |
| 1183 | 136 | XX | dez.- 1943 | Secadouro de café "cartaxo" | Alcebiades G. Cartaxo | | |
| 1184 | 136 | XX | dez.- 1943 | Expurgo dos grãos | Maurício de Souza | | |
| 1185 | 136 | XX | dez.- 1943 | A nova organização do Gabinete de zoologia da Esal | José Paulo de Matos | | |
| 1186 | 136 | XX | dez.- 1943 | Agrimensura: coisas que não se devem fazer | Fernando V. Camargo | | |
| 1187 | 136 | XX | dez.- 1943 | Cinquentenário do Instituto Gammon | | | |
| 1188 | 136 | XX | dez.- 1943 | Uma Pequena Dedução | Vingt-un Rosado | | |
| 1189 | 136 | XX | dez.- 1943 | Atividades dos Esalianos | | | |
| 1190 | 136 | XX | dez.- 1943 | Publicações recebidas | | | |

*Elaborado com adaptação ortográfica.